

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

CARLOS HENRIQUE DOS SANTOS MARTINS

MEMÓRIA DE JOVENS:

DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS NA CULTURA DO CHARME.

NITERÓI, RJ

2010

CARLOS HENRIQUE DOS SANTOS MARTINS

MEMÓRIA DE JOVENS: DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS NA CULTURA DO
CHARME.

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: Diversidade, Desigualdades Sociais e Educação.

Orientador: Prof. Dr. PAULO CÉSAR RODRIGUES CARRANO

NITERÓI

2010

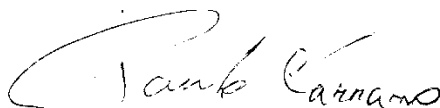
CARLOS HENRIQUE DOS SANTOS MARTINS

MEMÓRIA DE JOVENS: DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS NA CULTURA DO
CHARME.

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Doutor. Área de
Concentração: Diversidade, Desigualdades
Sociais e Educação.

Aprovada em abril de 2010.

BANCA EXAMINADORA



PAULO CESAR RODRIGUES CARRANO (Presidente/UFF)




WIVIAN JANY WELLER (UnB)



MÔNICA PEREGRINO (UERJ)



VICTOR MELO (UFRJ)



CLAUDIA MARIA COSTA ALVES (UFF)



OSMAR FÁVERO (UFF)

NITERÓI

2010

Ao meu pai, Nelson França Martins, um alfaiate de mão cheia, que me ensinou a alinhar e costurar as palavras do mesmo modo que confeccionava roupas. Só não posso dizer se essa tese ficou tão bonita quantos os muitos ternos que ele costurou ao longo de sua vida.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Fluminense. A todos os professores do Programa de Pós- Graduação em Educação com quem convivi e de quem tive o privilégio de ser aluno durante esse quatro anos.

Aos funcionários da secretaria, em especial, à Isabela, Fátima e Wanda, pelo carinho e presteza com que sempre me atenderam em todas as horas que eu precisei do seu auxílio.

Aos companheiros do Observatório Jovem e os do grupo de orientação coletiva pelas leituras e debates acalorados durante o processo de construção da tese. Meu afeto especial à Ana Karina e Mônica Sacramento pela forma carinhosa de se fazerem presentes nesse processo.

Aos amigos da Black Music que fui conhecendo ao longo dessa jornada e dos quais eu pude ouvir e aprender muito. Obrigado pelo respeito, pelo carinho com que sempre me receberam e por terem compartilhado suas experiências.

Aos companheiros do GETESE da USP, em especial à Prof^a Dr^a Marília Sposito, por terem me recebido de forma carinhosa para participar das conversas. O cansaço das longas viagens era recompensado pelo prazer de estar com vocês.

Às queridas companheiras do curso sobre Memória e História da América Latina, em especial à Prof^a Dr^a Maria Paula Araújo, pelas tardes aquecidas pelos debates acirrados. Obrigado por terem me mostrado outro olhar sobre a História.

A todos os jovens que participaram da pesquisa e sem os quais eu não teria construído esta tese. Meus sinceros agradecimentos ao Alex DJ, Cassiane Crew, Diogo, Douglas, Jeanne, Juliana, Julio DJ e Marcela pela confiança em mim depositada durante as nossas conversas gravadas. A nossa amizade dá saudade!

À Talita Oliveira, professora e amiga do CEFET-RJ, pela leitura atenciosa deste trabalho.

À Kátia Rebello, amiga de longa caminhada, pelos constantes incentivos e apoio necessário, especialmente nas horas em que o desânimo e o descrédito teimavam em ser meus companheiros.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Paulo Carrano, pelo carinho e atenção em todas as leituras, em todas as horas que eu precisei de uma palavra amiga, pelo cuidado com que esteve a me orientar nessa longa jornada. Obrigado por tudo o que eu aprendi nesses muitos anos de nossa sincera amizade.

MEMÓRIA DE JOVENS: DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS NA CULTURA DO CHARME.

Autor: Carlos Henrique dos Santos Martins

Orientador: Prof. Dr. Paulo Carrano

Data da defesa: 09 de abril de 2010

Nº de páginas: 261

RESUMO

Esta tese trata da existência da memória juvenil e das diversas formas de os jovens lidarem com ela, assim como da relevância do passado, das lembranças que povoam e constroem a memória de jovem, na elaboração de suas identidades e trajetórias. A memória é reelaborada constantemente através do contato com as experiências vivenciadas em processos de socialização cujos ambientes se destacam os adultos e a família. A pesquisa foi realizada nos bailes de Charme, que se caracterizam como manifestação cultural específica da cidade do Rio de Janeiro constituída pelo encontro, pela socialização entre os indivíduos em torno da dança, dos estilos musicais relacionados à *Black Music*. Foram empregados questionários semi-estruturados com perguntas relacionadas aos aspectos pessoais dos jovens. Posteriormente, foram selecionados oito jovens com os quais foram feitas entrevistas aprofundadas, com os objetivos de os caracterizarmos de acordo com a relação que estabelecem com a cultura charmeira e de os conhecermos através do contexto de geração, família, escola, trabalho, assim como da memória. A análise das entrevistas permitiu a construção e tematização da tese, que resulta do esforço em entremear, em tecer o teórico e o empírico através de outras categorias e conceitos derivados apontados no campo, pelos indivíduos, e que expressam a complexidade dos estudos sobre juventude. Para os entrevistados, os processos de escolarização e acesso ao mercado de trabalho são marcos importantes na construção de suas trajetórias pessoais. Por outro lado, é no campo da cultura que elaboram e expressam suas identidades e reafirmam suas subjetividades em ambientes cujas relações intergeracionais contribuem para ampliar e fortalecer sua capacidade de ação e de participação em diversos segmentos da vida social. Observou-se que a memória do jovem é acionada todas as vezes que ele volta ao passado para buscar os referenciais que possam reorientar ou reafirmar a sua trajetória. Há uma memória juvenil construída, principalmente, no campo da cultura que está demarcado pelas trocas entre as gerações. Por intermédio da memória, o jovem encontra os elementos importantes para se constituir como indivíduo dotado não só de memória, como também de uma identidade que o constitui enquanto sujeito de suas ações. O jovem é, na sociedade contemporânea, a interseção de vários mundos. É a singularidade de outras experiências. Viver é uma experiência, simultaneamente, individual e relacional, é apoderar-se da própria vida através do saber da experiência. E a juventude, por si, já é uma experiência particular de viver uma geração.

Palavras-chave: Juventude. Geração. Intergeracionalidade. Família. Memória de jovem.

MEMORY OF YOUNG: INTERGENERATIONAL DIALOGUES IN CULTURE OF CHARM.

ABSTRACT

This thesis deals with the existence of the memory of youth and the various forms that young people deal with it as well as the relevance of the past, memories that populate and build the memory of youth, in developing their identities and trajectories. Memory is constantly reworked through contact with the experiences lived in processes of socialization in which adults and family are distinguished. The survey was conducted in “Charme” dances, which are characterized as special cultural events in Rio de Janeiro constituted by the meeting, by the socialization among individuals around the dance, the music styles related to Black Music. We used semi-structured questionnaires with questions related to personal aspects of young people. Afterwards, eight young people were selected for more extensive interviews, with the objective of characterizing them according to the relationship they establish with the “Charme” culture and know them through the context of generation, family, school, work, and memory. The data analysis allowed the construction and theme of the thesis, which is an effort to intermingle the theoretical with the empirical through other categories and concepts derived from the field indicated by individuals, and expressing the complexity of youth studies. For those interviewed, the processes of schooling and access to the labor market are important milestones in building their personal trajectories. On the other hand, it is in culture that they produce and express their identities and reaffirm their subjectivities in environments where intergenerational relationships contribute to expand and strengthen their capacity for action and participation in various sectors of social life. It was observed that the memory of youth is put in action every time a young person goes back to the past to get the references that would redirect or reaffirm his/her trajectory. There is a youthful memory built mainly in the field of culture that is marked by exchanges between generations. Through memory, the young person finds the important elements to constitute him/herself as an individual gifted not only of memory but also of an identity that constitutes him/her as a subject of his/her actions. The young person is, in contemporary society, the intersection of several worlds. It is the uniqueness of other experiences. Life is both a personal and relational experience, it is to take over one’s own life through the wisdom of experience. And youth, by itself, is an experience of living a particular generation.

Keywords: Youth. Generation. Intergenerations. Family. Memory of youth.

MEMORIA DE JÓVENES: DIÁLOGOS INTERGENERACIONALES EN CULTURA DE CHARME

RESUMEN

Esta tesis trata de la existencia de la memoria de los jóvenes y las diversas formas con las que los jóvenes se relacionan con ella, así como la relevancia del pasado, recuerdos que pueblan y construyen la memoria de la juventud, en el desarrollo de sus identidades y trayectorias. La memoria es constantemente reelaborada por el contacto con sus experiencias en los procesos de socialización en cuyos entornos se distinguen los adultos y la familia. La encuesta fue realizada en los *bailes de Charme*, que se caracterizan como un evento cultural especial en Río de Janeiro constituido por el encuentro, por medio de la socialización entre los individuos acerca de los estilos de baile de la música relacionada a Negro Music. Se utilizaron cuestionarios semi-estructurados con preguntas relacionadas a aspectos de la personalidad de los jóvenes. Se seleccionaron, luego, ocho jóvenes con los que se ampliaron las entrevistas, con el objetivo de caracterizar de acuerdo con la relación que establecen con la cultura *charmeira* y los conocemos por medio del contexto de la generación, la familia, escuela, trabajo, y de la memoria. El análisis de los datos permitió la construcción y el tema de la tesis, que es un esfuerzo para entretener el teórico y el empírico con otras categorías y conceptos derivados de la materia indicada, por los individuos, y expresar la complejidad de los estudios sobre la juventud. Para los entrevistados, los procesos de escolarización y el acceso al mercado de trabajo son hitos importantes en la construcción de su personalidad. Por otro lado, es en la cultura que producen y expresan su identidad y reafirman sus subjetividades en ambientes donde las relaciones intergeneracionales contribuyen a ampliar y a fortalecer su capacidad de acción y participación en diversos sectores de la vida social. Se observó que la memoria del joven se activa cada vez que se remonta al pasado para conseguir las referencias que reorientan o reafirman su trayectoria. Hay una memoria de la juventud construida principalmente en el ámbito de la cultura, caracterizada por el intercambio entre generaciones. Por intermedio de la memoria, el joven encuentra los elementos importantes para constituirse como un individuo dotado no sólo de memoria sino también de una identidad que lo convierte en sujeto de sus acciones. El joven es, en la sociedad contemporánea, la intersección de varios mundos. Es la singularidad de las experiencias de otros. La vida es una experiencia, tanto individual como relacional, es el hacerse cargo de su propia vida por medio de la sabiduría y de la experiencia. Y la juventud, por sí misma, es una experiencia de vida de una generación particular.

Palabras clave: Juventud. Generación. Intergeneraciones. Familia. Memoria de la juventud.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 – introdução	16
2 – Aspectos metodológicos	22
CAPÍTULO 1 – Do <i>Jazz</i> ao <i>Hip Hop</i> : alguns elementos estruturantes do Charme.....	30
1.1 – <i>Jazz</i> : a origem de outros estilos.....	31
1.2 – A força do <i>Blues</i> e uma nota <i>Blue</i>	33
1.3 – <i>Soul Music</i> : a alma política e cultural negra.....	36
1.3.1-Rio de Janeiro: capital da <i>Soul Music</i>	39
1.4 – O Charme: encontro de gerações e memórias.....	43
1.4.1-Algumas analogias e aproximações.....	46
1.5 – Expressões juvenis e movimentos culturais.....	53
1.5.1-Culturas juvenis e cidadania.....	55
CAPÍTULO 2 – Jovens no Charme: do grupo aos sujeitos.....	60
2.1 – Análise dos questionários.....	64
2.1.1 – Características dos Jovens charmeiros.....	65
2.1.2 – A cor da juventude charmeira.....	66
2.1.3 – A Religiosidade.....	68
2.1.4 – Na geografia da cidade: os Bailes e a moradia.....	70
2.1.5 – Relação entre trabalho, renda e escolaridade.....	72
2.1.6 – Características dos pais/família	78
2.1.7 – Sobre o Charme.....	80
2.2 – Critérios de escolha: das dificuldades na seleção à apresentação dos jovens.....	84
2.3 – Os Jovens entrevistados são apresentados.....	88
2.3.1 – Alex <i>DJ</i> : tocar por prazer.....	89
2.3.2 – Cassiane: o Charme é válvula de escape.....	92
2.3.3 – Diogo: Um jovem que vem de longe.....	94
2.3.4 – Douglas: chegando agora.....	98
2.3.5 – Jeanne: um sonho adiado.....	100
2.3.6 – Juliana: o Charme é parte de mim.....	102
2.3.7 – Julio <i>DJ</i> : herdeiro de pai e mãe.....	104
2.3.8 – Marcela: uma jovem “das antigas”.....	106

CAPÍTULO 3 – Juventude e Geração: universos plurais e sujeitos singulares.....	109
3.1 – Juventude ou juventudes?.....	110
3.2 – Ser jovem: uma experiência no tempo e no espaço.....	112
3.3 – Geração e trajetórias.....	118
3.4 – A cultura como expressão de uma geração.....	122
3.4.1 – Os Jovens e o Charme: sentidos e significados.....	127
3.5 – Diferentes estilos e gerações.....	134
3.5.1 – O cabelo como marca identitária.....	136
3.6 – Uma pausa na cultura: articulando escola e trabalho.....	140
3.6.1 – Escola e trabalho como estratégia de autonomia e superação.....	148
3.7 – Identidades por afirmação e por negação.....	154
 CAPÍTULO 4 – Família e intergeracionalidade: espaços de (des)encontros entre jovens e adultos.....	 164
4.1 – Outras dimensões do conflito e estratégias de negociação.....	165
4.2 – Tempos e recomposições familiares diferenciadas.....	174
4.3 – Família: do grupo aos indivíduos.....	185
4.3.1 – Combinações familiares por conveniência.....	187
4.4 – Ressignificar o grupo sem perder o indivíduo.....	189
 CAPÍTULO 5 – Juventude e Memória.....	 194
5.1 – Memória é identidade.....	194
5.1.1 – Memórias de experiências que construíram identidades.....	197
5.1.1.1 – Experiências de professora e lembranças de preconceito.....	198
5.2 – Memórias de experiências que marcaram trajetórias.....	205
5.2.1 – Pequenas divergências.....	210
5.3 – Memórias de tempos recentes.....	214
5.4 – Memória é herança.....	226
Considerações finais.....	234
Referências Bibliográficas	249
Anexos.....	256

MEMÓRIA DE JOVENS: DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS NA CULTURA DO CHARME.

APRESENTAÇÃO

A lembrança não reconstrói apenas um passado ou uma fração do passado. Ela funda a cada vez um presente ao restabelecer as suas origens.

Carlos Brandão

Alguns estudos sobre geração tendem a separar as *coisas*, num esforço conceitual de colocá-las nos seus *devidos lugares*. Sendo assim, quase sempre relacionam a juventude com o presente – menos do que com o futuro – e a vida adulta e a velhice com a memória, a lembrança, o passado. A proposta deste trabalho é desarrumar essa lógica e ampliar a discussão para a existência da memória juvenil e as diversas formas de os jovens lidarem com ela, assim como a relevância do passado, das lembranças que povoam e constroem a memória de jovem – e que são convidadas a orientar as suas escolhas –, na elaboração de suas identidades, de seus percursos, como bússola a orientar as suas trajetórias. Essa memória é reelaborada constantemente através do contato com as experiências vivenciadas em processos de socialização¹ nos quais estão presentes os grupos de identidades juvenis e em espaços sociais em que se destacam os adultos e a família, em seus diferentes rearranjos. Ao nos referirmos à memória, em geral, o fazemos como possibilidade de resgate de algo que estaria perdido no tempo e no espaço. Entretanto, é ela que traz o passado que é produzido no presente, não no sentido de recuperação, mas de constante necessidade de reatualização das lembranças. A memória individual assume um caráter de personalidade e, muitas vezes, se apóia na memória coletiva – que está longe de ser um conjunto de memórias, de lembranças individuais, pois possui um caráter impessoal, muito embora possa ser lembrada de formas particulares – para reafirmar algumas de suas lembranças, por exemplo. É a memória que

¹ Sem deixar de considerar as diversas abordagens sociológicas sobre o assunto, para efeito deste trabalho, dizemos que, de um modo geral, algumas abordagens de inspiração durkheimiana enxergam os processos de socialização como o desenvolvimento de competências e os atributos necessários para que crianças e jovens garantam a continuidade do modelo de sociedade em curso. Nessa perspectiva, a geração jovem seria constituída por sujeitos passivos, reprodutores do modelo social, o que restringiria o seu campo de possibilidades e espaços de ação. Sendo assim, há uma prescrição normativa dessas ações, além de uma visão funcionalista da juventude. Por outro lado, precisamos considerar o caráter relacional da socialização que envolve o ator social em constante interação em um contexto de ação coletiva marcado por processos de individuação (MARTUCCELLI, 2004; SINGLY, 2000, 2007; DUBET, 1994).

reconduz ao presente as experiências vividas e acumuladas durante as trajetórias individuais e permite a reelaboração de objetivos e fins, assim como os meios para que eles sejam atingidos, para que essas trajetórias tenham continuidade, sentido e significado. Ela admite a apresentação de um olhar retrospectivo, rico em experiências que constituem as biografias e as identidades² dos indivíduos na sociedade.

O campo de pesquisa está delimitado pelos territórios nos quais se realizam os bailes de Charme³, que se caracterizam como uma manifestação cultural específica da cidade do Rio de Janeiro constituída pelo encontro, pela socialização entre os indivíduos em torno da dança, dos diversos estilos musicais relacionados à *Black Music*. Surgido no início dos anos de 1980, esse movimento cultural é decorrente da fusão de outros movimentos musicais dos quais se destacam a *Disco Music* e a *Soul Music*⁴. Ao demarcar o território a ser investigado, o pesquisador pode fazê-lo apontando domínios que sejam distintos daqueles existentes e conhecidos como tal pelo universo social. A constituição do território pode se aproximar da realidade observada, mas sempre será uma construção feita pelo pesquisador a partir de aspectos e modelos dos indivíduos pesquisados. Esses bailes são representações de práticas culturais e sociais não juvenis que configuram diversos grupos compostos, em sua maioria, por adultos negros. São espaços de relações nos quais os jovens estão presentes em pequena quantidade, ainda que em pequenos grupos, sozinhos ou acompanhando outros adultos. Assim, não se caracterizam como territórios juvenis ou ambientes específicos de um coletivo jovem particular, mas de interações sociais nas quais o jovem desempenha um de seus múltiplos papéis. Desse modo, permite-nos compreender o sujeito juvenil e seus “modos de estar junto” em contextos que rompem com “os imperativos territoriais e as identidades essenciais”⁵ (Reguillo, 2000, pág.41).

² A identidade é um jogo relacional que comporta o eu que se diferencia do outro, mas que prescinde daquele outro para que esse eu exista. É uma relação de auto-identificação que se sustenta no sistema de relações sociais. O eu que reconheço necessita ser validado pelo outro que me reconhece.

³ Vale dizer que o Charme torna-se uma construção social de música, identidade e cultura própria de determinados grupos etnicorraciais e sociais em que a base, a memória internacionalizada, está ligada ao movimento que se mundializou como possibilidade de luta, de transgressão e resistência às desigualdades seculares que marcam a trajetória dos grupos afrodescendentes, principalmente nas Américas. Essa questão será abordada no capítulo 1.

⁴ Esse processo está mais detalhado no capítulo 1.

⁵ Esta, assim como as subsequentes, é tradução livre. Feitas pelo autor, dizem respeito aos textos em língua espanhola ou inglesa utilizados como referências.

Para esses jovens, transitar por territórios além da vizinhança permite o alargamento das experiências através do contato com novos ambientes físicos e sociais, o que pode servir de referência para novos sentidos à própria vida. De acordo com Barros (2006):

É a socialização em outros códigos de interpretação da realidade que vai dando sentido às experiências que se agregam às referências trazidas da infância e de um passado próximo, permitindo organizar as diferentes experiências ao longo da vida como uma história, definindo uma biografia (pág. 26/27).

Como espaço de socialização, há fatores estruturantes do Charme, dos quais podemos destacar uma importante identidade geracional constituída pelos diversos arranjos familiares e as comunidades de afeto⁶. Além disso, há outras marcas de identidades que o constituem como movimento cultural, tais quais a classe – uma vez que a maioria de seus frequentadores pertence às classes populares – e as relações etnicorraciais – a maioria dos participantes é negra. Possui, ainda, uma identidade territorial, na medida em que a maioria dos eventos, bailes e festas ocorre nos bairros dos subúrbios cariocas. Os espaços de Charme significam a expressão de uma linguagem básica comum em que são respeitadas as diferenças subjetivas, os valores e identidades de grupos etários envolvidos em contextos de relações sócio-culturais que podem produzir experiências importantes para cada um dos indivíduos e para o próprio grupo. Entretanto, para alguns adultos, a presença juvenil pode configurar o conflito – ainda que de forma velada –, pois, para muitos charmeiros, há forte relação entre juventude e transformação descaracterizadora das tradições do baile, o que também foi apontado por alguns jovens entrevistados. É nesse cenário interacional que foram observadas, de forma participante, as afinidades entre diferentes gerações e os desdobramentos e interferências daí decorrentes para a construção da memória juvenil, bem como o seu papel na elaboração de suas trajetórias e sonhos, tendo as experiências compartilhadas como importante referencial para as mesmas. Nesse contexto, procuramos responder a algumas questões, como, por exemplo: como é elaborada a memória dos jovens de forma individual em contextos culturais marcados pelas lembranças dos adultos em processos de mobilização da memória coletiva que marca e identifica uma manifestação cultural? Os jovens charmeiros identificam-se com a cultura de seus pais e amigos mais velhos? Assimilam quais valores e símbolos das gerações

⁶ Ver, respectivamente, Velho (2004) e Halbwachs (2004).

que os antecedem? Como essa expressão cultural interfere/contribui para a definição de seus gostos, construção de identidades, consciência de geração e planos pessoais? Há uma identidade etnicorracial no Charme compartilhada pelos sujeitos jovens? Quais são os espaços de autonomia construídos para os jovens oriundos da cultura charmeira?

A juventude é uma construção social, histórica, cultural e relacional constituída por indivíduos que compartilham não só uma posição biológica, mas experiências e contatos pessoais coletivos no mesmo tempo e espaço social. É uma categoria sociológica que, de acordo com a dimensão política, social e ideológica que ela ocupe na sociedade, contribui para analisarmos como essa mesma sociedade se reestrutura e se organiza em seu processo de continuidade e de transformação. É composta de sujeitos dotados de memória que se constrói nas relações sociais e intergeracionais. O estudo sobre o processo de construção da memória juvenil procura enxergar os jovens em seus processos de elaboração de identidades, reorganização de trajetórias que podem indicar as esperanças de futuro que o presente organiza e que tem a memória de experiência feita como referência. Desse modo, considerar as expectativas de uma geração pode ser significativo para anteciparmos as transformações sócio-culturais e político-econômicas necessárias à participação juvenil no prosseguimento da sociedade.

A análise da geração juvenil a partir da memória procura, a partir de sujeitos particulares, verificar, também, as relações possíveis, quer sejam por aproximações ou rupturas, entre os jovens e os adultos. Nesse sentido, as diferentes experiências vividas no mesmo contexto social podem ser compartilhadas e contribuem para a estruturação das trajetórias juvenis. Resultantes do enquadramento ou do conflito, mas, especialmente, da negociação, são essas experiências que poderão distinguir as escolhas pessoais e alguns referenciais identitários, tais como gostos, estéticas e valores morais e éticos. Estes, assim como determinadas práticas, permanecem nos espaços de socialização, principalmente no interior da família, apesar das grandes transformações por que vem passando a sociedade e que se refletem nas diferenças de comportamentos e pensamentos observadas empiricamente nos distintos grupos geracionais. Nesse contexto, destacam-se, ainda, as experiências vividas por diferentes gerações não só em espaços juvenis específicos, como também nos ambientes de convívio intergeracional.

Houve, nesta tese, o interesse em perceber como se estabelecem as relações intergeracionais através da memória coletiva e, a partir dessas relações, como se efetiva a

construção da memória juvenil individual. Além disso, outra questão nos encaminhou a esse entendimento e se refere ao desafio de pensar as relações intergeracionais como influenciadoras das identidades juvenis, marcadamente fundadas na memória e na experiência, frente às transformações das estruturas familiares com “a erosão de certos marcos de referência dos mecanismos de socialização” (PAIS, 2005, pág., 113). Para aprofundar o assunto, recorreremos à identificação de pontos de interseção e de afastamento entre a memória dos adultos e a memória de jovens. Estes estão marcados, principalmente, pela experiência vivenciada em diferentes intensidades, tempos e espaços comuns ou diferenciados pelas questões geracionais e apontam para importantes relações entre memória individual e coletiva, e entre memória de jovens e de adultos. Os estudos sobre intergeracionalidade contribuem, também, para a compreensão dos diferentes caminhos de constituição da cultura, seja no seu contexto de preservação ou de transformação, pois permitem “a análise de processos em que valores e atores sociais devem ser examinados em suas múltiplas e complexas inter-relações” (VELHO, 2003, pág. 61). Sendo assim, observou-se como são constituídas as afinidades culturais entre as gerações e em que medida expressam os valores compartilhados pela cultura presente nas relações de parentesco. Para além de contextos sociais em que os jovens estão presentes e nos quais adotam posturas de contestação, há instâncias de socialização, marcadas, por exemplo, pela cultura do Charme, das quais os jovens assumem como seus os valores e normas ali presentes.

Introdução

A geração é constituída por indivíduos que compartilham não só uma posição biológica, mas experiências e contatos pessoais coletivos no mesmo tempo e espaço social. A sua aparente unidade encobre a diversidade de experiências que agregam múltiplas subjetividades em torno de interesses em comum, o que marca a geração como um conjunto de grupos constituídos por distintas subjetividades coletivas. Assim, é importante que a juventude seja analisada, principalmente, a partir do recorte geracional. Este, por sua vez, não pode ser restrito aos limites etários que, certamente, devem ser levados em consideração junto com a heterogeneidade dos atores que compõem uma categoria social, não autônoma, construída na complexidade das relações sociais múltiplas. Enquanto geração, a juventude nos permite compreender importantes transformações por que vem passando a sociedade ao longo do tempo, na medida em que ela reconfigura a própria sociedade em suas novas formas constitutivas a partir de um conjunto de concepções específicas da política, da cultura, do social em geral, e das formas particulares de estabelecer relação com as instituições. As contribuições de Karl Mannheim (1968; 1993) foram importantes para a construção de um referencial teórico que nos permitiu não só compreender a questão das gerações em contato, bem como da juventude, que é composta de grupos concretos que nomeiam essa categoria como geração, que compreende a diversidade e os diferentes modos de ser jovem. Esse recorte produz uma relação temporal que demarca a vida do jovem e que se traduz na relação entre presente e futuro. Nessa relação, é possível observar a importância das trajetórias alimentadas por suas perspectivas e alternativas disponíveis, que se constituem como processo contínuo, construído ao longo de um tempo. A provocação que fazemos refere-se ao acréscimo e à compreensão da dinâmica e do papel da memória e, por conseguinte, do passado nessa relação temporal. Ou ainda, a encontrar respostas para a seguinte questão: como as trajetórias se articulam não só à memória, mas, principalmente, às experiências juvenis vivenciadas em um passado nem tão distante assim? Além de Mannheim, autores como Reguillo (2000), Bourdieu (2006), Margullis (1996) e Pais (2003, 2001), dentre outros, foram importantes para a discussão sobre a juventude e seu recorte de geração marcada por experiências individuais de vivenciar trajetórias irregulares.

Há o entendimento de que o problema das relações intergeracionais enfrenta o desafio da negociação e da legitimidade dos legados transmitidos pela geração anterior e recebidos

pela mais jovem. “Os processos sociais da transmissão geracional”, assim como “a renovação das práticas sociais existentes e a incorporação de outras”, são aspectos fundamentais apontados por Jelin (2006, pág. 10) na construção dessas relações. Os estudos sobre família e intergeracionalidade realizados por autores como Cicchelli (2001), Peixoto (2007) e Singly (2007; 2000), dentre outros, são centrais para compreender como as distintas gerações se relacionam em contextos que podem ser assinalados tanto pela aproximação, pela adesão quanto pelo afastamento, pelo conflito. As formas de renovação e atualização dessas práticas sociais, marcadamente transformadas ou ressignificadas pela presença dos jovens, nos indicam distintos diálogos e processos de negociação – ou até mesmo a completa ausência destes – entre gerações presentes em uma mesma temporalidade e com diferentes atuações no espaço social compartilhado. Com isso, a noção de juventude é constantemente alterada por conta de sua participação em diversos contextos históricos. A pluralidade de grupos juvenis e suas múltiplas formas de organização política, social e/ou cultural desmentem e até mesmo desqualificam a tentativa reducionista de alguns setores que insistem em apresentá-la como um simples dado biológico e cujos discursos revelam o descompromisso e simplificação das condutas juvenis que são justificadas pela condição de transitoriedade em que aquela categoria está situada. Para esses setores, essa condição faz com que os problemas próprios dessa fase desapareçam ao final da “enfermidade juvenil” (REGUILLO, 2000, pág. 61).

Em outra perspectiva, as sociabilidades parentais estabelecidas nos diversos rearranjos familiares e nas comunidades de afeto possibilitam ao jovem construir o seu próprio universo⁷ a partir da memória presentificada (BOSI, 2004). Esta, ao ser manifestada pelos relatos por elementos socializadores compartilhados, torna-se parte da memória do jovem e permite conhecer e estreitar laços de identificação e afetividade. Podem, ainda, construir o seu universo a partir das experiências vivenciadas nesses mesmos espaços. São experiências individuais ou em conjunto com seus pares e que nem sempre solicitam a participação dos adultos. Indagar a realidade através das relações estabelecidas em contextos sociais marcados pelas questões de classe e as similaridades de situação e que tem na cultura um de seus eixos capazes de expressar essa realidade rica de experiência é um dos desafios que Bóndia (2002), Edward Thompson (1997) e Dubet (1994) nos ajudaram a encarar. Embora cada um dos autores caminhe em direções argumentativas que, necessariamente, não se encontram, suas

⁷ As expressões *mundo* e *universo*, usadas no decorrer do texto, referem-se a construções sociais que sinalizam as formas pessoais de os indivíduos expressarem o mundo da vida, aquele relacionado à tradição, à cultura, à transmissão, à renovação e à socialização (COSTA, 2003).

referências contribuem para compreender a experiência como necessidade básica de explorar o mundo, assim como das distintas maneiras que cada de nós – e nesse caso, especialmente, os jovens – constrói as lógicas de ação para a consolidação das distintas subjetividades.

As expectativas das gerações são constituídas dos elementos e referências dessas experiências. É nesse jogo de encadeamento que pensamos as relações intergeracionais e, com isso, a própria cultura como processo de continuação/transformação em constante reatualização e que pode comportar tradição e modernidade. Por outro lado, observa-se uma crescente “recusa não só à tradição acumulada pelas gerações do passado”, mas “também de sua experiência vivida e, mais ainda, de suas expectativas deixadas de viver como um valor para o futuro” (BRANDÃO, 1998, pág. 30).

Individual na forma de vivenciá-la, a experiência social é também coletiva, e comporta diversos indivíduos, no que diz respeito, principalmente, a estar no grupo como sujeito de suas ações. Para além da unidade relativa que a ideia de grupo possa conter, é a diversidade – e, muitas vezes, o conflito – que pode apresentar-se como uma de suas características marcantes. Embora diversos nas combinações individuais de suas lógicas de ação, os jovens sugerem encontro de pontos de contato que permitem a re-união em torno de interesses comuns, sem, com isso, unificar a experiência social.

Como um dos objetos de pesquisa, privilegiou-se a cultura por ser desses pontos de interesse comum em torno dos quais os jovens se articulam para vivenciar novas experiências. Como ela é tecida nas relações sociais coletivas, constitui-se em um campo fértil para analisar o papel das novas gerações na manutenção renovada ou na reconstrução da memória a partir de novas experiências. A cultura é permanentemente atualizada, como processo dinâmico, sócio-histórico vivenciado na cotidianidade da vida como experiência social. À incorporação de elementos culturais do passado – estes, quase sempre, relacionados à tradição –, soma-se o “nosso tempo de desejo e de trabalho da inovação. Ao nosso fecundo anseio do novo, do sempre novo” (BRANDÃO, 1998, PÁG. 30). Nesse processo, tradição e inovação tornam-se elementos que se fundem no presente, “em nossa própria experiência atual em direção ao futuro”. Mais do que um jogo de “oposição de contrários”, transforma-se em articulação indistinguível que relaciona futuro e passado, uma geração cujo passado está presente e, a partir dela, outra geração cujo futuro e expectativas se relacionam com a experiência nesse mesmo tempo presente (idem, idem). São relações que produzem uma questão central para a intergeracionalidade e que está posta pelos projetos de continuidade da organização social em

contraposição aos processos de desintegração e incerteza pelos quais passam os jovens. Desse modo, passado e presente se reconfiguram a partir de um futuro arriscado. Essa questão se desdobra em outra ainda mais problemática, ou seja, como pensar a ideia de construção de trajetórias em um contexto no qual os jovens supostamente compartilhariam as ideias de um futuro precário.

Os bens culturais transmitidos de uma geração à outra podem servir de elementos de constituição do futuro. Diferentemente da tradição, que traz como referência a ideia de experiências herdadas e completadas em um tempo determinado, há elementos culturais que carregam consigo experiências não realizadas. Estas é que dão sentido a uma espécie de “compromisso entre as gerações através do fio condutor da história” (BRANDÃO, 1998, pág. 30). Este fio reforça o contato entre as gerações e deve ter sua força não naquilo que foi deixado como legado presente na tradição completada, mas “naquilo não realizado” e que, “deixado a nós”, estabelece um compromisso de continuidade, de incorporação do não realizado a um plano. Mais do que as experiências acabadas (tradição, legado), são as “expectativas não realizadas” que podem dar suporte à memória no presente (idem, pág. 31).

Assim como a experiência, a memória é individual, se constrói através da relação com o coletivo, que é também um espaço de exercício da memória social. Desse modo, destaca-se a questão da intergeracionalidade como elo que associa experiência e memória, assim como passado e futuro. Ao tentar apreender o exato momento em que experiência e expectativa produzem pontos de contato na relação intergeracional, consideramos importante a contribuição de Carlos Brandão quando este afirma que

De um ponto de vista de atualidade inovadora, o olhar dirigido ao futuro aponta para um passado. Aponta para substratos de experiência realizada e representada por uma geração de passado em seu tempo, e por nós a partir deles, no nosso tempo [...] Não estamos diante de uma história dos acontecimentos na e como uma história que a todos envolve. Ela abarca não apenas os sujeitos de cada geração e nos termos e desafios de cada geração, mas o intervalo dos enlaces entre gerações. No ponto sem ruptura, onde cada geração presente torna-se responsável por si mesma, pelas gerações vindouras e pelo destino não realizado das gerações do passado (1998, pág. 30/31).

O encontro de gerações é, também, a interação de diferentes identidades construídas⁸ segundo distintos tempos e pontos de vista. Esse intercâmbio acontece na afinidade entre diferentes sujeitos, na qual, naquilo que se refere ao adulto, há uma identidade mais consolidada e aceita socialmente. No caso do jovem, há uma identidade (ou várias) em constante elaboração, que está relacionada ao processo de socialização centrada na individuação sem, com isso, valorizar o eu individualista, mas o eu individual, auto-refletivo e relacional. Desse modo, o contato estabelecido entre as gerações passa pela questão da aceitação/rejeição das diferentes maneiras de construir e expressar essas identidades. Isso pode apontar para a convivência mais tranquila dentro de certo consenso ou para o conflito marcado por divergências de diversas amplitudes, sem que isso encerre a perspectiva da negociação constante.

A discussão a respeito da memória se qualifica pelas contribuições de Halbwachs (2004) e Pollak (1992), pois são referências clássicas para os contínuos debates sobre o tema e que tem em Elizabeth Jellin (2006), Ecléa Bosi (2003) e Paul Thompson (1992) importantes interlocutores. São esses alguns dos autores em que nos apoiamos para o desafio de fundamentar a argumentação em torno da questão central deste trabalho, ou seja, a construção da memória juvenil.

Foi com prazer que enfrentamos o desafio de introduzir as reflexões a respeito da memória juvenil no contexto de uma sociedade em que os suportes materiais da memória são paulatinamente apagados ou destruídos, dentre eles os “objetos biográficos” que, segundo Bosi, são substituídos pelos “objetos de consumo” (1994, pág. 19). Essas mudanças podem proporcionar certa fugacidade à memória moderna, pois podemos lembrar o tempo necessário da duração desses mesmos objetos que são rapidamente substituídos. Além disso, na sociedade industrial, segundo Chauí, “todo sentimento de continuidade é destruído, o pai sabe que o filho não continuará sua obra e que o neto nem mesmo terá notícia” (1994, pág. 25). Essas e outras questões remetem à discussão sobre a pertinência da relação entre a trajetória, o tempo biográfico e a identidade na contemporaneidade em que a incerteza, a performance e o imediatismo são os referenciais mais empregados para avaliar a qualidade da

⁸ O processo de construção da identidade é desenvolvido reflexivamente e subordina o conhecimento do eu que é capaz de dar sentido e coerência à sua identidade. Esse processo se apóia nas referências encontradas no passado e que orientam a trajetória pessoal em direção ao futuro que é antecipado no presente. Para Giddens (2002), “a trajetória do eu tem uma coerência que deriva de uma consciência cognitiva das várias fases da vida” (pág. 75). Desse modo, o indivíduo é capaz de trazer ao presente os eventos – ou experiências anteriores – que dão suporte e historicidade não só à sua vida como também à sua trajetória.

ação juvenil. Nesse caso, o jovem parece não orientar as suas ações na direção de um sonho de realização pessoal, mas para a satisfação em aproveitar o instante, viver apenas o momento presente. Frente às incertezas que cercam não só o presente, como também o futuro, tal afirmação soa como verdade quase absoluta, como sina. Não há dúvidas de que a construção das trajetórias envolve a insegurança, o risco e o medo iminente do fracasso. O risco – e o medo do desconhecido – deve ser, como sugere Giddens (2002), substituído pelo conhecimento do próprio risco em todas as suas dimensões globalizantes, bem como das suas consequências para a vida cotidiana e para o próprio eu⁹. A falta de perspectivas em relação ao futuro não deve ser determinante para o jovem viver um presente vazio de sentido ou pleno de incertezas. Um horizonte nebuloso não significa ausência de horizonte. Há caminhos traçados, planos elaborados, alguns em desenvolvimento, que têm como referencial não só a memória – que funciona como construção coletiva de sentidos vinculados com o passado e que dão significado ao presente –, como, também, a experiência vivida na cotidianidade das relações sociais. Sendo assim, trajetória, identidade, experiência e memória articulam-se como categorias importantes para tecermos a relação entre presente e futuro cujas referências estão ancoradas no passado constantemente alterado pelas frequentes “visitas da memória”.

Assim, reafirmamos que a importância do estudo da memória de um segmento social específico – nesse caso, os jovens no movimento cultural do Charme – deve-se à possibilidade de compreendê-lo como parte de uma categoria mais geral – a própria juventude. Para isso, optamos por trabalhar com a articulação dos conceitos centrais apontados acima entendendo serem eles norteadores para a entrada no campo, além de bastante próximos, o que, em certo sentido, pode nos levar ao risco de algum desequilíbrio no emprego dos mesmos. Os diferentes níveis de aprofundamento das análises são decorrentes da opção por transitar pela diversidade conceitual que contribuiu para compreender a multiplicidade do sujeito juvenil e não deve ser confundida com uma dispersão analítica. Para além das categorias centrais outras foram surgindo durante o trabalho de campo e constituem o mosaico conceitual que se revela a partir de cada jovem e de suas distintas formas de ser e estar na sociedade. Jovem que não se explica na lógica social organizada segundo análises engessadas, mas no jogo dialético da complexidade das relações sociais nas quais a juventude encontra-se imersa.

⁹ Sobre os limites da auto-reflexividade, ver Pais (2007).

Aspectos Metodológicos

O estudo sobre a memória juvenil e suas conexões com a experiência em uma perspectiva intergeracional voltou-se para a busca dos elementos que a constituem no interior dos grupos de socialização encontrados nos eventos de Charme e nos grupos de afeto. Nesse sentido, buscamos estabelecer um jogo relacional e dialético entre o campo e a teoria, a qual ajudou a traduzir a complexidade das experiências juvenis de modo a apreendermos a realidade a partir dos conhecimentos disponibilizados pelos diversos autores com os quais pudemos dialogar. Assim, os conceitos e categorias tornaram-se ferramentas importantes para desvendar essa mesma realidade, sem se transformarem em sua moldura.

Longe da pretensão de construir uma teoria geral da memória de uma geração, procuramos observar, no interior de um movimento cultural, as particularidades dos jovens, suas principais características e suas relações estabelecidas na interação social. Houve o cuidado em não procurar elementos para confirmar esquemas a priori ou, ainda, encontrar que teorias podem se encaixar na realidade observada de forma mecânica, sem levar em consideração os contextos sócio-culturais nas quais elas foram produzidas. Mesmo sabendo que o campo pode oferecer referenciais e categorias importantes para a fundamentação teórica, houve a preocupação de nele entrar com um mínimo de educação do olhar, com a percepção inicial necessária daquilo que buscávamos encontrar. Velho (2004, pág. 67) chama a atenção para a importância da escolha cuidadosa de referenciais teóricos e metodológicos que sirvam de partida para a entrada no campo de pesquisa, mas alerta que esses não devem ser apropriados tal qual camisa de força, como forma, onde o empírico deva caber a qualquer custo. O autor observa que “por mais sofisticada que seja a teoria que se parta, por mais entusiasmo que tenha por seu aparente poder explicativo”, esta, se não estiver acompanhada de procedimentos metodológicos adequados, tais como entrevistas, observação participante, histórias de vida, biografias, pode nos levar “ao risco da precipitação e da superficialidade intelectuais”. Foi com esse cuidado que a entrada no campo pôde ser realizada. Ainda que ele se apresentasse conhecido e/ ou de fácil acesso e de exploração para mim face meu histórico de participação nos bailes de Charme, os sujeitos jovens que lá se encontram necessariamente não o representam. Podem ser tão receptivos e afetuosos quanto indisponíveis e arredios. Mesmo sem perder de vista a minha condição de charmeiro houve a constante preocupação com o que isso poderia representar ou influenciar o trabalho de pesquisador, o que pôde se

transformar em um problema na busca por um distanciamento necessário. Se a busca pela neutralidade é um desafio constante e praticamente inatingível para a maioria dos pesquisadores, para mim representou enorme dificuldade por conta da posição que eu ocupo na cultura do Charme. Assim, ser charmeiro e pesquisador foi mais um dos embates com os quais tive que lidar no enfretamento do trabalho de campo, o que exigiu cuidado na delimitação de cada um dos espaços de atuação.

Esse trabalho consistiu na elaboração de um diário de campo onde eram anotadas todas as questões relativas aos bailes e que foram decorrentes da condição de observador participante. Foram descritos aspectos característicos de cada uma das dezenas de eventos – cerca de oitenta – nos quais estive presente, assim como as diversas maneiras de participação juvenil e seus modos particulares de apropriação dos espaços dos bailes. Dessa observação resultaram os contatos com os jovens e posterior aplicação dos questionários exploratórios.

Foram empregados cinquenta questionários semi-estruturados¹⁰ com perguntas relacionadas aos aspectos pessoais dos jovens. Desses, quarenta e seis foram aplicados durante os diversos bailes e eventos de Charme que serviram de campo de pesquisa; um deles foi extraviado, pois o jovem não o devolveu; e três foram enviados através de correio eletrônico e todos retornaram preenchidos. O questionário abordou temas importantes que remetem a questões fundamentais ligadas ao cotidiano juvenil tais como família, geração, escolaridade, trabalho, lazer e cultura. Estes assuntos se transformaram em referenciais importantes e centrais para a elaboração e estruturação do texto. A partir da análise dos quarenta e dois questionários que foram preenchidos, foi traçado um perfil desses jovens, tendo como referência as suas relações com as categorias acima e com o significado de cada uma delas em suas trajetórias e biografias. Ambas estão tomadas por referências do passado e isso nos leva a relativizar a ideia de que o jovem só vive o presente e o futuro, é algo que está por vir e sobre o qual não pensaria. É na relação com a lembrança que, sempre que se faz necessário, ele olha e retorna ao passado, uma memória retrospectiva que permite, dentre outras questões, a constante reconstrução de sua identidade, assim como a permanente reelaboração de sua trajetória. Assim, a memória não perde importância e pode ser referência para o sujeito buscar a sua centralidade, o “ser no presente”. Para Feixa (1998),

¹⁰ Embora não houvesse uma quantidade de questionários previamente estabelecida, chegou-se até esse número em função das recorrências que começaram a ser identificadas nas respostas dos jovens. O modelo está no anexo 1.

A história de vida recolhe a visão do sujeito em um momento preciso de seu desenvolvimento vital. Constitui uma síntese de identidades pessoais em transição, da imagem que os narradores querem dar de si e de seu entorno social e cultural. Provavelmente, nem tudo o que contam passou realmente como contam, nem contam tudo o que realmente passou, porém, eles o viveram assim e isso é o que querem transmitir (pág. 170).

Observa-se que a história de vida está plena de memória marcada por um tempo biográfico no qual o sentido se expressa em acontecimentos que são simbolizados e relacionados aos diversos períodos da vida. Ao relatar suas experiências e vivências, o jovem seleciona, lembra, esquece. Conta o que se passou, mas nem tudo como aconteceu, pois a memória é alterada pelas lembranças do passado impregnadas do presente. Desse modo, dizemos que os marcos constituintes das identidades juvenis estão guardados na memória e se expressam todas as vezes que vêm à tona as lembranças dos primeiros afetos, da entrada no grupo, da música, da dança, dos primeiros locais onde houve o contato original com a cultura charmeira.

O olhar sobre a singularidade dos jovens no Charme e o estudo de suas memórias contribui para estabelecer nexos e similaridades no interior de outros grupos juvenis. Para além dos “militantes da memória”, dos portadores da memória literal de propriedade intransferível e incompartilhada, que não incorporam novos sujeitos e tendendo ao radicalismo e posterior desaparecimento – o que parece ser o caso de alguns adultos na relação com os jovens no Charme –, as novas gerações conferem novos sentidos à festa por diferentes reinterpretações do passado. Podem conferir diferentes sentidos à memória e ao próprio grupo, uma vez que, assim como “as festas e os aniversários são conjunturas de ativação da memória” (JELIN, 2002, pág. 52), os bailes de Charme e todos os outros eventos que acontecem no interior desse movimento possuem a mesma propriedade. Assim, são os jovens aqueles sujeitos capazes de construir novos sentidos e significados para o Charme através, principalmente, da ressignificação das experiências transmitidas e compartilhadas nesses espaços. Nestes ambientes, encontramos diferentes gerações ligadas pela linguagem e cultura musicais, ainda que se relacionem em um contexto distinto, cujos valores estéticos possam se tangenciar ou até mesmo serem distantes ou divergentes.

Observar esses jovens demandou a utilização de uma metodologia de investigação centrada nas brechas, nas fraturas e hiatos entre distintas narrativas através da observação participante e de entrevistas com oito jovens escolhidos dentre aqueles que estivessem

presentes nos eventos de Charme. Essas entrevistas duraram entre duas e quatro horas e algumas foram realizadas em dois encontros pela necessidade de aprofundar certos pontos importantes para a análise. Em seguida, os jovens receberam por meio de correio eletrônico a transcrição de suas entrevistas para que pudessem fazer uma leitura mais atenta e, com isso, alterar ou acrescentar dados e fatos que considerassem pertinentes ou que viessem a lembrar posteriormente. Alguns reenviaram suas alterações por *e-mail* e outros consideraram os textos satisfatórios e que deram conta de tudo o que quiseram dizer.

Nas entrevistas partimos da questão central que é compreender o significado da memória para a construção das trajetórias e identidades ancoradas na cultura do Charme a partir da análise das falas desses jovens sobre si, suas representações, projetos, sonhos e limitações. Os jovens foram selecionados em função dos diferentes indivíduos que compõem o espectro geracional juvenil no Charme. A realização das gravações foi orientada pela escolha de categorias consideradas centrais e importantes para compreender esses sujeitos. Desse modo, o conhecimento teórico sobre os autores e o diálogo estabelecido com eles permitiram eleger juventude, geração, intergeracionalidade, família e memória como categorias de partida para iluminar o encontro e as conversas, assim como as análises das entrevistas. Vale ressaltar que elas não foram eleitas de forma aleatória, mas ganharam centralidade em decorrência do que foi apontado nos questionários.

As conversas com os jovens assim como as transcrições e posterior análise das entrevistas apontaram para a necessidade de estabelecer um permanente jogo dialógico entre teoria e empiria na medida em que o campo passou a exigir o retorno a novos aportes teóricos através das falas dos jovens. Nesse sentido, foi estabelecido um movimento dialético por conta de categorias e conceitos que, aos poucos, surgiam na apreciação das entrevistas. Dito de outro modo, as categorias a priori não eram suficientes para explicar a complexidade dos sujeitos participantes da pesquisa. Assim, a cada entrevista era possível deparar com outras categorias de análise¹¹, o que exigiu o retorno constante à teoria que fundamentasse e auxiliasse na compreensão e análise de suas falas. Isso fortaleceu a necessidade de permanente diálogo entre teoria e empiria.

¹¹ As categorias iniciais, assim como aquelas que iam surgindo nas entrevistas, foram reunidas em um quadro de recorrências no qual, para cada jovem, foram apontadas aquelas presentes em suas falas e que foram assinaladas durante as gravações e as transcrições.

As suas histórias permitiram interrogar a realidade a partir da análise “da vida cotidiana dos mundos juvenis”, que oferece a possibilidade de ser transformada em “lugar metodológico” (REGUILLO, 2000, pág. 39). A autora sugere que tal análise possa ser realizada a partir da abordagem de três eixos centrais, quer sejam: “a identidade como fator chave para entender as culturas juvenis” – nesse caso, a análise é realizada em direção à constituição dos grupos; o papel do “outro” e sua capacidade relacional ao “projeto identitário juvenil”; “as diferentes práticas juvenis ou formas de ação” (idem, idem). As entrevistas foram importantes para desvendar coerências e homogeneidades dentro da diversidade dos jovens com os quais conversamos, no sentido de encontrar os pontos em comum com a memória coletiva do Charme. Do mesmo modo, observaram-se as distintas maneiras que eles encontraram para interpretar as suas relações e ações decorrentes desse encontro com a memória que marca a cultura do Charme. A partir disso, outras questões surgiram e foram importantes para o aprofundamento da pesquisa: Quais são os usos que o jovem faz da memória? Como ela interfere ou em que medida contribui para orientar a construção de sua memória individual assim como as suas ações pessoais?

O texto está estruturado de acordo com uma perspectiva que parte do geral para o particular, ou seja, a partir de um olhar retrospectivo para organizar o todo que expressa o Charme. Considerando que este se apresenta como síntese de uma cultura hibridizada, realizamos um sobrevoo pelos bailes da cidade, no sentido de enxergar os jovens presentes no movimento cultural em diferentes territórios. Foram as análises dos questionários e das conversas gravadas que realizamos com alguns deles que deram densidade ao trabalho de construção dos capítulos.

No capítulo 1, é apresentada uma visão geral das origens do Charme, desde os seus primeiros aspectos constitutivos enquanto resultado de hibridizações decorrentes da fusão dos muitos estilos musicais, dos quais o *Jazz* foi tomado como ponto de partida. Não procuramos escrever a história da *Black Music*, mas situar historicamente o percurso por ela desenhado e as variações de gêneros e estilos musicais que contribuíram, ao longo do século passado, para a sua consolidação e contribuição para a cultura popular e para a construção do movimento cultural do Charme, em especial.

O campo da pesquisa constitui-se em uma mancha cultural (MAGNANI, 2007), composta de diversos territórios ressignificados pelos bailes nos quais, aos poucos, os jovens foram sendo localizados. Estes, ao estarem presentes nos diversos eventos que foram

visitados, contribuíram sobremaneira para sairmos de uma visão panorâmica e geral em direção a uma maior aproximação e construção de um olhar particularizado e atencioso sobre o sujeito juvenil charmeiro. Desse modo, apresenta-se, no capítulo 2, a análise dos quarenta e dois questionários aplicados como instrumento para traçarmos um perfil dos jovens frequentadores dos bailes – sem que isso represente a totalidade da “juventude charmeira”. Há a clareza de que eles expressam vários aspectos importantes e comuns à maioria dos jovens no Charme, e que podem contribuir para compreendermos os jovens e suas relações com situações muito próximas, que fazem parte de suas trajetórias que, certamente, não são lineares. Ou seja, o estudo realizado a partir dos questionários não pretendeu explicar a juventude enquanto categoria sociológica em permanente mudança, mas serve de contribuição para apontar aspectos importantes que possam colaborar no sentido de fornecer pistas que auxiliem na construção de novos olhares sobre esse ciclo de vida. A seguir, de acordo com alguns critérios estabelecidos e que estão delimitados no texto, foram selecionados oito jovens e com os quais foram mantidos contatos por telefone ou correio eletrônico, no sentido de marcar as entrevistas gravadas. Houve, nessas entrevistas aprofundadas, a possibilidade não só de caracterizarmos esses jovens de acordo com a relação que estabelecem com a cultura charmeira, mas, principalmente, através do contexto de geração, família, escola, trabalho, assim como da memória, de conhecermos melhor esses jovens. A análise das entrevistas permitiu a construção e tematização dos capítulos, que resultam do esforço em entremear, em tecer o teórico e o empírico através de outras categorias e conceitos derivados apontados no campo, pelos indivíduos, e que expressam a complexidades dos estudos sobre juventude.

A juventude e seu recorte de geração é o tema do capítulo 3. É composta de indivíduos que gozam de moratórias relativas, assim como de capitais simbólicos semelhantes, uma vez que a origem e constituição de seus grupos de afeto e, principalmente, de suas famílias estão organizadas em processos de socialização com características semelhantes. Enquanto geração, possui marcas sócio-culturais de referência que servem de construção de suas identidades e de suas experiências vivenciadas em importantes lugares de memória, como a casa e o baile. Ainda que os jovens frequentadores dos bailes de Charme não se organizem ou se apresentem como grupos juvenis com marcadores identitários específicos, a análise desses indivíduos a partir da categoria geração foi importante para compreender as suas principais características, os seus anseios e expectativas. Além disso, foi importante para pensar como esses jovens constroem as suas trajetórias no processo de transição para a vida adulta que não se completa ou apresenta-se como um processo irregular e desigual, o que os caracteriza como sujeitos

pertencentes a uma mesma geração marcada por trajetórias não lineares de tipo Yô-Yô (PAIS, 2001).

No capítulo 4, ao relacionarmos juventude e intergeracionalidade, com ênfase na família, não procuramos realizar um estudo analítico sobre os modelos familiares ou sobre os fatores intervenientes na sua reestruturação, mas trazer algumas reflexões sobre as relações intergeracionais estabelecidas nos diferentes contextos familiares de alguns jovens a partir de suas práticas sociais e culturais. De acordo com Peixoto (2000, pág. 110), as “Transmissões materiais, transmissões afetivas e os apoios diversos formam o circuito das solidariedades e das transmissões entre as gerações e constituem elementos de base da reprodução familiar”. De algum modo, esses contextos mostraram-se semelhantes e se aproximam em suas práticas cotidianas, especialmente naquilo que se refere à cultura, além de servirem de elementos importantes para o processo de transmissão e de influência nos gostos musicais e culturais juvenis. As particularidades dos jovens entrevistados são observadas a partir de suas condições materiais de existência dentro de um contexto de geração. Nesse caso, as biografias e trajetórias se assemelham em vários aspectos, o que revela que questões importantes, tais como a classe social, gênero e a raça, constituem-se em marcadores identitários da juventude charmeira.

Em geral, a casa pode funcionar, também, como ambiente de construção da autonomia e da independência, ainda que limitadas ou relativas. É um lugar de encontro e de negociação entre diferentes princípios organizativos desse mesmo espaço em meio a variadas e, por vezes, conflitantes regras de vida em comum. É, para além disso, um importante espaço de trocas, de negociação e de aprendizagens mútuas. É nesse ambiente que a experiência se configura como elo fundamental para a continuação das gerações e permite ao jovem reconstruir as suas lembranças, a sua memória, a partir de sua história vivida, pois, conforme nos ensina Giddens (2002), “a reconstrução do passado anda junto com a trajetória provável da vida no futuro” (pág. 72). Desse modo, observou-se a relevância da participação dos adultos na construção da vida e da história do jovem, além da importância que eles têm na construção da memória juvenil, pois “É na história vivida que se apóia a nossa memória” (HALBWACHS, 2004, pág. 64). Nesse sentido, a geração que o antecede serve de referencial para o jovem quando precisa reconstruir as suas lembranças, uma vez que os adultos são pessoas no seu tempo, são marcas relacionadas ao pensamento, à vida e à identidade juvenil que vai, aos poucos, sendo elaborada em determinada época. Essa articulação entre

identidade, memória e experiência é um dos eixos centrais que orientaram a elaboração do capítulo 5.

É através do Charme, como movimento cultural que está presente em diversos territórios demarcados por relações intergeracionais, que procuramos discutir os processos de constituição da memória juvenil e as diversas maneiras de os jovens dela se apropriarem na construção de suas trajetórias e elaboração de suas identidades. Muitas lembranças de situações e experiências vivenciadas por oito jovens charmeiros estão aqui registradas e nos permitiram, a partir de seus relatos, construir um texto elaborado com a emoção de um investigador que também é participante desses bailes de Charme plenos de memórias. Também, memórias de jovens.

CAPÍTULO 1

Do *Jazz* ao *Hip Hop*: alguns elementos estruturantes do Charme

A história do Charme ainda não foi registrada nem tampouco contada¹². O que temos são algumas referências e relatos transcritos que fazem alusão ao movimento sem, contudo, colocá-lo em uma posição de temática central. É, desse modo, um processo em construção e que prescinde de seu forte componente empírico, ou seja, poderá ser elaborada através de entrevistas com os sujeitos envolvidos, levantamentos biográficos e de história oral como fontes importantes de pesquisa. Neste capítulo, procuramos fazer um passeio pelo tempo no sentido de construir um breve percurso através da musicalidade negra e que marca a identidade desse movimento. Desde o *Jazz*¹³ como ponto de partida no início do século XX chegando ao *Hip Hop* como expressão identitária de uma parcela da juventude atual, procuramos apontar alguns aspectos que pudessem contribuir para marcar o Charme como movimento musical marcado pela diversidade de indivíduos e de ritmos. É a empiria que parece nos indicar que esse movimento é, na verdade, um somatório de ritmos musicais provenientes da cultura afro-americana, tais como o *Jazz*, *Blues*, *R&B*¹⁴, o *Soul* e *Godspel* (ou *Gospel*¹⁵) que se espalham por diversas partes do mundo ganhando influências e características particulares de acordo com as culturas locais¹⁶. A seguir, são apresentados alguns desses ritmos ou estilos musicais que contribuíram para o processo de hibridização cultural e musical que conhecemos sob o nome de Charme. Em seguida, são apontadas

¹² Dentre os poucos registros sobre o tema, encontramos a dissertação de Martins (2004).

¹³ Starr, L. & Waterman, C. (2008) afirmam que o *Jazz* foi o hino que expressou o que consideram “a primeira bem definida cultura juvenil americana. Rebelando-se contra os horrores da guerra mecanizada e dos rígidos padrões de uma moral conservadora do século XIX, milhões de jovens americanos adotaram o *Jazz* como uma forma de marcar suas diferenças da geração de seus pais” (pág. 20).

¹⁴ *Rhythm & Blues* – Esse, segundo Muniz Sodré (2002), era um dos “ritmos correntes das comunidades negras do Delta do Mississipi” que deram origem ao *Jazz* tradicional de *Nova Orleans* (pág.142). Era através do *blues* rural que os negros escravos da América do Norte contavam seu cotidiano de sofrimento e seus anseios por liberdade e serem reconhecidos pela condição de humanos. Para além dessa visão um tanto romântica, procurou-se apresentar outro olhar no decorrer do texto.

¹⁵ Representa a pura linguagem cantada do *Jazz*.

¹⁶ A esse processo, Canclini (2001) denominou *Glocalização*, expressão oriunda do neologismo *Glocalize*, elaborado pelos japoneses para designar “o ‘empresário mundo’, que articula em sua cultura informação, crenças e rituais procedentes do local, nacional e internacional” (pág.110).

algumas relações entre esse movimento em constante mudança pela presença dos jovens e a inserção destes nos espaços dessa cultura como sujeitos e produtores.

1.1 – *Jazz*: a origem de outros estilos

O *Jazz* é fruto da miscigenação de formas musicais europeias com a tradição africana. Surge por volta de 1900 como fusão de vários componentes sociais e musicais africanos, europeus e estadunidenses, o que acaba com a crença de que é música africana apenas. Para além da tendência à romantização que quase sempre relaciona, de forma reducionista, as suas raízes com os cantos de lamento e sofrimento dos escravos nas plantações, há componentes estruturadores originariamente europeus, como, por exemplo, alguns instrumentos sem os quais o *Jazz* perde sua autenticidade. Se bem que uma das marcas do *Jazz* é mesmo sua inautenticidade no sentido de se permitir múltiplas experiências musicais com os vários instrumentos disponíveis no universo musical. Entretanto, há alguns deles que sustentam as marcas jazzísticas e sem as quais o *Jazz* pode parecer *outra coisa*. Sua marca identitária está originalmente assinalada pelo “*blues* rural cuja versão mais primitiva é o canto do escravo” – o que posteriormente ficou mais conhecido como *Blues*¹⁷ negro americano –, mas está também na sua capacidade de ir se redefinindo à medida que vai se transformando” (HOBSBAWN, 1990, PÁG. 9)¹⁸. Nesse sentido, a sua expansão organiza um movimento contínuo que está relacionado principalmente ao processo de urbanização das cidades cujo aumento da população constituída por trabalhadores pobres pressiona a demanda por diversão e lazer. Estes tornam-se consumidores em potencial, o que motiva o investimento em entretenimento profissional na medida em que emerge um público pagante. Esse público também era constituído por negros catadores de algodão e pelos escravos emancipados que migraram para o norte dos Estados Unidos. A expansão urbanística como fenômeno nacional

¹⁷ O surgimento do *Blues* está dividido em duas fases que são classificadas como *Spirituals*, que é a fusão inicial da música africana com a europeia e os *Spirituals de Concerto*, que representam a música negra norte americana em sua forma bastante europeizada, relacionando-se à Igreja Batista. A segregação sofrida pelos religiosos, uma vez que não encontravam mais espaços nas igrejas mistas, os levou a criar seitas independentes nas quais esse canto está ainda presente. Pode ser ouvido nos bailes e ficou conhecido por *Charme Gospel* ou *Charme evangélico*, embora muitos de seus frequentadores não saibam distingui-los. Dentre os grandes sucessos, podemos citar as músicas *Stomp* (Kirk Franklin) e *7 days* (Deitrick Haddon).

¹⁸ Esta é a principal referência utilizada para a construção deste texto, pois é a melhor contribuição encontrada para nos ajudar a compreender a trajetória da música negra desde suas origens.

produz “o incrível aumento de demanda por entretenimento entre os brancos pobres nas cidades¹⁹ que cresciam rapidamente, acelerando o crescimento da música entre os profissionais negros de entretenimento” (idem, pág. 61). É esse movimento que contribui para que o *Jazz* torne-se algo além de distração cujas bandas se apresentavam nos desfiles públicos. Torna-se expressão da cultura popular que se consolida nas ruas e é transformada em produto a ser consumido nos cafés e teatros.

Embora não haja uma definição precisa que delimite o seu significado, Erick Hobsbawn, em sua obra sobre o assunto, sugere que o *Jazz* possui cinco características principais e que ajudam a diferenciá-lo da música *pop* com tonalidades *jazzísticas*, que, por sua vez, poderá contar com algumas delas, mas não necessariamente todas. São elas:

1 – Uso de escalas africanas combinadas com as europeias destacando-se a escala *Blue* que, segundo o autor, une escalas africanas e harmonias européias;

2 – Apóia-se fundamentalmente em outro elemento africano: o ritmo. É o elemento organizativo da música que, por sua vez, possui uma variação rítmica constante;

3 – Embora não possua uma instrumentação específica, são os metais e madeiras que são explorados e experimentados até as últimas consequências. Há, também, o destaque para a voz que, por ser expressão de um determinado povo negro estadunidense, confere ao *Jazz* uma identidade específica e relacionada à história desse povo e suas condições de vida e sentimentos;

4 – O *Jazz* desenvolveu formas musicais específicas, das quais destacam-se o *Blues* – “um dos fundamentos extraordinariamente poderosos e frutíferos do jazz” (pág. 44) – e a balada *pop*, que são identificáveis pelo número de compassos e marcações e servem de base para as variações musicais *jazzísticas* que têm como repertório os diversos *Standards* – temas diversos que se prestam para tocar *Jazz*;

5 – É uma música de solistas subordinada à performance individual, ao improviso individual ou coletivo, o que caracteriza a sua singularidade.

¹⁹ *New Orleans* é considerada o berço do *Jazz* porque “foi lá e só lá, que a banda de jazz surgiu como fenômeno de massa” (HOBRAWN, 1990, pág. 59), muito embora esse gênero musical estivesse se constituindo em diversas regiões da América do Norte como hibridização de elementos africanos e europeus. Além de berço, é também denominação de um estilo puro de *Jazz*.

As distintas nomenclaturas marcadas como variações do *Jazz* são, na verdade, expressões de música popular que trazem algumas dessas características e que sofreram sua influência. Assim, *Swing*, *Blues*, *Bop* entre outros são nomes de marcas bombardeadas pela televisão, cinema, pelos meios midiáticos em geral. Para Hobsbawn (1990), são formas híbridas e diluídas do *Jazz* que deve ser compreendido “como fenômeno cultural dos nossos tempos [que] inclui tudo o que se autodenomina *Jazz*, ou que empreste elementos suficientes de linguagem *jazzística* para ser afetado de maneira significativa por ela” (pág. 47). Essa compreensão nos ajuda a perceber que, no interior do Charme, variações musicais importantes como *Slow Jam* e *Smooth Jazz*²⁰ marcam a importância daquele gênero para a construção desse movimento cultural. Além delas, estão presentes o *Swing* – que muitas vezes é relacionado ao balanço corporal e musical, a uma certa malemolência ou ainda a uma variante do samba (*Suingue*) – e o *Blue* – que é relacionado de maneira equivocada ao *Rythm and Blues (R&B)*²¹.

1.2 – A força do *Blues* e uma nota *Blue*

O *Blues* é marcado por características especiais, como, por exemplo, o “padrão de canto e resposta” que faz parte do conjunto de africanismos musicais trazidos pelos escravos e que foram levados para os EUA sob o domínio francês. Estes estavam concentrados, em sua maioria, no sul do país e puderam preservar suas heranças musicais através das congregações religiosas de “godspel negro com seu eco de showtng dances” (HOBSBAWN, 1990, pág. 52). Além do *Godspel*²², destacam-se as canções de trabalho e as *Field Hollers*²³ como

²⁰ *Slow Jam* – música lenta com influência do *R&B*, também conhecida como *Soft Som*, cuja origem é atribuída a uma música do mesmo nome gravada pelo grupo *Midnight Star*. *Smooth Jazz* – corresponde ao *Jazz* contemporâneo, é olhada com certa desconfiança pelos puristas. Suas maiores expressões são *Kenny G.* e *George Benson*, dentre outros.

²¹ A expressão foi cunhada como forma de reverenciar as sensibilidades – ritmo e sentimento como marcas da música negra – e para rebatizar um conjunto de músicas gravadas especificamente para o público negro que começa a se constituir nos EUA em decorrência da explosão do *Jazz* – e suas variantes – como estilo musical popularizado. Assim, os *Race Records* ou discos de raça passam a se constituir e a serem divulgados exclusivamente para esse público, de onde provavelmente se perpetuou a expressão *Black Music*, que é retomada com força total juntamente com o *R&B* nos anos de 1950, quando a gravadora *Mowntown* se transforma na mais importante referência musical negra e que lança no mercado fonográfico nomes importantes que compõem o catálogo de *Race Records* nesse período e nos subsequentes.

²² É conhecido como um tipo de canção religiosa dos negros americanos e tem sua força no coral ou em grupos menores, muito embora haja cantores individuais. Possui uma característica marcadamente urbana e sua base está no surgimento e hipertrofia dos guetos dos grandes centros com a decorrente chegada de imigrantes negros

práticas musicais rituais pagãs e/ou cristãs e que possibilitaram a sobrevivência da música africana em solo americano. Essas práticas eram toleradas principalmente nas zonas escravocratas de domínio francês, notadamente no sul, onde estavam concentrados os escravos vindos da África ocidental, principalmente de Daomé. Se houve condescendência francesa para a permanência de práticas musicais dos negros, é, entretanto, a música afro-anglo-saxã, cujas mais importantes formas são as canções *Gospel* e *Country Blues*, que vão produzir os elementos originais de onde procedem as variações daquilo que atualmente conhecemos como *R&B* ou como *Black Music*.

Sua condição nuclear confere ao *Blues* uma posição privilegiada e que o torna o substrato do *Jazz*. “É tanto um estado de espírito quanto um sentimento – não necessariamente de tristeza e depressão, embora na maioria das vezes seja assim – e uma forma musical ou linguagem” (idem, pág. 105). Hobsbawn observa que o *Blues* existe também como música folclórica e que pode, nesse caso, “significar duas coisas: a linguagem geral das músicas *folk* negras e um tipo específico de canção secular” (idem, *ibidem*). Desse modo, são comuns os vários usos da expressão para nomear as múltiplas manifestações da música negra americana tais com *R&B*, *Jazz and Blues* ou simplesmente *Blues*²⁴. Assim como o *Jazz*, é uma música, ou melhor, um conjunto de músicas que preserva, desde sua origem, a sua condição de representar a expressão musical de negros pobres urbanos. A expansão do *Blues* ocorre através do aumento da popularidade do *Jazz* que, por sua vez, é decorrente do trabalho de uns poucos brancos amantes deste gênero que se ocupam em divulgá-lo em outros espaços e gravadoras para além dos guetos negros bem como do público restrito ao sul dos EUA. Uma de suas características marcantes é a virtuosidade do cantor, ou melhor, da cantora, uma vez que havia a superioridade dos vocais femininos. Além disso, seu

que encontravam nas igrejas um lugar de apoio comunitário frente ao natural isolamento, à solidão. Suas características originais são preservadas em função do caráter conservador da religião e das igrejas.

²³ Hobsbawn (1990) considera estas expressões musicais como elementos constituintes da poesia popular inglesa produzida pelos negros norte-americanos. Essa criação é, segundo ele, resultado da assimilação e modificação da “música secular dos colonizadores” (pág. 52) cuja força está nas palavras fornecidas pela língua inglesa e que constituem o discurso e as canções negras estadunidenses que puderam se desenvolver de forma independente. Adverte, ainda, que não há relação entre a raça como determinante biológico para o senso rítmico do negro. Sendo assim, o que importa destacar é a força e extensão dos africanismos musicais originais que permaneceram como cultura, como marca identitária dos negros escravos, mesmo com a segregação ocorrida em território americano.

²⁴ Vale lembrar que sua denominação original está ligada à escala *Blue*, que é uma adaptação das escalas musicais europeias às africanas, e está também relacionada a marcações de notas específicas dentro da escala musical.

desempenho era acompanhado de instrumentos que não tinham como finalidade o conjunto, mas a demonstração de habilidades individuais de seus executores.

A expressão *Rythm and Blues* – ou meramente *R&B* – surge na década de 1940 em decorrência da expansão do *Jazz* e tem a sua fase mais importante nos anos de 1950, que são marcados por sua invasão na música *pop* norte-americana e mundial. Vem também para substituir ou rebatizar o conjunto de músicas que compunham o *Race Records*. Este, segundo Hobsbawn, era composto majoritariamente de *Blues* negros que, se em dado momento estava “restrito aos estados do sul dos Estados Unidos e dos guetos negros” (1990, pág. 15), posteriormente se expande e amplia seu público no rastro da popularização e internacionalização do *Jazz*. O *Race Records*²⁵ era composto de artistas negros que compunham e cantavam para um público majoritariamente negro, formando repertórios específicos apresentados e divulgados em forma de catálogos musicais. De modo semelhante, o *R&B* é um gênero musical que emergiu e se desenvolveu depois da segunda guerra mundial. Para Starr & Waterman (2008), os negros urbanos dos anos de 1940 reatualizam o estilo musical *Folk* que marca a tradição musical negra. É caracterizado por marcações e batidas mais enérgicas. Inicialmente apresentado exclusivamente por músicos negros e para um público negro, o *R&B* veio substituir a categoria *Race Records*.

Apesar de a população negra, aos poucos, se constituir em um promissor mercado consumidor, a demanda era suprida por algumas gravadoras autônomas. Estas, por sua vez, desempenharam um importante papel na ampliação do mercado e da divulgação desse gênero musical para além dos circuitos musicais negros. Segundo Hobsbawn, “Os adolescentes brancos começaram a comprar discos de R&B no início dos anos 50, tendo descoberto essa música em estações locais e especializadas que se multiplicavam naqueles anos [...]” (1990, pág. 16). Se esses jovens, ainda que em sua minoria, constituíram-se em um público aparentemente atípico, é exatamente a expansão do consumo de discos que fará com que as atenções da indústria da música se voltem para o crescimento desse potencial mercado formado por uma juventude branca. Esta, filha do milagre econômico dos anos de 1950, dispunha de condições financeiras para ser considerada consumidora emergente. Havia uma importante parcela da juventude que dispunha de boa remuneração decorrente da expansão do pleno emprego resultante daquele *milagre*. Sendo assim, o *Rock*, embora também originário

²⁵ Para melhor compreensão do significado e da importância desse movimento na cultura popular dos Estados Unidos, ver Starr, L. & Waterman, C. (2008), especialmente o capítulo sete.

dos negros estadunidenses, constitui-se em resposta ao crescimento do *R&B* e, como construção mercadológica representativa de uma linguagem cultural juvenil, constitui-se em fenômeno musical que se mundializou com velocidade espantosa. Para além das questões de classe e etnia, por exemplo, transforma-se em expressão geracional, pois “na música do rock o público e o privado, o sentimento e a convicção, o amor, a rebeldia e a arte, a dramatização e a postura assumida no palco não são distinguíveis uns dos outros” (HOBSBAWN, 1990, pág. 17).

Esses parecem ser os elementos perfeitos para o processo de identificação em que são encontradas as marcas expressivas da juventude e que atravessam os tempos. Assim, questões como a rebeldia e a cultura da performance caminham ao lado da história da juventude. Nesse contexto, o *R&B* recrudescer e constitui-se, mais uma vez, em gênero musical voltado para as minorias negras. O mesmo aconteceu com o *Jazz*, que passa a ser identificado como música de adultos.

Atualmente, o espaço destinado à análise do *R&B* está muito mais voltado para as pequenas reuniões organizadas pelos seus amantes a fim de contemplar e rememorar os grandes nomes bem como as lembranças dos momentos aos quais essas canções remetem, em sua maioria relacionados ao início dos anos de 1980. Já o espaço do *Modern R&B* é o bar, os *Happy Hours* – o que não quer dizer que nesses locais não seja possível ouvir os *Flash Back* – mas está marcado por uma grande variação de estilos cujo limite é a abertura para as grandes revelações do *Hip Hop*. Em alguns locais, essa abertura parece recuperar a velha discussão entre hereges e ortodoxos, entre tradicionalistas e modernistas (progressistas) que, essencialmente, não está relacionada à questão intergeracional, mas à possibilidade de compreender a necessidade de transformação e constante reatualização por que passa o *Charme* como movimento cultural dinâmico.

1.3 – *Soul Music*: a alma política e cultural negra

Os anos de 1970 são considerados por diversos estudiosos como marcantes na história da *Black Music*, pois nesse período, foi possível àquela geração composta, em sua grande

maioria, de jovens negros moradores dos subúrbios²⁶, vivenciar o nascimento do *Soul* tendo como locus privilegiado a cidade do Rio de Janeiro. Surge como um movimento musical que mistura a dança e a politização da cultura negra como estratégia para a ampliação da luta contra o racismo, o preconceito e pelos direitos cidadãos dos negros cariocas. Surge, ainda, no contexto de tomada de consciência política por boa parte dos negros que ultrapassasse o discurso voltado apenas para os interesses de ascensão social. É um período de retomada da luta dos movimentos negros para o reconhecimento de seus limites e impedimentos e pela afirmação de seus interesses e espaços em uma sociedade de classes, mas que ainda não colocava a questão da raça como um dos fatores de desigualdade social que marcava profundamente a sociedade brasileira. Nesse contexto, a possibilidade de fazer política pelo viés da cultura ganha força com a criação do *Black Soul* no Rio de Janeiro, um movimento político-cultural que se apresentava como foco de resistência negra e cuja referência eram os movimentos negros estadunidenses surgidos nos anos de 1960.

Dentre esses movimentos, destaca-se o surgimento, em 1966, dos Panteras Negras, ou *Black Panthers*, uma agremiação cujo objetivo era enfrentar, por meio da luta armada, a discriminação sofrida pela população negra nos EUA. Uma de suas marcas identitárias era o cabelo *Black Power*, que passou a ser usado por diversos nomes da cultura e da política daquele país – *James Brown*, *Cassius Clay*, *Ângela Davis* – e que rapidamente se espalhou por diversas partes do mundo. O *Black Soul Rio*²⁷ surgiu no final dos anos de 1960 em plena ditadura e coincide com importantes movimentos juvenis que eclodiam por outros países e tinham em comum, dentre outras questões, a luta pela paz e o fim da guerra do Vietnã. Embora a adesão ao movimento já fosse percebida através do vestuário ao final dos anos de 1960, é a presença de um negro no mais importante festival de música realizado no Brasil que vai contribuir decisivamente para o fortalecimento da consciência da negritude e para o aprofundamento da organização de um movimento cultural e político que fosse capaz de

²⁶ O pertencimento a uma mesma geração possibilita aos indivíduos de determinado grupo etário o acesso, ainda que potencialmente, a experiências decorrentes do processo histórico e social vivenciado contemporaneamente. Entretanto, “os dados experienciais, intelectuais e emocionais à disposição dos membros de uma certa sociedade não são uniformemente ‘dados’ a todos eles; em lugar disso, o fato é que cada classe social tem acesso apenas a um conjunto daqueles dados, restrito a um ‘aspecto particular’” (FORACCHI, 1982, pág. 72-3). Mannheim (1968) considera que a posição de classe influencia na apropriação desigual do material intelectual bem como em distintas heranças culturais pelos indivíduos. Além disso, diversos fatores sociais são determinantes para a apropriação, assimilação e aplicação desse material de forma diferenciada, o que pode nos auxiliar na compreensão de diferenças intrageracionais que constituem as unidades de geração.

²⁷ Esse foi o nome de batismo tardio do movimento a partir de uma reportagem publicada no Jornal do Brasil em 1976, na qual a repórter Lena Frias associava as festas *Black*, também conhecidas como festas *Soul*, ao orgulho de ser negro no Brasil.

aglutinar os negros e as negras em torno de interesses comuns centrados na luta pelos seus direitos. Ao defender a música *BR-3*, Tony Tornado, trajando roupas coloridas e/ou brilhantes, calça ‘boca de sino’, sapatos de *saltos plataforma* e exibindo uma enorme cabeleira negra natural, mostrou, através da televisão, para o país e para o mundo um estilo negro de ser. Certamente que suas coreografias no melhor estilo *Soul/James Brown* contagiaram toda uma geração juvenil e potencializaram a concretização do movimento negro²⁸ carioca que anunciava seus primeiros passos em direção à sua consolidação como o que ficou conhecido por Movimento *Black Rio*. Se para alguns o cabelo *Black* era sinal de preconceito, para muitos tornou-se marca de orgulho e de identidade por afirmação. Para Carlos Alberto Medeiros, um dos importantes militantes do movimento negro daquela época, entrevistado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (2007), a identidade estava marcada pelo cabelo a partir de uma conotação mais abrangente:

Raça e racismo eram temas das conversas entre os negros, porque era algo muito direto, muito presente [...]. E era final da segunda metade de 1969, na época em que estava aquela coisa do “black is beautiful”, do cabelo afro. Não é black power. O nome era afro, ou natural, *natural afro* [...]. Eu me lembro como foi o impacto que essa coisa do cabelo teve sobre mim. Primeiro, porque percebi, inclusive, que passei a ser visto de uma outra maneira [...] era uma outra visão, era uma outra coisa do negro [...] rapidamente a coisa pegou. Claro, não foi por minha causa. Tinha televisão, filmes americanos etc. Rapidamente aquilo se alastrou, até que, num determinado momento, todos os negros usavam afro, independente de qualquer coisa (pág. 70/71).

Para além dos discursos que relacionam esse movimento à alienação, à dependência cultural e até mesmo à ameaça à soberania nacional ou destruição da cultura brasileira, vale ressaltar o seu enorme potencial agregador, pois “Massas de brasileiros negros que nunca haviam-se congregado em torno de questões raciais foram atraídas pelas versões brasileiras da negritude e do Black Soul na década de 1960” (HANCHARD, 2001, pág. 132). Ainda que constituído por símbolos culturais importados, merece destaque a sua importância para a

²⁸ Em entrevista ao CPDOC-FGV, Hedio Silva Júnior aponta que esse movimento possui três fontes de influências externas: a luta por direitos civis nos Estados Unidos, as lutas por independência em vários países africanos e a *négritude*, um movimento cultural com bases literárias que vai repensar a dicotomia ocidente/oriente na perspectiva dos valores africanos (2007, pág. 69).

afirmação de uma identidade negra cujos sujeitos, ainda que utilizando e reelaborando esses símbolos, organizam espaços possíveis de construção política nos quais a cultura era ressignificada e transformada continuamente. Aos poucos vão surgindo outros movimentos “com a marca do black soul que tiveram por base o desenvolvimento de uma identidade especificamente “afro-brasileira”” (idem, pág. 135). No caso do Rio de Janeiro, destacam-se o *Funk*²⁹ e o Charme.

1.3.1 – Rio de Janeiro: capital da *Soul Music*

O fato de a cidade maravilhosa ser considerada, desde então, a capital nacional da cultura facilitou a ampliação desse movimento que se espalha pelo Brasil e vai interferir diretamente na estrutura dos tradicionais bailes de outras cidades³⁰, principalmente São Paulo e Salvador. Importantes equipes de som foram criadas e estruturadas a partir do movimento *Soul*, destacando-se, dentre outras, a Furacão 2000, no Rio, e a *Black Mad*, em São Paulo. Em depoimento aos autores de uma publicação sobre os bailes *Black* paulistanos³¹, um dos mais importantes *DJs*³² dessa última equipe lembra:

²⁹ No Rio de Janeiro, o *Funk* é reapropriado de maneira bastante particular originando uma expressão cultural muitas vezes relacionada à juventude pobre de forma bastante preconceituosa. Ver Vianna, H. (1988).

³⁰ A partir da década de 1950, são organizados pequenos clubes voltados para as práticas culturais e de lazer dos trabalhadores e das elites negras. Especialmente estas sentiam-se excluídas dos grupos e associações direcionados aos diversos segmentos étnicos e de imigrantes nos quais não havia espaço para os negros. As estórias de negros barrados nesses clubes são muitas e fizeram parte dos noticiários da época. Como resposta a essa exclusão, clubes como o Renascença, no Rio de Janeiro, e o Aristocrata, em São Paulo, são fundados para as comunidades negras. Entretanto, suas práticas, sua programação, aos poucos reproduziram processos de exclusão ou de separação entre trabalhadores proletários e uma pequena burguesia negra em fase de ascensão, muito parecidos com o que ocorria com os clubes de brancos em relação aos negros em geral. No caso do Renascença, Hanchard (2001) aponta que o clube foi criado “para acolher uma “elite negra” pequena mas crescente, composta de profissionais de nível superior, empregados de escritório e funcionários públicos” (pág. 131), uma vez que muitos deles já tinham passado pela experiência de terem seus acessos negados em diversos locais da cidade.

³¹ Ver Barbosa, M. & Ribeiro, E. (2007).

³² *DJ* – Abreviação para *Disc Jockey* – o mesmo que discotecário – responsável pela seleção e apresentação das músicas durante os bailes. Para muitos, existe a compreensão de que o *DJ* é uma “profissão” bastante solitária, pois, como ainda não é reconhecida oficialmente, a aprendizagem, a seleção das músicas e a apresentação nos bailes – momento em que permanece sozinho na cabine – são situações que, por serem realizadas individualmente, parecem confirmar aquela característica.

Tinha acabado de sair “Sex Machine”, foi um sucesso mundial, tinha abalado o mundo! Aquilo me chamou muito a atenção e a gente achava legal, era um ritmo que pouca gente curtia (em São Paulo). A coisa foi crescendo, veio a soul music, viajamos para o Rio de Janeiro, descobrimos lá que existia um movimento, então a gente foi estudando [...]. O pessoal do soul se baseou no pessoal do Rio de Janeiro. Eram os sapatos plataformas, as calças boca-de-sino, então deixou toda a caracterização de São Paulo para pegar o que o Rio fazia. Tudo que tinha no calçadão do Rio de Janeiro o pessoal do soul aderiu (MAURÍCIO DJ).

Tendo na figura de *James Brown* a sua mais importante referência – através de sua voz inigualavelmente rouca, suas coreografias ímpares que o faziam deslizar e provocavam a sensação de quase flutuar no palco, além de um figurino único e peculiar –, o *Soul* alterou o cenário musical bem como constituiu-se em uma das mais importantes manifestações de cultura, lazer e política para uma grande parcela da juventude negra. Assim, “grandes massas de dançarinos passaram a frequentar os salões, que tinham que ser enormes e apropriados para receber milhares de pessoas” (BARBOSA, 2007, pág. 12). Isso certamente provoca o aumento do número de equipes de som e o aumento significativo de investimento em equipamentos e discos, mais conhecidos com *Long Plays* ou *LPs*. Um mercado em franca ascensão surge no Brasil – especificamente no Rio de Janeiro – e a música negra passa a ser consumida de maneira a se transformar em um fenômeno da indústria fonográfica voltada para um público característico como nunca havia ocorrido anteriormente. O negro é descoberto como consumidor pela indústria e pela mídia, mas ainda longe de ser cidadão.

O depoimento de Marcio Barbosa vem corroborar aquilo que foi apontado anteriormente, pois ressalta que os bailes realizados em décadas anteriores eram segmentados por grupos étnicos/raciais em função, principalmente, da restrição à entrada nos clubes

De pessoas que não pertencessem ao grupo promotor do evento ou através dos preços proibitivos que impediam o acesso da população menos aquinhada. Eram essas proibições também que impediam vários negros de frequentarem os famosos bailes de orquestras que ocorriam nos anos de 1950. A saída buscada por eles foi a organização de festas próprias que ficariam conhecidas como baile de quintal ou garagem e eram restritas a amigos e conhecidos” (2007, pág. 17).

São esses festejos que parecem dar origem aos bailes *Black*, pois tais reuniões eram quase que uma resposta possível ou uma saída para a ausência de espaços de lazer nos quais os negros poderiam estar sem sofrer discriminação. Retomam, em certa medida, as *Rent Party* – festas de aluguel realizadas nas favelas do Harlem ou de Chicago – uma das imagens apontadas por Hobsbawn (1990, pág. 239) ao se referir ao público e aos locais onde era possível ouvir *Jazz*. Assim, para muitos, a casa funciona como ponto de encontro para ouvir os cantores e cantoras representantes do que “havia de melhor” na música negra. A casa e seus espaços – seja o quintal, a garagem ou o terraço – constituem-se em “lugares da alegria” (SODRÉ, 2002, pág. 157) essenciais para a criação lúdica. São esses espaços de negociação que, segundo o autor, potencializam a articulação do convívio comunitário e do encontro intra-subjetivo. Considera que “o lugar é igualmente vital no caso da música negra” (idem, pág. 161) não só no caso do *Jazz* norte americano dos anos de 1920 como, também, no caso da musicalidade brasileira e seu universo negro. Se era nos morros e bairros dos subúrbios leopoldinenses que os laços de vizinhança se constituíam, a casa era o lugar dos fortes laços familiares onde as pessoas se reuniam – e ainda se reúnem, como no caso do Charme – em pequenos grupos para ouvir música, para dançar e mostrar ou aprender novos passinhos e para que os *DJs* apresentassem suas performances nas ‘carrapetas’.

A gente ouvia muito samba de partido alto, Jorge Ben e James Brown. Sempre tinha as festas, eu não entendia muito os caras com um cabelão, umas calças jeans com a boca grande, umas camisas pintadas com acrílex, mas era esse visu³³ (DJ Hum, pág. 97).

Observa-se que ainda não havia distinção entre os estilos musicais e que era possível ouvir e dançar samba, suingue e *Soul* em um mesmo local. Entretanto, já era possível observar os primeiros sinais da chegada do movimento *Black Power* no Brasil como marca identitária expressa através do penteado e que estava relacionado não só à moda, mas ao cabelo crespo como símbolo da negritude que vai sendo aos poucos incorporada pelos jovens também nos espaços familiares. A diversidade que expressa a cultura *Black* transformava a casa não só em lugar de encontro, mas em território de trocas e de educação e aprendizagem. Além da figura

³³ Corruptela para visual. A questão da vestimenta como marcadora de uma identidade negra que está relacionada à melhoria da auto-estima já havia sido apontada por Hobsbawn (1990, pág. 226) ao analisar algumas das mais importantes correntes de músicos de *Jazz*. Essa mesma preocupação foi norteadora do advento dos bailes de Charme nos anos de 1980, nos quais era importante vestir-se com esmero e elegância.

do *DJ*, cujo exercício de iniciação e aprimoramento se dá também nos espaços comuns, a dança – e as coreografias, ainda que hoje em menor intensidade por conta da introdução do *Hip Hop*, cujos passinhos são copiados dos videoclipes – parece ser outro aspecto importante do fortalecimento das relações intergeracionais, pois “é transmitida de forma familiar: de pais e mães para filhos e filhas, de tios e tias para sobrinhos e sobrinhas” (BARBOSA, 2007, pág. 12). Estabelecidas principalmente nos espaços familiares, tornam-se importantes influências para definir os gostos e valores morais. O *DJ* Maurício nos fala, através de depoimento registrado pelo autor acima:

O baile para mim veio da família. Eu tinha um cunhado que gostava de fazer bailes e, quando eu era pequeno comecei a frequentar os bailes dele. Ele casou com minha irmã e deixou os discos, eu peguei os discos dele e comecei a fazer festa de todos os tipos, aniversário, casamento [...]. A Black Mad era família no começo, era eu, meus irmãos e minha irmã, todo mundo ajudando nos primeiros bailes, foi minha mãe e meu pai que deram a grana para a gente investir (pág.153).

As festas realizadas em casas de famílias simples, moradoras dos morros, dos bairros pobres dos subúrbios contribuem sobremaneira para a consolidação do *Soul*, especialmente no Rio de Janeiro, e parece repetir a trajetória de muitas expressões culturais negras no seu processo de afirmação, como é o caso do samba, por exemplo. O sucesso e a crescente adesão fazem com que os bailes ocupem os clubes. Hanchard (2001) nos lembra que

Os organizadores de bailes e festas da Zona Norte da cidade começaram a tocar “soul”. Pessoas como Filó e Osseas Santos, o “Mr. Funk”, considerado o criador do Black Soul, ganharam fama de promotores competentes desse tipo de música, seus bailes, estilos de indumentária e formas simbólicas de protesto (pág. 135).

É através da música negra, em especial da *Soul Music* dos anos de 1960/70, que muitos jovens começam a construção de um processo de identificação e consciência relacionada à questão racial. Além dos artistas que eram referência para uma geração, havia os bailes como possibilidade de organização política, pois era no seu interior que as informações eram trocadas através da panfletagem, da circulação de revistas e do trabalho de

conscientização realizado pelos *DJs* por meio dos microfones entre as sequências musicais. Essa referência musical ou “a moda da *Soul Music*” tem nos subúrbios cariocas espaços férteis de interlocução. Um de seus mais importantes fundadores é o *DJ* Filó, na época um jovem de vinte e quatro anos preocupado com as novas formas de elaboração da identidade negra voltadas especialmente para a juventude.

A festa do Filó era aos domingos à noite no Renascença e era um negócio emocionante. Hoje você pode ter um vislumbre do que é isso no baile charme [...]. Mas era um impacto muito maior porque era também uma novidade. No Rio de Janeiro reencontrei aquela coisa do Sul: um lugar que eram, praticamente, todos negros. Aí, poderia haver um ou outro branco, mas era um ambiente em que quem dava o tom eram, sem dúvida, os negros, com os cabelos afro, aquela afirmação de identidade negra, às vezes com coisas africanizadas. E o Filó, diferentemente de outras equipes de soul, era um dos poucos que tinha um trabalho racial consciente. Ele passava slides, por exemplo, com fotos de famílias negras, de crianças negras, e botava palavras como “estude e cresça”. Então era um negócio que trazia uma mensagem muito positiva (Depoimento de Carlos Alberto Medeiros ao CPDOC, 2007, pág. 83-4).

1.4 – O Charme: encontro de gerações e memórias

O Charme é uma manifestação cultural composta de diversos elementos que expressam a mundialização da cultura negra³⁴ estadunidense, um dos caminhos através do qual uma parcela de norte-americanos denunciou as formas desiguais de inserção naquela sociedade. É, no caso do Rio de Janeiro, o herdeiro direto do *Black Soul Rio*, ou seja, a continuação de um conjunto de ações políticas que envolveram determinados sujeitos e segmentos sociais cuja forma de organização e de protesto, por conta dessas mesmas desigualdades, se exterioriza no campo da cultura. Embora para muitos frequentadores seja confundido com um gênero ou estilo musical, a sua característica principal é ser um

³⁴ Quando falamos de cultura negra, pensamos, assim como Sansone (2003), em um conjunto de elementos e expressões com os quais um segmento específico da sociedade se identifica. Essa “particularização” não absolutiza nem isola tais expressões, apenas serve para marcar um espaço identitário que, por sua vez, é parte, assim como qualquer expressão cultural contemporânea, de um processo de mercantilização e de constante reconstrução da cultura em seu caráter absolutamente dinâmico em permanente movimento e os variados contatos dentro de um fluxo internacionalizante, mas com características locais.

movimento cultural³⁵ que ocorre em diversos bairros da cidade. Esses locais, que podem ser bares, clubes e festas, são espaços de socialização e de cultura que agregam a diversidade de sujeitos que se reúnem em torno da dança – com seus passos coreográficos bem marcados –, dos muitos estilos musicais que compõem a musicalidade negra, ou *Black Music*³⁶, como muitos preferem chamar. Foi mesmo através da cultura que começou um movimento ímpar de mobilização e conscientização dos indivíduos para a importância da luta pelos direitos civis em uma sociedade na qual os negros eram sujeitos de não direitos. No Brasil, essas lutas também ocorreram através dos muitos movimentos negros que, além da denúncia, iniciaram uma luta aparentemente sem fim por reconhecimento de seus direitos como cidadãos. Vários eventos políticos e culturais marcaram o início da organização desses movimentos em suas múltiplas manifestações. Nesse contexto, o Charme surge no início dos anos de 1980 como manifestação específica da cidade do Rio de Janeiro e sua importância deve-se, dentre outros aspectos, à capacidade de congregar diversos atores sociais através da música, da dança, da festa. Sendo assim, os gostos musicais e os cantores, por exemplo, podem servir de marcos referenciais e simbólicos, de lugares de memória. Podem estabelecer, com isso, relação entre os jovens e os adultos, uma vez que esses marcos constituem uma rede dialógica entre memórias e gerações.

Para alguns críticos, especialmente os militantes mais radicais dos movimentos negros, a musicalidade charmeira é considerada como resultado do processo de homogeneização de música e estilo que identificam a juventude negra dos anos de 1970 e 1980 e que marcam a construção de identidades referenciadas com e pela mundialização da cultura. Essa estética juvenil teve como alusão não só a musicalidade negra daquele período como também a reprodução e imitação dos trajes e estilos estampados, por exemplo, nas capas dos discos dos

³⁵ O Charme não é um estilo musical, mas um conjunto que o caracteriza como movimento musical e cultural específico da cidade do Rio de Janeiro e que incorpora diversas linguagens e estilos de músicas pop influenciadas pelo *Jazz* e/ou que incorporam elementos do *Gospel*, *Spiritual* e músicas de trabalho. Quase todas elas estão relacionadas ao público negro, como o *Funk Melody*, o *Soul* e o *Rhythm and Blues*. Entretanto, ressalto que a expressão aparece ao longo do texto como sinônimo de uma musicalidade específica, pois é desse modo que os frequentadores, os charmeiros, entendem e conhecem os estilos musicais. À exceção dos *DJs* e alguns poucos conhecedores, o público em geral classifica as músicas em apenas duas categorias: é ou não é Charme! Essa compreensão é compartilhada por todos os frequentadores dos bailes de Charme. Assim, é comum dizerem: eu escuto Charme; eu vou ao baile de Charme; eu sou charmeiro; eu danço Charme.

³⁶ Podemos considerar essa expressão como a síntese de “diversos temas que têm grande semelhança em sua base musical e que seguem as tendências da música negra, além de ser uma forma de protesto e relato sobre a vida das pessoas que habitam as periferias das grandes metrópoles” (Jornal E-Black, ano 1, 4ª edição, outubro, 2003). Dentro do senso comum dos frequentadores e demais pessoas que fazem a história do Charme, consideram como integrantes da *Black Music* todos os ritmos musicais provenientes da cultura negra americana, tais como o *Jazz*, *Soul*, *R&B* e *Godspel* (ou *Gospel*).

principais cantores e que serviam para marcar e dar visibilidade ao início de um movimento cultural pautado na popularização da música negra estadunidense somada à dança e ao vestuário. Sendo assim, o Charme é a expressão local de uma cultura negra internacional cuja força se concentra nas trocas simbólicas decorrentes da expansão e projeção da *Black Music* dos Estados Unidos, patrocinada, principalmente, pela indústria fonográfica e sua capacidade de distribuição de seus produtos em escala mundial.

Para a primeira geração do Charme, há um significado muito importante no fato de ter feito parte da juventude que vivenciou e ajudou a construir esse movimento cultural como continuação do movimento *Black Rio*. Foram jovens que viram nascer um movimento que poderia ser político na medida em que buscou, em determinado momento, retomar a questão da identidade negra, além da valorização da auto-estima ou até mesmo, para alguns, um movimento de cultura e de lazer sem maiores pretensões senão a de ser a possibilidade de diversão e extravasamento do trabalho semanal. Mesmo nesse caso ressalte-se a sua importância, pois organiza e torna-se espaço de elaboração de identidades, de estar junto a seus pares e ser reconhecido no grupo. Configura-se, também, em espaço educativo e de conscientização geracional.

Para os jovens que fazem parte hoje da segunda geração, ainda que o movimento permaneça como lugar de encontro, de identificação, há outras possibilidades marcadas principalmente por uma juventude com aspirações culturais – e, talvez, até mesmo sociais – potencializadas pelo *Hip Hop* como movimento juvenil cujos elementos constitutivos esses jovens carregam, o que pode produzir um importante processo de hibridização. Desse modo, os espaços de Charme se confirmam como lugares de encontros intergeracionais que, para além da dicotomia consenso/conflito, podem produzir relações educacionais e valorativas bastante expressivas para as distintas gerações compostas de jovens em diferentes tempos.

Independente da questão geracional, observa-se que para vários sujeitos presentes no movimento, há marcas históricas relacionadas à condição social e à raça. Entretanto, diferente dos anos de 1970, quando da criação dos movimentos negros e que utilizavam os bailes como espaços de conscientização, de politização da cultura, os bailes de hoje podem se caracterizar como possibilidade de organização coletiva, mas não o são no que diz respeito à conscientização política capaz de produzir formas de luta e de protesto contra essas condições materiais assinaladas pelas desigualdades. Os espaços de Charme são menos isso do que a possibilidade de não fazer frente à opressão, mas de transformá-los em lugares de encontro

despretensioso para ouvir música, dançar e restabelecer ou reafirmar laços de sociabilidades. Isso certamente não esvazia sua potencialidade aglutinadora cuja capacidade organizativa não se deve subestimar com discursos pontuados pela alienação decorrente da adesão de formas culturais importadas, por exemplo. Nesse sentido, aponto que a presença juvenil como elemento transformador do Charme possa produzir uma dimensão política no interior do movimento, ressignificando, com isso, a cultura musical e marcando a necessidade de novas propostas de políticas culturais. Para além da cultura popular juvenil mundializada, é através do *Hip Hop* que o movimento cultural do Charme pode ser não apenas um momento de lazer, mas de ação política que aponte caminhos para as mudanças nas condições sociais que ora se apresentam para grande parte dos charmeiros e dos jovens em especial. Para Sansone (2003), os jovens tendem a uma maior consciência das questões relacionadas ao racismo, por exemplo, assim como a assumir a sua negritude, principalmente entre aqueles de maior grau de instrução e de maior poder aquisitivo. É a capacidade organizativa, denunciadora e proponente que parte da juventude do *Hip Hop* desenvolveu que pode ensinar muito aos adultos do Charme. Em contrapartida, são os charmeiros sujeitos capazes de mostrar que as lutas podem ser travadas com mais leveza, suavidade e afeto.

1.4.1 – Algumas analogias e aproximações

Parece que a história se repete no cenário musical ao tentarmos fazer analogia entre o surgimento do *Rockn'roll* no início dos anos de 1960 – e que resultou no apagamento do *Jazz* – e o surgimento do *Funk* e *Hip Hop* nos anos de 1990 como fenômenos musicais e industriais que quase fizeram desaparecer o conjunto de ritmos e gêneros que compõem o *R&B* e que, no Rio de Janeiro, ficou batizado por Charme. Embora não seja um gênero ou estilo musical, é assim que seus frequentadores e adeptos se referem a determinados gêneros que compõem o conjunto da *Black Music* que está relacionado a esse movimento cultural e aos quais me referi anteriormente. Assim, *Soul*, *Swing*, *R&B*, *Jazz*, *Funk Melody* são alguns dos muitos estilos que compõem o universo musical *Black* sintetizado sob o guarda chuva denominado de Charme.

Da mesma maneira que os jovens migraram para o *Rock* nos anos de 1960, o fenômeno pareceu se repetir nos anos de 1990 com o *Funk*³⁷ e o *Hip Hop*. Desse modo, não havia jovens que dessem conta da renovação da *Black Music*, uma vez que não havia público consumidor e, como é sabido, em se tratando de música, este é composto quase sempre de jovens e que têm como uma de suas marcas a capacidade de renovação. Assim, o *R&B* constitui-se em ritmo de adultos que o construíram quando ainda eram jovens nos anos de 1970/80. Não é que ele tenha desaparecido, mas ficou restrito a determinados espaços e grupos sociais e etários. Há uma perda radical de espaço nas indústrias fonográfica e do espetáculo, sendo este ocupado rapidamente por cantores produzidos para o público jovem. O envelhecimento do público de *R&B*, assim como a não renovação através do surgimento de novos adeptos/consumidores, restringe o seu público, o que pareceu torná-lo inviável comercialmente. Se nos anos de 1980 os bailes eram organizados para cerca de seis mil pessoas, hoje eles não passam de algumas poucas centenas. A saída encontrada por alguns produtores é a organização de bailes e eventos nos quais seja possível ouvir tanto os *Flash Back*³⁸ dos anos oitenta e os *Mid Back*³⁹ dos anos de 1990 quanto o *Hip Hop* dos anos 2000. Nesse caso, parece haver espaço para uma boa convivência intergeracional. Entretanto, há bailes que preservam as músicas dos anos de 1980/90 e nos quais a presença de jovens é bastante reduzida. O contrário ocorre com o *Hip Hop*, pois há bailes em que somente é possível ouvir e dançar esse ritmo, o que faz com que o público seja esmagadoramente juvenil. O que está em jogo é, em larga escala, o poder da mídia e da indústria cultural que mundializou os gostos e, para muitos, homogeneizou a juventude, mas também as preferências musicais geracionais, além dos espaços identitários nos quais é possível encontrar o outro, o igual, apesar das marcantes diferenças, principalmente aquelas

³⁷ Os bailes *Funk* surgem, no Rio de Janeiro, durante os anos de 1980. Esse gênero musical carioca tem como base o *Miami Bass*, ritmo do sul dos EUA, cujas principais características são as batidas rápidas e compassadas que marcam a sonoridade criada através dos sintetizadores eletrônicos (BARBOSA, 2007).

³⁸ Eros Vinicius, um dos mais experientes charmeiros que conheci durante minhas andanças pelos bailes, explica que *Flash Back* são consideradas atualmente as músicas que iniciaram o movimento Charme no Rio de Janeiro. São músicas que datam do final dos anos de 1970 até meados dos anos de 1980. Como exemplo de grupos e músicas daquela época, ele destaca: *The Gap Band (early in the morning, you drop a bomb on me)*; *Armed Gang (are you ready)*; *Fatback Band (she's my shining star)*. Para ele, são músicas que, verdadeiramente, marcaram o começo do movimento no Rio de Janeiro.

³⁹ Eros considera que *Mid Back* são as músicas que surgiram em meados dos anos de 1980 até o final da década de 1990. Lembra que, nessa época, ouvia-se, e muito, o que chamamos de *Quietstorm*. Para isso, basta lembrar as músicas que tocavam no Cine Show Madureira, tais como *Take me where you want (Gerald Alston)* e *Just in time (The Controllers)*. Por fim, destaca que o *New Jack Swing*, ritmo criado pelos rapazes do *GUY* e caracterizado por uma batida mais rápida e mais contundente, também pode ser considerado *Mid Back*, embora tenha surgido em meados dos anos de 1990 e se tornando popular através do filme *New Jack City*.

relacionadas ao estilo. Assim, há jovens que não se identificam com o *Hip Hop* bem como há adultos que, em sua maioria, não toleram este ritmo e há outros que estão mais disponíveis às transformações que ocorrem no cenário musical *Black*.

O que está posto é a divisão clara entre música de adultos – o *R&B* – e música de jovem – o *Hip Hop*. Entretanto, essa divisão, em determinados momentos, não é tão clara assim. São fronteiras que se tangenciam com mais frequência do que se imagina, pois há muitos elementos que são apropriados indistintamente por ambos os estilos nas várias composições musicais. É possível identificar, assim como o *Fusion* que é o gênero produzido da fusão do *jazz* com o *Rock*, o surgimento de outro ritmo ainda não denominado, e que em outra ocasião eu chamei de *New Charme*, que é a composição de músicas do Charme com o *Hip Hop*. Nessa junção, há elementos vocais do Charme com uma base musical marcadamente característica do *Hip Hop* ou há elementos instrumentais e arranjos característicos do *R&B* com os vocais singulares do *Hip Hop*, com sua forma de cantar quase falada, enfaticamente pronunciada como todo bom *RAP* deve ser.

Para além da questão geracional, seus frequentadores são indivíduos de diferentes classes sociais e etnias⁴⁰ – embora o negro seja predominante – reunidos em torno de interesse comum, ou seja, o gosto pela *Black Music* cujo foco predominante é o *R&B*. Apesar das “diferenças nos estilos e visões de mundo que é uma característica das sociedades complexas” (VELHO, 2003, pág. 14), esse movimento possibilita a formação de grupos de “ação coletiva organizada, sustentada em [...] valores compartilhados” (idem) e ganha maior dimensão cultural através de uma linguagem musical e corporal que lhe garante identificação. Possui consistência cultural que é marcada por símbolos, por uma linguagem básica comum compartilhada pelos seus participantes. A aparente homogeneidade característica dos bailes – e principalmente das coreografias – esconde a “heterogeneidade sob o ponto de vista sociológico, quanto à estratificação social, faixas etárias, distribuição ocupacional, diversidade étnica, etc” (idem, pág. 17). Sendo assim, a dança pode ser um componente revelador das diferentes faixas etárias e grupos específicos, pois as coreografias, nesse caso, incorporam elementos próprios de outras expressões e estilos juvenis. Para Feixa (1998), “os estilos juvenis são considerados como intentos simbólicos elaborados pelos jovens das classes

⁴⁰ Vale destacar que, de acordo com Sansone (2003), étnico surge como um abrandamento substitutivo que oculta o estranhamento com que as expressões da cultura popular negra são vistas e interpretadas por diversos setores da sociedade. É um termo politicamente correto, assim como seus derivativos, para amenizar os possíveis conflitos e lutas contínuas contra a ocultação da diversidade e, principalmente, contra as desigualdades sociais que assolam a população negra neste país.

subalternas para abordar as contradições não resolvidas nas culturas parentais”, assim como formas de “resistência ritual aos sistemas de controle cultural impostos pelos grupos no poder” (pág. 75). Para além de expressar respostas à ordem dominante como símbolo de resistência, as identidades e culturas juvenis significam a luta pelo direito de existir, de ser jovem. Descobrir o que os estilos juvenis representam e resistem em ocultar podem, segundo Pais (2007), revelar “o desejo da simples existência” (pág.27).

A questão geracional nos bailes também pode ser observada através do tipo ou categoria de músicas que serão apresentadas e isso pode ser previamente sabido bastando verificar quais serão os *DJs* que estarão presentes naquela noite. Quando são bailes cuja predominância seja os *Flash Back* (músicas dos anos de 1980), é certo encontrarmos um público majoritariamente adulto, muito embora encontremos jovens, ainda que em minoria, que se identificam muito mais com a musicalidade daquele período. Nos eventos que são marcados pela presença de *DJs* cujo repertório é pontuado pelo *Hip Hop*, *New Jack* e *Modern R&B*, a presença dos jovens é muito maior, entretanto podemos encontrar adultos que acompanham as transformações pelas quais esse movimento vem passando e são mais permeáveis e tolerantes aos novos estilos musicais marcadamente juvenis. Desse modo, podemos observar territórios geracionais marcados não só pela música, mas pela presença dos *DJs* que são identificados e reconhecidos, pois seus nomes estão previamente relacionados aos estilos que darão a tônica nos bailes. Vale ressaltar que, independente da idade, há *DJs* antenados e híbridos, aqueles que apresentam qualquer estilo, pois este vai variar de acordo com o baile, o local e o público presente. Entretanto, essa divisão territorial não significa necessariamente choques ou conflitos geracionais, uma vez que há adultos e jovens que transitam nos vários espaços de Charme sem que sejam considerados estrangeiros ou *outsiders*.

Observa-se que os bailes marcados pelo *Flash Back* ou *Mid Back* transformam-se, para os adultos, em lugares de memória, em sessões de conversas que relembram os velhos tempos e que podem servir de aprendizagem, de conhecimento para os mais jovens interessados em saber mais a respeito de uma juventude que ainda sobrevive na memória dos adultos e que é presentificada pela música e mais fortemente pela dança, como é o caso das rodas de *Soul*. Esses bailes podem constituir-se em espaços de encontros entre o adulto que sabe que não é mais jovem, mas que, conhecedor do significado da juventude, pois já vivenciou a sua, pode ampliar a sua compreensão, seus afetos, sua tolerância com o jovem,

com aquele que tem o direito e o privilégio de viver sua juventude hoje, no seu tempo. Privilégio, pois pode aprender com aquele que, quando jovem e fundador do Charme, foi construindo esse movimento cultural que hoje se constitui em lugares de encontro de memórias, de trocas.

O Charme é uma forma de sociabilidade geracional que não possui elementos e símbolos das culturas juvenis urbanas atuais como marcas constitutivas e particulares desse movimento cultural. Esses símbolos são introduzidos pelos jovens através, principalmente, de elementos estéticos da cultura *Hip Hop* e que são difundidos mundialmente pelo mercado e pela mídia. Para Pais (2007), é através de representações que compõem os estilos visuais que os jovens assinalam a sua presença através da diferença. Essa mesma diferença pode revelar a diversidade de estilos e identidades bem como as desigualdades sociais que podem estar expressas na caracterização do estilo à moda do possível. Dito de outra maneira, as condições sociais e materiais são reveladas pela apropriação ou adaptação dos elementos constitutivos do estilo ou mesmo a substituição por semelhança, ou seja, uma espécie de arremedo, de *estilização do estilo*. Nesse caso, o *parecer* está relacionado com o *ser* para se sentir inserido ou mesmo incluído.

Para muitos charmeiros adultos – mais conhecidos como *cascudos*⁴¹ –, essa presença simbolizada pela invasão de estilos representa a descaracterização e *perda da origem* do movimento. A diferença pode acirrar também o preconceito com as expressões juvenis, além de permitir rotulações e etiquetas que contribuem para a homogeneização dos sujeitos juvenis em subgrupos para os quais adjetivações pejorativas constituem-se em marcas identificadoras de uma suposta unidade geracional. Afinal, “os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não reflectem apenas a realidade, ajudam-na também a instituir-se como uma idealização ou ficção social” (PAIS, 2007, pág. 4). Desse modo, Pais considera que “a decifração do conceito de juventude passa pelo desvendar das representações que, através de sucessivas adjetivações, fazem da juventude uma realidade mascarada, por vezes uma ficção ou até mesmo um mito” (pág. 3). Segundo ele, compreender e questionar essas “realidades representacionais, discursivas, mitificadas possibilita a constituição de uma sociologia crítica das juventudes impossibilitando desse modo que conceitos possam ser confundidos com

⁴¹Expressão usada para identificar os charmeiros adultos, os mais velhos, que geralmente acompanham os bailes de Charme desde o seu início, nos anos de 1980.

preconceitos” (pág. 4). Essa compreensão me parece bastante pertinente para orientar o pesquisador em suas análises, pois não só possibilita uma postura crítica da realidade como também produz a distância necessária para que não seja envolvido pelo discurso sedutor e muitas vezes convincente produzido pelo entrevistado e que pode resultar apenas do olhar e de suas representações que conformam a sua realidade ou são produzidas por ela.

Em relação ao *Funk*, este se desenvolve a partir de sua expressão como música de um determinado segmento social e que é rapidamente apropriado e transformado em produto de consumo pela indústria de entretenimento que percebe nesse estilo um importante meio de massificação cultural. Nesse rastro, ocorre um processo de profissionalização de cantores e cantoras oriundos, em sua maioria, das classes pobres bem como o aumento do número de produtores, *DJs*, *MCs* e de gravações de *CDs* e *DVDs*. Tornam-se, desse modo, profissionais que se ocupam e passam a viver de música, pois há um público capaz de consumir *Funk* como música popular urbana.

O mesmo não acontece atualmente com as músicas que fazem parte do movimento cultural do Charme, uma vez que este não produz um gênero musical específico, particular, mas se alimenta dos diversos gêneros musicais e estilos que compõem a *Black Music*. A exceção é para o *Hip Hop* e que pode ser apontado como saída para a crise de estagnação que parece tomar conta daquele movimento. Essa questão nos permite refletir a respeito do papel da juventude no Charme.

Os jovens que frequentam os espaços de Charme geralmente o fazem em companhia de adultos, familiares e isso parece funcionar como um cartão de visitas. Apesar da retração observada atualmente através da quase ausência dos grandes bailes que marcaram os tempos gloriosos dos anos de 1980 e 1990, é possível notar uma espécie de culto a esses mesmos tempos, uma forte relação com a memória, não como mobilizadora de experiência, mas relacionada a um certo aprisionamento ao passado e que é expresso pela maioria dos adultos em uma espécie de jargão-síntese, a “saudade dos bons tempos”. Por outro lado, essa esfera cultural baseada na lembrança, nos “lugares de memória” representados pela música, pela dança e pela tentativa de resgate dos bailes – e de tudo o que estes puderam proporcionar – parece servir de pano de fundo para muitos jovens compreenderem o seu espaço nas comunidades de afeto, na família. Creio que esse contexto, esse universo cultural deve influenciar, dentre outras coisas, a construção das identidades juvenis, nas suas escolhas musicais, nos seus gostos e valores pessoais.

Conforme foi dito, para muitos *cascudos* a presença juvenil pode ser vista como ameaça à continuidade em função do seu potencial transformador ao introduzir elementos hibridizadores e que ressignificam a cultura charmeira. Reproduzem, dessa forma, as relações intergeracionais experimentadas pelos jovens dos anos de 1980, quando do surgimento do Charme, ao serem apontados como responsáveis pela derrocada do movimento *Soul*. Parece haver uma espécie de apagamento da memória ou desconhecimento do período de transição do *Soul*, cujos filhos mais famosos são o *Funk* e o Charme. Pode ser, também, o resultado da compreensão de que é um movimento que permite a interseção dos distintos universos geracionais. Nesse caso, torna-se um espaço de encontro e comunicação de diferentes experiências em constante negociação. Essas diferenças podem determinar uma rede de significados através da linguagem comum que produz e é produzida por essa mesma rede e que tem a cultura como expressão. Assim, cultura e linguagem interagem continuamente na constituição e negociação da realidade.

Nesse contexto, importa destacar que o *Hip Hop* traz hoje para o cenário da *Black Music* outras expressões juvenis que se traduzem não só na musicalidade como também nos elementos coreográficos e, principalmente, nas identidades marcadas pelo vestuário, o que me parece, guardadas as características temporais e históricas, ser o mesmo processo desencadeado pela juventude dos anos de 1970 ao aderir ao movimento *Black Soul*. Hanchard (2001) destaca que

Afluência de brasileiros negros com penteados afro, sapatos de salto alto e outros elementos reificados da experiência negra norte-americana, durante esse período, causou uma certa dissonância entre muitas das figuras de destaque do clube. Isso se deveu, em parte, às diferenças de geração entre os participantes do *Black Soul* e a pequena burguesia negra que dominava o Renascença (pág. 136).

Da mesma maneira que aqueles, os jovens de hoje enfrentam dificuldades de aceitação por parte de alguns adultos que, ainda que não façam parte de nenhuma burguesia, encontram na possibilidade de descaracterização do Charme e seu consequente desaparecimento ou transformação um pretexto para encobrir a disputa por espaços de poder, o adiamento quase inevitável da passagem do bastão. Esses mesmos adultos fazem parte de uma geração que,

quando jovens, receberam esse bastão para assumir seus lugares no processo de identificação coletiva cuja referência é a cultura negra em movimento.

1.5 – Expressões juvenis e movimentos culturais

A história recente pode ser conhecida e contada a partir das distintas expressões das culturas juvenis manifestadas em cada período. São marcas das mudanças sociais experimentadas pelo conjunto da sociedade, mas que têm encontrado nos jovens formas particulares de ser interpretadas. As mudanças nas formas de vida, alterações de normas e valores presentes em diferentes sociedades estiveram estampadas pelas culturas juvenis no espaço público. A análise dos diversos movimentos culturais juvenis realizada por Feixa (2004) mostra que, longe da adesão a formas tradicionais de participação na política – talvez a exceção fique por conta dos movimentos estudantis dos anos de 1960 que ocorreram em diversas partes do mundo –, os jovens, em cada época e por distintas expressões e adesões, não só permanecem denunciando as questões políticas e sociais como se posicionam frente às questões ideológicas e excludentes através da cultura como forma de fazer política. São gerações marcadas por traços de uma mesma identidade juvenil unidas por tramas culturais expressas por múltiplas linguagens e formas estéticas de se relacionar com o político. Se os anos de 1950 ficaram marcados como os anos juvenis pautados pela rebeldia, por exemplo, foi na década de 1960 que os jovens deram início a uma revolução cultural que desencadeou um movimento de transformação da dinâmica de funcionamento do mundo ocidental (PUJOL, 2003).

Embora o *Charme* possa não ser reconhecido como uma dessas expressões juvenis atuais, é um desdobramento de um dos aspectos da cultura negra dos anos de 1970 cuja marca predominante era o *Soul*. Esse estilo, por sua vez, expressa a cultura de uma juventude negra daquele período, podendo, desse modo, ser um elemento importante para a recuperação da história a partir de uma expressão cultural particular de jovens negros. Hoje, o *Charme* está relacionado à cultura musical dos adultos. Entretanto, está impregnado da presença desses jovens, pois constitui-se em um dos poucos espaços nos quais estes podem se sentir entre iguais, distantes dos olhos do preconceito e da discriminação. Essa presença carrega consigo a quase inevitável fusão do *Hip Hop* – uma das mais importantes expressões da cultura juvenil

presentes no cenário internacional na atualidade – com a musicalidade negra dos últimos quarenta anos alterando o contexto das relações sociais e comportamentos observados nos espaços charmeiros. São nesses espaços que eles expressam suas questões específicas pautadas pelo preconceito e colocadas politicamente ao denunciarem as formas pelas quais a exclusão e a desigualdade que marcam suas vidas devem ser combatidas. Assim, é através da cultura que se observa a participação juvenil na cena política e que se expressa das mais variadas maneiras, seja pela estética, pelo estilo ou pela espetacularização, como formas de dar visibilidade às suas demandas características.

Ao analisar os aspectos estruturantes que deram origem ao movimento negro no Rio de Janeiro e em São Paulo, Hanchard (2001) apresenta algumas questões que, se naquele contexto eram centrais, ainda estão postas para a juventude que participa do movimento *Hip Hop* como espaço de luta por questões voltadas não só a esse segmento social, mas também aos negros em especial. O autor adverte para a necessidade de um vínculo que aproxime as práticas culturais afro-descendentes das atividades políticas e, com isso, ampliem e aprofundem a discussão das questões específicas do negro brasileiro. Considera que, para o movimento negro, o desafio que está posto “é a unificação da cultura com a política e, o que é mais importante, a diferenciação da cultura como folclore e a cultura como base valorativa da atividade ético-política” (pág. 122). Desse modo será possível caracterizar os movimentos negros como movimentos sociais cujas formas de organização política se constituam através da cultura como importante referencial para as práticas de ação coletiva que não estejam relacionadas apenas aos tradicionais focos criadores desses movimentos, quer sejam os partidos, sindicatos ou cooperativas. Falta, segundo ele, a seus ativistas a compreensão da potencialidade organizativa através da valorização e expansão das práticas empreendidas como lugares possíveis de concretização da “micropolítica da representação cultural” (idem, pág. 122).

Os jovens, ainda que compreendidos em sua heterogenidade, mas com enorme potencialidade organizativa de práticas de ação coletiva, compõem o segmento social capaz de alterar significativamente as relações sociais com os grupos que os antecederam, ou seja, os adultos e os mais velhos. São eles capazes de reatar os fios que possibilitam tecer uma rede de sociabilidades que envolvem gerações aparentemente extremas, tornando possível, desse modo, a continuidade dos movimentos culturais.

1.5.1 – Culturas juvenis e cidadania

Existe a necessidade de ampliarmos a discussão sobre as culturas juvenis para além do consumo e das expressões relacionadas, por exemplo, à música e à estética corporal, como é o caso do *Hip Hop*. Culturas juvenis envolvem também os diversos grupos ligados à cultura da participação em suas múltiplas possibilidades. É preciso ter certo cuidado com os discursos homogeneizadores das expressões culturais desse segmento social que parecem ter a intenção de apagar ou esvaziar a importância e o significado da participação da juventude na agenda política. Achar que o jovem é, quando muito, apenas consumidor e produtor de cultura é negar o seu potencial participativo e transformador das relações sociais que carecem de um compromisso político que pode ser construído na militância dos grupos juvenis, ainda que seja através da cultura e sua dimensão política ou ainda de políticas de cultura. Nesse contexto, Carrano e Brenner (2008) nos lembram que “foram os grupos culturais juvenis, notadamente os grupos musicais formados por jovens negros e jovens negras, que deram visibilidade a graves problemas sociais vividos por moradores de espaços populares das cidades brasileiras” (pág. 67). Para além do individualismo – um dos marcos constituintes das identidades nas sociedades complexas – os grupos juvenis parecem apontar para novas/outras sociabilidades que recuperam, em certo sentido, a questão da coletividade organizativa de processos que contribuem para a “cidadania cultural” (REGUILLO, 2000).

É o consumo mundializado, assim como a cultura e a comunicação globalizada, que Canevacci⁴² considera como espaços pelos quais os jovens constroem outros códigos linguísticos que desafiam e propõem a transformação desses espaços e de outros códigos. Além disso, questionam e pressionam a transformação das instituições políticas. Esse movimento, segundo ele, caminha “na direção de uma progressiva libertação pluralizada” que propõe o rompimento com a “monológica adulta”. Para além dessa lógica que lê o mundo de forma unilateral, sem a presença e participação juvenis em sua constituição, os jovens propõem mudanças que são expressas através de “códigos linguísticos e lógicos diferentes”, ou aquilo que o autor chama de “multilógica”. Uma lógica que incorpora a diversidade, que

⁴²Essa referência é resultado de uma entrevista concedida por Massimo Canevatti através de correio eletrônico ao IHU da UNISINOS em agosto de 2003.

supera a lógica binária adulta, mas que acima de tudo incorpora e expressa a pluralidade de pensamento bem como o caráter híbrido e fluido das identidades juvenis.

O debate sobre a questão da cidadania é constantemente evidenciado na medida em que diversos grupos sociais não se reconhecem como sujeitos de direitos ou que estão precariamente usufruindo desses direitos. Rossana Reguillo pondera que a cidadania precária é fruto de uma crise sociopolítica que passa necessariamente pela “incapacidade de um modelo de sociedade em não incorporar a diferença, sem convertê-la em desigualdade” (2000, pág.145). Assim, a cidadania cultural expressa o direito à cidadania pelo caminho das distintas expressões culturais próprias dos diversos grupos sociais e culturais nos quais os jovens estão inseridos. Sem a intenção de tomar o poder, o que esses grupos propõem são formas distintas do exercício do poder que garantam ou pelo menos apontem para repensar a cidadania como prática ativa de todos. É pelo viés da cultura que os jovens ganham visibilidade, expressam e denunciam as múltiplas formas de exclusão, mas apontam para estratégias de participação e organização dos espaços sociais e políticos.

Para além das dimensões civil, social e política estabelecidas por Marshall (1967), a autora indica que a cidadania cultural surge como a quarta dimensão da cidadania que se consolida como direito desde a diferença e que incorpora os vários movimentos sociais no projeto de sociedade que aponte para formas distintas de exercício do poder e que contemple inclusive os jovens. A não inserção dos grupos juvenis em projetos políticos tradicionais, assim como as formas instituídas de fazer política⁴³, fazem com que muitos acreditem que a maioria desses grupos seja desprovida de projetos específicos. Entretanto, Reguillo observa que diversos estudos têm mostrado que os jovens têm encontrado na cultura uma forte possibilidade de “revalorização do político” (2000, pág. 43) através da produção autônoma de expressões culturais realizadas em espaços distantes dos olhos e do controle dos poderes constituídos e institucionalizados. Essas expressões potencializadas pela organização e pertencimento aos distintos grupos são manifestações de participação e atuação política não institucionalizada em decorrência da ausência de espaços inclusivos para os jovens em uma sociedade na qual as instituições parecem dar provas de sua progressiva debilidade, uma vez que cumprem cada vez menos seu papel integrador e onde a própria estrutura social e econômica aponta para o descrédito. É essa mesma sociedade que acredita que não são as condições materiais, a crise institucional e o modelo econômico perversamente excludente

⁴³ “A política não é um sistema rígido de normas para os jovens, mas uma rede variável de crenças, uma bricolagem de formas e estilos de vida, estreitamente vinculado à cultura” (REGUILLO, 2000, pág. 43).

que geram, dentre outras marcas, a violência. Esta é posta como inerente à juventude transgressora, de suas práticas e manifestações culturais que rompem com a ordem estabelecida. Sendo assim, não seria a sociedade que geraria a violência juvenil, mas a juventude que geraria a violência social.

Os jovens são capazes de apontar novos sentidos para o mundo social através da organização de práticas e normas distintas das maneiras tradicionais de fazer política. São apontados por Mannheim (1968) como catalizadores das potencialidades criativas bem como se revelam capazes de constituir espaços significativos de integração de pensamentos, emoções e sentimentos. O encontro de iguais, ainda que respeitadas as suas diferenças e individualidades, contribui preponderantemente para a mobilização de energias coletivas importantes geradoras de ações que podem ampliar a visibilidade da função social e do papel desses grupos e, em última análise, da própria juventude. Ao se reunirem através de interesses comuns mobilizados pelas expressões culturais, por exemplo, recuperam a possibilidade de superar a atomização e o discurso do individualismo, pois constroem espaços de solidariedade e de interesses coletivos, de comunidade. Desse modo, é necessário “pensar a cultura política profundamente imbricada nos sentidos sociais da vida” (REGUILLO, 2000, pág. 138) e redimensionada nas formas de expressão das culturas juvenis que nem sempre são visíveis e tampouco produzem respostas previsíveis.

Ao analisar as formas de participação juvenil na vida pública, tendo como referência importantes pesquisas realizadas no Brasil⁴⁴, Carrano e Brenner (2008) observam que não há desinteresse desses jovens em participar, mas são as alterações que reconfiguram a sociedade que modificam e “interferem nas motivações e condições objetivas que favorecem ou inibem processos de participação” (pág. 66). Segundo os autores,

Os jovens, evidentemente não todos, mantêm a motivação para a participação, porém, é um número reduzido que se encontra disposto a fazê-lo em espaços tradicionais e institucionalizados e também em torno de propostas cujos significados não dialogam com as contemporâneas condições de vivência do tempo da juventude. Um dos traços característicos da vida juvenil, hoje, vem a ser o maior campo de autonomia que os jovens possuem frente aos adultos e às instituições, e a capacidade que diferentes

⁴⁴ Dentre elas, os autores citam Instituto Cidadania, 2003; Ação Educativa, 2003; IBASE/POLIS, 2005; Santos Junior, 2004; UNESCO, 2005 (pág. 66).

coletivos de jovens têm demonstrado na invenção de novos espaços-tempos de participação (idem).

Essa relação espaço-temporal traduz não só a reconfiguração dos territórios como lugares de práticas sociais cidadãs nas quais a cultura serve de eixo aglutinador das diferenças excluídas como serve também para denunciar os mecanismos dessa exclusão e que são resultado da crise sociopolítica em que se encontra a sociedade, que, por sua vez, faz com que as promessas de direitos para todos não se cumpram. Esses territórios ressignificados – a rua, a esquina, o bairro – ganham uma dimensão geopolítica para além daqueles espaços tradicionalmente organizados para práticas políticas institucionalizadas. Se esses mesmos territórios são ocupados como espaços coletivos de expressões culturais, de denúncia ou protesto, são, por outro lado, caracterizados como espaços de produção política de ações e respostas aos processos de exclusão e invisibilidade, lugares de encontro e de tornarem visíveis outras formas de pensar a questão da cidadania, ainda que em uma dimensão restrita. Sendo assim, a visibilidade torna-se uma nova estratégia política que não só “modifica as relações com o espaço público” como ainda “assinala a transformação dos modos de fazer política” (REGUILLO, 2000, pág. 148). Os invisíveis, ao ganharem espaços de visibilidade, denunciam os inviáveis. A relação entre expressividades juvenis e a visibilidade delas decorrentes são compartilhadas por Carrano e Brenner (2008) ao assegurarem que

[...] é em torno de suas manifestações individuais e coletivas que se configuram as mais marcantes representações sobre o ser jovem na contemporaneidade. São os jovens envolvidos com tais práticas que possuem maior visibilidade na esfera pública e que orientam a busca ou produção de sentidos simbólicos, estilos, identidades coletivas e atitudes sociais compartilhadas (pág. 67).

Esses jovens, embora não sejam maioria dentre todos aqueles apontados nas pesquisas recentes, constituem-se em um grande contingente dos indivíduos que não cabem no modelo sociopolítico da modernidade, são pessoas com cidadania incompleta. É pela via da culturalização da política, pela qual as diferentes ações e formas de participação e de propostas e projetos apontam para a superação das formas tradicionais de fazer política profissional, que a cidadania cultural se coloca como possibilidade para todos. Nesse sentido,

a visibilidade das culturas juvenis nos revela “que os jovens, ainda que de maneira balbuciante, estão inaugurando “novos” lugares de participação, novos lugares de enunciação, novos lugares de comunicação” (REGUILLO, pág. 149).

CAPÍTULO 2

Jovens no Charme: do grupo aos sujeitos

A necessidade de identificar os vários tipos de jovens encontrados⁴⁵ nos bailes de Charme exigiu maior trânsito pelos diversos territórios no sentido de, através da observação participante, identificar e estabelecer contato com esses sujeitos. Esta, juntamente com a aplicação de um questionário contendo questões gerais, teve o caráter exploratório e ajudou a selecionar aqueles que participariam de entrevistas aprofundadas nas quais responderiam às mesmas questões levantadas na pesquisa. Nesse questionário buscou-se saber as principais características gerais dos jovens e de seus familiares. As perguntas semi-estruturadas permitiram destacar a escolaridade, a relação com o mundo do trabalho, a renda pessoal e familiar e local de moradia, assim como seus primeiros contatos com o baile e seus gostos. Esses dois últimos aspectos ganham destaque na medida em que podem estar mais intimamente relacionados à questão da memória e intergeracionalidade, aspectos considerados fundamentais para a elaboração do trabalho. Nesse sentido, houve o interesse particular em ouvir tipos diferentes de jovens, quer sejam o herdeiro, ou seja, aquele cujos pais são charmeiros e, no outro extremo, aquele que aderiu ao movimento cultural desprovido de referências familiares. No espaço existente entre esses dois extremos interessou também ouvir jovens que tivessem apenas o pai charmeiro e outros que tivessem apenas a mãe como uma referência importante na cultura da *Black Music*.

O fato de já terem sido efetuadas outras entradas em diversos bailes, nos quais eu pude estar presente desprovido do olhar de pesquisador, pode representar maior facilidade para a aplicação dos questionários. Ou seja, a minha frequência como charmeiro durante esses muitos anos pode ser entendida como um elemento facilitador para as necessárias abordagens, entrevistas e pesquisas. Afinal, parece que sou uma pessoa conhecida da grande maioria dos participantes e, de certa forma, o campo de pesquisa pode parecer bastante familiar. Sabe-se que o distanciamento é necessário para que o pesquisador se afaste a ponto de descomprometer o próprio olhar analítico. Ainda assim, permanecem parcialidades.

⁴⁵ As referências serão apresentadas no masculino sem que isso indique a colocação da questão de gênero em posição secundária. Servirá apenas para facilitar a leitura do texto, assim como serviu para a escrita. Portanto, jovem refere-se aos jovens e às jovens que participaram tanto do preenchimento dos questionários quanto das conversas gravadas.

Algumas certezas podem ir por terra dependendo, principalmente, do território e do tipo de jovem com o qual se pretende conversar. Talvez essas certezas, essa aparente facilidade, devam ser relativizadas quando o espaço e o tempo de lazer, de socialização dos jovens são invadidos pela possibilidade de algumas tarefas representarem trabalho que não fazem parte do contexto dos bailes. O que parecia fácil, uma atividade tranquila de ser realizada, apresentou-se como algo um tanto complicado logo nas primeiras abordagens para a aplicação dos questionários. Além das situações descritas a seguir, é preciso levar em consideração algumas outras dificuldades para aplicação dos questionários que vão desde a abordagem à predisposição desses mesmos jovens em preenchê-los. Nesse contexto, vale ressaltar a baixa luminosidade característica da maioria dos bailes – para muitos jovens esse aspecto serviu como pretexto para não colaborar –, o volume das caixas de som – por vezes impediu que alguns não entendessem o objetivo dos questionários – e a ausência de local apropriado para o preenchimento dos mesmos – o que fez com que os entrevistados tivessem que se deslocar para fora do baile ou se distanciar do grupo de amigos, além de ter que parar de dançar, como foi o caso do baile do Estudantina, por exemplo.

Às sextas-feiras acontece no bairro de Osvaldo Cruz, subúrbio da Central do Brasil, um *Happy Hour* que inicialmente era organizado em um botequim de esquina e que deu nome ao encontro – Varandão do Charme⁴⁶. Esse é mais um daqueles mistérios que acontecem na noite carioca, pois, de um dia para o outro, um local quase abandonado passa a receber cerca de quinhentas pessoas que se aglomeram no interior e na varanda do bar, assim como nas calçadas e rua em frente. Por problemas de documentação e a não autorização da prefeitura para a sua realização, o evento foi recentemente transferido para o Mania de Bola. Trata-se de um campo de grama sintética, desses muitos que surgiram pela cidade, em substituição aos campos de várzea que foram desaparecendo, principalmente nos subúrbios, por conta da especulação imobiliária, da explosão demográfica e pela ausência de planejamento urbano. Nesse local, é possível encontrar uma boa estrutura para a realização do baile, pois possui bar, mesas, área coberta e banheiros, uma boa área descoberta onde se concentra a maioria das pessoas presentes. Foi nesse espaço que me instalei juntamente com alguns amigos e de onde eu poderia me colocar em uma posição que acreditava ser privilegiada e estratégica para identificar os jovens presentes e, dentre estes, os sujeitos dispostos ao preenchimento dos questionários.

⁴⁶ Recentemente, esse evento voltou a ser realizado com outros *DJs* residentes. Estes alteraram a proposta musical e passaram a privilegiar o *Flask Back* e o *Mid Back*.

Havia duas jovens em uma mesa mais afastada, próxima à churrasqueira, com as quais foi estabelecido o primeiro contato para a posterior aplicação do questionário. Pedi licença, as cumprimentei e apresentei-me como pesquisador. Esclareci rapidamente o objetivo do questionário e, ao perguntar a idade delas, houve uma reação, no mínimo, curiosa. Imediatamente, as duas jovens recusaram-se não só a revelar suas idades, assim como a continuar a conversa ou até mesmo a colaborar com o trabalho. Confesso que fiquei desapontado e, rapidamente, retomei a conversa pedindo desculpas e destacando a importância da participação delas. Uma das jovens falou-me secamente que eu precisaria repensar e melhorar a maneira de abordar as pessoas, pois “perguntar a idade de uma mulher é quase uma ofensa”. Eu, que pensei que isso tinha acabado ou que somente acontecia entre as ‘balzaquianas’ e ‘quarentonas’, pude observar que estava plenamente equivocado, que esse tabu permanece atualizado. Deixei claro que as estava considerando jovens apenas pela aparência, mas que havia uma faixa etária dentro da qual a maioria das pesquisas considera uma pessoa jovem.

Sendo assim, apenas uma delas se propôs a preencher o questionário, já que a outra afirmou estar além dos limites etários a que eu me referi. Enquanto eu aguardava o preenchimento do questionário, continuei a conversa com essa não jovem – embora para mim fosse – sobre diversos assuntos e pude saber que se tratava de uma profissional de química industrial com grande interesse em pesquisa e no prosseguimento de seus estudos. Mesmo após a devolução do questionário por sua amiga, nós prosseguimos a conversa por algum tempo. Por fim, agradei a colaboração e retornei ao meu posto de observação onde os amigos me aguardavam.

A outra experiência que vivenciei ocorreu nessa mesma noite com um casal que estava próximo à nossa mesa. Ainda abalado com a forma de abordagem e o diálogo inicial da primeira entrevista, eu quis repensar outra forma de aproximação. Desse modo, cumprimentei o casal e identifiquei-me como pesquisador. Procurei fornecer a ele todas as informações pessoais necessárias, assim como os esclarecimentos a respeito da pesquisa. Dessa vez, como o meu único critério de escolha estava relacionado à aparência, às marcas identitárias juvenis – o que, no caso do Charme, nem sempre é tão visível – não fiz referência à questão da idade. Optei por permitir o preenchimento e, posteriormente, ao analisar os questionários, desconsideraria aqueles que estivessem fora da faixa etária alvo da pesquisa. No caso desse casal, houve algumas dificuldades com as quais eu não esperava deparar. Ao fazer referência

ao questionário, a jovem colocou-se frontalmente contrária ao seu preenchimento naquele momento e naquele local. Ponderou que ali era um local de diversão e não de trabalho e convenceu o namorado a não preenchê-lo também, embora ele tenha se disposto a fazê-lo em um local mais claro. Vale ressaltar que a iluminação e o barulho das músicas constituem fatores importantes que dificultam a realização das pesquisas nos bailes de Charme. Em decorrência disso, a jovem propôs preencher o questionário em casa e a devolvê-lo na semana seguinte. Como não tinha outra saída, eu concordei com a proposta, mesmo sabendo do risco de não tê-los de volta. Ao entregar os questionários, ela perguntou-me qual era a idade para ser considerada jovem e eu respondi, o que a fez devolver o questionário sob protestos. Considerou um absurdo a pesquisa somente envolver jovens e que deveria também saber a opinião dos adultos, pois, além de serem maioria no baile, teriam muito mais a dizer sobre o Charme. Mesmo eu esclarecendo os objetivos da pesquisa e finalidade do questionário, além de argumentar sobre a questão que ela acabara de reforçar, ou seja, a pouca presença juvenil, a jovem mostrou certa indignação e até mesmo indelicadeza no seu discurso, o que provocou constrangimento para o jovem, seu namorado. Agradei pela compreensão e ficamos de nos encontrar na semana seguinte para a entrega do questionário, o que não aconteceu, pois o casal não compareceu.

Embora as questões metodológicas da pesquisa de campo, do domínio prévio dos instrumentos utilizados, das formas de abordagem e diálogos sejam fundamentais para o trabalho do pesquisador, este não deve sentir-se protegido e seguro suficientemente a ponto de acreditar que todo o processo será coberto de êxito e sucesso. São situações inusitadas como as descritas acima, assim como outras não descritas e delimitadas pelos vários referenciais e técnicas metodológicas que, se por um lado podem desestabilizar as certezas prévias do pesquisador, por outro representam a novidade, o desconhecido, o não controlável. Eles nos ensinam muito mais, pois significam o prazer pela pesquisa e o estímulo à experimentação, às mudanças necessárias e decorrentes das (im)possibilidades de categorizações à priori dos sujeitos e situações distintas que o campo nos oferece. Ir a campo munido das várias teorias ou de uma em particular é importante tal qual uma lanterna numa noite escura. Mas, assim como a teoria, a lanterna não serve como arma para todas as situações inovadoras e desconhecidas que o escuro pode nos reservar, além de iluminar apenas uma pequena parte do todo que é a escuridão. Teorias e métodos são somente focos luminosos que podem nos guiar na escuridão do desconhecido. O desvendamento e a descoberta das distintas formas de lidar e

interpretar à posteriori com o desconhecido à luz dos referenciais teóricos colocam-se como desafio prazeroso para o desenvolvimento do trabalho do pesquisador.

2.1 – Análise dos questionários

Dos cinquenta questionários distribuídos, foram considerados quarenta e dois questionários dentre os que retornaram suas respostas, uma vez que houve um deles que foi preenchido por um adulto de quarenta e quatro anos. Longe de se caracterizar como amostragem probabilística sobre os jovens participantes, considera-se que esse número não dá conta de se constituir em uma análise quantitativa dentro dos referenciais estatísticos empregados em pesquisas dessa natureza, mas serve de subsídio na exploração da diversidade de jovens no movimento charmeiro. Por conta disso, a aplicação foi realizada em bailes cuja presença de jovens não seja quase que exclusiva, como nos bailes onde predomina o *Hip Hop*, mas nos espaços em que a presença de adultos se dê em decorrência do repertório variado, não privilegiando, desse modo, um único estilo musical nem tampouco permitindo que este ou os *DJs* convidados⁴⁷ determinem a faixa etária do público presente. Contudo, vale ressaltar que houve a predominância dos bailes de *Flash Back*, uma vez que o tipo de música apresentado remete à questão da memória e das lembranças dos tempos de juventude da maioria dos adultos presentes e não estava relacionado ao universo juvenil atual. Sendo assim, foi selecionado o *Nostalgia Black*, também conhecido como o *Flash Back* do Viaduto, um baile que era realizado às sextas-feiras sob o viaduto de Madureira, mesmo local onde, aos sábados, centenas de jovens encontram-se ainda hoje para ouvir e dançar “o melhor do *Hip Hop*”. O baile da sexta-feira, como era de se esperar, concentrava um público mais adulto, porém a presença de jovens era cada vez maior. Sendo assim, aquele me pareceu um local intergeracional importante para observar esses jovens assim como compreender suas escolhas musicais, que passam pela musicalidade dos anos de 1970/80. Em quatro entradas distintas, foi possível aplicar vinte e um questionários, ou seja, a metade dos que foram utilizados na análise do conjunto.

⁴⁷ É sabido que, em função do seu repertório musical, do seu estilo, o *DJ* pode representar uma identificação do público, o que resulta na determinação da faixa etária predominante. Assim, *Flash Back* está relacionado aos adultos e *New Jack* identifica a maioria jovem.

Além da aplicação direta durante os bailes, o que ainda assim não garantiu que todos estariam dispostos a preencher e/ ou devolver – como foram alguns casos em que respondentes levaram para preencher em casa e não devolveram –, houve o envio de seis questionários através da internet e apenas quatro voltaram preenchidos. Todos foram aplicados a vinte jovens do sexo feminino e a vinte e um do sexo masculino cuja faixa etária variou entre quinze e trinta e um anos⁴⁸. Embora não fizesse parte de uma estratégia metodológica, há pelo menos um questionário para cada idade compreendida nessa faixa. Além disso, não há predominância de entrevistados em uma idade específica, sendo três a maior concentração observada em algumas idades.

Vale ressaltar que, mais do que uma análise, esse texto se constitui na apresentação de alguns dados relacionados a um universo juvenil particular que apontam alguns aspectos que possam indicar a diversidade dos seus sujeitos bem como as características mais marcantes apontadas pelo questionário. Certamente que não representam a totalidade desse universo, mas podem assinalar algumas peculiaridades observáveis na juventude charmeira, cujas particularidades nada mais são do que um recorte da realidade em que estão mergulhados os jovens em geral. Certamente que estas estão relacionadas a aspectos que aproximam gostos culturais, além de evidenciar as desigualdades sociais marcadas por uma fase da vida na qual a condição juvenil está orientada principalmente pela origem socioeconômica desses indivíduos. Do mesmo modo, as suas trajetórias são desenhadas de forma irregular em função dos distintos capitais simbólicos a que têm acesso, assim como as inconstâncias observadas no processo de transição para a vida adulta.

2.1.1 – Características dos Jovens charmeiros

Os dados levantados nos questionários foram analisados no sentido de ajudar na caracterização dos jovens e, em função disso, selecionar alguns destes para a posterior

⁴⁸ Destaca-se que esses limites de idade são imprecisos e podem ser alterados de acordo não só com as “multiplicidades de situações sociais onde essa etapa da vida se desenvolve”, como também por aspectos de interesse econômico, político e cultural (MARGULIS, 1996, pág. 13). Além disso, a mera categorização da juventude a partir da idade pode ser superada pela análise de sua inserção em diferentes categorias sociais, sendo ela própria, de acordo com Spósito (2000), uma categoria social.

realização das entrevistas aprofundadas. tendo como roteiro inicial os mesmos pontos que serão apresentados e analisados a seguir.

As perguntas estavam agrupadas em três sessões que compreendem aspectos pessoais, questões sobre os pais e a família e a relação dos entrevistados com o Charme. Na primeira parte, foram apresentadas quatorze questões sobre diversos aspectos importantes que contribuíssem para traçar um perfil dos jovens frequentadores dos bailes. Enfatizaram-se não só alguns marcadores da condição juvenil, assim como outros relacionados à situação em que se encontram no processo de transição para a vida adulta. Assim, questões como escolaridade, trabalho e moradia foram privilegiadas no decorrer do texto por serem apontadas por diversos autores⁴⁹ como chaves para a compreensão desse processo, além de marcar a questão da conquista, ainda que relativa, da autonomia juvenil frente aos adultos.

2.1.2 – A cor da juventude charmeira

Foram elaboradas algumas questões abertas de forma a perceber como os jovens se identificavam ou se reconheciam, como é o caso de raça/cor, para o qual foi usada a mesma referência empregada pelo recenseamento nacional e apenas duas mulheres se declararam brancas. Todas as outras se auto-identificaram como negras, enquanto apenas quatro homens declararam ser brancos. Dentre os entrevistados, houve o caso de um jovem que, ao contrário de todos os seus marcadores fenotípicos ou morfobiológicos, se auto-declarou como negro. Atribuiu isso ao fato de o pai ser negro e, sendo assim, ele não poderia ser diferente. No entanto, Soares (2008), ao ponderar essa relação, afirma:

A identificação racial não é mera consequência da cor dos nossos pais. É uma construção social para a qual contribui o lugar que as pessoas ocupam na sociedade e, também, como as próprias pessoas se veem. Nada garante que esse modo de construir sua própria identidade seja constante ao longo do tempo. Para os indivíduos, pode depender de mudanças nas suas visões de mundo, ideologia ou até refletir experiências particulares que os afetaram. Do ponto de vista da sociedade, pode refletir mudanças em como cada identidade racial é construída (pág. 105).

⁴⁹ Ver, por exemplo, Alves (2008); Pais (2001); Ventura (2009).

Portanto, a ideia de que o Charme é um movimento de maioria negra deve ser vez por outra verificada e, se necessário, relativizada. O olhar e a identificação por parte do pesquisador podem não conferir com aquilo que os frequentadores constroem como imagem e consciência de pertencimento à determinada cor. Para isso, é importante observar o que os entrevistados têm a dizer com relação à cor do movimento e sua aproximação com a cor do sujeito expressa na auto-identificação. Esta, por sua vez, é relacional e varia de acordo com cada situação e ambiente que o mesmo sujeito esteja inserido.

Ao considerar a variação do emprego das terminologias de acordo com distintas situações, Sansone (2003) observa que há, na auto-identificação, uma relação entre a preferência somática, ou seja, aquilo que o indivíduo gostaria de ser – o que o faz usar termos aproximativos – e “os discursos sobre a democracia racial e a celebração da mestiçagem” (pág. 69) – o que nos torna todos iguais, com as mesmas possibilidades de ocupação de lugares e espaços sociais. Adverte, ainda, que a autodescrição é relacional e pode variar de acordo com cada situação e ambiente em que o mesmo sujeito esteja envolvido. Desse modo, funciona como estratégia para enfatizar posições e identidade de acordo com cada contexto, assim como varia conforme a idade, o grau de instrução e a empregabilidade, por exemplo. No caso do Charme, a expressão *Black* é marcadora de uma forte presença e identidade mais potencializadora do que preto.

Mesmo atento a essas questões e pelo fato de o questionário ter apontado apenas quatro terminologias classificatórias (branca, parda, preta, negra), é possível confirmar que o Charme é um movimento cultural em que a presença de negros é mais acentuada e reproduz a continuidade do mesmo como expressão da cultura negra hibridizada pelos vários movimentos culturais e musicais dos quais ele se origina. Para muitos sujeitos da geração anterior – da qual seus pais fazem parte –, as práticas sociais traduzem o interesse por minimizar as diferenças de cor e/ou como “estratégias individuais a reduzir a desvantagem racial” que, na maioria das vezes, “baseiam-se no pressuposto de que existe, na sociedade brasileira, uma incompatibilidade básica entre ser negro e ter prestígio social” (SANSONE, 2003, pág. 11). Para outros da geração atual, essas práticas podem produzir o fortalecimento da consciência de identidade e que parece estar presente no cotidiano desses jovens. Alguns fizeram questão de frisar que são da raça negra e que a cor de sua pele era preta. Outros expressaram sua rejeição ao termo pardo. Com relação ao termo raça, apesar de sua popularidade como categoria nativa, pois designa aspectos da vida social dos indivíduos, cabe

lembrar que ela não se sustenta do ponto de vista teórico em função, principalmente, de sua indeterminação, de seu caráter vago e cujo conceito parece não explicar as questões relacionadas a um grupo específico, mas às questões gerais de natureza humana. Não se trata de uma realidade meramente biológica, mas de um conceito fortemente ideológico que sustenta a dominação, as relações de poder e o racismo (MUNANGA, 2004).

Assim como Sansone (2003), consideramos que a expressão negro apresenta-se como categoria sociopolítica de conotação positiva potencializada como marca identificadora de expressão da cultura popular, da música, religião, mas também como categoria política incluída de outras nomenclaturas que reúnem ou são reunidas para formar e marcar uma identidade polarizada que identifica as desigualdades expressas pelas classes sociais, por exemplo.

Nesse sentido, procura-se ampliar a compreensão de que somente o Charme como movimento cultural parece não dar conta de incorporar a diversidade musical presente nos seus espaços de celebração. Sendo assim, a expressão *Black Music* ou *Rythm&Blues (R&B)* permite abarcar o leque de possibilidades musicais sintetizado na expressão Charme e facilmente observável na maioria dos bailes e eventos musicais voltados para esse movimento. Além disso, baile de *Black Music* também incorpora o *Hip Hop*, o que pode contribuir, significativamente, para a ampliação da presença juvenil e para transformar os bailes em espaços de convivência intergeracional e de trocas subjetivas nos quais a transformação ou reprodução da cultura charmeira possa ocorrer sem maiores tensões e cada vez mais distanciada da dicotômica relação conflito/conciliação que parece pontuar as discussões sobre relações intergeracionais.

2.1.3 – A Religiosidade

A pergunta sobre religião aponta uma questão interessante e que foi aprofundada durante algumas entrevistas, além de servir de material de análise e caracterização da diversidade juvenil presente no movimento do Charme. Apesar de a maioria ter se identificado como católica, foi possível observar a presença de sete jovens evangélicos, sendo quatro homens e três mulheres. Estas disseram frequentar o baile do Viaduto de Madureira

aos sábados, quando a presença juvenil é maciça e o *Hip Hop* é praticamente o único estilo musical oferecido. Uma das questões a serem observadas diz respeito a como se relacionam com a estética do *Hip Hop*, que é marcada pela hipervalorização do corpo e, no caso da mulher, ainda pela sensualidade das vestimentas e das coreografias centradas em movimentos provocantes dos quadris, o que aparentemente se chocaria com as interdições corporais praticadas, em geral, pelas diferentes denominações evangélicas. Estas reservam à mulher alguns papéis e comportamentos marcados pela submissão, pelo recato e pelo corpo com algo a não ser mostrado. Ao contrário disso, podemos observar – principalmente nos *videoclipes* dos grandes sucessos musicais cujos comportamentos, coreografias e vestuário são copiados pelos jovens – que há um conjunto estético relacionado com a cultura negra midiaticizada e mercantilizada. Este recupera e, em certo sentido, reatualiza os tradicionais estereótipos relacionados ao corpo negro – principalmente aqueles destinados aos escravos e suas diferenças de gênero – e retomam a questão da valorização das habilidades intelectuais que estariam reservadas apenas aos brancos em detrimento daquelas relacionadas ao vigor físico, à manufatura, e que caracterizariam os negros. Voltamos, desse modo, à expressão “cada um no seu devido lugar”, hoje rebatizada de “cada um no seu quadrado”⁵⁰. Se a primeira reservava aos negros lugares determinados nos espaços e nas relações sociais, a segunda reafirma o isolamento que essas mesmas relações são estabelecidas, principalmente em contextos marcados pelo individualismo que parecem desencorajar a importância das ações coletivas no processo de emancipação e de redefinição dos lugares dos negros na sociedade brasileira.

É importante lembrar que, se a presença desses jovens pode causar alguma surpresa por conta de questões dogmáticas postas pelas igrejas evangélicas, que variam de acordo com cada corrente religiosa, foram essas mesmas igrejas que serviram de terreno fértil para o surgimento e afirmação da musicalidade negra no cenário mundial. Os *Spirituals*, o *Soul*, o *Gospel* e os excelentes coros das igrejas batistas estadunidenses são elementos que confirmam a importância desses espaços de criatividade, experimentação e descoberta de inúmeros astros e estrelas da *Black Music*. Além disso, é possível observar que há um pluralismo religioso estabelecido não só entre a população brasileira como também entre os jovens. No censo nacional de 2000⁵¹ é possível observar a progressiva perda do monopólio da igreja católica

⁵⁰ Para uma melhor compreensão dos lugares históricos destinados aos negros no período pós abolição da escravatura e que, a despeito dos poucos progressos alcançados nos últimos anos, ainda estão presentes e atuais na sociedade brasileira, ver as análises de Hasenbalg; Silva; Lima (1999).

⁵¹ Disponível em www.ibge.gov.br

bem como o aumento da diversidade de igrejas evangélicas e outras instituições que congregam distintas espiritualidades, como é o caso do jovem *rastafári* que respondeu ao questionário.

Apesar de os resultados da análise dos questionários aplicados aos jovens charmeiros confirmarem aquilo que várias pesquisas sobre juventude e religiosidade⁵² nos têm mostrado, ou seja, uma mobilidade numérica entre adeptos e o surgimento de outras religiões, Rodrigues (2007), ao observar que a “desinstitucionalização religiosa” é um fenômeno que deve ser considerado principalmente quando se estuda a relação entre juventude e religião, afirma:

Cada vez mais pessoas deixam de encontrar nas grandes religiões tradicionais narrativas plausíveis que respondam a suas necessidades de sentido, e passam a ter uma experiência do sagrado sem a mediação de instituições religiosas. Essas instituições perdem gradativamente a capacidade de atrair e vincular adeptos (pág. 66).

Tal fenômeno pode nos ajudar a compreender o fato de seis jovens não terem respondido a essa questão, pois também, nesse caso, seria importante acompanhar suas trajetórias a fim de compreender em que medida o momento atual não coincide com o da busca por uma religiosidade que atenda às suas necessidades espirituais. Além destes, vale destacar uma jovem que ao dizer que “minha religião é minha fé”, parece romper com as fronteiras institucionais religiosas em nome de uma experiência pessoal do sagrado.

2.1.4 – Na geografia da cidade: os Bailes e a moradia

O questionário foi aplicado em seis diferentes locais onde são realizados os bailes com mais regularidade com o intuito de ampliar a diversidade dos pontos de partida dos entrevistados e entendendo o baile como ponto de chegada, local de confluência. Desse modo, foi possível identificar trinta locais de moradia e que variam de Jacarepaguá a Anchieta e Niterói, passando pelo Engenho Novo ou Tijuca, o que revela uma ampla diversidade

⁵² Dentre elas, podemos citar Novaes e Mello (2002), IBASE/POLIS (2005).

geográfica e que parece ter sua centralidade em Madureira. Entretanto, o mapa desenhado por essa variedade vem reafirmar a zona norte e o subúrbio como espaços privilegiados de disseminação e de resistência da *Black Music* na cidade do Rio de Janeiro.

Quando observados os locais de moradia de acordo com o local onde está situado o estabelecimento em que o baile é realizado, ainda assim há predominância dos bairros mais próximos e de mais fácil acesso. No caso do *Flash Back* realizado sob o Viaduto de Madureira, foram identificados vinte bairros distintos de onde os jovens partem para ir ao baile. Todos são próximos e de acesso aparentemente fácil, pois há grande disponibilidade de ônibus e Kombi para transporte alternativo. No caso do baile realizado na Gafieira Estudantina, situada à Praça Tiradentes, no centro da cidade, a variedade de bairros caiu para oito, o que parece confirmar alguns problemas de deslocamento e circulação em função de questões relacionadas à segurança, transporte e ao direito à cidade. Isso compromete sobremaneira a mobilidade e circulação e, por conseguinte, o acesso ao lazer e à cultura como direitos sociais juntamente com o trabalho e a educação⁵³. Esses problemas tendem a se agravar se levarmos em conta que a maioria dos bailes acontece entre vinte e uma horas e quatro horas da manhã⁵⁴. São moradores de locais distantes como Campo Grande e Mesquita, mas que, pela proximidade com o local de trabalho, permanecem no centro da cidade até o início do baile, sendo essa uma das características do *Happy Hour*, eventos musicais de lazer que ocorrem após a jornada diária de trabalho. Resta saber como o retorno às suas residências ocorre, uma vez que o sistema de transporte coletivo urbano é bastante precário na maioria das cidades brasileiras, principalmente após as vinte e duas horas e, no Rio de Janeiro, isso tende a se agravar quando se trata dos subúrbios e dos bairros da zona oeste. Nesse sentido, os jovens, ao fazerem suas escolhas dos espaços de lazer, levam em consideração também o aumento da violência e o alto preço das passagens. Dependendo do local de moradia, muitos são impedidos de retornar após determinada hora, pois há o toque de recolher implantado pelo poder paralelo do tráfico, assim como a ausência de transportes. Para vários jovens que se aventuram a sair de suas localidades, é preferível esperar o dia amanhecer e a cidade voltar ao normal para retornar para casa em segurança. Por esse e outros motivos, em um contexto de quase total ausência de equipamentos de lazer e cultura na maioria dos bairros cariocas – o

⁵³ Essas e outras demandas juvenis são ampliadas e analisadas em pesquisa realizada com jovens na América do Sul. Para um estudo aprofundado, ver IBASE – POLIS (2008).

⁵⁴ No caso da Gafieira Estudantina, acontecem dois tipos de bailes, ou seja, um *Happy Hour* às quintas-feiras, entre dezenove horas e uma hora da manhã, e a Maratona do Charme, que é realizada sempre na véspera dos feriados, entre vinte horas e quatro horas da manhã. Ambos serviram de espaços de pesquisa.

que não é exclusivo do Rio de Janeiro, mas da maioria das cidades brasileiras –, Madureira surge como bairro privilegiado, pois, junto com sua centralidade geográfica, oferece, além das escolas de samba e dos pagodes de rua, uma grande variedade de bares e de trailers a cada esquina e, também, cinco opções de bailes de Charme durante o fim de semana.

Entre os jovens que responderam o questionário, vinte e cinco – sendo treze homens e doze mulheres – ainda moram com os pais e sete com a mãe. Ao contrário dos seis jovens (dois homens e quatro mulheres) que moram sozinhos e dos cinco (três homens e duas mulheres) que moram com namorado(a), a maioria permanece em sua casa de origem familiar, apesar de trabalhar e ter alguma forma de sustento. Ajudar e contribuir com a manutenção das despesas parece ser o fator central que os mantêm morando com a família. Não foi possível apontar que outros fatores determinam *o ficar*, mas não há dúvidas de que os baixos salários recebidos – até dois salários mínimos – torna-se um fator preponderante para a sua permanência. Metade dos entrevistados se mantém por conta própria e os homens são maioria nesse conjunto, ou seja, quatorze sujeitos. Das quinze jovens que disseram dispor de alguma renda proveniente de trabalho, oito dependem da ajuda financeira dos pais, algo que contribui em maior ou menor grau para complementar o seu sustento. Além de morar com os pais, essa vinculação pode significar o adiamento do sonho da autonomia e da independência ou a acentuação da relação ambígua que caracteriza a moratória social juvenil situada entre o adiamento da entrada no mundo adulto – e todas as responsabilidades decorrentes – e a necessidade de buscar no trabalho a sua autonomia e independência financeira dos pais (ABAD, 2006).

2.1.5 – Relação entre trabalho, renda e escolaridade

A renda familiar variou entre quatrocentos e cinquenta reais e quatro mil reais, sendo que a maioria encontra-se entre mil e dois mil reais. Vale ressaltar que vinte e cinco por cento dos entrevistados não informaram a renda, possivelmente por desconhecer os vencimentos dos membros da família. Entretanto, um número ainda maior, trinta por cento, não informou sua renda pessoal, estando inseridos nesse grupo aqueles jovens que se encontram desempregados e/ou que continuam estudando e mantidos pelos pais, gozando, desse modo, de moratória social marcada por distintas condições materiais oferecidas pela família, o que,

mesmo em um pequeno grupo analisado, pode nos mostrar formas heterogêneas de ser jovem. São sujeitos que compartilham distintos modos de inserção social marcados pela tensão provocada pelo desemprego e pela falta de acesso aos bens materiais produzidos pela indústria cultural que, orientada pela “biopolítica do consumo” (REGUILLO, 2000, pág. 86) ressignifica o sujeito juvenil através produção de objetos símbolos da própria juventude. Como ser sem ter? Nesse caso, a necessidade orienta a identificação e sua satisfação os faz sentir parte do grupo.

A maior renda declarada – acima de dez salários mínimos – foi apresentada por uma jovem cuja mãe é funcionária pública, possui pós-graduação e, assim como outras sete mães, sustenta a casa sozinha. Destacam-se, mais uma vez, o aumento do número de mulheres como chefes de família e a importância da escolaridade e sua relação direta com a ampliação das possibilidades de mobilidade social. Se, em dado momento, isso era um objetivo a ser alcançado, vale verificar em que medida essa relação permanece em contextos de perda de qualidade de significado da escola como principal motor desse processo de ascensão. Essas questões serão melhor observadas nos capítulos subsequentes.

Dos dezenove jovens que disseram ainda estudar, dez estão cursando o ensino superior, não havendo, nesse caso, predominância na questão de gênero. À exceção dos dois rapazes de quinze anos que estão concluindo o ensino fundamental, os sete restantes estão no ensino médio e/ou técnico. Entre os vinte e dois que não se encontram estudando, a metade possui o ensino médio completo e apenas um jovem concluiu o ensino superior. Entre os estudantes, a maioria é composta de mulheres, o que coincide com dados de diversas pesquisas que apontam maiores níveis de escolaridade e menor tempo de escolarização por parte do sexo feminino, o que não quer dizer, no caso dessas jovens, que gozem de maior moratória social.

É interessante verificar os motivos pelos quais os jovens interromperam seus estudos, pois podem estar relacionados, dentre outros fatores, à perda de sentido da escola como espaço de socialização ou de sua credibilidade, uma vez que estar na escola, concluir os estudos não representa mais a garantia de um futuro melhor, de maior facilidade de acesso ao mercado de trabalho. Sabem que não há mais uma relação direta entre nível de escolaridade e inserção produtiva. Entretanto, a realidade assinala uma contradição, pois, ao mesmo tempo, esses jovens deparam com o fato concreto de que a falta de oportunidade de inserção no mercado de trabalho pode ser agravada em consequência de não possuírem uma profissão

definida, o que parece ressignificar a importância da certificação escolar⁵⁵. Há outros para os quais a escola torna-se um projeto interrompido pela necessidade de inserção prematura e, muitas vezes, precária através de trabalhos informais em decorrência da maternidade ou paternidade não planejadas, da pressão dos pais por ajudar nas despesas de casa e/ou da busca de autonomia, ainda que relativa, em se manter e satisfazer suas necessidades de lazer e consumo, por exemplo. Por outro lado, observa-se entre os que responderam ao questionário que o aumento do nível de escolaridade das novas gerações não resultou necessariamente no aumento das oportunidades de mobilidade social e/ou da qualidade dos postos de trabalho ocupados pelos jovens.

Nesse contexto, foram identificadas vinte e nove diferentes ocupações. Observa-se que muitos não fazem distinção entre a formação profissional e o trabalho que desempenham, pois, para várias dessas funções, não há necessidade de formação profissional prévia e a aprendizagem acontece no próprio local de trabalho. Assim, não é possível relacionar escolaridade e mercado de trabalho que, nesse caso, está completamente voltado para o setor de serviços com destaque para vendas, administração, telemarketing e atendimento ao público. Entretanto, é preciso ressaltar que todas as ocupações são de baixa remuneração – até dois salários mínimos –, o que reproduz a forma desigual e até violenta com que o mercado trata os jovens, reservando para eles apenas as funções de fácil reposição. Apesar de sabermos que nem sempre a escolaridade está diretamente relacionada à garantia de melhor inserção no mercado de trabalho, alguns desses jovens, ainda que mal remunerados, parecem crer que a superação das suas dificuldades financeiras e a melhoria da qualidade de vida passa pelos bancos do ensino universitário. Para o governo, a melhoria passa pelo ensino técnico, daí a ampliação do número de escolas técnicas no país como forma de reverter o quadro dramático de evasão. Entretanto, nesse caso, ter uma profissão não significa ter um emprego, ou seja, melhores qualificações podem ampliar as chances, mas não representam necessariamente a garantia de acesso ao mercado de trabalho para os jovens. Falta pensar e colocar em prática uma consistente política pública de emprego que contemple também a juventude brasileira sem o imediatismo e as limitações dos programas tópicos e localizados que são voltados para esse segmento social.

Para a maioria dos jovens charmeiros, a escola pública a que eles têm acesso não cumpre nenhuma de suas finalidades históricas, quer sejam a preparação para o ensino

⁵⁵ Sobre essa questão da relação entre escolaridade e inserção profissional, ver Alves (2008).

superior, a formação de um sujeito crítico, autônomo e cidadão ou ainda a preparação para o mundo do trabalho, dentre outros. Essa indefinição e incompletude podem ser atestadas pelas propostas apresentadas no bojo das legislações que trataram do tema nos últimos quarenta anos. Apesar das recentes políticas educacionais que privilegiam a massificação do ensino médio, Corti (2007) aponta que “há razoável grau de consenso entre especialistas a respeito da insuficiência do modelo atual de ensino médio, apontando que ele não consegue garantir nem a preparação efetiva para o vestibular nem a formação para o trabalho” (pág. 21). Essa definição, segundo a autora, faz-se necessária, pois o ensino médio, além de atender ao aumento da demanda, precisa ter uma razão de existir para uma geração que pressiona não só por aumento da oferta como também por um modelo de escola que vá ao encontro das necessidades e interesses desses jovens. Essa perda de significado pode ser um dos fatores que fazem com que muitos jovens abandonem a escola e busquem a ocupação do tempo livre com atividades laborais informais. Para o poder público, a busca de um outro sentido para a escola pode representar significativa redução nas taxas de evasão observadas nessa modalidade de ensino⁵⁶.

Em relação aos jovens negros, podemos dizer que, se nos espaços educacionais e culturais o discurso da democracia racial parece ganhar força e relevância através das distintas maneiras de apropriação dos marcadores identitários raciais feitas pelos sujeitos, independente da cor da pele, é nas relações sociais apontadas pela divisão do trabalho que esse discurso não se sustenta. Observa-se que, no caso desses jovens pesquisados, os postos de trabalho por eles ocupados reproduzem a desigualdade e o destino marcados e expressos pela ocupação de funções historicamente voltadas para os negros, ou seja, ocupações de subemprego. A divisão do mundo do trabalho, além de mostrar a divisão de classe, potencializa duramente a distinção entre negros e brancos, que se reflete, dentre outros fatores, na distribuição desigual de renda. No caso do Brasil, se nos últimos anos houve alguma atenuação nesses níveis de desigualdade, isso não se deve à melhoria do acesso a postos de trabalho com melhor remuneração por parte desses sujeitos, mas, primordialmente, aos programas governamentais de erradicação da miséria e da pobreza, e não como política de emancipação voltada para a mobilidade social da população negra. Entretanto, sendo esta população predominante entre os pobres, Soares (2008) adverte:

⁵⁶ Dados do Ministério da Educação/INEP (2008) apontam que a evasão e repetência no ensino médio representam 32,6% das matrículas. Significa dizer que, a cada dez jovens que entram na primeira série, menos de sete concluem a terceira série.

Não se deve subestimar a importância da redução da desigualdade para a vida de indivíduos negros. Como estes são a maioria da população na metade inferior da distribuição de renda, qualquer política que leva a melhorias absolutas ou relativas para os 50% mais pobres da população, leva a melhorias no padrão de vida da maioria da população negra. Ou seja, mesmo sem mobilidade posicional, há mobilidade de renda (pág. 122).

Vale ressaltar que essa mobilidade na base tende a desaparecer no interior da escala de padrões mínimos de qualidade de vida. Ou seja, essas políticas parecem estar voltadas apenas para eliminar os efeitos perversos da miséria, transformando-a em pobreza. Certamente não estão direcionadas a proporcionar o acesso a melhores oportunidades e postos de trabalho e, por conseguinte, em alguma mobilidade social. Os programas de erradicação da pobreza não consolidam o direito, mas funcionam como ajuda para minimizar os efeitos devastadores da fome e da miséria. Para Vera Telles (2000), “não é qualquer tipo de promoção social que realiza o direito e não é qualquer tipo de iniciativa social que realiza a cidadania” (pág. 8), ou seja, tais programas não atuam como possibilidade de emancipação social. Podem configurar maior dependência das benesses do Estado, cujos programas muitas vezes têm prazo de validade que se expira conforme mudam os interesses das forças políticas no poder. Nesse caso, parece haver uma confusão entre direito e filantropia, ou seja, o direito à vida social, que passa também pelo direito ao trabalho, é substituído por programas que parecem gerir filantropicamente a pobreza.

Nesse contexto, é preciso fazer uma distinção entre o direito ao trabalho, que deve ser garantido aos jovens através de políticas públicas claras voltadas para a inserção destes no mundo do trabalho, e os programas governamentais, que são voltados para minimizar os efeitos perversos do desemprego em massa e que afetam também a juventude. Para esse segmento, apenas para exemplificar, algumas ações pontuais, como aquelas que garantem um auxílio de cem ou de duzentos reais, não funcionam como garantia de direito, mas como ajuda para aumentar a renda familiar. Entretanto, mesmo essa ajuda, que não assegura os direitos dos jovens, atende a uma parcela mínima da população juvenil, pois, se reunirmos todos os programas voltados para esse segmento, observaremos que apenas dois por cento dos jovens brasileiros são contemplados. Há, nesse caso, certo assistencialismo travestido de assistência. O direito ao trabalho é substituído pela ajuda governamental através de bolsa trabalho que, se em um primeiro momento parece funcionar como política pública, em outro delinea-se como atenuação do desemprego juvenil e das consequências resultantes da ausência de políticas

claras e sólidas que garantam a inserção e permanência dos jovens no mercado do trabalho. Assim, nessa confusão entre perda – ou não garantia – de direitos para todos e a ajuda para alguns, ganham força os discursos salvacionistas como o empreendedorismo e o protagonismo juvenis, que funcionam como atenuantes para as responsabilidades do Estado.

Ainda que oitenta por cento dos entrevistados trabalhem com carteira assinada, não é possível fazer oposição a alguns dados de pesquisa que confirmam as altas taxas de desemprego juvenil⁵⁷. Ao analisar a centralidade que o trabalho ocupa no cotidiano juvenil, Tommasi (2007) aponta duas possibilidades que orientam as recentes pesquisas bem como as políticas públicas para esse segmento social:

Muitos consideram importante postergar o ingresso dos jovens no mundo do trabalho para permitir a permanência na escola, favorecendo a aquisição de diplomas escolares de nível mais alto, que permitam ingressar em postos de trabalho mais interessantes, tanto em termos de remuneração como das possibilidades de realização pessoal. Por outro lado, vários programas são idealizados visando facilitar o ingresso dos jovens no mercado de trabalho por meio de oferta de cursos de formação profissional de curta duração [...] (pág. 24).

A despeito da falta de consenso sobre a maneira mais eficaz de conduzir o problema da inserção e do desemprego juvenis, essa afirmação evidencia formas desiguais de enfrentar a questão. O que está em jogo, nesse caso, é o aprofundamento das desigualdades sociais marcadas por distintas moratórias, uma vez que, para a maioria dos jovens das classes populares, permanecer na escola é uma impossibilidade, um sonho, um projeto adiado pela necessidade de ingresso no mercado de trabalho. Por outro lado, os cursos de curta duração apenas atendem à necessidade de reposição imediata de mão de obra pouco qualificada cujos postos estão destinados àqueles sem estudos. Apesar disso, vale registrar que, para o grupo analisado, a pesquisa passa distante de suas realidades, principalmente se levarmos em conta a questão de gênero e raça. Ser mulher e/ou ser negro não representou, para os jovens, desvantagem para o ingresso no mercado de trabalho. Ressalte-se que, dos dois rapazes desempregados, um tem apenas quinze anos, mora com os pais e cursa a oitava série. O outro tem uma profissão definida – técnico em eletrotécnica – mas, apesar de morar sozinho, tem se sustentado na informalidade profissional através de “bicos”, ou seja, de pequenos reparos e

⁵⁷ Ver, por exemplo, IBASE/POLIS (2005).

instalações elétricas na sua comunidade, o que, para as estatísticas oficiais, não o caracteriza como desempregado, mas como um dos muitos jovens que dão suporte à economia informal.

O trabalho, ainda que mal remunerado, possibilita aos jovens satisfazer necessidades básicas e a experimentar certa autonomia, mesmo que dependam da ajuda dos pais para complementar sua renda, como é o caso da maioria das jovens entrevistadas. Os rapazes parecem gozar de autonomia mais cedo do que as moças, pois a maioria se sustenta por conta própria e, às vezes, ainda ajuda nas despesas domésticas. Mesmo que trabalhando na informalidade, alguns jovens consideram que a questão do emprego está relacionada a uma profissão digna, reconhecida socialmente, e que não esteja ligada a ocupações historicamente destinadas àqueles sem estudos, pobres e negros. Assim, para elas, trabalhar como diarista ou faxineira, por exemplo, não representa estar empregada.

2.1.6 - Características dos pais/família

A comparação entre as distintas gerações, no que diz respeito à relação entre formação profissional e escolaridade, nos permite verificar acentuada melhora nos níveis de escolaridade entre os jovens, resultante do processo de massificação observado no Brasil nos últimos anos. Entretanto, quando observado o quadro de profissões, essa melhoria não ocorreu de maneira significativa para a geração juvenil. Surgiram novas profissões, outras foram renomeadas, dando-lhes um caráter de modernidade – serviços gerais substituiu faxineira, auxiliar de administração entra no lugar de *office boy*, por exemplo –, mas continuam ocupando o mesmo grau de importância na escala social e irrisórias remunerações. Determinadas profissões que eram ocupadas pelos pais com baixos níveis de escolaridade estão a exigir dos jovens maiores graus de instrução, como é o caso, por exemplo, das operadoras de caixas, para as quais os supermercados exigem ao menos o ensino médio completo.

Apesar de a condição e a situação dos jovens na atualidade ajudarem a pintar um quadro predominantemente sombrio para alguns setores da juventude brasileira, principalmente quando falamos de acesso ao mercado de trabalho, ao analisarmos a geração de seus pais – sem deixar de levar em conta as suas trajetórias e as condições materiais em

que elas foram percorridas – é possível observar significativas mudanças no cenário familiar e geracional. Para as mães, no que diz respeito às profissões, foram apontadas entre elas quatorze distintas ocupações, sendo que a maioria refere-se às questões voltadas para a casa, o que reforça a posição destinada à mulher como cuidadora dos afazeres domésticos, ainda que não seja em seu lar. Desse modo, do lar, doméstica, copeira, cozinheira foram as profissões mais evidenciadas pelos jovens ao se referirem às suas genitoras. Observa-se que a maioria (quatorze questionários) não soube informar a profissão da mãe e isso pode estar relacionado ao desempenho do marido como principal provedor da casa, não tendo a mulher um papel de destaque na geração das finanças. As múltiplas funções desempenhadas historicamente na manutenção da casa são obrigações da mulher e parecem ser inerentes à condição feminina de trabalhadora doméstica não remunerada. Esse aspecto reacende a discussão do lugar ocupado pela mulher nas relações sociais marcadas por questões que reforçam as desigualdades de gênero.

Quanto à profissão dos pais, foram apontadas vinte e uma ocupações e também estão relacionadas àquelas que historicamente foram desqualificadas e marginalizadas pelo mercado de trabalho e destinadas à maioria pobre, negra e com baixa escolaridade, pois a maior parte é composta de autônomos, desempregados, aposentados, porteiros e pensionistas. São os assalariados com carteira assinada e os aposentados e pensionistas que compõem mais da metade desse quadro profissional masculino e apenas uma profissão exige nível superior.

À exceção dos três jovens cujas mães exercem profissões para as quais é necessária formação universitária, a maioria dos pais e mães possui o ensino fundamental completo (doze pais e onze mães) ou incompleto (oito pais e onze mães), o que mostra que praticamente a metade não prosseguiu os estudos. Apesar disso, destaca-se que um quarto do total dos homens possui o ensino médio completo. Já entre os jovens e as jovens que responderam ao questionário, em sua maioria, ou a metade têm o ensino médio completo ou um quarto está cursando a universidade. O outro quarto compreende aqueles que têm o ensino médio ou o superior incompletos, isso sem esquecer os jovens de quinze anos concluintes da nona série do fundamental. Entretanto, conforme já foi dito, não há relação direta entre escolaridade e garantia de empregabilidade em melhores ocupações no mercado de trabalho. A perda de prestígio de determinadas carreiras, a precarização dos postos de trabalho experimentada pela geração anterior são alguns fatores que fazem com que muitos jovens desacreditem na possibilidade de satisfazer seus desejos de consumo e ascensão social através da ocupação dos

postos convencionais de trabalho. Há uma demanda gradativa por mobilidade social ascendente que se traduz na busca constante pelo emprego ideal, ou seja, uma carreira que resulte em ganhos que lhes permitam a posse efetiva dos símbolos que os produtos destinados ao consumo juvenil representam e que estão disponíveis no mercado como marcadores e diferenciadores de classe⁵⁸. Assim, tornar-se modelo, cantor de pagode, atriz e jogador de futebol são exemplos de sonhos profissionais a serem perseguidos, ainda que essa busca resulte em frustração em algum momento de suas trajetórias.

2.1.7 - Sobre o Charme

Embora na aplicação dos questionários tenha sido mantida a expressão “baile de Charme”, essa é uma discussão que, conforme foi proposto no capítulo anterior, deve ser ampliada com os sujeitos frequentadores no sentido de ir além de uma expressão nativa para incorporar todas as expressões culturais e musicais que ajudaram a construir esse movimento e que estão congregadas nos eventos que são realizados na cidade. Vale reiterar que essa expressão serve como marca identitária que está presente de forma consolidada nas falas dos frequentadores ao se referirem à *Black Music* ou aos bailes em que são apresentadas variações oriundas da *Soul Music*, *R&B* e, mais recentemente, o *Hip Hop*. Este serve como importante porta de entrada dos jovens nos bailes e, por conseguinte, a renovação e continuidade do Charme como movimento cultural expressivo de determinado segmento que tem a intergeracionalidade como possibilidade de trocas e convívio social. Ela comporta a negociação, mas também a tensão que oscila entre a atenuação e o acirramento da polaridade entre tradição e inovação dos estilos musicais. Se há uma visão apaixonada por parte de alguns adultos que lutam pela manutenção em nome da autenticidade, com a chegada dos jovens percebe-se maior mobilidade decorrente da introdução de outros novos gostos musicais e que passam a fazer parte do cenário charmeiro por conta, principalmente, da necessidade de renovação e aumento de público. Sansone (2004, pág. 198) observa que o mesmo fenômeno

⁵⁸ É impressionante como essa questão está presente na maioria dos *videoclipes* de divulgação das músicas de *Hip Hop* em que há a supervalorização e ostentação dos bens materiais como definidor das relações de poder e de sucesso. Assim, os cantores personagens valem pelos carros, mansões, joias e mulheres que podem adquirir, essas também como produto, o que recoloca a necessidade de discutir também as relações de gênero. Importa, aqui, ressaltar o poder da mídia e da indústria cultural na disseminação em nível mundial dos símbolos da cultura identificada ou mesmo estereotipada como sendo expressão da cultura negra. Vale perguntar até que ponto a estética da sedução e a linguagem utilizada por esses *clipes* generalizam e/ou reafirmam essa estética negra que muitos jovens não reconhecem como sua.

acontece com o samba, ao dizer que “Na verdade, a história do samba é pontilhada de episódios de confronto autêntico, que sempre resultaram em letras interessantes, entre o imperativo de conservar as tradições/raízes e o de inovar o samba para mantê-lo vivo”. Entretanto, essa discussão não se restringe apenas ao samba ou ao Charme, mas a todo o processo de transformação por que passam as expressões culturais ao longo da história e que, vez por outra, retoma antigas tensões produzidas por conservadores e progressistas e que são bastante evidenciadas, por exemplo, nas manifestações folclóricas.

Todos esses aspectos apontados estão presentes na cultura do Charme, que se constitui também pelo seu componente intergeracional e como campo de contato e aprendizagem consolidado e cuja configuração poderemos observar ao analisarmos as respostas contidas nos questionários.

Foram apresentadas seis questões cujo objetivo foi, dentre outros, observar o momento da entrada e da permanência dos jovens respondentes nos espaços da cultura charmeira. A família e a casa constituem-se em importantes objetos de análise para o aprofundamento dessa observação. As perguntas formuladas ajudam a confirmar, através das respostas, que, independente da configuração familiar ou das condições de moradia, a família, como instituição de socialização primária, ainda desempenha um papel importante na educação da geração juvenil atual e esse processo ainda acontece primordialmente no âmbito da casa. Essa constatação exige o aprimoramento dos sentidos bem como melhor direcionamento do olhar com a finalidade de aprofundar, nos próximos capítulos, alguns aspectos centrais relacionados à tese, tais como o papel da família na (re)definição de normas, valores e gostos juvenis e quais são as trocas possíveis entre distintas gerações na sua relação com o mesmo espaço cultural, ainda que marcadas pela dicotomia conservação e transformação ou pela possibilidades de negociação e trocas intergeracionais. Ela parece adquirir mais importância dentro desse processo e não está centrada, no caso do Charme, à figura dos pais, já que, para vinte e oito jovens, estes não são charmeiros, o que não quer dizer que não o foram em algum momento de sua juventude.

Para a maioria dos jovens, a casa apresenta-se como espaço privilegiado no qual o primeiro contato com o Charme ocorreu. Lugar fundamental de trocas e aprendizagens, de suporte da memória, foi na casa – seja da família e suas distintas reconfigurações ou na residência de amigos e parentes – que sessenta por cento dos jovens que responderam ao questionário exploratório ouviram as primeiras músicas de Charme e aprenderam os primeiros

passos de dança. Esses dados parecem indicar não só a casa como lugar privilegiado do encontro, mas também a família como mediadora desse processo de aprendizagem e formação da cultura musical dos jovens. Talvez fosse importante perguntar, ainda, com que idade esse primeiro contato se deu no sentido de aprofundar a discussão sobre a construção da memória juvenil e sua relação entre a idade e definição de gostos musicais e culturais⁵⁹.

Após o contato inicial através da musicalidade, da dança e das histórias que relatavam o glamour dos grandes bailes – muitos jovens ouviram falar do Vera Cruz, Mackenzie, Portelão como templos onde estes eram realizados –, o próximo passo foi o contato com o universo real do Charme. Assim, ir ao baile se apresentava como a concretização de um sonho, da materialização de uma cultura e confirmação daquilo tudo que só ouviam falar, mas constitui-se, principalmente hoje, em um desafio colocado para muitos jovens frente às limitações concretas; dentre elas destaca-se a constante violência a que estão submetidos e outras assinaladas anteriormente e potencializadas pela pressão dos pais para que permaneçam em casa. Apesar disso, foi possível observar que a ida ao primeiro baile aconteceu entre os treze e os dezoito anos de idade, ainda que, para a metade dos que responderam a essa pergunta, pois a outra metade a deixou em branco, isso só foi possível graças à presença e companhia de um adulto, geralmente os pais ou tios. Além destes, os primos e amigos mais velhos foram os responsáveis por apresentar o baile à maioria dos jovens.

O Viaduto de Madureira é um território ressignificado todos os sábados pela presença de centenas de jovens que lá se reúnem para ouvir e dançar o “que há de melhor da *Black Music* atual”, com ênfase marcante e predominante do *Hip Hop*. Se durante a semana observamos o funcionamento sob os pilotis do viaduto de um estacionamento privado, é no sábado que esse espaço é transformado em lugar de encontro da juventude majoritariamente negra proveniente de todos os cantos da cidade e alguns municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro. Ponto de encontro, lugar de ver e ser visto, é considerado ainda hoje um dos mais importantes bailes da cidade. Portanto, não é difícil imaginar qual seria, para a maioria dos jovens, inclusive os entrevistados, o local escolhido para conhecer ao vivo um baile. Assim, quase quarenta por cento dos jovens identificaram o Viaduto não só como o primeiro baile para o qual foram levados, como também um dos preferidos para a continuidade da frequência, juntamente com a Portelinha, baile que acontecia na rua, aos

⁵⁹ Essa questão nos parece contemplada nos capítulos seguintes.

domingos, também em Madureira⁶⁰. Esse dado deve ser observado com atenção, uma vez que pode significar não só um lugar onde é possível o encontro, mas a troca de experiências e o convívio autônomo com outros jovens distante dos olhares dos adultos. Nesse caso, se as trocas intergeracionais deixam de acontecer, as marcas geracionais são aprofundadas em um contexto quase que exclusivamente juvenil. Se, em um primeiro momento, o Viaduto pode representar um local quase impróprio para as relações intergeracionais se efetivarem, pode, ao mesmo tempo, reproduzir para esses jovens os mesmos significados e simbolismos que os bailes do Vera Cruz e do Mackenzie representaram para as gerações juvenis dos anos de 1980, quando o Charme se constituía como expressão cultural da juventude da época. Se o baile do Viaduto está para o *Hip Hop* assim como o Vera – como ficou conhecido o templo do Charme da juventude dos anos oitenta – estava para o Charme, parece ser necessário ampliar a discussão que resulte na incorporação das distintas gerações em espaços em comum, em lugares de encontros. Por outro lado, esse paralelismo apresenta algumas questões para se refletir com atenção: se ele realmente existe, não será necessário modificar o nome do movimento cultural, uma vez que, ao se fundir com o *Hip Hop*, o Charme deixaria de existir ou existiria apenas como lembrança, como identificação de uma época, de uma juventude? Seria esse movimento um culto à juventude de um passado que povoa a memória dos adultos que lutam pelo não esquecimento?

Para compreender esse período ou tentar responder a essas perguntas, talvez sejam necessários outros estudos que privilegiem entrevistas com os adultos, no sentido de reconstituir seus universos juvenis charmeiros através das lembranças dos velhos tempos guardados em suas memórias. Entretanto, vale ressaltar que, para lembrar-se da juventude, é necessário que o tempo passe, envelheça. Para Barbosa (2007):

Embora a impressão que se tenha é a de que os grandes bailes *black* já viveram sua fase de ouro, eles continuam se perpetuando de geração em geração, aproximando as pessoas, talvez até como uma forma de superação. Uma superação que se faz de modo dançante, musical, mas que nem por isso é menos importante (pág. 13).

⁶⁰ Durante a fase final da pesquisa, esse baile fora transferido para um terreno do lado oposto da mesma rua e que foi cercado com muros e coberto com uma lona semelhante àquelas usadas na cobertura dos circos. Apesar de ter sido batizado como Casarão do Charme ele é conhecido como Baile da Portelinha. Do mesmo modo, alguns bailes tiveram vida curta. Ao final da pesquisa, alguns deles acabaram e outros foram surgindo (ver anexo 3).

É esse fenômeno da perpetuação, de um movimento que se constitui como intergeracional, que vale ser destacado e compreendido como processo dinâmico, em constante transformação, que atravessa o tempo e reconfigura os espaços através da presença, do encontro de distintas gerações, encontro esse carregado de simbolismos para jovens e adultos. O que para uns pode representar transformação e mudança, para outros pode simbolizar perpetuação da memória, ainda que ressignificada, da lembrança e o reencontro com o seu passado, com sua história.

As análises oriundas das entrevistas aprofundadas que foram realizadas com oito jovens, bem como conversas informais com os respectivos adultos que desempenharam importante papel na definição de seus gostos e aproximação com a *Black Music*, constituíram-se em importante material de pesquisa, no sentido de observar os pontos de aproximação e distanciamento entre as subjetividades que se expressam no movimento cultural do Charme através de suas diferentes formas de se relacionar com a memória, o passado e suas lembranças no tempo presente.

2.2 – Critérios de escolha: das dificuldades na seleção à apresentação dos jovens

A seleção dos jovens para a realização das entrevistas obedeceu a alguns critérios que foram importantes para abranger a diversidade dos sujeitos que responderam aos questionários. Ainda que baseada em aspectos que pudessem ser observados na maioria desses jovens, certamente essa escolha foi subjetiva e não garante que esse universo esteja totalmente contemplado. Entretanto, ainda que correndo alguns riscos decorrentes da seleção, o que pressupõe perdas, foi necessário definir um ponto de partida, já que não daria conta de realizar diversas entrevistas com todos os quarenta e dois respondentes. Após retirar os doze questionários referentes aos jovens que disseram não se dispor a colaborar com o prosseguimento da pesquisa, o restante foi separado em dois grupos, um masculino e outro feminino. Ambos os grupos foram novamente separados em quatro novos subgrupos relacionados à herança com o Charme. De cada uma dessas oito subdivisões, foi separado um/uma jovem que reunisse ainda as características subsequentes. Na intenção de contemplar a maior diversidade dos sujeitos que responderam aos questionários, foi levada em consideração, por exemplo, a questão da religião. Pelo fato de a maior parte se dizer católica,

além de jovens pertencentes à esta religião, também foi escolhida uma jovem evangélica e outra espírita. Com relação à raça, apesar de a maioria ser negra, houve o cuidado de selecionar dois jovens autodeclarados brancos, com o intuito de observar se a questão racial poderia ter alguma influência nas escolhas juvenis pelo Charme. Sendo um movimento cultural cuja presença negra é majoritária, valeria a pena perguntar como se deu a chegada de jovens brancos nesse movimento. Procurou-se, também, contemplar as várias idades no sentido de perceber como as entradas são realizadas nos diferentes tempos juvenis. Levamos em conta que a margem etária que delimita uma geração no seu aspecto cronológico reflete um espaço bastante significativo para o movimento, ou seja, de quinze a vinte nove anos, poderia apontar distintas realidades e lógicas de entrada. Assim, procurou-se trabalhar com os extremos e com os meios dentro desta faixa etária. Por conta das três desistências ocorridas durante o trabalho de campo, nas quais os jovens selecionados não confirmaram as entrevistas, mesmo após vários contatos e adiamentos, esse último critério ficou comprometido sem, no entanto, prejudicar a qualidade do trabalho. Assim, foram reunidos jovens cujas idades são de dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e três, vinte e sete e vinte e oito anos, o que, em certa medida, continuou a abranger a ampla variação etária contida nos estudos quantitativos de geração que privilegiam sua dimensão cronológica. A escolha de oito jovens deu-se a partir de alguns critérios que abrangessem a diversidade, ou seja, jovens que sintetizassem as características mais presentes no grupo, bem como aquelas que fossem importantes para o universo da pesquisa e para a análise e construção do texto dentro dos eixos que são importantes na tese, quer sejam as relações entre juventude e geração, família e memória, tendo a *Black Music* como cenário. Foram selecionados um par de jovens herdeiros – aquele que o pai e a mãe são charmeiros – e outro par cujos pais não são charmeiros, os não herdeiros. Além deles, foram escolhidos um casal de jovens híbridos ou herdeiros apenas por parte de pai, ou seja, este foi ou ainda é charmeiro e a mãe não, e outra dupla herdeira apenas por parte de mãe.

Tudo parecia ser muito simples e rápido e nos levava a crer que as entrevistas seriam realizadas imediatamente após o término da aplicação e análise dos questionários em um tempo bastante curto. Entretanto, começaram a surgir os problemas e a angústia em perceber que nem tudo acontece do jeito que se planeja, o que resultou em um grande espaço entre o período das análises e o da realização das entrevistas. Um dos jovens, após muitas tentativas de contato, simplesmente recusou-se a continuar – mesmo tendo declarado seu interesse em colaborar com a pesquisa –, alegando que não teria muito a contribuir e que se encontrava em

um momento difícil de sua vida. O outro, ainda que eu conhecesse os pais há dois anos, tinha a mãe como interlocutora, sempre colocando dificuldades para que a conversa acontecesse. Chegamos a pensar que, no fundo, ela é quem gostaria de ser entrevistada. Sendo assim, e pelo fato de ele ser menor de idade, o que poderia resultar em outras dificuldades posteriores, decidimos não continuar a insistir.

Como os questionários foram separados e organizados em ordem de possibilidades, não foi difícil encontrar outros jovens que pudessem participar das entrevistas. Entretanto, cada desistência ou necessidade de troca de entrevistados representava algum afastamento daqueles critérios que nortearam a seleção dos entrevistados cujos questionários foram separados e organizados em grupos tais como masculino e feminino, primeira, segunda e terceira seleção, desistentes. Apesar disso, foi mantida a preocupação com a questão da diversidade religiosa, relação entre estudo e trabalho, a questão de gênero e de relações raciais (nesse caso, mesmo sabendo que, de todos os jovens que responderam ao questionário, apenas quatro são autodeclarados brancos, procurou-se também entrevistar um jovem branco). Ressalte-se a dificuldade encontrada em conjugar diversos aspectos para a seleção dos pares sem perder de vista as questões centrais e de interesse da pesquisa. Não houve qualquer direcionamento nas escolhas, ou seja, prevaleceu a tentativa de ser fiel aos critérios previamente estabelecidos e que permitiram classificar os respondentes em quatro grupos.

Apesar do atraso provocado por essas dificuldades e pelo período de Carnaval, as entrevistas tiveram início no mês de março de dois mil e oito, sete meses após o início do trabalho de campo, com a participação de duas jovens e um jovem. Após várias tentativas de conseguir uma data e local apropriados e convenientes, foi possível realizar uma primeira rodada de conversa com cada um, sendo uma delas no centro da cidade, uma em Jacarepaguá e outra em Niterói. Passado um mês, ainda não havia conseguido realizar a segunda rodada com algum deles, pois apresentavam problemas constantes de disponibilidade de tempo. Uma das jovens trabalha, estuda e é mãe solteira e somente poderia me encontrar às quintas-feiras no tempo vago da faculdade. A outra só poderia gravar às quartas-feiras, mas estava trabalhando em hora extra no centro da cidade e em Copacabana. Quanto ao rapaz, trabalha em Maricá, mora em Itaipu e podia me encontrar na Universidade Federal Fluminense (UFF) às quintas-feiras. Ocorre que, por conta dos feriados e de um acidente que o impediu de se locomover, a conversa foi adiada por duas vezes até que, finalmente, pudemos travar um diálogo bastante importante para a pesquisa.

Após refazer o cronograma, o que resultou em sobrecarga e superposição de trabalho, enquanto aguardava o término de uma transcrição da entrevista⁶¹ realizada em julho com um jovem *DJ*, completei a análise de três entrevistas realizadas naquele mesmo mês. Faltava apenas uma entrevista para completar as oito que foram previstas e isso também contribuiu para as alterações de cronograma. Desde o início de junho do mesmo ano, mantive contato com uma das jovens selecionadas para marcarmos nossa conversa gravada. Por seis semanas consecutivas, ela vinha marcando e desmarcando a entrevista sempre alegando problemas pessoais, que culminaram com uma gripe que a deixou afônica. Após quarenta dias de espera, marcamos um encontro e, na véspera, ao ligar cinco vezes para combinarmos hora e local de encontro, a jovem, simplesmente, não atendia ao telefone. Não dá para descrever a tensão e a angústia provocadas por perceber que a corrida contra o tempo pode ser perdida. Sendo assim, mesmo sabendo das possíveis perdas decorrentes da desistência, resolvemos buscar outra jovem que pudesse, efetivamente, colaborar com a pesquisa. No dia seguinte, houve o contato telefônico com uma jovem que, assim como todos os outros entrevistados, havia se disposto a continuar a participação no processo de entrevistas. Inicialmente, ela pareceu meio arredia e desconfiada. Após ficar esclarecido todo o percurso do trabalho, ela solicitou que eu ligasse no fim de semana seguinte para marcarmos o local e a hora da conversa, pois estava atarefada com o trabalho. Nesse ínterim, houve o cuidado de enviar, através de *e-mail*, o capítulo que resultou da análise dos quarenta e dois questionários exploratórios para que ela se familiarizasse com o percurso e o processo da pesquisa.

No sábado seguinte, ao telefonar para ela, fui surpreendido com a sua desistência, alegando que não estava mais interessada em colaborar, por absoluta falta de tempo e de vontade em ser entrevistada. Mesmo afirmando tratar-se de uma conversa cuja necessidade da gravação devia-se à necessidade de a mesma ser transcrita e posteriormente analisada, a jovem manteve-se decidida a não mais participar. Sendo assim, tive que fazer novos contatos a fim de buscar outra jovem que pudesse colaborar para o andamento do trabalho. Isso, certamente, provocou novas alterações de cronograma. Essa é uma questão sobre a qual poderemos refletir e que pode servir de alerta para que não confiemos demasiadamente nos sujeitos objetos de pesquisa e que há a necessidade de elaborar cronogramas com espaços/tempos bem elásticos de forma a não sermos atropelados pelos prazos impostos para a realização da defesa de tese.

⁶¹As transcrições das entrevistas com quatro jovens foram realizadas por mim e outras quatro foram encomendadas em decorrência da necessidade de recuperar o tempo desperdiçado pela espera e indecisão dos jovens em participar da segunda parte da pesquisa.

A outra dificuldade que vale destacar é a precariedade de informações que possa decorrer de alguma entrevista cujo jovem tenha grande dificuldade de elaborar um pensamento ou de desenvolver um raciocínio que possa ser importante para a pesquisa e posterior análise. Um dos jovens entrevistados revelou enorme dificuldade de se expressar e de articular as palavras. Além da timidez peculiar, ressaltou-se que está sempre sob o domínio de sua mãe e possui uma visão de mundo que parece empobrecida para um jovem de dezoito anos. Sendo assim, sua entrevista não me proporcionou elementos importantes para a pesquisa, haja vista que conseguimos conversar por apenas trinta minutos e, ao transcrever a conversa, observei que suas frases não produziram mais do que duas linhas em cada fala. Mesmo sabendo de suas limitações e da precariedade do texto, resolvi fazer a análise para observar que questões poderiam ser importantes para a construção do texto final. Assim, decidimos que haveria a necessidade de fazer contato com mais um jovem para nova entrevista. Este mostrou-se bastante receptivo e, imediatamente, sugeriu que eu ligasse de volta na tarde seguinte a fim de agendarmos uma conversa para aquele final de semana. Liguei na hora marcada, mas ele estava atarefado, pois, pelo fato de ser bancário, estava fazendo o fechamento de caixa de final de mês de agosto. Sendo assim, disse-me que retornaria a ligação ao final da tarde, o que não aconteceu. No dia seguinte, fiz novo contato e deixei recado com a sua namorada, pois ele estava jogando futebol. Após várias tentativas frustradas, consegui fazer contato através do telefone celular e ele, após se desculpar, voltou a dizer que retornaria a ligação tão logo estivesse liberado do trabalho, o que não aconteceu nas duas semanas subsequentes. Diversas mensagens foram encaminhadas através de celular e de correio eletrônico, mas tudo em vão.

2.3 – Os Jovens entrevistados são apresentados

A seguir, são apresentadas algumas características dos jovens e das jovens que foram escolhidos para as entrevistas, de acordo com os critérios informados anteriormente. Buscou-se indicar as distintas formas de aproximação e os momentos que antecederam as gravações. Pode-se, ainda, apontar alguns aspectos importantes que marcam suas identidades e sua relação com a família e o Charme, além de mostrar a diversidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

2.3.1 – Alex *DJ*: tocar por prazer

Alex, mais conhecido no universo do Charme como Alex *DJ*, é um jovem de vinte e oito anos que eu conheci há algum tempo em um dos vários eventos realizados na cidade. Conhecemo-nos no Botequim do Charme que fica situado na Cidade de Deus (CDD), onde é realizado um baile às sextas feiras à noite. Esse local é uma importante referência para a história recente do Charme, pois, apesar dos muitos problemas pelas quais a comunidade passou, a maioria deles relacionada à violência e ao tráfico, o baile resiste e continua acontecendo semanalmente no bar do Bill. Houve um período em que ali se reuniam centenas de pessoas vindas de todos os cantos da cidade para ouvir e dançar os melhores hits de *Black Music*. Ao contrário de muitos outros bailes recentes que se caracterizam por ter vida curta – muitos duram poucos meses ou, no máximo, um ano – o botequim, apesar de todas as adversidades, existe há dez anos, mesmo passando por um processo de esvaziamento provocado pelo clima de insegurança que está instalado não só na CDD como em todo o Rio de Janeiro. Sair à noite pode ser um risco, independente do horário e local para onde se vá.

Apesar de termos sido apresentados na CDD, não tínhamos um contato mais próximo e foi em um encontro casual que eu pude contar com a sua colaboração para o preenchimento do questionário exploratório. Isso se deu em agosto de dois mil e oito no Viaduto de Madureira. Era uma sexta feira e, naquele, estava ocorrendo um baile de *Flash Back*. Era uma proposta interessante, uma vez que, na maioria dos bailes as músicas dos anos de 1980 geralmente são tocadas em um curto período destinado a lembrar os tempos iniciais dos grandes bailes que reuniam milhares de jovens por toda a cidade. Assim, os idealizadores do evento estruturaram um espaço de Charme no qual havia três *DJs* residentes e, a cada semana, havia outros convidados para se apresentar, desde que atendessem à exigência de tocar apenas música antiga.

Esse foi o principal motivo de minha presença nesse baile na condição de pesquisador, muito embora represente um recorte temporal marcado por músicas que me agradam bastante. Desse modo, foi possível reunir o útil ao agradável, ou seja, dar prosseguimento ao trabalho de campo e ouvir música de qualidade. Além do repertório, houve a preocupação por parte dos organizadores em criar um ambiente que privilegiasse a reconstrução da memória através de um telão onde eram projetados vídeos e trechos de filmes dos anos de 1960 a 1980. As lembranças decorrentes de memórias revisitadas de forma pessoal pelos vários frequentadores, em sua maioria adultos, me permitiram ouvir relatos memorialísticos

importantes para construir os quadros de memória através das distintas percepções de um mesmo período, de determinados cantores ou mesmo de alguns bailes antigos, por exemplo. Criou-se um espaço de trocas e de socialização que privilegiava a memória que se expressava nas formas particulares de lembrar-se do mesmo evento, do mesmo cantor. Assim, pude observar a importância da relação entre o campo de pesquisa e o aporte teórico como apoio para compreender a necessidade de estar atento para apreender o que o campo estava a oferecer e que pode ser esclarecido através de conceitos ou categorias a priori. Pode, ainda, exigir o retorno à teoria, no sentido de analisar os elementos empíricos que o campo oferece e que necessariamente não estão aprisionados a uma estrutura teórico-conceitual previamente criada pelo pesquisador.

Ir a esse baile, mais do que uma satisfação pessoal, foi uma tarefa importante, pois configurou-se em um ambiente favorável à pesquisa, uma vez que, tratando-se de um baile que privilegiava a memória, as lembranças e a presença de adultos – os chamados cascudos –, eu poderia observar a presença de alguns jovens e a sua relação com esse período do Charme do qual não fizeram parte. Assim, compreender que os jovens que estavam ali tinham diferentes níveis de contato com a memória e a história do Charme me permitiu abordar alguns que se dispuseram a participar da primeira etapa da pesquisa através do preenchimento dos questionários. Aquele me pareceu um ambiente propício para o encontro intergeracional que privilegiava a troca, a memória e a aprendizagem e, apesar do barulho, a escuta muitas vezes silenciosa. Por que os jovens estavam ali? O que os motivava a frequentar um baile de *Flash Back*? São perguntas que orientaram a própria tese no sentido de entender em que medida a construção da memória juvenil passa também pelos espaços musicais que privilegiam o encontro e as trocas entre gerações. Nesse contexto, Alex era um dos vários jovens presentes naquele dia no baile. No seu caso, a presença poderia ser decorrente de vários motivos, como, por exemplo, as relações de amizade com outros *DJs* ou mesmo o simples fato de gostar de ouvir *Flash Back*, já que não estava listado como convidado para se apresentar naquela noite.

Quase um ano após o nosso encontro, eu estabeleci contato com Alex no sentido de retomar o trabalho de pesquisa cuja fase estava relacionada às entrevistas. Ainda que, nesse período, tivéssemos nos encontrado algumas vezes, eu creio que consegui separar bem as coisas, ou seja, não confundi o frequentador com o pesquisador, o que também garantiu a sua privacidade, uma vez que nossas conversas nunca giravam em torno da pesquisa. Assim como

os outros entrevistados, o nosso contato foi realizado através de ligação telefônica. Essa retomada mostrou-se ser uma tarefa complicada, cercada de cuidados e de receios, pois, passado um tempo significativo e apesar de ele ter explicitado no questionário o interesse em prosseguir na pesquisa, haveria a possibilidade de desistência. Foi o que aconteceu com três jovens selecionados de acordo com os critérios estabelecidos e informados anteriormente no texto. As possíveis mudanças decorrentes da própria reestruturação de suas atividades foram apresentadas com o motivo central para que não dispusessem de tempo para colaborar com a pesquisa. Em relação a Alex, não houve grandes dificuldades para nos encontrarmos. A maior delas esteve relacionada ao seu horário de trabalho noturno e que não permitia muito tempo disponível para outras atividades, uma vez que dorme durante o dia e, depois, vai à escola antes de retornar ao trabalho, fato esse que só fui descobrir depois de tê-lo acordado em algumas oportunidades. As vezes que eu telefonei foram em horários impróprios e até mesmo inconvenientes, o que somente fui saber durante a nossa conversa gravada. Ele trabalhava à noite no setor de manutenção do Metrô. Apesar disso, mostrou-se bastante gentil e receptivo a ponto de marcar o encontro no dia do seu aniversário para as dez horas de uma manhã chuvosa do mês de julho no *Madureira Shopping*.

Pai de um casal de filhos e atualmente morando com a sua mãe, com quem divide as despesas da casa assim como os afazeres, ele está namorando uma jovem charmeira, o que parece contribuir para que a relação flua de maneira tranquila.

Ela é charmeira já antiga, ela sempre gostou de Charme. Ela sempre gostou de Charme. [...] eu conheci ela lá no 0800 em Marechal Hermes. Lá que eu conheci ela lá através de um amigo dela do curso. Ela sempre curtiu, Ela frequentou o Disco Voador⁶² [...] passou pelo Disco Voador primeiro do que eu.

Os poucos momentos de lazer que o casal usufrui em decorrência da vida atribulada de Alex e da sua quase ausência de tempo disponível são destinados a atividades como

⁶² Um dos mais importantes bailes de Charme que era realizado no bairro de Marechal Hermes, cujo auge ocorreu nos anos de 1990.

Cinema, cara, a minha namorada gosta muito de cinema, eu gosto muito de comer, por isso eu estou engordando. [...] É, ou ficar em casa vendo filme. Rua eu estou cansado. Às vezes, eu quero ficar em casa também.

Filho de pais separados, a sua relação com a *Black Music* ocorreu através de seu tio – por intermédio de quem pode ter contato com o suingue – e também com o seu pai, cujos relatos ainda estão presentes nas suas lembranças. Desse modo, não é considerado um herdeiro direto.

2.3.2 – Cassiane: o Charme é válvula de escape

O primeiro contato com Cassiane foi realizado em um baile de Charme por ocasião da aplicação dos questionários exploratórios durante o mês de agosto de dois mil e oito. O baile aconteceu também sob o Viaduto Negrão de Lima no bairro de Madureira. Diferente dos bailes de sábados que já são realizados há vinte anos, este estava começando a ser realizado na parte central do viaduto, em um trecho coberto pelo mesmo e que é delimitado por duas vias por onde os veículos trafegam. Ali, a prefeitura construiu uma espécie de miniconcha acústica com várias mesas e bancos de cimento no entorno, mas o espaço era ocupado (e voltou a ser depois que o baile deixou de acontecer em fins de outubro do mesmo ano) por moradores de rua e mendigos. Após um processo de higienização, ainda que realizado de forma precária, um grupo de *DJs* deu início a um projeto cuja proposta era a recuperação dos bailes da forma como eram realizados nos anos oitenta. Assim, todas as músicas estariam relacionadas a esse período que coincide com o que se convencionou chamar de *Flash Back* e *Mid Black*.

Além da mesa de som e dos equipamentos necessários à apresentação dos *DJs* residentes e convidados, foi instalado um telão onde eram projetados *videoclipes* de cantores e cantoras importantes e que marcaram a época da *Black Music* desde os anos de 1960. Era possível observar que esse trabalho consistia não só em um processo de pesquisa e preservação, mas, principalmente, em uma importante proposta de reconstrução da memória do movimento. Havia muitos *clipes* que eram pouco apresentados e quase desconhecidos do público mais jovem, o que se constituía em um trabalho informativo e educativo através da

memória presentificada pelo som e pela imagem. Desse modo, era possível conhecermos os jovens cantores daquela época tais como *Michael Jackson*, *James Brown* e *Barry White*, além de conjuntos e grupos importantes como *The Supremes*, *The Jackson Five* e, mais recentemente, *Black Street*.

Nesse contexto, munido de minha pasta com os questionários, eu, além do interesse pela proposta da realização de um baile de *Flash Back* – já que essa tradição vem se perdendo ao longo do tempo – em local público, estava atento à presença de jovens charmeiros e charmeiras que pudessem colaborar com a pesquisa. Após ocupar uma das mesas disponibilizadas pela organização do evento e que estava situada em um ponto a partir do qual eu poderia ter uma visão privilegiada do espaço, voltei a minha atenção para a chegada das pessoas, o que deveria acontecer pelas escadas de acesso ao lado de onde eu estava posicionado. Pouco tempo depois, três jovens entraram no baile e ocuparam uma das mesas próximas à barraca onde eram vendidas as bebidas e os salgados. Nesse mesmo período, minha mesa passou a ser dividida com um grupo de amigos que tinham acabado de chegar. Passado um momento que julguei suficiente para que as jovens se acomodassem, cerca de meia hora, iniciei a abordagem esclarecendo quem era, em que consistia a pesquisa, seus objetivos e a finalidade dos questionários, que as três prontamente se dispuseram a preencher, ainda que o tenham feito com certa desconfiança. Procurei deixá-las à vontade e indiquei a mesa em que eu estava com meus amigos, caso precisassem de quaisquer esclarecimentos para responder às questões. Alguns minutos depois, fui chamado pelo grupo para que devolvesse os questionários preenchidos sem que eu pudesse imaginar que dali seriam escolhidas, posteriormente, duas dos oito jovens com os quais eu viria a trabalhar por ocasião das entrevistas aprofundadas. Foi desse modo que o primeiro contato com Cassiane e Juliana foi estabelecido.

A entrevista com Cassiane foi marcada após a realização de alguns contatos telefônicos – o primeiro bastante difícil, pois tratava-se de um trabalho de convencimento para que ela continuasse a participar da pesquisa – para março de dois mil e nove e o local de encontro foi em frente ao prédio onde ela trabalha como operadora de *telemarketing*, no centro do Rio. Certamente que não nos lembrávamos mais das respectivas fisionomias, mas isso não significou empecilho para que o encontro acontecesse. Após uma rápida conversa, nos dirigimos para uma cabine de estudos da biblioteca de uma universidade privada situada próximo de onde estávamos. Não houve dificuldades para a realização da entrevista, uma vez

que, após esclarecer ao funcionário sobre a finalidade do uso do espaço, embora não fôssemos alunos, ele prontamente autorizou a nossa entrada e nos indicou as cabines de forma que pudemos escolher aquela que não atrapalhasse os estudos dos outros frequentadores, uma vez que nós iríamos conversar.

Cassiane é a mais nova de oito filhos e, por todas as dificuldades decorrentes de ser membro de uma família numerosa, considera a sua situação como privilégio quando relembra as limitações que as condições de vida impuseram aos seus irmãos e irmãs. Atualmente, cinco deles moram em casas construídas no mesmo terreno em que ela mora apenas com sua mãe, pois seu pai já faleceu. É a família a sua principal e mais importante fonte de memória. Suas lembranças estão marcadas, especialmente, por vários episódios vivenciados ao lado do seu pai, as idas e vindas dos irmãos aos bailes de Charme e a questão da religiosidade, que marca profundamente a convivência com a sua mãe.

Aos vinte e três anos, ela fala de suas idas aos bailes em companhia de suas amigas como se fosse um tempo muito distante, daqueles que não voltam mais. Há certo saudosismo de um passado recente que se confunde com o presente. Se ir aos “bons bailes” não acontece mais com tanta frequência, uma vez que trabalha e estuda, isso não quer dizer que não apareça mais nos eventos, até porque sente falta e diz: “eu penso quase todos os dias em Charme. O Charme pra mim é uma válvula de escape de todos os problemas que a gente passa. A gente fica lá naquela coisa mais tranquila”. Esse passado recentíssimo que compreende um curto período de seis anos constitui-se no espaço mais significativo para a constituição de seus ambientes de socialização, assim como da definição de suas relações de sociabilidade pontuadas por suas atuais amizades e por alguns namoros.

2.3.3 – Diogo: Um jovem que vem de longe

Dentre as muitas dificuldades apontadas para a realização de pesquisa nos bailes de Charme, pude deparar com algumas delas e que limitaram minha ação, além de requererem uma abordagem mais cuidadosa ao jovem sujeito da pesquisa. Além da questão do som alto, a iluminação em penumbra não contribuiu para a realização das anotações necessárias do trabalho de campo. No caso da conversa inicial com Diogo, foi preciso, mais uma vez, confiar

na memória para que as descrições fossem realizadas posteriormente com o material disponível nas lembranças. No limite, consegui anotar apenas os tópicos mais importantes, uma espécie de roteiro para auxiliar na elaboração do diário de campo, o que somente foi possível quando do meu retorno à casa. Outras questões também dificultaram essa aproximação que, por conta disso, deve ser feita de maneira cuidadosa, pois, no caso específico dos jovens, estar no baile representa vivenciar seus momentos de lazer e socialização que estão sendo interrompidos por um estranho que lhes acena com uma atividade que pode se configurar em trabalho. E isso é tudo o que não querem, ou seja, misturar lazer com trabalho, pois já bastam um dia inteiro ou uma semana de trabalhos e atividades estressantes. Muitas vezes, se não estão em companhia do grupo de amigos ou das namoradas e namorados, estão na pista dançando. Foi nela que encontrei Diogo durante o baile de Charme da Estudantina. Sabendo que não poderia invadir a pista para conversar com ele, uma vez que o local repleto e o momento não eram propícios, pois isso poderia resultar no surgimento de barreiras para a aproximação e o esclarecimento da pesquisa, assim como da finalidade do questionário exploratório, fiquei na espreita aguardando o momento favorável para que a abordagem fosse feita.

Era uma quinta feira, dia vinte e cinco de setembro de dois mil e oito, e o baile ainda não estava lotado como de costume. Assim que Diogo parou de dançar e afastou-se da pista eu me aproximei e, após me identificar, pude esclarecer os principais aspectos da pesquisa. Ele mostrou-se bastante receptivo em colaborar, desde que não tivesse que preencher o questionário naquele momento, pois isso representaria abrir mão dos momentos preciosos de lazer proporcionados pelo prazer de dançar, de estar no baile. Sugeri, então, que eu enviasse o questionário por correio eletrônico para que o devolvesse devidamente preenchido. Ainda que isso representasse algum risco de não obter o retorno, após anotar o seu endereço eletrônico, agradei a sua disponibilidade e me afastei para permitir que ele continuasse a dançar.

A escolha de Diogo para que fosse feita a entrevista aprofundada obedeceu, assim como com os outros entrevistados, a critérios previamente estabelecidos. Entretanto, o critério mais importante para a sua seleção relaciona-se ao fato de ele não ser caracterizado como um herdeiro do Charme, isto é, os seus pais não são charmeiros. Entrevistar um jovem charmeiro, aquele cujos pais possuem forte relação com a memória e estória desse universo cultural, pode significar algo previsível, uma vez que, ao ser educado e criado em um ambiente familiar

favorável às suas escolhas e definição de seus gostos, tais influências representem fatores muito importantes para esse processo educativo, o que nem sempre condiz obrigatoriamente com a realidade. Sendo assim, a conversa com Diogo poderia contribuir particularmente para entender a sua relação com o Charme, suas lembranças e memórias, o surgimento desse movimento em sua vida em uma perspectiva distinta daquela que está relacionada à possível lógica “filho de peixe, peixinho é”. Fazer o contraponto com os outros entrevistados que, se não os pais, ao menos o pai ou a mãe é charmeira, pareceu-me muito interessante para compreender a sua inserção no mundo do Charme por outros caminhos que não aqueles proporcionados pelo convívio familiar.

Nossos contatos foram realizados através de correspondência eletrônica e, posteriormente, através de telefone celular para que pudéssemos marcar o local da nossa conversa. Esta foi acertada para abril de dois mil e nove no prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Às dezessete horas, nós nos encontramos no portão de acesso à universidade e nos dirigimos à sala do Observatório Jovem, localizada no quinto andar do bloco D, onde está situada a faculdade.

Durante nosso percurso fomos conversando um pouco sobre questões gerais e observei que o seu penteado estava diferente daquele usado quando nos encontramos no baile em setembro do ano anterior, o que parecia representar para ele um importante marcador identitário negro. Entretanto, não foi esse o ponto de partida para a nossa conversa gravada, mas o fato de ele estar vindo direto do trabalho para a entrevista. Ao descobrir que ele havia se deslocado do município de Maricá para a universidade apenas para conversarmos, eu confesso que fiquei extremamente gratificado por sua demonstração de boa vontade e gentileza. Senti-me até mesmo constrangido, pois não poderia imaginar que Diogo seria capaz de tamanho esforço para colaborar com o meu trabalho, uma vez que levou quase duas horas para chegar ao nosso local de encontro. Foi a questão do trabalho que deflagrou a nossa conversa, que foi bastante agradável, amistosa e cercada de muita afetuosidade.

Aos vinte e oito anos, formado em matemática, é funcionário público da esfera federal e trabalha em Maricá, vizinho ao município de Niterói, onde morou por muitos anos, tendo se mudado recentemente para Itaipu, junto com a sua mãe, em decorrência de ficar mais próximo do local de trabalho e, com isso, ganhar tempo e melhor qualidade de vida. Entretanto, essa proximidade com o trabalho resultou no afastamento de outras atividades, principalmente aquelas relacionadas à cultura e ao lazer. Até mesmo as eventuais escapadas durante a semana

para ir ao baile da Estudantina, foram se tornando coisa do passado. Se a mudança de residência para Itaipu proporcionou melhoria na qualidade de vida em função da proximidade com o trabalho e o fim do enfretamento de enormes engarrafamentos, por outro lado resultou em maior distanciamento dos locais preferidos de diversão. Assim, esta fica restrita aos finais de semana:

[...] no meio da semana, lazer não tem mais [...]. No meu escasso tempo livre vou pra casa, conversado com amigos e tentar estudar, ver televisão, descansar a cabeça. Algo só o que não me deixa cansado, a questão é, se eu sair do trabalho e vier pra Estudantina. Sei lá, não tinha saco nesse momento, porque, aliás, é cansativo. A última vez foi quase duas horas de viagem. Duas horas de viagem assim, saí da Estudantina e até quase na Central, que meu ônibus não passa mais ali na porta, eu tenho que ir até a Central pra pegar um até Itaipu, e de Itaipu pegar um outro ônibus que vai pra minha rua. É cansativo.

Dentre os entrevistados, assim como com os jovens que responderam ao questionário exploratório, Diogo se destaca por não ser herdeiro do Charme e por já possuir certa estabilidade financeira e autonomia, embora ainda habite a casa de sua mãe, o que o configura com um jovem cuja permanência na casa da família de origem é uma característica da “geração canguru”. Outra característica que vale ressaltar é que, diferente da grande maioria dos envolvidos na pesquisa, os seus pais possuem nível superior – o pai é contador e professor e a mãe é advogada. Desse modo, se ele não herdou as preferências musicais, teve o ambiente e o estímulo favoráveis para chegar à universidade sem maiores transtornos, diferente da maioria dos jovens cujos pais mal possuíam o ensino fundamental concluído. Para estes, chegar à universidade poderia configurar a realização de um sonho, de um projeto para o qual houve enorme sacrifício, além de significar alguma mobilidade social. Para Diogo, isso seria um caminho quase que natural, o que não quer dizer ausência de muito empenho pessoal, assim como de conflitos decorrentes de distintos projetos profissionais que a escolha do curso universitário viesse representar. Fazer matemática sempre foi uma decisão pessoal apoiada, em certa medida, apenas pelo seu pai. Ser engenheiro era a escolha de sua mãe e que está relacionada à projeção profissional e ao prestígio social. Entretanto, a carreira militar representava a coincidência de opiniões, pois, assim como muitos outros que relacionam essa atividade com o respeito e a estabilidade financeira, os seus pais acreditavam que valeria a

pena todo o esforço para custear os seus estudos em uma instituição voltada à preparação para os vários concursos direcionados às escolas militares. Ainda que não houvesse a pressão por parte de seus pais, Diogo, assim como muitos outros jovens, não tinha clareza a respeito de qual seria o melhor caminho, a melhor escolha. Foi a possibilidade de experimentar, de ter direito de tentar que o fez, aos poucos, eliminar algumas possibilidades de futuro profissional, chegando, desse modo, aonde realmente queria e sonhou.

2.3.4 – Douglas: chegando agora

Aluno da nona série do ensino fundamental, Douglas é um jovem de dezoito anos que vive em compasso de espera para decidir sobre o seu futuro, pois aguarda a definição de sua situação junto ao serviço militar, uma vez que não sabe se prestará o serviço militar obrigatório. Filho de pais separados, mora com a mãe e, além do ensino regular, cursa informática, pois acredita ser essa uma importante ferramenta para a sua inserção no mundo do trabalho.

O nosso encontro para a entrevista aconteceu no apartamento onde mora, em um dia de domingo do mês de julho de dois mil e nove. Na realidade, eu nem mesmo lembrava da fisionomia do Douglas, pois nos vimos apenas uma vez por ocasião do preenchimento dos questionários exploratórios que, no seu caso, aconteceu durante um baile de *Flash Back* que era realizado semanalmente sob o Viaduto de Madureira. Foi numa sexta-feira de outubro de dois mil e oito que encontrei um amigo, o Eduardo, que organiza, há dez anos, um baile de Charme no bairro de Padre Miguel, mais conhecido como *Point Chic Charme*. Além do baile realizado aos domingos, há outras interferências culturais na comunidade que reúnem cerca de trinta mil pessoas. São elas o dia de São Jorge e o dia de Zumbi dos Palmares, nos quais há a perfeita união do sagrado e do profano. São atividades religiosas de matrizes católicas e africanas, juntamente com *shows* de artistas renomados, além de apresentações de samba, pagode e de muitas outras variações da musicalidade negra.

Ao me aproximar de Eduardo durante o baile no Viaduto pude observar que ele estava em companhia de sua namorada e de um jovem que, posteriormente, soube tratar-se de seu futuro enteado. Assim, julguei pertinente que esse jovem pudesse preencher o questionário

uma vez que se encontrava presente em um evento no qual são apresentadas apenas músicas *Black* antigas e, certamente, a sua presença despertou-me curiosidade e interesse. Para isso, eu conversei com o Eduardo e com a mãe do jovem a respeito do conteúdo da pesquisa e da importância da participação do jovem Douglas. Após o consentimento dos adultos, eu pude explicar ao jovem o que vinha a ser a pesquisa, assim como a finalidade daquele questionário.

Dentre os critérios previamente estabelecidos para a escolha dos jovens que fariam parte das entrevistas, Douglas caracteriza-se como meio herdeiro, uma vez que apenas a sua mãe é charmeira. Além disso, a sua escolha deveu-se ao fato de ser bastante jovem, ocupando, assim, uma extremidade etária dentro da faixa proposta por diversos estudos e órgãos de pesquisa quantitativa voltados para a juventude. Ainda que saibamos que a idade não seja suficiente para caracterizar um jovem, uma vez que há outros fatores que marcam a condição e a situação juvenis, a questão da idade segue sendo relevante no contexto de um questionário exploratório. Se houve a preocupação em envolver a diversidade de jovens nessa faixa etária, no caso de Douglas, isso revelou uma questão interessante, quer seja a sua pouca relação com o mundo do Charme. Aquela era o seu primeiro baile e isso somente foi sabido durante a nossa conversa gravada, o que trouxe algumas limitações, principalmente no que diz respeito à construção de sua memória em contextos familiares ou sociais relacionados com este movimento cultural.

Os contatos preliminares para marcarmos a nossa entrevista foram todos feitos com a sua mãe através de diversas ligações telefônicas, ou seja, em nenhum momento houve a participação de Douglas nesse período que antecedeu a gravação. Após alguns desencontros provenientes de distintos tempos e horários de trabalho, ouvi uma ligação, gravada na secretária eletrônica, em que Eduardo autorizara a realização da conversa e pedia que eu retornasse para confirmarmos a data e o local da mesma. Observo que, em nenhum momento, tive contato com o jovem até o dia da entrevista, que foi marcada por sua mãe para um domingo em sua residência. A sua preocupação em relação às amizades do filho deve ajudar a compreender a sua função mediadora, bem como o seu controle sobre o filho, fatores que só me foram possíveis perceber durante a conversa. Além disso, essa não participação de Douglas nos contatos preliminares revelaria, posteriormente, algumas de suas características mais marcantes e frequentemente reforçadas por sua mãe, ou seja, a timidez e certa dependência dos adultos para tomar determinadas decisões que lhe dizem respeito.

2.3.5 – Jeanne: um sonho adiado

Um ano após o preenchimento do questionário exploratório, voltei a fazer contato com Jeanne através do telefone com a finalidade de entrevistá-la. É claro que, após tanto tempo, havia o receio de que ela não mais se lembrasse daquele encontro no baile de *Flash Back* no Viaduto de Madureira em agosto de dois mil e oito. Após duas experiências contraproducentes com outras duas jovens que desistiram de prosseguir no trabalho de contribuir para a produção da tese, o fantasma do insucesso estava me rondando. A minha preocupação era justa e estava relacionada ao tempo – e que estava cada vez mais ficando escasso – e ao distanciamento das características que foram determinadas para a escolha dos jovens a serem entrevistados. Mais uma negação representaria abrir mão de um ou mais aspectos definidores para a seleção dos jovens. Significaria também o perigo de investir mais tempo que poderia ser em vão, o que certamente aumentaria a tensão provocada pelo prazo final de defesa de tese.

O contato foi realizado através de telefone celular e apresentou os problemas esperados. Ainda que Jeanne tenha se lembrado da ocasião do preenchimento do questionário, isso não foi suficiente para que eu conquistasse a sua confiança imediatamente. Houve certo receio que fui aprendendo ser comum à maioria das entrevistadas, e esse deve ter sido um aspecto determinante para as duas desistências anteriores, ainda que ambas as jovens tenham mostrado interesse por escrito em prosseguir com a pesquisa. Convencer a jovem de sua importância na continuação do trabalho da pesquisa foi realmente uma tarefa difícil. Provavelmente, foram usados todos os argumentos necessários para que ela pudesse confiar e o questionário foi importante, pois, durante a nossa conversa telefônica, aos poucos, fomos confirmando alguns dados pessoais e familiares para que ela soubesse, efetivamente, com quem estava falando e da minha seriedade como pesquisador. Apesar disso, ela solicitou que enviasse uma mensagem eletrônica com o capítulo a respeito da análise dos questionários em anexo para que ela voltasse a se familiarizar com a pesquisa. Ressalte-se que esse procedimento, além de ser uma estratégia para aumentar a confiabilidade dos entrevistados, configura uma constante preocupação em dar retorno aos participantes do andamento do trabalho através do envio de todo o material escrito e produzido a partir de suas contribuições. Isso diz respeito ao texto decorrente dos questionários exploratórios, à transcrição da entrevista e ao texto de análise descritiva da mesma. Devolver a entrevista transcrita é uma estratégia de estimulá-los a pensar mais a respeito de tudo o que disseram e, com isso,

aprofundar os temas que julgarem importantes ou ampliar os relatos feitos com o estímulo provocado pelo texto da entrevista em suas lembranças.

Após uma semana do envio do texto de análise dos quarenta e dois questionários e sem que tenha havido retorno de mensagem ou ligação telefônica, foi estabelecido outro contato por celular no qual se descobriu que o *e-mail* que eu houvera enviado não fora recebido, pois, segundo Jeanne, o provedor estivera com problemas. A fim de evitar novos impedimentos, ela sugeriu que o texto fosse enviado para outro endereço e, que através dele, após confirmar o recebimento, ela responderia sobre a possibilidade de marcarmos a nossa entrevista. Passados alguns dias, ao mesmo tempo em que Jeanne enviou-me uma mensagem eletrônica confirmando o seu interesse e disponibilidade para continuar, eu havia telefonado para obter notícias a respeito da chegada do *e-mail* enviado. Ela respondeu que estava interessada em participar mais uma vez e que isso estaria escrito na mensagem. Assim, marcamos a nossa conversa para uma quinta-feira de julho de dois mil e nove no *Shopping Madureira*, mas que ela telefonaria confirmando o horário, que estava previamente marcado para as dezesseis horas daquele dia. Sua demora em telefonar causou-me desapontamento, pois a estória de desistência parecia que estava prestes a se repetir. Por volta de dezessete horas, ela telefonou e desculpou-se pelo atraso provocado por problemas no seu trabalho e que resultou na demora em ser liberada do expediente. Ao saber que estávamos em bairros vizinhos, combinamos de mudar o local da gravação. Desse modo, nos encontramos em uma esquina próxima ao local de seu trabalho e nos dirigimos ao *Carioca Shopping*, no bairro da Vila da Penha.

A dificuldade em encontrarmos um local menos barulhento demandou algum tipo de pesquisa. Nesse *shopping*, está instalada uma universidade privada e que nos pareceu um local ideal para realizarmos a nossa conversa gravada. Ainda que fosse período de férias escolares, a nossa entrada na instituição não foi autorizada, mesmo depois de termos nos identificado e esclarecido a finalidade do trabalho. Apesar de dispor de cabines isoladas destinadas a estudos em grupos e de estarem desocupadas, nós fomos impedidos de permanecer em suas dependências. Nossa conversa foi, então, realizada na mesa de uma cafeteria situada no andar térreo do *shopping*. Mesmo correndo os riscos de a gravação captar todos os ruídos característicos de um espaço como aquele e, com isso, prejudicar a transcrição, decidimos permanecer ali mesmo e nossa conversa pôde ser realizada com certa tranquilidade.

Aos dezenove anos e morando apenas com a sua mãe, enquanto aguarda a abertura de novos concursos públicos para o magistério do ensino fundamental, Jeanne procura conciliar o seu trabalho de atendente de *telemarketing* com o retorno à universidade e isso também está sendo adiado por conta da mesma dificuldade encontrada anteriormente e que a fez abandonar o trabalho. A distância entre a casa, o trabalho e a faculdade a impedia de chegar a tempo de assistir às primeiras aulas. Como possui bolsa integral no curso de ciências contábeis, qualquer reprovação significaria a perda da gratuidade e isso foi definitivo para que trancasse a sua matrícula. Segundo ela, a recente mudança de emprego permitirá o seu reingresso no curso universitário, pois disporá de mais tempo para se deslocar bem como para se dedicar ao cumprimento das tarefas acadêmicas.

2.3.6 – Juliana: o Charme é parte de mim

Assim como Cassiane, Juliana era uma das jovens que faziam parte do grupo que estava no baile de *Flash Back* realizado em Madureira durante o mês de agosto de dois mil e oito. São amigas e moradoras do mesmo bairro e isso não passou de uma coincidência, uma vez que os critérios utilizados para a seleção dos jovens a serem posteriormente entrevistados não privilegiavam essa relação de proximidade ou de fazer parte de determinado grupo juvenil. Juliana foi escolhida, principalmente, por ser uma jovem charmeira que estava presente em um baile de *Flash Back* – o que parecia não ser um lugar comum aos jovens, uma vez que a maioria das músicas está relacionada aos anos de 1970 e início dos anos de 1980, período no qual a maioria deles não tinha nascido. Além disso, resalte-se o fato de ser herdeira por parte de mãe, ou seja, o seu pai não se relacionava com o universo do Charme. Entretanto, logo no início de nossa conversa, pode-se perceber certa confusão de informações, pois ela pouco teve contato com o seu pai, que veio a falecer quando ela estava com dois anos de idade. A figura do padrasto torna-se a mais importante presença masculina, uma vez que estiveram juntos formando a família até um período recente. A outra questão que merece destaque, embora não tenha sido um dos critérios para a escolha dos entrevistados, foi o fato de que, ao declarar sua cor/raça, Juliana tenha feito questão de rabiscar o item próprio para essa resposta e autodeclarar-se negra. Esse foi o ponto de partida para a nossa primeira conversa que aconteceu em março de dois mil e oito. Após nos encontrarmos em frente ao

Quality Shopping, nos dirigimos à uma cabine de estudos da biblioteca da faculdade onde ela estuda, no bairro de Jacarepaguá.

Aos vinte e três anos e trabalhando desde os dezoito não só para ajudar nas despesas de casa, mas, principalmente, para conseguir a sua autonomia, Juliana foi mãe aos vinte e um anos, o que parece ter reforçado a necessidade de trabalhar ainda mais, pois suas condições de vida já estavam limitadas pela dificuldade com que a sua mãe mantinha a casa sozinha com o salário de funcionária pública municipal. Os últimos cinco anos parecem não ter sido fáceis para as duas moradoras de uma casa que ela descreveu como sendo bastante simples, cujos gastos com a manutenção, assim como os afazeres domésticos, passaram a ser divididos entre elas. Com a chegada da filha, a alegria tomou conta da casa, mas as dificuldades também se intensificaram, uma vez que isso significou novas despesas e o rearranjo na distribuição das tarefas domésticas em função do pouco tempo disponível. Juliana trabalha e estuda ciências contábeis em uma instituição de ensino superior privado. Sua mãe tem uma rotina de quarenta e quatro horas semanais dedicadas ao serviço de limpeza urbana. Isso obriga Juliana a recorrer ao auxílio de uma tia que cuida de crianças para que tome conta de sua filha de dois anos. Certamente que seu ritmo de vida, suas condições de existência estão muito distantes dos padrões imaginados para uma jovem de sua idade. Sua rotina semanal aponta para a ausência de tempo disponível até mesmo para cumprir as tarefas acadêmicas, pois acorda por volta de seis horas da manhã. Ao final do dia, após sair do trabalho, segue direto para a faculdade onde permanece estudando até às vinte e duas horas. Sendo assim, todos os afazeres, tanto os domésticos quanto as atividades acadêmicas são empurrados e acumulados nos finais de semana. É nesse escasso período que ela divide o tempo entre cuidar e dar atenção e afeto à filha, arrumar a casa e estudar, tentando, desse modo, colocar os exercícios, atividades, trabalhos e leituras – que não são poucas – em dia. Nesse contexto, o lazer parece não existir e o seu círculo de amigos é cada vez restrito.

Eu não vou em nada! Aonde tem evento de Charme eu não vou em nada porque eu não tenho tempo pra nada! Não tenho tempo pra me divertir, não tenho tempo pra nada. Antes eu participava de qualquer coisa, ia a palestra, debate, sei que, hoje eu não tenho tempo pra nada. Sem vergonha. Eu posso te dizer que o Charme hoje, na minha vida, representa muito...eu sinto falta de ir a um baile. Parece que é uma parte de mim! É uma coisa que me faz ficar tranquila. É uma coisa que me faz sentir bem. Hoje eu não vou tanto como antigamente.

2.3.7 – Julio *DJ*: herdeiro de pai e mãe

O primeiro contato com Julio foi realizado por intermédio de sua mãe e de seu padrasto após termos conversado durante um baile de Charme no bairro de Irajá. Esse casal coordena as atividades da equipe *Classics Du Charm* e organizava um baile que acontecia aos sábados, quinzenalmente, em Bangu, durante final do ano de dois mil e sete. Esse mesmo evento acontece hoje em dia, mensalmente, às sextas-feiras, na sede do sindicato dos metroviários, localizado no centro da cidade, no qual Julio é um dos *DJs* residentes. Naquela ocasião, após ter sido convidado e ter decidido conhecer o evento, fui recebido pelos dois organizadores com surpresa e alegria. Conversamos rapidamente e a sua mãe, Mônica, convidou um jovem para se juntar a nós, apresentando-me como seu filho Julio. Conversamos os três rapidamente. Logo depois, Mônica e Julio se retiraram, pois tinham que ir até à casa buscar os salgados e petiscos que seriam vendidos durante o baile.

Cerca de meia hora após a sua saída, Julio e sua mãe retornaram com diversos recipientes repletos de tira-gostos. Após terminarem a tarefa de transporte, nós nos juntamos outra vez e pudemos conversar mais calmamente. Foi nesse momento que Mônica perguntou a respeito da pesquisa e isso me permitiu um espaço importante não só para falar sobre ela como também para esclarecer ao Julio sobre a tese. Expliquei detalhadamente o andamento do meu trabalho, suas possíveis fases e, principalmente, a importância das entrevistas, assim como da necessidade de estas serem gravadas. Observei que todos ouviam atenta e silenciosamente. Ao final dos esclarecimentos, fiz o convite ao Julio para participar da pesquisa e ser entrevistado, o que prontamente aceitou. Trocamos nossos números de telefones para confirmar a data e o local da primeira conversa a ser gravada. Ficou previamente acertado que seria realizada no sábado seguinte, às dez horas, em sua residência, ali mesmo no bairro de Bangu. Essa data e hora foram propostas em função de o Julio cursar o ensino médio durante a semana pela manhã e fazer estágio de agente administrativo às tardes no Ministério da Justiça, o que, certamente, ocupava todo o seu tempo. Embora eu estivesse de posse do gravador, ponderei que aquele não seria o momento ideal não só por conta do barulho da música em alto volume, mas, principalmente, por tratar-se de espaço e momento de lazer do futuro entrevistado. Além disso, eu soube que Julio se apresentaria como *DJ* naquela mesma noite, o que me motivou a permanecer no local, que ainda não estava repleto de convidados.

É importante destacar a confiança em mim depositada pelos pais de Julio ao autorizarem que a entrevista fosse realizada em sua residência e na ausência deles. Afinal, tratava-se de uma pessoa estranha, que não fazia parte do seu círculo de amizades. E isso não é pouco em se tratando do casal que mostra ser bastante reservado e seletivo na escolha dos amigos mais íntimos e que podem gozar de sua confiança. Isso deixou-me extremamente lisonjeado, pois nós tivemos apenas dois contatos mais próximos e nos quais pôde ser esclarecida a proposta do trabalho assim como a importância da gravação da conversa como parte da metodologia aplicada e posterior análise. Assim, a nossa conversa aconteceu em uma manhã de sábado do mês de janeiro de dois mil e oito no bairro de Bangu. Se por um lado isso representou certa facilitação ao meu trabalho, por outro pode ter significado alguma apreensão por parte do entrevistado, uma vez que ele se viu diante de um quase estranho e com quem deveria conversar. Assim, a tensão inicial foi, aos poucos, dando lugar à descontração que marcou a maior parte de nossa conversa, que terminou com uma provocação: quem é Julio? Respondeu:

É um garoto que visa um futuro que, em relação à profissão, de não só ajudar a ele, como à própria família. Eu acho que isso pra mim é prioritário. Acho que sou uma pessoa legal, que gosta de Charme, gosta um pouco dos outros ritmos de música, mas a base dele é mesmo o Charme e é extrovertido, gosta de dançar, tocar, adora tocar música, está aprendendo agora a fazer música e gosta por influência da mãe. Tem um gosto fino na questão de roupas, assim, vestimentas, se preocupa em se vestir bem.

Embora possua consciência de uma auto-identidade⁶³ bastante elaborada no contexto do mundo do Charme, ele considera muito difícil falar de si, mesmo o fazendo com certa desenvoltura. Apesar de ser jovem, aos vinte anos, refere-se aos outros jovens como se não fizesse parte de sua geração, pois há certo receio em relação à ausência de perspectivas devido à imaturidade, que acredita ser um traço marcante dessa geração. Isso, segundo ele, resultaria em menos responsabilidade e maior predisposição à transgressão, o que parece reproduzir o discurso de muitos adultos em relação à juventude.

⁶³ Para Melucci (2004), a identidade possui aspectos individuais, relacionais e sociais constitutivos. É um processo de progressiva individuação que caminha na direção da capacidade de o indivíduo interpretar e resolver autonomamente as necessidades colocadas pelo universo simbólico da cultura, que vai, aos poucos, sendo interiorizado.

2.3.8 – Marcela: uma jovem “das antigas”

Foi por volta do início dos anos dois mil, durante o período em que a equipe *Charme Love* produzia os bailes nos arredores do bairro de Rocha Miranda, subúrbio do Rio de Janeiro, que eu conheci Marcela. Essa equipe era comandada por Mandinho *DJ* e possuía mais três *DJs* residentes, além de uma organização que contava com o apoio de diversas pessoas que faziam parte de seu grupo; Marcela era uma delas. Buscavam, com isso, certa organização que permitisse se aproximar de uma estrutura profissional, ainda que várias dificuldades fossem encontradas por seus integrantes, e que falta à maioria das equipes e organizadores dos bailes. Havia um grupo de pessoas separadas de acordo com as funções necessárias para garantir que os eventos acontecessem com o mínimo de qualidade e de conforto. Nesse grupo, Marcela era uma daquelas que desempenhavam várias atividades e que iam desde a divulgação dos bailes até uma ajuda na cozinha nos momentos em que a demanda tornava-se mais intensa. Em outros momentos, ela aproveitava o baile tal qual uma frequentadora comum. Mais do que um compromisso profissional, o seu vínculo com o grupo estava circunscrito ao campo da afetividade.

O nosso contato para que ela participasse da fase de preenchimento do questionário exploratório foi realizado através do *Orkut*, um *site* de relacionamentos da *internet* no qual são constituídos os perfis dos participantes, assim como a sua rede de amigos na qual é possível ter acesso aos perfis e obter informações pessoais básicas, assim como trocar mensagens, recados e socializar vídeos e fotos. Durante o período da pesquisa, eu estava a navegar na *internet* quando observei que Marcela estava conectada e me surgiu a ideia de convidá-la a participar do grupo respondente aos questionários, o que prontamente foi aceito. Assim, o questionário foi enviado através de correio eletrônico e, posteriormente, devolvido devidamente preenchido.

Marcela mora com a família, que é composta de sua filha, seus pais e sua irmã, além do marido desta e do sobrinho. A escolha para que ela participasse foi decorrente da desistência de duas outras jovens, conforme foi esclarecido anteriormente, e teve com principal aspecto o fato de sua condição de não herdeira, ou seja, os seus pais não são charmeiros. Isso pareceu importante, no sentido de compreender como os seus laços foram construídos, o seu contato com o *Charme* foi estabelecido. Com o auxílio dos dados disponibilizados por ela, foi feito o contato telefônico e, por sorte, após tanto tempo, o celular

que ela possuía fora transferido para o seu cunhado. Após ter me identificado, ele forneceu-me o número do telefone da casa de Marcela, através do qual pudemos conversar e, após certa demora em lembrar quem eu era, pudemos marcar a entrevista para um local que seria combinado horas antes de nosso encontro. No dia marcado, nossa entrevista foi realizada em sua casa, uma vez que Marcela encontrava-se sozinha e considerou aquele o local mais apropriado e confortável bem como o momento propício para a gravação, uma vez que ela raramente estava sozinha em casa:

Porque a casa é muito cheia, muito movimentada. Aqui é um movimento que não tem noção, um entra e sai o tempo todo principalmente no final de semana. Os amigos da minha irmã, os vizinhos. Às vezes liga um “ah, to indo aí!”. Tem uma tia minha que é viúva, mora sozinha: “Oh, to indo aí tomar uma cervejinha”, então vem. (risos) E a gente fica...batendo papo, jogando conversa fora, entendeu? E assim passa o final de semana e quando vê já é domingo oito horas da noite e está começando o Fantástico (risos).

O fato de a sua casa estar quase sempre agitada, cheia de gente, não significa que ela seja uma pessoa de muitos amigos e de badalações. Se houve um tempo em que as saídas eram freqüentes, hoje Marcela considera-se mais caseira e isso se deve, dentre outros fatores, ao cansaço decorrente de sua rotina de trabalho semanal em um laboratório de patologia clínica e à sua fase mais intimista, na qual pretende estar mais tempo consigo mesma. Segundo ela, é uma fase necessária para repensar a sua vida e, portanto, necessita ficar sozinha. Certamente que isso se reflete no seu círculo de amizades e nas suas escolhas por ocupação de seu tempo livre e por atividades de lazer.

No período da entrevista, ela aparentou estar meio desanimada e a nossa conversa permitiu que, de certa forma, ao entrar em contato com as suas lembranças, fosse estimulada a voltar a frequentar os bailes que são organizados mais cedo, dentro de um horário compatível com as suas possibilidades e disposição. Assim, marcamos de nos reencontrar em uma sexta-feira de setembro do mesmo ano em um evento de Charme que é realizado mensalmente no centro do Rio de Janeiro. Dali pudemos esticar para outro baile que é realizado semanalmente no bairro de Osvaldo Cruz, onde Marcela permaneceu por pouco tempo, uma vez que teria que acordar cedo no dia seguinte para ir ao trabalho. Essa nossa saída parece, de algum modo, tê-la reanimado para voltar a sair e serviu para que percebesse que, para além do trabalho e

dos afazeres domésticos, é importante dedicar um tempo mínimo para o direito ao lazer. Isso pode ser observado através de sua disposição em comemorar seu aniversário no mês seguinte no baile da cidade, em que reuniu alguns amigos. Em novembro, voltamos a nos encontrar no mesmo local durante a festa de aniversário de sua prima.

CAPÍTULO 3

Juventude e geração: universos plurais e sujeitos singulares

Cada generación posee, em cierto sentido, otra cultura, nuevos códigos que excluyen – por lo menos parcialmente – a sus contemporáneos de generaciones anteriores.

Mario Margulis

A afirmação acima nos remete a algo que se aproxima da noção de “não contemporaneidade dos contemporâneos”, usada por Mannheim (1993) nos seus estudos sobre geração e que nos auxilia na tarefa de compreender a juventude e seu recorte geracional. Ainda que a cultura possa ser configuradora de uma geração em especial, os processos de transmissão e de mudança pelos quais ela passa estão saturados por marcas e códigos específicos que expressam o potencial transformador imputado aos jovens e que traduzem um tempo social e histórico. A busca de romper com a ideia de juventude enquanto unidade englobante nos remete à tarefa de compreender os diferentes modos de ser jovem frente a um mundo construído pelos adultos e que está geralmente fundado por uma visão distorcida ou congelada a partir de parâmetros cientificistas e generalizantes a respeito do universo juvenil. Essa empreitada está posta como um grande desafio para todos os pesquisadores do campo da juventude. Seguramente, não é possível abranger as diversidades que estão presentes nessa categoria se levarmos em conta apenas os aspectos biológicos empregados por diversas análises que tratam a juventude como geração a partir de alterações fisiológicas e de sua relação com um tempo linear da história. Mais do que seu caráter cronológico, devemos considerar também as diferentes maneiras de cada um relacionar-se com as “mudanças dos afetos, das referências sociais e relacionais” a que estão sujeitos (CARRANO e DAYRELL, 2002, pág. 2). Para além de corresponder apenas a uma condição biológica, ser jovem é uma experiência construída de forma cognitiva e relacional, mas é também uma definição que varia de acordo com as distintas culturas que expressam diferentes sociedades. Tal compreensão pode colaborar para que os indivíduos encontrem caminhos para transpor as dificuldades de estar presente em um mundo com poucas alternativas para os jovens como atores sociais. Permitirá a eles a busca consciente por diferentes opções que serão influenciadas, entre outros fatores, pelas condições sociais e pelo contexto histórico e cultural em que cada um esteja inserido. Desse modo, um dos grandes desafios que estamos propondo é tratar dos diversos aspectos que marcam os indivíduos enquanto atores coletivos de uma

geração e que contribuem para compreender a juventude para além de seu potencial distintivo ou relacional no contexto de suas relações sociais. Portanto, a relação entre juventude e geração está atravessada por questões relacionadas, principalmente, às identidades juvenis elaboradas em contextos culturais particulares como também a outras conjunções marcadas pela intergeracionalidade. Abarca, também, a centralidade da interrelação do trabalho e da escolarização como definidores importantes das suas trajetórias.

3.1 – Juventude ou juventudes?

A juventude é uma categoria social e também cultural em constante recomposição. Em algumas ocasiões, ela é considerada boa e, em outras, ela é má. De qualquer modo, ela sempre é alguma coisa e nunca está sendo. Em geral, podemos observar uma grande preocupação com a elaboração de ações profiláticas e controladoras decorrentes de diagnósticos que partem de um tipo idealizado da juventude encaixada nas normas prescritivas da sociedade. Algumas vezes, parece haver certa ênfase em compreendê-la como período de aprendizagem e de experimentações que contribuirão para a definição do sujeito adulto. Esse processo tende a ser agudizado como resultado da própria aceleração dos demais processos pelos quais estão passando outras qualificações sociais. Mais do que uma categoria em trânsito, como uma etapa de preparação para a vida adulta, torna-se indispensável compreender a juventude, e toda a sua complexidade, como um conjunto construído sem neutralidade e composto de sujeitos encarnados pertencentes a uma mesma geração que, para além de ser produto, é (re)produtora de um universo material e simbólico que constitui não só o meio social, mas a própria cultura em todas as suas dimensões⁶⁴.

Rossana Reguillo (2000) sugere que a juventude deva ser compreendida e analisada através de uma dupla perspectiva que envolva uma “história cultural da juventude”, bem como a “análise empírica das identidades juvenis”. A primeira perspectiva supera a visão essencialista e aponta para a análise relacionada à abrangência da diversidade de processos de ‘ser jovem’ de “acordo com as divisões de classe e idade em processos historicamente situados” (pág. 50), criadas a partir de relações de força na sociedade. Podem-se acrescentar

⁶⁴ A capacidade produtiva de linguagens e culturas não significa que os jovens são desvinculados e não reproduzam valores institucionais presentes em agências socializadoras como a família e a escola, por exemplo.

as relações de gênero e raça não só como agravantes, mas capazes de conferir densidade e concretude corpórea a esse mesmo processo. A outra perspectiva possibilita observarmos a pluralidade da categoria jovem ao analisar “as interações e configurações que vão assumindo as grupalidades juvenis”. Assim, essa diversidade, principalmente em contextos etnográficos, aponta para “jovens” ou “juventudes” e transcende a simplificação de “jovem” ou “juventude” como um dado comum, uma categoria homogênea (idem, pág. 50). Entretanto, alguns autores, dentre os quais se destaca Sposito (2007), têm chamado a atenção para o fato de que o elogio da diversidade presente na expressão juventudes pode comprometer o uso de juventude enquanto categoria analítica. Assim, a pulverização pode resultar na perda de sua densidade categorial.

Mesmo correndo esse risco, destaca-se que tal análise se faz necessária na direção de propor a desconstrução da aparente unidade que envolve a categoria juventude, reconstruindo-a segundo não só a idade, mas em relação a outros fatores intervenientes como classe, gênero, relações de trabalho, posto que essa unidade pode esconder as diferenças que, historicamente, recompõem e ressignificam a juventude. Essas diferenças permitem compreendê-la em sua complexidade e multiplicidade a partir do seu recorte como categoria e, primordialmente, como geração.

Sendo assim, vale destacar a atualidade das contribuições de Mannheim para percebermos a diversidade de coletivos juvenis que compreendem uma mesma geração no interior de sua temporalidade, constituída por sujeitos que apesar de viverem um mesmo tempo cronológico, o fazem de acordo com as suas possibilidades e limitações relacionadas àqueles fatores mencionados anteriormente.

Os jovens que frequentam os bailes de Charme, ainda que estejam inseridos em uma mesma geração no seu recorte cronológico ou meramente biológico, compartilham a mesma situação de classe e a situação geracional, o que, segundo Mannheim (1993), fundamenta uma geração. Podem constituir uma única unidade de geração quando os analisamos isoladamente como grupo que frequenta esse universo cultural. Por outro lado, a questão de gênero ou mesmo as possibilidades e formas de apropriação da cultura na construção de suas subjetividades podem servir de exemplos para compreendermos as várias unidades presentes nesse contexto cultural específico.

3.2 – Ser jovem: uma experiência no tempo e no espaço

Nas sociedades contemporâneas modernas, a juventude é uma condição social quase universalizada, construída na relação, no intervalo entre uma condição natural – a puberdade fisiológica – e uma condição cultural com distintas modelações – o reconhecimento do *status* adulto (FEIXA, 1998). A tentativa de conceituá-la em um contexto sociocultural deve buscar a superação das delimitações biológicas, como a idade, por exemplo, que, em certo sentido, recuperam ou guardam marcas do positivismo clássico francês que levava em consideração os aspectos biológicos e a linearidade temporal para demarcar as gerações. Esses são aspectos importantes, mas não dão conta de compreender a juventude como uma categoria com limites ou marcos que são variáveis de acordo com cada sociedade, conforme foi dito anteriormente. Com isso, busca-se entender a juventude através do recorte geracional, pois, além de seu caráter descontínuo e dinâmico, está inserida em uma mesma temporalidade. Assim, segundo Reguillo (2000), “seus esquemas de representação configuram campos de ação diferenciados e desiguais” (pág. 30).

Para Mannheim (1993), o fato de nascerem em um mesmo tempo cronológico e vivenciarem as mesmas experiências e acontecimentos não é suficiente para caracterizar os indivíduos de uma geração. Mais do que isso, é a semelhança com que acionam essas experiências que irá inseri-los em uma mesma geração. Nesse sentido, dizer que há apenas uma similitude de experiências não contempla os distintos sujeitos nascidos no mesmo período, mas em diferentes lugares, classes sociais, por exemplo. São as experiências compartilhadas ou a maneira semelhante com que processam os mesmos acontecimentos que delimitarão uma geração. Desse modo, as análises de geração relacionadas a um tempo cronológico, inseridas em uma perspectiva biologicista, não dão conta de explicar os limites difusos desta mesma geração. Estar vinculado a ela, mais do que ser resultado do cálculo de “um período médio de tempo” que marca “a durabilidade de existência de um grupo, requer levarmos em consideração a existência de um tempo interior [*subjetivo*], não mensurável e que só pode ser compreendido com algo puramente qualitativo” (MANNHEIM, 1993, pág. 199).

Essa vinculação está marcada ainda pela “contemporaneidade dos contemporâneos”, expressão encontrada por Mannheim para explicar que a dinâmica linear do tempo histórico não contempla as subjetividades que partilham o mesmo tempo de formas distintas. Desse

modo, a “não-contemporaneidade dos contemporâneos” (idem, pág. 200) nos ajuda a perceber a enorme dificuldade que encontramos ao tentar caracterizar a juventude como um grupo concreto. Contribui, também, para compreendê-la a partir do recorte de situação geracional referenciada pela posição que ocupa entre o antes e o depois no processo sócio-histórico. A coexistência de indivíduos nascidos em um mesmo período cronológico não define uma geração, na medida em que esta pode ser configurada por diversas unidades geracionais que ajudam a romper com a tentativa de homogeneização da geração ou da categoria sociológica.

Sendo assim, os estudos empíricos a respeito dos diferentes sujeitos e grupos juvenis que compõem essa geração devem situá-los em um contexto histórico e sociopolítico, uma vez que cada sociedade possui seus próprios “critérios de classificação e princípios de diferenciação social” que envolvem e estão relacionados aos “seus distintos membros e classes de idade” (REGUILLO, 2000, pág. 49). Nessa perspectiva, *juventude* é conformada por uma materialidade analítica que leva em conta o conjunto de imagens culturais distintas deste grupo de idade no interior das classes sociais e, ainda, entre as diferentes classes, que não a uniformiza, mas incorpora em uma mesma geração os diferentes modos de “ser jovem”. Isso permite observar a existência de uma identidade geracional juvenil que modela e expressa um tempo biográfico que se insere em um tempo histórico através das brechas culturais que anunciam simbolicamente essa mesma geração na relação com os pais e outros adultos, por exemplo. São sujeitos no seu tempo que produzem sua história geracional através de expressões identitárias e culturais específicas carregadas de símbolos que traduzem a geração juvenil, ainda que, muitas vezes, estes sejam apropriados indistintamente pela sociedade através de sua mercantilização, ou seja, a juventude como bem de consumo.

Freitas (2005) afirma que “A noção de geração remete à ideia de similaridade de experiências e questões dos indivíduos que nascem num mesmo momento histórico, e que vivem os processos condicionantes das conjunturas históricas” (pág. 6). Concordando em parte, creio que a *ideia de similaridade de experiências*, que pode ser compreendida como um dos marcos da singularidade da juventude enquanto categoria social, deva ser relativizada. Isso se deve ao fato de que não é por ter nascido em um mesmo período histórico que haverá tal similaridade. É preciso levar em conta alguns condicionantes tais como classe social⁶⁵,

⁶⁵ A classe social pode determinar diferentes experiências familiares que vão desde o ajustamento e tolerância mútuas até o completo esfacelamento da estrutura do grupo, assim como a intolerância. Neste caso, como consequência, observa-se o agravamento dos conflitos geracionais decorrente das mudanças nas relações e nos papéis desempenhados pelos pais.

gênero, raça e etnia, que poderão ser definitivos para vivenciar diferentes experiências nesse mesmo contexto sócio-histórico. As trajetórias⁶⁶ e biografias individuais colocam em cheque a tendência à homogeneização da juventude como grupo específico, como categoria social que responde às mesmas condicionantes estruturais. Problematizam, ainda, o “mito da juventude dourada” (MARGULIS, 1996), em que os jovens estão relacionados ao privilégio de uma moratória social na qual todos possuem mais tempo livre e podem dele desfrutar sem angústias nem responsabilidades. Essa condição estaria posta como inerente à juventude. Entretanto, as distintas maneiras de ser jovem estão marcadas, dentre outros aspectos, pela diferenciação social e, em decorrência disso, por diferentes moratórias. Margulis considera a moratória como sendo “um espaço de possibilidades aberto a certos setores sociais e limitado a determinados períodos históricos” (pág. 15) nos quais haveria a tolerância com determinadas exigências frente às obrigações do trabalho e à constituição da família, por exemplo. Assim, há um “tempo legítimo para que se dediquem ao estudo e à capacitação postergando o matrimônio” (idem). Para Mario Margulis:

Os integrantes dos setores populares teriam restringidas suas possibilidades de aceder à moratória social pela qual se define a condição de juventude [...]: devem ingressar precocemente no mundo do trabalho – em trabalhos mais árduos e menos atrativos – tendem a assumir em menor idade obrigações familiares (casamento ou união precoce, consolidada pelos filhos). Carecem do tempo e do dinheiro – moratória social – para viver um período mais ou menos prolongado com relativa desocupação e velocidade (1996, pág. 17).

Se para alguns setores juvenis a moratória é um tempo/espaço consentido de preparação para a vida adulta, para os setores populares é possível observar uma moratória forçada⁶⁷. Para estes, o desemprego e o afastamento das atividades escolares aparecem como

⁶⁶ Bourdieu (2006) compreende a “noção de trajetória como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (pág. 189). Considera que a constituição de uma trajetória requer a construção prévia dos “estados sucessivos do campo no qual ela se desenvolveu e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis”. Portanto, demanda a busca “dos sentidos dos movimentos que conduzem de uma posição a outra” e que “se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado” (pág. 190). São esses movimentos e a compreensão da dinâmica das diversas posições ocupadas pelo indivíduo que dão materialidade à sua trajetória.

⁶⁷ “Mesmo quando o desemprego e a crise proporcionam, às vezes, tempo livre a jovens de classes populares, estas circunstâncias não conduzem à “moratória social”: se eleva a uma condição não desejada, a um tempo livre que se constitui através da frustração e infortúnio. O “tempo livre” é também um atributo da vida social, é tempo social, vinculado com o tempo do trabalho ou de estudo por ritmos e rituais que lhes outorgam permissividade e

fatores principais de expansão da moratória bem como da juventude como período de trajetórias irregulares. Por outro lado, há jovens como Marcela, por exemplo, que, mesmo trabalhando e tendo uma formação profissional, outras situações problematizam esses percursos. Apesar de várias experiências vivenciadas por ela em diversas ocupações funcionais, é a sua formação técnica em patologia clínica que permitiu a sua inserção no mercado de trabalho, cuja atividade no setor ela desempenha atualmente. Considera-se, de certa forma, privilegiada, pois sempre contou com o apoio de sua mãe para que completasse os estudos sem a preocupação de ter que trabalhar, ainda que soubesse da importância de fazê-lo o quanto antes, no sentido de desonerá-la e sentir-se mais atuante e autônoma na divisão das despesas domésticas. Diferente de muitas outras jovens que acabam abandonando a escola, não houve superposição ou impedimentos em prosseguir os estudos pela necessidade primordial de trabalhar. Assim, a sua entrada no mundo do trabalho coincidiu com a conclusão do ensino médio profissionalizante, uma vez que foi em decorrência da obrigatoriedade de cumprir o estágio que ela pôde prosseguir e ser aproveitada como técnica no laboratório de análises clínicas de um hospital.

A sua trajetória escolar está marcada pela alternância entre o ensino privado em uma instituição de bairro na qual cursou a primeira parte do ensino fundamental e de onde saiu para completá-lo em uma escola pública municipal. Não houve grandes acontecimentos ou fatos marcantes capazes de acionar a sua memória e ela considera que esse período escolar transcorreu dentro de uma normalidade quase previsível. Mesmo assim, afirma que: “Eu era muito doida (risos). Eu agora estou calminha, eu era muito doida, louca, mais louca mesmo. Não tinha nota muito boa não, mas deu pra me formar, deu pra passar”. Terminado o ensino fundamental, Marcela decidiu cursar o técnico em patologia clínica em uma escola de ensino privado e, já na segunda série, conseguiu o seu primeiro estágio em uma maternidade, o que consumia grande parte de seu tempo. Considera que essa experiência tenha sido importante para definir de uma vez a sua escolha pela carreira de técnica.

[...] comecei no segundo ano do segundo grau que eu fiz patologia, aí no segundo ano eu ia para o hospital de manhã, pegava sete horas na maternidade lá no Lins, lá no Carmela, pegava sete horas da manhã, largava

cinco horas da tarde, saia de lá e ia direto para a escola. [...] Depois ainda parava na pizzaria para comer pizza e tomar chope com o povo. E daí pra cá eu não parei, porque foi estágio, estágio. Depois, me formei em dezembro e quando foi em março eu arrumei emprego ali...era até um laboratório que foi assim: “você entra e assim que aparecer uma vaga eu te efetivo”. Eu fui, eu tinha que começar de algum lugar. Fui, passei um tempo mandando currículo, passou três meses que eu estava lá e no dia que a minha avó morreu ligaram avisando que a minha avó tinha morrido e meia hora depois o telefone tocou me chamando pra trabalhar.

Entre as suas idas e vindas, Marcela experimentou a realidade do desemprego ou da dificuldade enfrentada pela maioria dos jovens em se manter trabalhando na área de formação profissional que escolheram. Desse modo, para além da atividade de técnica pôde, ou melhor, viu-se obrigada a trabalhar em várias outras atividades:

[...] de lá pra cá eu não parei. Na área, fora da área, fiquei desempregada [...]. Plano de saúde, trabalhei com telemensagem, cesta, vendi panela por telefone, que não era panela, era equipamento de cozinha, fui motorista, fui telefonista, trabalhei com *telemarketing*, mais o que [...].Trabalhei na...como fala, na Memorial com plano de saúde autorizando, aí já fui me engrenando no plano, mas aí já estava surtando e saí fora.

Tanto quanto a possibilidade de participar de algum modo das despesas domésticas, ressalte-se o fato de a necessidade de trabalhar estar relacionada à satisfação de suas necessidades pessoais e à conquista de sua autonomia, ainda que relativa, que se materializaria através do salário que pudesse cumprir também as obrigações com a sua filha, que nasceu durante esse percurso.

Também, eu não tenho do que reclamar porque a minha mãe me ajuda muito, mas eu gosto. Gosto de ter as minhas coisas, as coisas pra minha filha, gosto de sair. Eu sempre gostei de sair. [...]. Antes da filha, no meu primeiro emprego, com dezoito anos, eu ganhava o equivalente hoje a mil reais para trabalhar meio período. Era de sete às onze. Nossa, de carrinho na mão. Minha mãe: “Oh, fica com o carro pra você trabalhar, fazer o que quiser, mas tem que manter”. A única coisa que ela pagava do carro era o IPVA. E eu mantinha. Eu trabalhava pra mim, dava tipo trinta por cento do meu salário na mão dela, e o resto era pra mim, comprava as coisas pra mim, mantinha as coisinhas do carro... Eu sempre ajudei.

Ainda que existissem algumas facilidades agenciadas por sua mãe, estas não foram suficientes para que houvesse a acomodação; ao contrário, serviram de suporte para que ela tivesse a oportunidade de fazer novas escolhas ou até mesmo de sentir-se amparada nos momentos mais difíceis decorrentes do desemprego e da maternidade. Aos dezoito anos, Marcela gozava de certos privilégios que são pouco comuns a uma jovem nessa idade e produzidos pelo apoio encontrado em sua mãe e pelo salário que recebia. Hoje, apesar de estar bem empregada e se dizer plenamente satisfeita com o atual cargo que ocupa, este lhe consome todo o tempo necessário para voltar a estudar. O seu ingresso no ensino superior pareceu cumprir uma etapa previsível e perseguida pelos jovens que conseguem concluir o ensino médio profissionalizante. Assim, a relação entre patologia e o curso de biologia pôde ser concretamente estabelecida. Ter formação superior em biologia era importante para alcançar melhores colocações na hierarquia profissional dentro do laboratório. Entretanto, nem tudo saiu do jeito que ela previu e alguns problemas surgidos nessa trajetória universitária contribuíram para o abandono da graduação.

Primeiro quando eu comecei a ver bicho eu já me estressei, bicho, planta, aquilo já foi me estressando, eu queria ir direto ao assunto. [...] Eu sou uma pessoa muito medrosa, entendeu. Naquela época eu estava com dezoito, tranquila, minha mãe pagava metade da faculdade eu pagava a outra metade. E ali sempre me contavam que tinha muito assalto na passarela que era o caminho caso eu fosse de ônibus. Um dia o carro quebrou e eu tinha que ir de ônibus e eu entrei em pânico. Fui numa boa. “Ah, fulano foi assaltado”. Ai meu Deus! Ai faltei, faltei, aí perdi duas provas que eram essenciais pra passar e aí não voltei mais.

Hoje, Marcela depara com as mesmas dificuldades encontradas por muitos jovens para conciliar o trabalho com os estudos e que decorrem, dentre outros fatores, do cansaço provocado pela jornada de trabalho que muitas vezes os impede de chegar à escola em tempo de assistir às primeiras aulas. Além disso, apesar da existência de alguns projetos, o acesso à universidade não tem sido facilitado, uma vez que alguns programas existentes privilegiam apenas aqueles jovens que concluíram o ensino médio recentemente. Para aqueles como Marcela, que já concluíram há mais tempo ou que tiveram experiências que os levaram a abandonar a graduação, não há programas que estimulem esse retorno. Assim, recomeçar é sempre uma possibilidade que dificilmente se concretiza e, nesse caso, a trajetória escolar não se completa.

As diferentes moratórias parecem potencializar as distintas classes sociais evidenciadas nas desigualdades que se perpetuam na vida adulta. Diferenciam ainda os vários jovens pertencentes a uma mesma classe. Desse modo, proporcionam formas díspares de transição para aquele período e que serão desenvolvidas em diferentes tempos e espaços. Nesse caso, as moratórias sociais e os diversos capitais simbólicos têm peso analítico fundamental para contextualizar aquelas biografias.

3.3 – Geração e trajetórias

Não se pode negar a importância para os jovens em serem compreendidos igualmente em um recorte de geração, uma vez que “é esta singularidade (pelo menos geracional) que pode mesmo fazer com que a juventude se torne visível e produza interferências como uma categoria social” (FREITAS, 2005, pág. 6). Esta categoria pode ser constituída por unidades de geração, por diferentes situações de classe que, por sua vez, não produzem a consciência de classe⁶⁸. Entretanto, esta pode ser decorrente daquelas. A situação de classe e a situação geracional se constituem por uma posição específica ocupada no mesmo contexto sócio-histórico e que permite aos indivíduos compartilhar as mesmas experiências⁶⁹.

Dentro desse recorte, é pertinente destacar pelo menos um aspecto interessante para auxiliar a discussão iniciada acima. Refere-se à importância de compreender a relação entre a geração juvenil e as trajetórias coletivas que marcam o sentido de grupo pertencente a um mesmo tempo sócio-histórico. Isso nos leva a crer que seja interessante observar a relação da geração com a trajetória individual⁷⁰ na medida em que, mesmo sendo sujeitos desse tempo, há diferentes formas de apropriação dos sentidos e transformação dos significados em códigos

⁶⁸ A consciência é formada de acordo com vivências que são articuladas dialeticamente e depositadas em diferentes níveis estratificados dessa mesma consciência. O fenômeno, segundo Mannheim (1993), não ocorre por somatório de experiências e vivências, mas por um processo também dialético que vai aprofundando essas experiências, que podem ser transformadoras ou não.

⁶⁹ Esse compartilhamento de experiências produz, segundo Mannheim (1993), uma conexão de geração. Esta, segundo o autor, não produz a consciência de pertencimento, porém os âmbitos sociais – dentre eles a própria consciência ou pertencimento a uma classe – podem facilitar a organização de grupos concretos apoiados na conexão geracional e que passam a se reconhecer como geração, como unidade de geração.

⁷⁰ A trajetória de vida de um jovem, assim como a sua biografia, podem permitir a leitura da sociedade contemporânea a partir da análise dos espaços e tempos nos quais essa trajetória está contextualizada, uma vez que “o espaço e tempo definem os marcos pessoais, culturais e estruturais nos quais se desenvolvem as vidas de indivíduos concretos” (FEIXA, 1998, pág. 172).

particulares, específicos e que identificam as formas individuais de desenhar o percurso juvenil através do seu tempo, escrevendo, assim, a sua biografia particular. A trajetória pode ser vista como produto da relação entre gerações cuja experiência, embora seja coletiva, guarda importantes aspectos particulares, sendo vivenciada de forma pessoal no contexto dessa mesma experiência. As gerações juvenis não são frutos de experiências singulares dadas a serem vivenciadas por sujeitos pertencentes à determinada faixa etária ou tempo biológico. São, para além da liberdade e da busca da autonomia, uma multiplicidade de sujeitos que constroem suas identidades e trajetórias dentro de distintos campos de possibilidades estruturados segundo valores, normas e onde são estabelecidas diferentes relações sociais que podem ser reproduzidas ou mesmo contestadas. Desse modo, conformismo e rebeldia parecem ser os extremos de diversas experiências juvenis observadas no interior da geração. É esse interior que devemos esmiuçar se quisermos descobrir a diversidade dos modos de ser jovem no contexto geracional. Vejamos, a seguir, como isso se manifesta a partir da trajetória de Diogo.

O primeiro cargo ocupado por ele foi decorrente de concurso público e que representou a chance de estabilidade profissional tão sonhada pelos jovens. Entretanto, isso não alterou os planos de Diogo. O que, para muitas pessoas, poderia representar certa acomodação por conta dessa segurança proveniente do fato de nunca mais se ver desempregado, para ele simbolizava adaptação e aprisionamento, situações que, efetivamente, não condizem com seu espírito nada aventureiro, mas ávido por mudanças constantes, por conhecer mais, aprender sempre, por viver continuamente novas situações e experiências. A rotina e a progressiva ausência de possibilidades de surgimento do novo provocam a necessidade premente por mudanças periódicas.

O fato de sentir-se entediado com facilidade parece resultar em movimentos constantes na busca pelo novo, pelo desconhecido, por atividades desafiadoras que resultem em aprendizagens, vontade que parece não ter limite. A aversão à acomodação tem produzido uma diversidade de experiências que atravessam ou acompanham a trajetória desse jovem e que está marcada, principalmente, pela importância que a escola e o trabalho possuem em sua vida, nos seus projetos de realização pessoal e profissional. Para compreendermos essa ligação, é necessário voltar ao passado a fim de observar que o fato de estudar esteve quase sempre relacionado à busca por uma carreira profissional sem que a questão do prestígio estivesse em jogo. Apesar de alguns conflitos na hora dessas escolhas, Diogo pareceu bastante

determinado naquilo que queria seguir, muito embora a sua mãe tivesse outros planos, orientados por diferentes valores. Para ela, a formação escolar de qualidade tinha como direção o ensino superior que estivesse relacionado às carreiras de maior prestígio dentro do imaginário social, tais como medicina e engenharia, ou que ao menos representassem maior estabilidade, como a carreira militar, por exemplo.

É, eu tive pouco tempo em escola pública na vida, que eu acho interessante falar, né. Estudei muito tempo em escola particular. Acho que em noventa e dois, noventa e três eu estudei em escola pública, uma escola estadual aqui mesmo em Niterói. Daí em diante eu fui estudar num curso. Na verdade, era um curso preparatório pra concurso na área militar, era um pré-militar. E eu fiquei lá até o final do segundo grau. Na verdade, a minha família queria que eu seguisse a carreira militar e eu nunca tive vontade de seguir carreira militar, eu fui enrolando na escola, tirando boas notas e não passando nas provas, e no final do curso, cheguei a ser aprovado em algumas provas da carreira militar. Consegui, mas não entrei em nenhuma delas.

Ser militar poderia significar um emprego para toda a vida, além de minimizar os possíveis conflitos intergeracionais por que passa a maioria dos jovens e que são provocados, dentre outros aspectos, pela divergência no momento de fazer suas escolhas profissionais. Significa, também, o aprisionamento e a previsibilidade marcada pela rotina das atividades militares. Além disso, a possibilidade da acomodação em uma atividade profissional pelos próximos trinta anos era algo que ia de encontro a tudo aquilo que Diogo estava planejando para a sua vida e ao seu jeito meio nômade de se relacionar com o ambiente de trabalho. Esses foram alguns fatores que contribuíram para a sua decisão em não seguir a carreira militar. Restava, então, escolher outra atividade que pudesse representar uma aproximação entre os seus sonhos e os planos de sua mãe, que, provavelmente, não resultaram de um diálogo aberto, mas de uma preocupação com o futuro do filho. Assim, ao final do ensino médio, a decisão de cursar telecomunicações em uma instituição federal de ensino pareceu ter trazido a paz nas relações com sua família.

Nesse mesmo período, ainda com dezessete anos, Diogo vivenciou a sua primeira experiência com o vestibular, que resultou em alguns insucessos decorrentes de sua pouca dedicação aos estudos necessários para a aprovação e acesso ao ensino superior público. Mais do que competência e capacidade, faltou organização. Reconhece que “estudava, estudava sim, mas em comparação ao que tinha que estudar, estudava pouco e fazia muita bagunça”.

Ainda assim, o sonho de ingressar em uma universidade poderia ter sido concretizado, caso não houvesse a interferência da família, pois esta se opôs ao fato de ele vir a ser professor. Embora estivesse concorrendo a uma vaga em engenharia eletrônica, o que ia ao encontro dos desejos e aspirações principalmente de sua mãe, a pontuação obtida por ele não foi suficiente para isso. Entretanto, possibilitaria a entrada no curso de matemática, que era o seu sonho a um passo de ser realizado.

Não passei para engenharia eletrônica, mas tive nota pra matemática. Lá na UFRJ sempre teve isso, né, que você tendo alguns cursos da mesma área... e meus familiares não deixaram eu cursar matemática, na época. Eu até faria matemática, tinha nada contra matemática, tinha nota pra matemática e pra física, na época, mas as pessoas: “ah, não vai fazer matemática, não quero e tal”. E eu novo pra caramba ainda, dezessete anos.

Esse episódio parece não ter abalado Diogo, pois não representou sentimento de frustração ou decepção, mas o adiamento dessa realização pessoal. Ele sabia que ainda não estava em condições de exigir ou de se defrontar com a sua família. Sendo assim, outras estratégias foram programadas, pois, segundo ele, “para se dar um passo à frente muitas vezes pode ser necessário dar dois passos atrás”. A ida para o curso de tecnólogo coincidiu com a sua predisposição em preparar-se para prestar concursos públicos como forma de, caso fosse aprovado, dispor das condições necessárias para bancar os seus estudos e sair em busca de sua independência financeira, ainda que esta acontecesse de forma parcial ou relativa.

Eu me vi fazendo telecomunicações. “o que é que eu estou fazendo aqui?” [...]. Fiz estágio mesmo do curso, um bom estágio. O estágio foi legal. Mas eu me desiludi com o estágio e larguei o curso antes do último período [...]. Terminou meu estágio lá. Enquanto isso eu estava fazendo concursos públicos. Enquanto você não conseguia, ao sair do estágio você tava desempregado e estudando, né. É, e aí passei pra uma prova da prefeitura do Rio, nível médio.

A experiência relacionada ao estágio de telecomunicações representou novas e distintas aprendizagens, além de ter sido importante para que ele soubesse, definitivamente, que as suas escolhas não passariam por esta área profissional e que, para ter o direito de ir ao

encontro de seu sonho, seria necessário ter condições de se manter sem a dependência financeira de sua família. Essa é uma situação por que passam muitos jovens que estão no ensino profissional técnico, pois têm que decidir ainda muito cedo o seu futuro, sem ter o direito de experimentar outras possibilidades no campo educacional. O desconhecimento dos conteúdos e atividades, a decepção provocada pelas características dos cursos técnicos que, muitas vezes, não cumprem efetivamente a promessa de formação de técnicos de qualidade, a inexistência de postos de trabalho para o contingente de jovens colocados à disposição no mercado ou até mesmo a descoberta de que há outras profissões mais interessantes são elementos que devem ser levados em conta na hora em que se observa a evasão escolar nessa área de ensino.

No caso de Diogo, mais do que a sua capacidade profissional, pesou a vontade de ir ao encontro de seu sonho. Embora não tivesse essa clareza, essa dimensão, o universo estava conspirando a seu favor, pois tudo aconteceu quase ao mesmo tempo e de forma encadeada, o que provocou mudanças importantes em sua vida. Ao mesmo tempo em que abandonou o curso – mas permaneceu no estágio, pois necessitava do salário, ainda que dispusesse de distintas moratórias –, Diogo foi chamado para assumir um cargo público proveniente da sua aprovação no referido concurso. Nesse mesmo período, foi aprovado no vestibular para o curso de matemática. Ele lembra que: “Eu queria ser professor de matemática. Eu não tive a intenção de ser bacharel, ser pesquisador, ser cientista, nada. Eu queria ser professor de matemática”.

Se não houve forte oposição por parte de sua mãe, foi através de seu pai que ele encontrou o apoio necessário para sentir-se seguro de sua escolha, de sua decisão, uma vez que escolher é arriscar sempre e, aos dezessete anos, ele não possuía a dimensão desse risco.

3.4 – A cultura como expressão de uma geração

Jelin e Sempol (2006) consideram que a geração constitui-se em “um sistema de oportunidades e experiências compartilhadas, somado a modalidades específicas de comportamentos distintivos” (pág. 9). É composta por sujeitos que vivenciam experiências similares em momentos parecidos e próximos no curso de suas vidas. As condições de

pertencimento e identificação ao grupo e com o grupo “permitem diferenciar os setores sociais particulares na cadeia temporal que se processa no seio de uma cultura” (idem). De acordo com os autores,

As gerações não são unidades estabelecidas com precisão e com limites fixos e nítidos. Melhor, são categorias de sentimentos subjetivos de pertença, de identificação por parte dos outros, com fronteiras imprecisas que nem sempre correspondem a datas de um calendário. São, na realidade, coletivos simbólicos que se definem e são definidos em relação com uma temporalidade, com aqueles que vieram antes e aqueles que os vão suceder depois (2006, pág. 9/10).

Essa sucessão é marcada, dentre outros aspectos, pela chegada dos novos portadores da cultura e a saída dos antigos (MANNHEIM, 1993), o que assegura movimento e transformação ao processo de transmissão cultural. No caso da geração juvenil atual, é possível afirmar que, além do sentimento de pertencimento e por conta da existência de “uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em escala e extensão” (FREITAS, 2005, pág. 6) proporcionada, principalmente, pela cultura mundializada, pela comunicação de massas e pelo quase desaparecimento das fronteiras nacionais, ela esteja mais exposta e vivencie outros sistemas de valores bastante heterogêneos. Isso, se, em um primeiro momento não produz alterações significativas na elaboração das identidades, pode ampliar seu leque de identificações através da dinâmica que se estabelece no entrecruzamento dos sistemas culturais que são construídos em distintos tempos e espaços.

As culturas geracionais são construídas a partir de experiências comuns adquiridas e vivenciadas nos diversos espaços de encontros pelos quais o jovem transita. Nestes, além de compartilhar experiências, valores e interesses, reproduz comportamentos específicos de sua geração e que simbolizam a identificação entre iguais, ainda que diversos em suas subjetividades. Entretanto, não podemos esquecer que, na elaboração de seus estilos de vida, muitos jovens anunciam elementos culturais básicos interiorizados através do processo de socialização primária e que se expressam na apropriação de normas e valores vigentes, principalmente na família estendida.

As possibilidades de construção de múltiplas identidades juvenis, tendo como sustentação essas novas/outras culturas, parecem interferir na identificação cultural comum às

duas gerações. Resultam não só na transformação dessas mesmas culturas como também alteram sobremaneira as relações intergeracionais estabelecidas em torno de culturas comuns às comunidades de afeto, o que derivaria em adesão ou em acentuação dos conflitos – isso sem deixar de levar em conta a possibilidade da negociação. Estes podem ser consequência da facilidade e disponibilidade da maioria dos jovens em transitar entre diferentes domínios culturais e simbólicos e, por conta disso, esta mesma parcela encontrar-se mais aberta às constantes adaptações necessárias à continuidade do trânsito e às novas circunstâncias decorrentes da multiplicidade desses domínios. Os conflitos se configurariam como parte de diferentes socializações⁷¹ inter e intrageracionais. Muitos jovens são educados segundo valores familiares tradicionais, além de estabelecerem relações de dependência – econômica, afetiva – com os adultos. Em outra instância, convivem com seus pares constituindo, por exemplo, relações de socialização segundo a lógica do mercado de consumo juvenil para o qual outros valores se fazem presentes. Nesse caso, as diferentes identidades que se expressam em um único sujeito podem revelar situações de conflito, principalmente por sua dependência econômica, que o obriga a submeter-se às exigências e determinações dos pais. A falta de espaço de negociação e a quase inexistência de autonomia podem ser alguns dos motores para a adesão ou escolhas culturais que expressem o radicalismo, a ruptura com as normas e os valores do mundo adulto. Sendo assim, mais do que a rebeldia, o que pode estar evidenciado é a limitação do direito de ser jovem. Entretanto, Pais (2005) nos lembra que “as tensões familiares não se traduzem, necessariamente, em rejeições dos valores que as originam” (pág. 120). Ainda assim, alguns jovens constroem suas identidades em resposta às instituições que procuram sustentar relações verticalizadas e autoritárias nas quais não há espaço para o encontro, para o diálogo.

Nesse contexto, destaca-se que a situação juvenil não deve ser a única possibilidade de representação social da juventude. Faz-se necessário caracterizar as ações coletivas desenvolvidas por diversos grupos de jovens em diferentes realidades sociais, uma vez que alguns desses contextos não oferecem as condições para a produção das expressões culturais que superem e/ou anunciem formas desiguais de ser jovem. Nesse sentido, a condição e a

⁷¹ Se, por um lado, as normas políticas e institucionais de socialização procuram enquadrar a juventude como a geração responsável pela continuidade do modelo social do qual fazem parte, por outro, respeitadas as devidas proporções e críticas, é no âmbito da indústria cultural que muitos jovens encontram espaço para “a produção, reconhecimento e inclusão da diversidade cultural juvenil”. É aqui onde são ampliados os espaços de ação e de sociabilidade próprios de uma geração que guarda a diversidade estética que rompe com a tendência à “normatividade dos limites de ação”, com qualquer possibilidade de enquadramento do sujeito juvenil (REGUILLO, 2000, pág. 51).

situação juvenis não são os únicos determinantes para a construção de uma tipologia da juventude ancorada nas representações do “ser jovem”. A cultura urbana como lugar de produção e de expressão da diversidade pode servir de exemplo para revelar que, em um contexto de globalização que tende à homogeneização dos gostos, os jovens, principalmente os incluídos de forma precária nos processos de consumo como marca identitária internacionalizada da juventude, são capazes de, nas brechas deixadas pelos sistemas sociais e econômicos bem como pelos modelos culturais globalizados, produzir suas próprias expressões culturais. Podem, ainda, reproduzi-las e transformá-las. Para além da lógica do mercado, são os jovens, muitas vezes não incorporados pela política e economia formais, que vão propor práticas culturais que são marcas identitárias, mas, além de tudo, são arranjos particulares de repolitização da política tendo a cultura como lócus específico. Para Reguillo (2000), as práticas juvenis, bem como as formas de ler o mundo, podem nos oferecer pistas importantes para desvendar ou mesmo antecipar as possíveis configurações que a sociedade venha a assumir. Essas práticas compreendidas em contextos significativos das culturas juvenis em sua diversidade expressam, por outro lado, a capacidade de os jovens assimilarem e retraduzirem as mudanças operadas, principalmente, em decorrência dos processos de mundialização da cultura e o desenvolvimento tecnológico que se efetiva em ritmo frenético. Desse modo, a autora enxerga “as culturas juvenis como lugares de novas sínteses sociopolíticas que estão construindo referentes simbólicos distintos daqueles do mundo adulto, ou melhor, usando-os de maneiras diferentes” (pág. 65). O *Hip Hop* constitui-se como um importante exemplo de expressão cultural heterogênea que privilegia as mediações necessárias à construção desses espaços de sínteses. Entretanto, vale ressaltar que, ao contrário do que se pensa, o mesmo se configura como uma expressão não da totalidade, mas de uma parcela da juventude. Mesmo sendo um movimento cultural juvenil mundializado, não é incorporado por todos os segmentos juvenis, ou seja, não é uma marca da juventude em geral, além de possuir características locais bastante peculiares. No caso do Brasil, a adesão dos jovens corresponde a cerca de um por cento da população entre quinze e vinte e nove anos⁷², o que coloca em questão essa relação construída pelo mercado e que apresenta o *Hip Hop* como linguagem que expressa a cultura de uma geração. Mais do que isso, é um importante canal de politização da cultura que vai permitir maior visibilidade e participação

⁷² Sobre esse assunto, ver pesquisa coordenada por Abramovay e Castro (2006).

de diversos segmentos juvenis no debate público a respeito das formas desiguais com que os jovens vêm sendo tratados em contextos sociais marcados pela exclusão.⁷³

Para além dessa capacidade de suposta unificação que os meios midiáticos conferem ao *Hip Hop* como marca cultural geracional, é possível encontrarmos jovens – e não são poucos – bastante integrados aos contextos familiares e institucionais, que estabelecem relações coletivas com as manifestações culturais sem que sejam eminentemente caracterizadas como juvenis, mas como um modo peculiar destes as ressignificarem. Alguns conservam, outros reproduzem e transformam os modos de transmissão de valores e conhecimentos próprios de seu grupo de afeto. Para aqueles que estabelecem forte relação de proximidade com o Charme, observa-se que é importante e recorrente, acima de tudo, ter uma intensa relação com a música negra e que, na maioria das vezes, é estabelecida ainda na infância ou na adolescência. Esse contato inicial ocorre, geralmente, nos espaços familiares, que se configuram como importante influência nas escolhas musicais dos jovens. Nesse sentido, a casa e os parentes constituem-se em parte fundamental de uma estrutura educativa pontuada e privilegiada pelas relações entre as distintas gerações. Essa afirmativa, assim como outras relacionadas à compreensão das múltiplas formas de como as gerações se relacionam nos vários espaços da vida social, pode ser verificada através da observação e da análise das lembranças dos jovens cujos relatos quase sempre remetem a um tempo na infância rico de imagens que remetem à convivência familiar marcada pela música negra. Mesmo que para estes as relações intergeracionais se estabeleçam de múltiplas formas nos espaços familiares, é no espaço dos bailes que essa juventude se encontra, constrói redes identitárias e se constitui também como geração. Para além de espaço de diversão descompromissada, o baile de Charme é um dos principais lugares de socialização para a maioria de seus frequentadores, principalmente os jovens. É ali que as amizades são seladas, as trocas geracionais são estabelecidas e a paquera rola solta, num jogo de sedução proporcionado também pelas músicas e pelo ambiente favorável à continuidade desse movimento cultural.

⁷³ Para Ventura (2009), “O movimento *hip-hop* consolida-se como um canal de articulação dos possíveis potenciais cognitivos das manifestações locais, sejam elas sociais, morais, afectivas ou de ressentimento, enfim, como fontes de motivação, de interpelação e de resistência política. Através do *hip-hop*, as reivindicações estéticas e políticas das comunidades passariam a inscrever um conjunto mais amplo de formas de luta e pertença simbólica que veiculam pretensões de reconhecimento étnico, cultural, sexual e afectivo que, em conjunto com as potencialidades criativas, preenchem individualidades, canalizam talentos e capacidades. Para além do reconhecimento da personalidade, que se opera a um nível estritamente pessoal, a prática *hip-hop* oferece espaços de actuação e reivindicação política em que os jovens articulam e tematizam repertórios, lógicas e códigos de conduta que não coincidem com os do Estado e com os do mercado” (pág. 613-14).

3.4.1 – Os jovens e o Charme: sentidos e significados

A cultura, nas suas múltiplas expressões, caracteriza-se também pelo seu relevante componente educativo e socializante. Compreendida como o saber e o ser de determinado grupo social em constante movimento e que traz consigo as marcas de um povo, é através dela que, assim como as tradições, as transformações ocorrem no interior de seu processo de transmissão intergeracional. Neste, estão os valores e as normas que orientam as relações sociais e produzem os procedimentos educacionais que podem ser apreendidos pelas distintas gerações ao longo de sua história. O Charme, enquanto movimento cultural específico não só de um lugar como também de determinados grupos, possui, no contexto das relações e trocas desses grupos, algumas normas e valores – alguns explícitos e bastante claros e outros que poderíamos dizer serem ocultos – que são assimilados por seus participantes. São invariavelmente apontados por estes com sendo sua mais importante particularidade. Alguns deles ainda são preservados intergeracionalmente, outros podem ser alterados no curso de cada geração, uma vez que, certamente, as transformações ocorridas no tempo e nos espaços sociais se refletem naquele movimento cultural.

Além das características marcantes da juventude charmeira apontadas por várias jovens entrevistadas, assim como pelos jovens, e que se referem à forma cordial de se dirigir às outras pessoas, à maneira respeitosa de abordagem nos bailes, uma delas destaca também o esmero no vestir-se como marca que reafirma o próprio nome, ou seja, ter charme. Para Cassiane, “O charmeiro é muito vaidoso”. Essas peculiaridades são por ela assimiladas, pois “ser jovem charmeiro é ser uma pessoa um pouco mais da paz”. Sua preferência por esse movimento ocorreu de forma ‘quase natural’, em uma espécie de transmissão cultural que está fortemente manifestada nas suas lembranças das noites em que seus irmãos iam e voltavam dos bailes. Os relatos parecem ter contribuído para as suas escolhas e estavam, na verdade, expressando aquele ambiente de cordialidade, um mundo meio glamoroso construído na sua memória a partir de referenciais emprestados: “não podia nem entrar de chinelo, não podia entrar de bermuda, não podia entrar de...sabe...não havia brigas! Era aquela coisa. E eu ficava assim, ah! Eu quero ir, mas eu era muito pequena ainda”. Quando questionada sobre qual é o significado de tudo isso, qual é o sentido desse movimento cultural na sua vida, ela expressa enorme dificuldade em traduzir em palavras tudo o que isso representa para si e que parece resumir-se no brilho dos seus olhos ao responder:

Pra mim foi coisa de sentido. Acho que foi mesmo coisa de sentido porque você sabe quando a música toca em você. Você sabe quando você tipo... Ainda mais quando você gosta de dançar como eu gosto muito de dançar. Você sabe o que vai agradar ao seu corpo, o que vai agradar à sua mente, à sua alma. Não que o *Hip Hop* não tenha me agradado, mas, tipo assim, ah! Por exemplo, quando eu te falei que o Charme é minha válvula de escape, eu estar ali dançando é quando eu esqueço de todos os meus problemas. Não que no *Hip Hop* eu não esquecia, mas no Charme você dançando, eu dançando, sabe, naquela coisa de..., aquela batida, eu fui tocada de uma forma que, sei lá, fui tocada de uma forma que...é isso aí.

“Ter sido tocada” expressa uma profusão de sentimentos e emoções proporcionada pela música e a tudo o que ela remete quando invade seus ouvidos, seu corpo, produzindo uma sensação difícil de ser expressa com palavras, mas que Cassiane é capaz de traduzir ao nível da experiência sensível, corpórea. Para muitos de nós, essa avalanche de emoções que determinadas músicas produzem estão também relacionadas ao campo da memória e de tudo aquilo que nos remete às lembranças de momentos tristes ou alegres, de experiências afetuosas. Afinal, música é memória (SCHACTER, 2003). Ao enfatizar que “fui tocada de uma forma”, Cassiane se apropria de uma expressão muito presente nos discursos dos praticantes das religiões evangélicas e que parece funcionar como a tradução de uma força divina que mobiliza os sentidos e sugere ser determinante nas transformações que se operam nos seus fiéis e que caracterizam as mudanças em suas escolhas, em suas condutas, mas que servem para explicar o que, para eles, parece inexplicável. Eles acreditam que, ao obterem alguma graça, alguma resposta às suas necessidades espirituais e materiais, sejam tocados pela mão de Deus, o que seria uma graça alcançada, um privilégio marcado pela proximidade com o divino.

As relações construídas no interior da casa de Cassiane, a sua convivência com seus irmãos e seu pai, tiveram um importante papel na determinação de seus gostos, na sua escolha. Desvendar esse universo charmeiro reservou-lhe outras surpresas bastante significativas. Valores como a amizade, o companheirismo, o respeito ao outro são ressaltados como fundamentais na sua formação e que são marcantes nas relações sociais estabelecidas no baile e que marcam profundamente estas como também a sua vida de maneira geral.

Alguns jovens entrevistados, ao lembrarem-se de como esses primeiros contatos foram estabelecidos, quase sempre os relacionam aos cantores de *Soul Music* ou de *Flash Back*. No

caso de Alex *DJ*, o fato curioso é que o seu interesse por *Black Music* está ligado, principalmente, ao *Suingue*⁷⁴ ou à música lenta

Cara, na minha infância eu gostava muito de música. Gosto de Beбето. Até hoje eu gosto de Beбето, Benito de Paula, Tim Maia, música lenta também, eu ouvia isso muito novo. Em casa, meu tio tinha muito disco de música lenta, eu sempre pegava emprestado e ficava ouvindo em casa. Meu tio gosta muito de música, de som. Eu sempre via ele comprar o som, tinha muita aparelhagem. [...] A influência da música foi coisa de parente mesmo, meu pai também, meu tio. [...] Meu pai gosta, mas aquelas músicas antigas, *Flash Back*.

Ainda que o *Suingue* tenha sido a porta de acesso ao universo da *Black Music* através de cantores como Tim Maia e Dhema, a sua curiosidade e o interesse foram determinantes para que transitasse por ele de maneira bastante particular:

Na verdade a *Black Music* eu comecei a ouvir na rádio quando o Fernandinho fazia a Jovem Pan na época. O primeiro *CD* de Charme que eu comprei na época foi da Jovem Pan, Charme Pan na verdade. Comecei a gostar e comecei a comprar *CD* direto de Charme. Foi quando até hoje não parei mais.

Os seus familiares influenciaram as suas escolhas musicais e contribuíram para ampliar o seu leque de conhecimentos através de outros estilos que compõem a diversidade da *Black Music*. Assim, *Suingue*, *Jazz*, *Soul*, *Funk* são partes de um mesmo universo musical que pode representar ou identificar não só os vários períodos da história da música negra, como também configurar os vários momentos políticos da história social. É possível, através da diversidade de estilos, contarmos um pouco da história das gerações e de como, em cada período, a cultura aparece como expressão de um grupo que se organiza social e politicamente através dela. Como exemplo, podemos citar a época da discoteca, também chamada como geração *Disco Music*, e o período da música negra conhecido como geração *Soul Music* que, embora contemporâneos, marcaram distintas conexões de uma mesma geração.

⁷⁴ A distinção ortográfica é para diferenciar do *Swing* americano, que está relacionado ao *Jazz*. O *Suingue* é um estilo musical marcado e muito próximo do samba com elementos coreográficos da gafeira. Ambos estão relacionados ao 'balanço' corporal.

Já Juliana, aos vinte e três anos, estabelece importantes vínculos com as músicas de *Flash Back* que compõem o repertório e a estória do Charme. Essa relação com os clássicos é uma das questões que ela acredita que a distinga de outras jovens de sua idade. Sem estar fechada a outros ritmos ou às transformações pelas quais o Charme vem passando, principalmente nos últimos anos desta década, Juliana, juntamente com o seu grupo de amigas, parece constituir uma espécie de séquito, de seguidoras dos bailes de *Flash Back*, o que, supostamente, não seria próprio dos jovens.

Eu vejo assim: no meu grupo de amizade de baile de Charme, as velhas que, Corello *DJ* vai tocar em Nilópolis, vamos! Corello, é...vai ter um baile no *Mackenzie*, vai ter um baile no Oposição, quando tem clássico ou alguma coisa assim, e eles organizam, tem um grupo, assim, de umas sete pessoas no Charme que eu convivo, que eu falo. É final de semana a gente se fala: “oi, como você tá? tudo bem, não sei o que”. Mas dentro desse grupo eu digo que três – somos eu, Cassiane e a Virgínia – nós vamos pra coisa de velho mesmo. Nós já...adoro quando a gente recebe o panfleto que vem escrito assim: é, traje esporte fino, traje é...esqueci o outro. É traje de gala, eu adoro! Isso é uma das coisas. E, às vezes, dentro do Charme, *dum* baile de Charme, eu vejo assim, por exemplo, tocou aquela música no final do baile – porque eu fico no baile até o final porque no final as músicas pegam fogo – aí, vêm aquelas músicas. No final do baile vai tocar um *Donell Jones*, uma música antiga do *Donell Jones*. Aí, a gente começa a gritar e vê que lá do outro lado a menina tá gritando também, aí ela vê também e normalmente ela vem pra ficar perto dançando do lado ou a gente vai pra perto dela dançar. Porque é isso, é assim que a gente se identifica. Toca *Earth, Wind & Fire* no final do baile. Tocou *James Brown*, aí pronto, hummmm.

Ao se referir ao grupo como “velhas”, Juliana reforça, ironicamente, por um lado uma tendência ao novo cuja marca se relaciona ao *Hip Hop* e que está cada vez mais presente nos bailes como resultado da reatualização da música negra e da necessidade, por parte de seus organizadores, em garantir casa cheia através de alternância de repertórios que resultem na presença crescente de jovens em um processo de renovação. Considera-se, também, a presença de vários adultos, o que pode corresponder ao processo de juvenilização da sociedade orientado pelo consumo de objetos e signos marcados como sendo caracteristicamente juvenis. Por outro lado, essa mesma ironia separa e reorganiza os jovens em torno do Charme, uma vez que as músicas antigas são mais admiradas pelos adultos, pois estabeleceram fortes vínculos de memória relacionados aos tempos de suas juventudes e ao auge dos bailes frequentados por milhares de pessoas. Isso aponta para a dificuldade de encontrarmos jovens que estejam musicalmente ligados ao passado, a um tempo que não

vivenciaram, mas que, de alguma forma, esse mesmo passado tenha criado intensas conexões pela aprendizagem e convivência familiar, por exemplo. Aqui é importante considerar o aspecto educativo que se apresenta no interior da família e da casa como ambientes e lugares de trocas e de aprendizagens. Considera-se, também, a importância do grupo como espaço privilegiado de trocas intersubjetivas e de potencialização dos gostos em comum na direção do fortalecimento da unidade que esse mesmo grupo possa significar. Juliana argumenta que:

Eu sei que eu cresci ouvindo isso, quer dizer – eu também gosto de *New Jack*⁷⁵, tá? Mas não sou, oh! Tocou uma música de *New Jack* no baile e eu, oh! O que me faz vibrar é um *Donell Jones* da vida, é um *Cris Davis*, que são músicas, são Charmes, é uma coisa totalmente diferente. E eu sei que eu cresci ouvindo isso. Às vezes, eu estou no baile aí tá tocando uma música que eu escutava lá com não sei quantos anos atrás, que eu me lembro que eu escutava com a minha mãe. Isso é maravilhoso pra mim! E eu acho que foi isso, foi o hábito de crescer escutando e que eu me identifiquei, é lógico. Eu penso que a pessoa tem que se identificar. E eu me identifiquei com aquilo. Ficou dentro de mim e eu vim mantendo o hábito. Foi mais isso.

Mesmo que faça referência à sua mãe, é importante destacar que o seu padrasto teve um papel importante para que ela “fosse tocada pela música” e que aprendesse também um pouco a respeito das origens do Charme. Essa curiosidade investigativa despertada a partir das referências feitas por ele ao *James Brown* e sua música *Soul*, por exemplo, resultou no interesse em saber mais sobre tudo aquilo que cresceu ouvindo dizer:

Eu sei um pouco da estória. Eu sei porque quando eu tenho um tempinho eu vou na internet ver meus *e-mails*, que eu joga lá num site de *RAP*, aí tem assim, é, o Charme no Brasil não sei o que, eu vou lá e leio. Eu sou muito assim, sempre. Eu vejo uma matéria de Charme eu sempre procuro ler para saber se eles estão falando a verdade, se tem a ver com o que eu conheço um pouco ou se estão contando coisas totalmente diferentes. Mas normalmente sempre tem alguma coisa a ver.

Entretanto, Juliana considera que a sua mãe é a figura central nesse processo de construção de sua identidade charmeira, que vai desde os primeiros contatos à paixão juvenil pelo Charme. São lembranças que marcam momentos importantes de sua vida intensamente marcada pela música negra.

⁷⁵ Ver capítulo 2.

Apesar de suas preferências, ela nos indica que não está desconectada dos referenciais simbólicos que identificam a sua geração através da música, por exemplo. Essa conexão ocorre também pela possibilidade de acesso à internet, pela qual se mantém informada sobre o universo da *Black Music*. Contudo, é preciso considerar que há uma parcela significativa da população juvenil para a qual as mudanças tecnológicas e seus produtos resultantes dos processos que transformam tecnologia em bem de consumo e/ou em referente simbólico identitário – e que, por sua vez, expressam, também, manifestações culturais juvenis – ainda não chegaram ou são por ela apropriadas de maneiras absolutamente precárias. É nesse contexto de precariedade que também podemos encontrar outras expressões culturais juvenis que funcionam como resposta ou formas particulares de visibilidade e que revelam as desigualdades em que muitos desses jovens estão mergulhados. Pensemos, por exemplo, nos diferentes processos de inclusão resultantes do acesso à internet que permite a participação ativa em comunidades virtuais e grupos identitários, bem como as formas de exclusão resultantes da impossibilidade desse mesmo acesso. Como forma de ilustração, podemos observar que os jovens que participam do movimento cultural do Charme estabelecem distintas formas de uso e de acesso. Para duas jovens entrevistadas, o acesso somente é possível a partir do local de trabalho, o que representa certo risco, uma vez que, além de não ser permitido, há certo controle e vigilância por parte da supervisão. Não dispondo de computador em casa, driblam as normas estabelecidas. A outra saída seriam as *lanhouses*. Entretanto, não dispõem de tempo, uma vez que trabalham e estudam. Esses locais, para muitos jovens, representam o único meio de acesso ao computador. Configuram espaços de lazer e sociabilidade e de ocupação do tempo livre, mas que dependem, também, da disponibilidade financeira de cada um.

Para Julio, ex-frequentador de *lanhouses* e que atualmente dispõe de computador em casa, a internet é uma importante ferramenta de trabalho que o mantém atualizado e que garante a qualidade de seu repertório musical:

[...] pego música com vários *DJs*, alguns me dão, mas a minha fonte é a internet. [...] aí eu vou e escuto. Se eu gosto da música eu copio pra mim no computador. Na internet tem um *site* [...] eu digito o nome do cantor que eu quero e aí eu vejo se saiu alguma novidade. O *Cris Brown*, no dia seis de novembro, eu acho, ele lançou um *CD* novo. Eu já fui lá, já escutei as músicas, já baixei, eu baixo de graça [...] eu uso um programa que eu baixo de graça. É assim que eu consigo as minhas músicas, de vez em quando eu

compro, é raro eu comprar música. Quando costumo fazer uma coisa procuro fazer direito, e agora que eu estou começando a fazer música, baixo a música à capela. À capela é só a voz do cantor, ai baixo a música instrumental, ai eu fico juntando uma na outra pra ver no que dá [...]. Pego também assim, boto capela também de outra música que não seja a da melodia inteira, junto, pra fazer alguma coisa diferente do que já está no mercado e pra poder tocar.

A maior intimidade com a linguagem da informática, a facilidade e maior tempo disponível permitem a Julio manter permanentemente atualizado o seu repertório musical. O tempo dedicado à pesquisa musical na internet e à elaboração de novas sequências e montagens musicais são importantes para que seja identificado como um jovem *DJ* em ascensão e que, aos poucos, conquista seu lugar em um espaço ocupado primordialmente por adultos.

Os jovens buscam manifestar-se de variadas formas e muitos têm grande interesse nas diversas práticas culturais que servem de marca identitária (CARRANO, 2002; DAYREL, 2002; SPOSITO, 1999; KEMP, 1993). Há grupos juvenis, ligados às distintas expressões, que têm a música e a dança como possibilidades de indicar linguagens culturais específicas e que, para alguns deles, servem de contraposição à existência de culturas não juvenis, como é o caso do *Hip Hop*. Há outros que utilizam essas mesmas expressões não para se contrapor, mas para marcar sua presença como sujeitos capazes de ressignificar essas práticas. Os jovens têm a capacidade de mostrar, de denunciar, através de suas múltiplas expressões culturais organizativas das identidades coletivas juvenis, aspectos da realidade social que as instituições gostariam de esconder. São formas desinstitucionalizadas de ação política que colocam em xeque a ausência das políticas institucionais para os diversos setores da sociedade. Para Reguillo (2000), essas formas organizativas incluem dois movimentos: no contato com o exterior, são capazes de produzir “formas de proteção e segurança frente a uma ordem (social, política, econômica) que os exclui”. Num movimento para dentro, essas formas apresentam-se como “espaços de pertença e inserção identitária, a partir dos quais é possível gerar um sentido em comum sobre um mundo incerto” (pág. 14). A autora considera ainda que grande parte dos estudos sobre as culturas juvenis não problematiza, suficiente e necessariamente, os diversos modos de ser jovem. Esses modos normalmente levam em consideração apenas “o tipo de inserção socioeconômica dos jovens na sociedade [...] descuidando as capacidades que, tanto a subjetividade como os marcos objetivos da ação, geram” (idem, pág. 30).

As culturas juvenis podem demarcar os espaços destinados aos jovens na sociedade, uma vez que “a gente vê o que a cultura e a sociedade permitem que se veja” (SOARES, 2005, pág. 164). São as relações que influenciam o modo de ver o outro. Assim, a visibilidade dos grupos juvenis pode aumentar à medida que os adultos venham a estabelecer relações valorativas e que proponham as condições subjetivas para a participação juvenil nos espaços sociais. Essas culturas, entendidas por Feixa (1998) como um conjunto de “formas mediante as quais os jovens participam nos processos de criação e circulação culturais”, permitem que observemos qual o nível de “influência do mundo juvenil sobre a sociedade em seu conjunto” (pág. 11). Para além da visão reducionista e, muitas vezes, utilitarista que compreende a juventude como problema social, há grupos juvenis que (re)produzem culturas através das quais expressam as suas condições nessa mesma sociedade. Expressam, ainda, a sua capacidade interpretativa e transformadora dos contextos sociais em que estão imersos.

3.5 – Diferentes estilos e gerações

Conforme foi dito anteriormente, há jovens que reproduzem algumas expressões culturais que são transformadas em alguns de seus aspectos característicos e que resultam em formas peculiares de ver o mundo. Ainda que não sejam consideradas como culturas juvenis *lato sensu*, estas são apropriadas pelos jovens também como espaços de construção de suas identidades e o Charme, enquanto movimento cultural, constitui-se em um desses espaços privilegiados. Foi construído a partir da necessidade de consolidação de uma identidade juvenil negra referenciada, principalmente, com o estilo e a estética. Tais referências estão atualizadas para os seus frequentadores e os jovens se encarregam de sua constante reatualização como parte de um processo cultural dinâmico. Além da identidade marcada pelo estilo, pelo vestir-se bem, há valores e normas que até hoje são observados nos bailes e que, apesar de muitas vezes ocultos, são assimilados pela grande maioria de seus frequentadores. Uma das propostas lançadas por seus idealizadores quando da construção desse movimento cultural estava relacionada à preocupação com a elevação da auto-estima dos negros através da vestimenta, do cuidado com os trajes durante os bailes, e isso perdura até hoje. É claro que houve alterações significativas na moda, na maneira de estar devidamente bem apresentado, mas a relação entre o Charme e o bom gosto permanece, ainda que menos estilosa, mais

simples, mas nem por isso com menor cuidado e capricho. Diferente dos anos de mil novecentos e oitenta, quando era marcado pela necessidade de afirmação de uma identidade negra pautada pelo estilo, pelo vestuário, que expressava a elevação da auto-estima e da luta pela conquista ou consolidação de espaços sociais para os negros através da politização da cultura, o Charme não proporciona aos jovens de hoje grandes e visíveis marcadores identitários, como os cabelos *Black Power*, por exemplo. Entretanto, essa relação entre negritude e o ‘vestir-se bem’ ficou arraigada na memória coletiva e permanece como um importante marcador desta cultura. Assim, mesmo para os jovens, essa inquietação encontra-se presente. É através da convivência com os adultos, dos seus relatos e lembranças, que se utilizam da memória emprestada para valorizar o estilo como diferenciador de um segmento social em determinado período histórico e que está presente, ainda que ressignificado, dentro daquilo que os jovens consideram como ‘vestir bem’ hoje. Nesse contexto, Julio estabelece as aproximações afirmativas das identidades através dos estilos que se distinguem pelo tempo de cada geração ao dizer que, além das músicas:

[...] eu acho também a própria questão, das roupas, da vestimenta, existem muitos desses antigos que prezam mais o linho... Eu, por exemplo, procuro ir um pouco mais alinhado, mas não tanto quanto essas pessoas, eu acho que é um pouco de exagero, mas eu boto uma roupinha mais voltada para o esporte-fino. Eu acho que é assim que os jovens do Charme se vestem.

Se, para a geração anterior, ‘estar alinhado’ significava literalmente usar roupas de linho, geralmente ternos que marcaram também as identidades negras relacionadas ao samba, por exemplo, para a geração de Julio representa certo cuidado na escolha das peças que compõem o guarda roupas. Assim, alinhado pode estar relacionado a uma calça de alfaiataria, a um jeans bem cortado, uma camisa social e um sapato fino ou mesmo a um *sapatênis*. Ao falar que há “também a própria questão, das roupas, da vestimenta, existem muitos desses antigos que prezam mais o linho [...]”, ele lembra a importância que o traje possui para os adultos na elevação de sua auto-estima através do estar alinhado e essa é uma questão muito cara ao movimento do Charme. Exemplifica essa forte relação entre identidade e estilo através de seu tio, que mantém esse hábito, uma espécie de memória preservada pelo traje.

Tem meu tio só anda de linho. [...] deve ter em torno de uns quarenta anos, por ai, ele é irmão da minha mãe. Até pra ir à padaria ele se arruma todo, cabelo, perfume, tal. E eu acho que essa é uma das diferenças [...].

Assim como o seu tio, ele tem uma preocupação em estar sempre bem vestido, bem apresentado, pois considera o estilo uma das mais importantes formas de distinção dos jovens frequentadores dos diversos movimentos musicais.

3.5.1 – O cabelo como marca identitária

A geração juvenil que corresponde ao início do movimento cultural do Charme foi marcada por um processo de valorização da afirmação do negro como sujeito na busca de seus direitos, tendo a cultura como um viés importante capaz de aglutinar essa parcela da população. A questão da auto-estima ganhava relevância, pois, naquela época, acreditava-se que, através da valorização do estilo, da vestimenta, os segmentos negros pudessem sentir-se potencialmente capazes de se tornar sujeitos de mudanças de suas próprias histórias e que passava, dentre outros fatores, pela conquista e garantia dos direitos civis, do respeito à diferença. Entretanto, a questão da valorização pelo estilo criou um ‘problema’ que não foi enfrentado pelo próprio segmento negro. Surgiram, entre aqueles que lutavam pelo respeito à diferença, no caso o negro como minoria composta de majorias, novas diferenças marcadas pela presença de uma elite negra que parecia conduzir o Charme para a consolidação de um movimento de um segmento social específico. Isso resultou em novas (ou velhas?) diferenças, pois havia um enorme grupo que não possuía as condições financeiras mínimas para frequentar os bailes ou de se vestir de acordo com as exigências de cada baile. Nesse contexto, surgem os excluídos dentro dos diferentes. Aquilo que foi pensado como marcador e afirmador da identidade negra acabou por revelar uma subdivisão de classes dentro de uma suposta mesma classe, pois acreditava-se na inexistência de uma elite negra charmeira. Para o outro grupo revelado pela exclusão marcada pelo estilo, o que restava era o sacrifício constante de economizar para estar presente nos grandes bailes, ainda que fosse uma única vez ao mês e que tivesse que passar por determinadas privações, mas estar na vitrine era o que importava.

Cassiane é uma jovem negra de vinte e três anos, muito bonita, daquelas que chama a atenção por onde passa, não só por sua beleza, como também pelo largo sorriso e pelos seus cabelos trançados e bem arranjados em um dos vários penteados afro que caracterizam uma de suas fortes marcas identitárias. É principalmente através dos cabelos que reafirma sua identidade e que está presente na sua fala incisiva durante quase toda a entrevista. Para além da questão da negritude como um aspecto importante de sua personalidade, ela considera que essa relação ganha significado a partir da luta de seus antepassados. Destaca que a importância de ser negra está vinculada à luta histórica que as distintas gerações iniciaram e deram continuidade para que Cassiane pudesse ocupar seu espaço, ainda que limitado e em construção, na sociedade. Esse contínuo movimento de conquista requer a superação das várias formas explícitas ou sutis de preconceito e discriminação que são recorrentes no cotidiano de muitos jovens negros. Ser seguida por um segurança quando entra em uma loja, por exemplo, “é meio impossível” não acontecer. Entretanto, essa superação não passa necessariamente pelo enfrentamento ou pelo protesto, mas pela constante luta, ainda que possa parecer silenciosa – e nem por isso menos consciente – e que se expressa, dentre outros aspectos, pela sua inflexível reafirmação da negritude, pois “eu sou negra e mostro que sou negra!”. Nesse sentido, dentre as suas características mais fortes, ser negra está muito destacada pelos cabelos que, se, para muitas mulheres, é um elemento pasteurizador e homogeneizador – “parece que estão todas com a mesma cara, as mulheres parecem que só sabem escovar o cabelo” –, para Cassiane é através deles que ela se constitui como sujeito. Fala-nos:

Não vou ficar...escovando o cabelo ou coisa parecida. Não que eu não goste. Um dia eu vou escovar meu cabelo! Mas, assim, eu sou negra e mostro que sou negra. E as pessoas me criticam: “ah! Por que você está com o cabelo assim?” Eu gosto muito de usar tranças. E então: “ah, esse cabelo é horrível!” Quem falou que esse cabelo é horrível?

A relação entre cabelo e identidade negra não passa, necessariamente, pela negação do direito às mulheres de fazerem o que consideram mais conveniente para elevar sua auto-estima, sentirem-se mais belas. Entretanto, Gomes (2002) nos lembra que

O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Porém, os significados de tal técnica foram alterados no

tempo e no espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outras fazem-no simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo. Mas, de um modo geral, quando observamos crianças negras trançadas, notamos duas coisas: a variedade de tipos de tranças e o uso de adereços coloridos. Tal prática explicita a existência de um estilo negro de pentear-se e adornar-se, o qual é muito diferente das crianças brancas, mesmo que estas se apresentem enfeitadas. Essas situações ilustram a estreita relação entre o negro, o cabelo e a identidade negra. A identidade negra compreende um complexo sistema estético (pág. 44).

O fato de Cassiane admitir que possa escovar seus cabelos não está relacionado à perda da identidade ou à reconstituição de um padrão estético que tem os cabelos alisados como um projeto de beleza universalizado que é constantemente vendido pelos meios midiáticos e colocado ao alcance de todas. Para ela, alisar seus cabelos é apenas mais uma dentre outras possibilidades de mudar o visual. Não considera isso um problema, mas não é, também, uma forma de ceder às pressões de suas colegas de trabalho, por exemplo, quando dizem que “é feio! Cabelo de trança é feio. Por mais que elas *falavam* eu queria estar ali mostrando que não, que não é feio, que eu acho bonito”. É, para além de um importante marcador identitário de matriz africana, a retomada ou a tentativa de retomar uma estética feminina guardada na memória, ainda que emprestada, e que se aproxima dos penteados *Black* dos anos de mil novecentos e oitenta, pois “antigamente as mulheres gostavam muito de fazer aqueles penteados com características próprias”. Entretanto, Cassiane parece desconhecer que muitas cantoras negras apresentavam-se com os cabelos penteados e alisados à base de henê e serviam de referência para muitas jovens na prática do alisamento capilar. Quantas se submeteram à aplicação do famoso ferro baiano⁷⁶? Quantas não usavam henê e ficavam horas com a touca de meia ou touca de jornal? Vale lembrar que essa prática também foi posteriormente adotada pelos homens; basta lembrarmos os penteados de *James Brown*.

Falar sobre cabelo crespo e seus vários processos de alisamento remete a questões relacionadas ao processo de embranquecimento da sociedade brasileira, que pode ser

⁷⁶ Pente de ferro que era aquecido no fogo e usado para alisar os cabelos após a aplicação de henê. Hoje, foram substituídos pelas escovas elétricas, também chamadas de progressivas. Recentemente, a cantora *Beyoncé* chegou a declarar a uma revista que modelava os seus cabelos usando o ferro de passar roupas. (Ver <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/ilustrada/ult90u684691.shtml>).

compreendido como efeito de política governamental estabelecida não só no Brasil⁷⁷, como em vários países através da história escrita por tinteiros eurocêntricos. Pode ser, também, decorrência do processo de aculturação vivido por diversos negros ao absorverem “certos padrões de comportamento das classes médias e altas, o que significaria, também sub-repticiamente, que não haveria lugar para negro nessas classes” (GUIMARÃES, 1999, pág. 86). Em outros momentos, isso é recuperado por orientações políticas baseadas em práticas higienistas e embranquecedoras ou pela supremacia da raça ariana.

Essa relação entre cabelo, cor da pele e raça também está presente na fala de Cassiane ao perguntar: “por que minha cor é feia? Quem foi que disse isso? Que a cor mais escura é feia e que a cor branca é mais bonita?” Se essas perguntas são decorrentes de formas claras ou veladas de preconceito verbalizadas em afirmações como “a sua cor é escura, a sua cor é feia”, por outro lado produzem e estimulam reações ainda que indiretas. Para além dos padrões de beleza centrados na cor branca, a mídia, segundo Cassiane, começa a abrir espaços para os negros como consumidores e cidadãos (CANCLINI, 2001), o que parece contribuir para a afirmação de uma identidade negra. Quando criança, ela lembra que a condição negra estava restrita aos espaços familiares e que, no cotidiano, as relações estabelecidas com os espaços midiáticos serviam para questionar a sua realidade de menina negra: “por que eu tenho essa cor? eu não queria ser dessa cor!!” Foi a partir dos dez anos que suas irmãs começaram a trabalhar a sua auto-estima e contribuíram para que pudesse se assumir como negra, apesar de possuir poucas referências que a fizessem acreditar que ser negra era “comum, normal”⁷⁸. Ao dizer que “antigamente, já na minha época, quando eu era criança era bonito ser branca, as *barbies* eram brancas, as bonecas eram brancas”, não o faz com qualquer sentimento de mágoa, mas para reforçar as importantes mudanças observadas no cenário social e que resultam da luta da população negra por garantias de direitos e de espaços iguais na sociedade. Compreende que, ainda que os meios midiáticos estejam “falando muito que preto é bonito e todo mundo quer ser preto”, isso pouco contribui para as conquistas dessa

⁷⁷ Hasenbalg (1999) lembra que, em determinado período da história recente do Brasil, “a relação entre raça e nacionalidade era vista com pessimismo pelas elites brasileiras, que viam a composição racial da população do país como um entrave ao progresso e à modernidade” (pág. 61). Daí a questão da miscigenação ser uma solução bem vista para a integração e homogeneidade nacionais.

⁷⁸ Para Gomes (2002), “A experiência da relação identidade/alteridade coloca-se com maior intensidade nesse contato família/escola. Para muitos negros, essa é uma das primeiras situações de contato interétnico. É de onde emergem as diferenças e se torna possível pensar um “nós” – criança e família negra – em oposição aos “outros” – colegas e professores/as brancos. Embora o discurso que condiciona a discriminação do negro à sua localização na classe social ainda seja predominante na escola, as práticas cotidianas mostram para a criança e para o adolescente negro que o *status* social não é determinado somente pelo emprego, renda e grau de escolaridade, mas também pela posição da pessoa na classificação racial” (pág. 46).

parcela da população que garantam espaços iguais em todos os setores da vida social. Na verdade, se isso contribui para a reafirmação das identidades, uma espécie de orgulho negro, serve muito mais para colocar o negro como produto a ser consumido. Entretanto, é nas brechas surgidas ou criadas nos meios midiáticos e na tomada de consciência das limitações impostas aos negros que ela acredita ser possível a consolidação de novos espaços de luta.

3.6 – Uma pausa na cultura: articulando escola e trabalho

As culturas juvenis manifestam-se como possibilidade de enxergar a própria sociedade a partir de outro ponto de vista, de quem quer participar da construção de outras oportunidades que também incorporem suas pautas reivindicativas. Para os jovens, um dos maiores desafios está em romper as conservadoras barreiras do continuísmo, o que não significa dizer que todos os jovens sejam, por natureza, transformadores. Ainda que haja culturas marcadamente juvenis que simbolizam e anunciam a juventude em sua totalidade, há outras adesões a expressões culturais que, se não a traduzem, podem caracterizar determinadas unidades geracionais presentes na complexidade da juventude inserida em suas múltiplas expressividades. Compreendidos conjuntamente a partir de seu recorte geracional, pois cumprem o seu papel de continuidade da sociedade, muitos jovens têm a capacidade de reinterpretar e produzir culturas através das quais podem questionar a própria sociedade e a ausência de futuro, o que inviabilizaria esse papel e sua própria existência. Por vezes, essa ausência transformada em insegurança e medo do que pode não vir, da incompletude do futuro, é respondida com ações e atitudes radicalizadas pela estética das culturas juvenis como forma de expressão de “estar no mundo” sem lugar ou motivo para estar. Manifestações como as pichações espalhadas pelos grandes centros urbanos ou as marcas identitárias peculiares do vestuário juvenil que identificam os grupos relacionados com o *Hip Hop* servem de exemplos para percebermos algumas respostas à invisibilidade e silenciamento desses grupos. Mesmo nesses grupos, há vários jovens cujas adesões aconteceram por questões meramente estéticas e identitárias ligadas ao estilo que marca determinado coletivo, mas que não simboliza a geração juvenil. No entanto, há outros jovens, como é o caso da maioria daqueles que estão ligados de alguma forma ao movimento cultural do Charme, que, mesmo diante das promessas de um novo mundo, estão a construir suas trajetórias no presente, ainda que saibam das adversidades que têm que enfrentar. Isso não os torna diferentes nem melhores, mas nos

ajuda a compreender que, mesmo em contextos de incompletudes, de faltas e de ausências, eles estão buscando formas de superação da realidade através da cultura, mas, principalmente, do trabalho e da escolarização. Desse modo, estas constituem-se em categorias fundamentais para pensarmos as trajetórias juvenis em contextos sociais marcados por uma realidade cujas moratórias, praticamente, deixam de existir. As distintas possibilidades de articular o tempo do trabalho com o tempo da escola resultam, em muitos casos, na ausência de tempo livre destinado ao lazer. Isso evidencia que a moratória social é um fenômeno que se processa de forma desigual para a juventude em sua totalidade. Observemos a realidade vivida por Alex.

Ele é um jovem cuja rotina de trabalho é bastante intensa e desgastante. Nos conta que

[...] eu pego de onze horas às seis e trabalho um sábado sim um sábado não. No caso, quando eu trabalho no sábado eu folgo domingo e segunda e quando não trabalho no sábado eu folgo sábado e domingo. Essa é a minha rotina, no caso.

O cansaço provocado pela necessidade do trabalho noturno, o que o faz trocar o dia pela noite, é resultado da quase impossibilidade de adaptação do seu relógio biológico a essa atividade. Além disso, o trabalho de auxiliar de manutenção do Metrô exige que essa função seja desempenhada naquele horário, pois, por motivos de segurança, torna-se necessário o desligamento da energia dos trilhos por onde passam os trens. É o tempo do trabalho que norteia todas as suas outras atividades semanais, incluindo estudos e lazer. Apesar de se dizer plenamente satisfeito com o local de trabalho, ele reconhece que há a necessidade de reorganizar a sua vida. Para isso, ele precisa mudar de posto, o que representaria alteração no seu horário de trabalho e, com isso, maior disposição para estudar e disponibilidade para o lazer. Com o ensino médio completo e sem algumas qualificações necessárias à ocupação de sua atividade atual, Alex reconhece que a possibilidade de ascensão funcional está diretamente relacionada à continuação dos estudos voltados para cursos ligados à sua área. Poderíamos dizer que é um jovem que aprendeu com a prática, pois, quando ingressou nessa atividade, não havia a exigência de conhecimentos específicos prévios. Entretanto, ele mesmo reconhece que “o mercado de trabalho hoje em dia está muito disputado. Disputado! Tem que se qualificar legal, senão...”. Assim como ele, muitos jovens veem-se pressionados a corresponder à lógica do mercado perverso que exige cada vez mais qualificações, as

chamadas competências, que permitiriam o ingresso no mundo do trabalho⁷⁹ ou o acesso a melhores ocupações. Desse modo, o que temos observado é que o aumento das exigências é diretamente proporcional ao número de atividades a serem desempenhadas por uma só função e inversamente proporcional aos ganhos salariais. Isso provoca certo aprisionamento em determinados postos de trabalho por conta da necessidade de se manter empregado, ainda que isso represente insatisfação e baixos salários. Para muitos jovens, estar empregado, mesmo que insatisfeitos ou pressionados pelas inúmeras exigências decorrentes das atividades exercidas, é melhor do que fazer parte das estatísticas de desemprego juvenil. Por outro lado, essa realidade faz com que muito deles apontem a continuidade dos estudos como um importante elemento de mudança e de ascensão profissional e social.

Apesar de seu trabalho noturno e das poucas horas de sono, pois “tem dia que eu durmo três horas, já chegou dia de eu dormir uma hora só por dia. Chegar do trabalho e ficar acordado”, Alex encontra tempo e disposição para dar prosseguimento aos seus estudos na lógica de melhoria de salário ou até mesmo na esperança de mudar de emprego. Assim, o curso técnico de mecatrônica que está em andamento representa a perspectiva de melhorias não só salariais, como também nas condições de trabalho e de qualidade de vida. A transferência de departamento pode contribuir para a sua entrada no setor de eletrônica da empresa, o que significa a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante o curso e, principalmente, a reestruturação de sua vida profissional com reflexos positivos em sua vida cotidiana.

Vale ressaltar que Alex está fazendo um movimento contrário a muitos jovens em idade escolar, principalmente aqueles matriculados no ensino técnico. Para estes, apesar de boa formação e preparação para o desempenho das várias funções relacionadas ao mercado de trabalho voltado à tecnologia, não há garantias de empregabilidade, uma vez que esse mesmo mercado não absorve a mão de obra disponibilizada pelas numerosas escolas técnicas espalhadas pelo país. O programa de expansão de escolas técnicas e profissionalizantes implantado pelo governo federal prevê a construção de cerca de cento e cinquenta escolas em todo o país nos próximos dois anos. Apesar de haver a preocupação com as especificidades locais para a seleção dos cursos a serem implantados em cada região, a questão da empregabilidade não está resolvida. Na medida em que haverá o aumento de mão de obra qualificada, o mesmo não se observa em relação à possibilidade de sua absorção por um

⁷⁹ Sobre esse assunto, ver Alves (2008).

mercado que não se expande na mesma velocidade. Nesse sentido, reforça-se a dicotômica relação entre escolaridade e trabalho; ou seja, no caso do ensino técnico, a melhor formação não corresponde a melhores oportunidades de emprego, na medida em que estas não são ampliadas. Além disso, a qualidade da formação está diretamente relacionada à estrutura de ensino oferecida por essas instituições de ensino. Esse é um fator determinante para a permanência dos alunos no ensino técnico. Observa-se, entretanto, que a maioria das escolas é inaugurada sem as condições necessárias para oferecer um ensino de qualidade, uma vez que grande parte dos seus laboratórios não está montada, o que vai sendo lentamente concluído de acordo com as prioridades internas e da liberação das verbas públicas destinadas a esse fim. Assim, os cursos são pouco práticos e excessivamente teóricos, o que coloca em cheque a própria qualidade destes e contribui para o abandono e a evasão decorrentes do desencantamento causado por um curso técnico capenga, que não corresponde à realidade e às exigências do mercado nem tampouco aos anseios e expectativas dos jovens.

É nesse contexto que Alex investe em uma formação técnica direcionada para a possibilidade de ascensão profissional. Mais do que uma realização pessoal, há uma questão de ordem prática, ou seja, o curso de mecatrônica, em andamento, está voltado para atender ou ir ao encontro da possibilidade de aplicação imediata desses conhecimentos no trabalho que desenvolve na manutenção das linhas férreas do Metrô. Assim, foi o trabalho que praticamente determinou as suas escolhas. Não há sonhos com uma carreira, uma profissão, pois prosseguir os estudos é uma questão de ordem prática. Mesmo sabendo que a sua vida gira em torno do trabalho que consome o seu tempo e a sua força física e mental, pois o tempo que lhe sobra é para estudar e tentar dormir, ele sabe que se trata de um investimento importante para as suas pretensões de melhoria salarial. Nesse contexto, o lazer e até mesmo as suas apresentações como *DJ* ficam para depois, algo do tipo “se der tempo a gente brinca” (CARRANO, 1992).

Essa realidade não é nova. Alex trabalha desde os quatorze anos e faz questão de ressaltar que o tempo de brincar ficou lá atrás, na infância, ainda que, por vezes, solte pipa com o seu filho. Desde esse período que a sua trajetória se entrelaça com o trabalho e a escola, pois, a partir daí, sempre teve que saber conciliar o seu tempo e suas prioridades. Tem poucas lembranças de sua infância e estas são relacionadas às atividades comuns à maioria das crianças moradoras do subúrbio carioca, ou seja, o tempo da escola e das brincadeiras de rua. Jogar bola, brincar de pique e soltar pipa estavam entre as suas atividades preferidas.

Entretanto, a necessidade de ajudar em casa parece ter falado mais alto, o que o levou a procurar trabalho muito cedo e, por conta disso, passou a frequentar o ensino noturno.

Durante os quase sete anos que permaneceu no seu primeiro emprego, Alex teve a oportunidade de desempenhar algumas funções que foram por ele apontadas como experiências importantes para o seu crescimento funcional e o seu amadurecimento. Por outro lado, contribuiram para que percebesse a importância que é dada à escolarização por muitas empresas que buscam a qualificação constante de seu quadro funcional. Por conta disso, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, ele conseguiu concluir o ensino médio noturno. Além do desgaste provocado pela intensa jornada diária de trabalho, ele deparou-se com uma situação cada vez mais presente nas escolas noturnas voltadas para a educação de jovens e adultos, que é o processo de juvenilização por que passa essa modalidade de ensino. A ampliação da faixa etária dos atendidos pela Educação de Jovens e Adultos é uma realidade investigada por diversos pesquisadores – Haddad (2000); Di Piero (2005, 2000); Paiva (2009) – que, dentre outros aspectos, procuram compreender em que medida essa questão interfere na formação e na perda de qualidade, pois, para muitos alunos que a procuram, a EJA é vista como um caminho enviesado de obtenção do diploma e onde o que menos importa é a qualidade do ensino. Não foi essa a expectativa de Alex. Entretanto, confessa que se assustou, pois encontrou

[...] pessoas com idades mais avançadas, tem gente com cinquenta anos, entendeu, quarenta, trinta. De manhã não, é aquela faixa de idade. É igual lá no curso também, de manhã são todos jovens e à noite pessoas com mais experiência de vida.

A necessidade de conciliar o trabalho com os estudos produz certa distorção no que diz respeito à clientela alvo da EJA. Isso certamente exige que toda a estrutura escolar seja repensada e, do mesmo modo, que o corpo docente reavalie as suas práticas pedagógicas no sentido de atender à diversidade geracional presente naquele espaço escolar. Por outro lado, é importante observar a sala de aula como lugar de trocas de experiências, de relações intergeracionais que podem envolver o conflito, mas também o consenso, a negociação e a capacidade de o professor atuar como mediador dessas relações, o que parece ser um grande desafio.

Cassiane ainda vive o dilema da escolha da profissão certa, dilema esse que atormenta a maioria dos jovens durante e ao término do ensino médio. Para estes, esse rito de passagem não ocorre de maneira tranquila, pois sabem que é um passo importante para a construção de projetos pessoais e profissionais que, certamente, representam a consolidação de um sonho, mas a caminhada em uma trajetória para a vida adulta e que começa a ser construída, delineada naquela fase. Apesar de sabermos que a escola não garante um lugar no mercado de trabalho, é através dos estudos que Cassiane – assim como a maioria dos entrevistados ou daqueles que responderam aos questionários – espera ascender a melhores postos de trabalho e, por conseguinte, a uma mobilidade social. Com o ensino médio completo, sabe que as colocações oferecidas pelo mercado exigem competências múltiplas de um único sujeito que deve estar preparado para desempenhar várias funções em troca de salários irrisórios. Apesar de estudar inglês, fazer cursos preparatórios e/ou aqueles voltados para a sua área, a jovem acredita que ter acesso ao ensino superior é a única possibilidade de se libertar da escravidão imposta pelas condições de trabalho que desempenha como operadora de telemarketing. Confessa que detesta essa função e que, ainda assim, permanece lá, pois, além de permitir o pagamento e manutenção de seus estudos, “foi a primeira coisa que apareceu”. Sua trajetória profissional começou aos dezesseis anos como estagiária na área de administração em um escritório no qual tinha prazer de trabalhar. Ao final do estágio, viu-se obrigada a aceitar a função que ocupa atualmente, ainda que esteja submetida a elevados níveis de estresse emocional. As condições de trabalho vão desde os maltratos dos clientes às pressões dos seus superiores para cumprir metas quase sempre imbatíveis, sem falar nas formas sutis de discriminação ao ser chamada, por exemplo, de “neguinha muito abusada” por um dos supervisores. Nesse caso, reforça-se o imaginário popular que quase sempre relaciona a cor como marca racial e estigma social (SEYFERTH, s.d.).

As condições de empregabilidade apresentam números desfavoráveis à maioria da juventude brasileira e tal realidade parece contribuir para que Cassiane permaneça onde está, ainda que considere ser esse um trabalho provisório, pois espera sair de lá o mais breve possível. Entretanto, vive o conflito entre desejo, necessidade e vontade, expresso através da situação concreta que ora se apresenta, pois sabe que permanecer é necessário para que consiga entrar na universidade, mas também é sentir-se humilhada e violentada diariamente e isso resulta na sua vontade constante de livrar-se de tudo aquilo. Este conflito também se expressa na relação entre trabalho e estudos ao dizer que

Eu odeio estudar, eu odeio estudar, eu odeio estudar desde quando eu comecei a estudar! Mas, assim, você vê que sem estudo, ainda mais eu, uma pessoa negra, pessoa pobre, entre aspas, somos classificados como a classe D, é... Cara, se você não estudar você vai continuar nessa vida. E é isso que significa pra gente. Então, pô, quero... Como eu tava dizendo, nós temos que estar nos melhores empregos, né! Por que não Cassiane ser uma doutora? Por que não uma nutricionista? Por que não ser uma coisa legal? Não que seja uma coisa legal num lugar legal, pode ser até mesmo num lugar humilde, mas uma coisa legal, entendeu? Acho que a importância do estudo pra mim é mesmo conquistar um trabalho bom, não um trabalho que eu vá enriquecer deveras... Mas um trabalho em que eu possa dar para os meus filhos o que os meus pais não conseguiram dar pra mim. Porque no tempo dos meus pais era a mesma coisa. É aquilo, eu vou dar pro meu filho o que eu não consegui ter. O meu objetivo é o mesmo. Então, se meus pais me deram uma coisa boa, então eu vou ter que ralar além dos meus pais para dar uma coisa melhor pros meus filhos.

Nesse sentido, o projeto de constituir família e ter filhos está orientado pela memória que remete às dificuldades e limitações encontradas por seus pais em lhe oferecer melhores condições de vida. Longe de fazer cobranças, há a consciência da luta deles para criar e manter uma família de oito filhos e ter que dividir o pouco que tinham. São essas dificuldades e impedimentos que movimentam Cassiane na direção da superação e mudança de sua condição de vida. O acionamento da memória, o olhar para trás, é que permite a ela organizar seus sonhos e delinear seu futuro cuja trajetória vai, aos poucos, sendo traçada através de ações concretas. A sua vida atribulada, ocupada com trabalho e estudos, faz com que não sobre tempo para o convívio social e familiar durante a semana. Os seus momentos de lazer estão restritos aos finais de semana, que também não são mais preenchidos com os bailes como eram anteriormente. A pré ocupação com o futuro faz com que seu tempo seja tomado por atividades voltadas para construir uma trajetória que resulte em mudanças importantes em sua vida.

Faz tempo que eu não curto um baile de Charme, um bom, bom, bom. Então, assim, agora eu quase não saio [...] porque eu tô procurando, assim, centrar mais a minha vida no trabalho, nos estudos. Porque por mais que eu esteja trabalhando em telemarketing eu estou colocando currículo, estou estudando pra conseguir uma outra coisa. Então, não tá tendo tanto tempo e eu também, sabe, quando você tem uma época na sua vida que você não tem tanta vontade de sair? E eu já fico com sono quando eu saio muito de noite, eu fico com sono, eu fico cansada. Então, assim, eu dificilmente vou sair. E também tem a questão das amigas. As minhas amigas também estão mais paradinhas.

Ao contrário dos inúmeros discursos que fazem referência à juventude como tempo de moratórias, de pouco comprometimento com as responsabilidades da vida e o futuro, esses jovens estão dispendo de pouco tempo para o lazer. Esse tempo é investido na construção de seus sonhos e planos, na busca de condições concretas para que possam assegurar alguma qualidade de vida pessoal e profissional. Os estudos ainda são vistos por elas como sendo o melhor caminho para essa conquista. Assim como Cassiane, suas amigas trabalham e estudam. Algumas são também responsáveis pelos serviços domésticos e outras são mães solteiras, o que reproduz os papéis destinados às muitas mulheres no contexto social em que o número de famílias mono parentais é cada vez mais elevado.

No Charme eu tenho muito... eu vejo as pessoas terem muito garra de querer estudar, de querer trabalhar. No Charme, entre as pessoas que eu conheci – até mesmo a Ju – eu vi aquela coisa assim, pô, tá todo mundo trabalhando, tá todo mundo estudando, por que que eu vou ficar parada aqui, entendeu? Então, eu acho que, assim, tem muito isso também, é, de tipo, é, conhecer amigos e fazer amigos. Esses amigos serem realmente de valor e que você não queira ter inveja, querer ser melhor ou igual a eles, mas querer ser igual a eles. Pô, seus amigos todos estão estudando, seus amigos todos estão trabalhando. Ah, Cassiane, vamos trabalhar e estudar também, né? Não ficar aí. A gente tem que ter alguma coisa para apresentar pro amigo. Ah, eu estou estudando isso, estou estudando aquilo, entendeu? Acho que tem isso e nos outros ritmos eu não acredito que tenha tanto. Nos outros ritmos as meninas param de estudar, engravidam cedo. Não que no Charme as meninas não engravidam ou parem de estudar, mas, assim, eu já vivenciei meninas que engravidaram no Charme e continuaram a estudar até hoje e se formaram grávidas. E eu acho que, assim é isso que eu vou definir pra minha vida.

É pela compreensão do Charme como espaço de socialização, marcado pela amizade como sendo uma das mais destacadas características geracionais presentes nesse movimento, que Cassiane organiza uma atmosfera bastante propícia para as trocas e aprendizagem de experiências comuns a determinado grupo etário e que caracteriza exatamente uma geração constituída de sujeitos atravessando um mesmo tempo histórico. Definir a sua vida não se resume a fazer comparação entre distintos movimentos culturais juvenis⁸⁰ em que práticas sociais ou posturas pessoais coletivizadas são mais facilmente observáveis. Pelo contrário, amplia-se através de estímulos proporcionados pela convivência entre iguais, jovens que estão

⁸⁰ A isso, denominamos identidades por negação e que será objeto de discussão a seguir.

a construir as suas identidades pessoais e profissionais através da amizade e do respeito mútuo.

3.6.1 – Escola e trabalho como estratégia de autonomia e superação

Determinados estudos sociológicos a respeito do tema nos fornecem algumas pistas para refletir e para compreender o que vem a ser a juventude. Entretanto, para além de sua complexidade como categoria sociológica, podemos entendê-la

[...] como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a passagem, assumindo uma importância em si mesma (CARRANO, 2002, pág. 3).

Proporcionar os modos e as condições de os jovens se reconhecerem e serem reconhecidos como sujeitos de direitos é um importante desafio que está posto no sentido de contribuir para a continuação dos estudos sobre o tema. Trata-se, ainda, de permitir-lhes a construção de suas trajetórias de vida a partir de outros valores que também reconheçam como seus a partir de mudanças nas relações intergeracionais efetivadas em espaços de companheirismo e/ou a partir do fortalecimento dessas mesmas relações. As trajetórias juvenis charmeiras parecem não ser muito diferentes daquelas relacionadas aos jovens de maneira geral. Alguns de seus aspectos importantes já foram apontados no capítulo de análise dos questionários exploratórios. Outros são apontados no decorrer deste texto, pois aparecem com certa recorrência entre os entrevistados, sem deixar de considerarmos algumas particularidades que possam ser significativas no contexto de análise das entrevistas e da própria pesquisa. A relação entre o trabalho e a escola apareceu como o par mais expressivo e esteve presente em todas as entrevistas realizadas.

É a intensa relação com o trabalho que atravessa e marca a trajetória pessoal de Diogo e constituiu-se em um dos eixos importantes que nortearam a entrevista. Essa relação é entremeada pela escolarização, que também ganha destaque não só em sua caminhada desde a

infância, como também nas suas escolhas profissionais e na sua relação com os seus familiares e amigos. A simultaneidade com que alguns fatos marcantes ocorreram ilustra essa relação, pois, logo após ter ingressado no curso de licenciatura em matemática, ele foi chamado para ocupar o cargo de agente administrativo na área de saúde, resultado de um dos vários concursos que havia prestado antes mesmo de entrar na universidade, ainda durante o seu estágio na área tecnológica. A pressão exercida por sua mãe devido ao fato de escolher uma carreira que não resulta, na maioria das vezes, em estabilidade, projeção social e bons salários foi atenuada pela conquista de um emprego público. Os conflitos decorrentes da divergência de projetos, ainda que meio silenciosos, parecem ter sido amenizados e isso permitiu que ele desse prosseguimento ao seu grande sonho, ser professor de matemática. O incentivo em ir ao encontro daquilo que efetivamente poderia fazê-lo feliz veio por parte de seu pai que, mesmo sendo professor e tendo vivenciado os percalços da profissão historicamente desqualificada e desrespeitada pelo poder público, principalmente no que diz respeito às condições de trabalho e às baixas remunerações, não deixou de apoiá-lo na sua decisão em um momento importante de sua vida. Diferente de muitos jovens para os quais sobra tempo desocupado, Diogo estava longe do perfil do jovem idealizado pelo senso comum que acredita que esse é um tempo de moratórias. Ainda que dispusesse de uma estrutura familiar que lhe proporcionasse viver a juventude dentro desse contexto, havia projetos claros cuja realização passava necessariamente por investir o seu tempo nos estudos e no trabalho. Se isso pode parecer um privilégio para poucos, pois a maioria dos jovens brasileiros ou está fora da escola por vários motivos ou está fora do mercado de trabalho, por outro lado confirma que há, por parte dos jovens, a preocupação com a sua inserção social e profissional. Sua família, mesmo enfrentando algumas dificuldades internas que resultaram, dentre outros fatores, da separação dos pais, não deixou de oferecer as condições mínimas necessárias para que ele não interrompesse os seus estudos. Sabemos que essa não é a realidade de muitos jovens para os quais adiar o sonho de concretizar alguma formação profissional, de ter acesso à universidade é uma realidade que está posta, pois mais premente do que os estudos é a necessidade imediata de trabalhar para sustentar a si e, na maioria das vezes, ajudar na manutenção da casa, da própria família. São jovens como esses que Diogo decidiu auxiliar, ao resolver trabalhar como voluntário no pré-vestibular comunitário em uma ONG próxima de sua casa. A obrigação de se afastar dos bailes por alguns anos ocorreu em função de suas atribuições escolares e profissionais e isso incluiu também os sábados, que eram ocupados com sua atividade no pré-vestibular comunitário. Com o término do seu curso universitário, tudo parecia que voltaria ao normal, que o seu direito ao lazer seria

reconquistado. Ir aos bailes representa, para Diogo, uma de suas poucas atividades de lazer mais prazerosas. Entretanto, novas mudanças em sua vida restringiram as possibilidades de transitar pelos diversos locais nos quais os bailes eram realizados. A aprovação em um concurso público federal e a sua designação para trabalhar no município de Maricá, além de sua mudança de residência para Itaipu como forma de encurtar as distâncias entre casa e trabalho, foram fatores que ampliaram as suas dificuldades para ir ao Rio com mais frequência, pois a distância entre a cidade e seu trabalho ou sua residência ficou muito maior.

Dentro do seu exíguo tempo disponível para realizar as suas atividades acadêmicas e cumprir sua jornada de trabalho, ele abriu espaço para ajudar a outros jovens que mesmo tendo a realização de seus sonhos dificultada por suas precárias condições de trabalho e pelo déficit proveniente da qualidade duvidosa do ensino em muitas escolas públicas, ainda assim não haviam desistido. Mesmo que se diga o contrário, para esses jovens, a escolarização representa não só a possibilidade de concretização de um sonho, mas, sobretudo, a possibilidade de mobilidade social.

É o caso de Juliana para quem a escola caracterizou-se como um espaço de reflexão que contribuiu para perceber que a superação e melhoria da sua condição e inserção social passavam pelo entrelaçamento da escolarização e do trabalho. Assim como para muitos jovens, para ela, permanecer na escola representou e ainda representa a porta de entrada para o mundo do trabalho que resulte em mobilidade social.

Deixa eu ver, eu tava com uns doze anos, doze ou treze anos, acho que foi quando eu comecei a estudar mesmo. Porque nessa época eu estudava, mas estudava por estudar. Depois que caiu a ficha. A minha ficha caiu com doze anos, que eu precisava estudar e trabalhar pra poder melhorar de vida.

Mais do que uma profissão, ser operadora de *telemarketing* significou para ela uma forma de sobrevivência em um contexto marcado por altos índices de desemprego juvenil: “Você quer trabalhar você não escolhe, você pega qualquer coisa”. Desse modo, ela compreende que se trata de uma ocupação transitória e que não expressa seus projetos de vida, ou seja, “eu não estou estudando para ser *telemarketing*”. Há outros planos. Aluna do

terceiro período de ciências contábeis, Juliana revela que foi graças ao ProUni⁸¹, combinado com o sistema de cotas para negros, que ela conseguiu romper com a barreira do acesso à universidade: “É a grande polêmica da sociedade. Mas se não tivesse sido pelas cotas eu não teria conseguido, entendeu?”.

Ela trabalha como assistente fiscal em um escritório de contabilidade no centro do Rio de Janeiro. Para muitos jovens, a escola pode não representar ou até mesmo resultar em mobilidade social. Para Juliana, somente pelo fato de ingressar na universidade já houve considerável alteração em sua trajetória e permitiu que esta fosse redefinida na direção daquilo que, efetivamente, ela traçou como aspiração profissional. Considera que esse não é o caminho, mas apenas um caminho para chegar até onde realmente pretende.

Trabalhar fazendo declarações, inventário, faço um pouco da área contábil, eu já *tô* na área [...]. Eu gosto da contabilidade, do meio financeiro! Não sei se eu vou prosseguir, né? Quero fazer a pós em auditoria. Quero ser auditora.

Ao contrário de outros jovens entrevistados que trabalham para sustentar os seus estudos e suas necessidades básicas ocupando postos que consideram desagradáveis, Juliana se diz satisfeita com o que faz, mesmo revelando que, por vezes, é muito estafante, na medida em que a carga de atividades é bastante intensa. Ainda assim, acredita que é nesse ambiente que pode apreender e assimilar conhecimentos importantes e necessários para concretizar seus estudos e o seu sonho de ser auditora fiscal. Além da carga de trabalho, há também a faculdade, o que faz com que o seu dia esteja todo tomado. É um ritmo diário de atividades que, apesar de sacrificante, representa um importante investimento na melhora de sua qualidade de vida, ainda que não sobre tempo nem mesmo para se dedicar à sua filha. Nesse sentido, estudar e trabalhar representam estratégias de sobrevivência e de superação das condições reais que estão postas para ela. São as únicas possibilidades de sonhar com dias melhores e ela afirma que

⁸¹ “Programa Universidade para Todos tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. [...] Dirigido aos estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais, com renda per capita familiar máxima de três salários mínimos” (ver <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni>).

[...] eu posso melhorar de vida. Hoje eu moro numa casa de vila, eu convivo com pessoas que não têm muito respeito pelo vizinho e eu sei que é a única maneira de eu sair dali. Hoje eu tenho uma filha, quero dar uma vida melhor para minha filha.

Morar em comunidade representa para ela a completa ausência de privacidade e de segurança, além das condições que, somadas às precárias condições de moradia, servem de elementos para dar suporte à sua perseverança na busca daquilo que considera uma vida melhor.

Conforme foi dito, a sua rotina diária é bastante pesada, pois, assim como a maioria dos trabalhadores das grandes cidades, ela mora distante do seu local de trabalho, o que exige que acorde mais cedo, enfrente um ônibus lotado e um tráfego intenso todos os dias. Após um dia de trabalho cansativo, ainda desloca-se para a universidade, que está situada no outro lado da cidade, em uma viagem que dura quase duas horas para chegar à faculdade, de onde sai por volta de vinte e duas horas. Ao chegar à casa, por volta de vinte e três horas, ainda tem que dar conta de alguns afazeres domésticos, além de cuidar de sua filha de dois anos. Não tem hora para dormir e só vai para a cama após deixar tudo pronto e organizado para, no dia seguinte, levar a filha à casa da tia que toma conta de crianças, uma vez que a sua mãe também trabalha. Com tristeza diz: “Eu venho estudar e chego em casa e ela está acordada me esperando”.

Trabalhar, estudar e cuidar da casa, dos afazeres domésticos, além de dar atenção à filha pequena resulta em tempo exíguo para colocar em dia todas as tarefas acadêmicas necessárias a uma boa formação profissional. Essa realidade nos permite refletir sobre as formas heterogêneas de inserção no mundo do trabalho a que são submetidos muitos jovens. Essa desigualdade que atravessa suas vidas parece ser potencializada na quase impossibilidade de melhor dedicação aos estudos devido à inexistência de tempo livre, o que acaba repercutindo no resultado final do curso universitário. Ainda assim, frente a todas essas adversidades, Juliana afirma que encontra tempo e prazer para estudar. No seu caso, determinação é a palavra de ordem.

Pobre tem que acordar cedo e ir trabalhar. Um trabalho cansativo, na maioria das vezes, sai do trabalho e tem que ir pra faculdade e no outro dia tem que

acordar cedo. Se você tem uma prova o período que você tem para estudar é uma hora na hora do almoço ou se você não tem uma hora você vem lendo dentro do ônibus, entendeu?

Mais do que qualquer sentimento de mágoa ou de revolta, o que move Juliana é a vontade de mudar, de melhorar de vida. Sabe que a hora é agora, ainda que isso represente abrir mão de sua juventude, de seu direito ao lazer. Que juventude? Essa fase idealizada da vida como período de moratórias parece nunca ter existido para ela. São as condições materiais de sua existência que produzem esse movimento capaz de não permitir dúvidas sobre o que realmente quer para o seu futuro que se constrói agora. São elas, as condições, que determinam a mudança.

[...] sair de lá e melhorar a minha vida é estudando. Estudando e trabalhando [...]. Então, vou trabalhar e vou estudar. Eu sei que Deus vai me recompensar. É como eu disse, não quero ser rica! Eu só quero ter uma vida boa, assim, viver tranquila, sem sustos, sem aborrecimentos com vizinho, eu quero uma vida tranquila e a única maneira de eu conseguir é estudando e trabalhando.

Essa recompensa divina e o sonho de uma vida tranquila, ainda que representem objetivos distantes, apontam para a construção de projetos cuja situação vai de encontro ao que, constantemente, se afirma a respeito da juventude como etapa da vida na qual o descompromisso e a liberdade são suas marcas mais presentes. Ao contrário disso, a sua determinação orienta não só os seus sonhos e planos, mas, principalmente, a sua caminhada, ainda que esta seja resumida ao trabalho, à escola e à casa. O direito ao tempo livre, ao lazer, fica para depois. Mesmo nos finais de semana, o ritmo de vida é intenso. Além de cuidar da casa e da sua filha, pois é o momento em que ficam mais próximas, ainda encontra tempo para estudar inglês – considera isso importante para o seu futuro profissional – e colocar em dia todas as leituras e tarefas acumuladas que resultam das disciplinas que está cursando nesse período da faculdade.

3.7 – Identidades por afirmação e por negação

Além de uma identidade socialmente já dada, principalmente o jovem possui referências que são fundamentais para a elaboração de outras identidades. Para além de uma ordem social tradicionalmente mais integrada, é possível – principalmente por conta das ideologias individualizantes⁸² que assinalam o advento do indivíduo-sujeito e, com isso, expressam a fragmentação de domínios sociais – adquirir/elaborar outras identidades em função “do desafio contemporâneo posto pela singularização das trajetórias” (MARTUCCELLI, 2004, pág,65) nas quais as opções e escolhas são feitas de forma mais ou menos dramática e decorrentes de constantes provas a que os indivíduos estão submetidos⁸³. São essa fragmentação e as múltiplas referências que possibilitam ao jovem vivenciar diversas experiências, seja pela adesão e participação a diversos estilos de vida e visões de mundo, seja pela continuidade do convívio e do vínculo com a família, por exemplo. Nesse contexto de adesão e permanência, de mudanças no caráter e no significado das instituições socializadoras frente a novas sociabilidades, a esse conjunto de situações que parecem reconfigurar não só os valores, mas a vida social, é que nos parece bastante fértil estabelecer relações entre diferentes níveis e intensidades da experiência juvenil vivenciadas na coexistência da interação geracional. Essas experiências estão também marcadas por distintas referências e valores observados nas relações intrageracionais. Nesse contexto, observamos que os jovens charmeiros buscam diferenciar-se de outras culturas juvenis através de marcadores identitários e culturais ou por um processo de identidade por negação que envolve estigmas

⁸² O individualismo negligencia o papel das estruturas sociais, dentre outras, na constituição das trajetórias juvenis. Trata-se de uma construção social necessária aos interesses do mercado centrado na produção e consumo. Unidade supervalorizada, é ela que vai dar sentido e constituir a sociedade moderna. Parece estar aí um dos aspectos importantes para a perda de algumas unidades englobantes, como a família, assim como a ressignificação de seus valores. O “eu” passa a ter mais significado do que o “nós”. Sendo assim, parece-me que um dos grandes desafios é compreender a permanência da família como unidade frente à predominância das ideologias individualizantes. Nesse sentido, é possível observar forte tendência à supervalorização da memória individual em detrimento da memória coletiva, o que traz consequências para a elaboração da identidade. Se esta perde o grupo como marco referencial, cabe perguntar quais serão suas referências para se constituir e garantir a subjetividade, ainda que individualista, em uma sociedade constituída a partir do indivíduo. Quais são as consequências para os jovens, no que diz respeito aos seus projetos, frente à supervalorização do individualismo e à deslegitimação da família e outras instâncias e dispositivos tradicionais de participação?

⁸³ Para Martuccelli (2004), “Uma trajetória individual não se pode dissociar, portanto, de um contexto histórico, de um lugar na estrutura social e de uma sucessão mais ou menos normalizada das provas ao longo da vida. Entretanto, dentro desse triângulo, as relações já não adquirem, massivamente nem necessariamente a forma de homologias ou de correspondências estritas. Se os indivíduos se veem confrontados a provas regularmente comuns, mas repartidas de forma desigual, as superam de forma cada vez mais singular, tendo em conta até que ponto varia a sua intensidade em função dos diferentes fatores, e até que ponto a sucessão de fracassos ou de rupturas pode adotar formas diversas (pág. 650)”.

sociais. Em geral, procuram traçar um perfil identitário dos jovens funkeiros, por exemplo, para, ao salientar as suas características mais marcantes, negar qualquer semelhança ou aproximação com esses marcadores pontuados, principalmente, pelo estilo e por expressões corpóreas. Assim, observam-se distintas unidades geracionais no mesmo contexto de geração.

A posição ocupada por Alex no baile permite um olhar privilegiado do ambiente, pois a localização da mesa de som onde o *DJ* se apresenta deixa que veja todo o espaço do baile de um ponto central e, às vezes, mais elevado do que o nível da pista. Com isso, é possível fazer algumas distinções, assim como outros jovens entrevistados, a respeito do público do Charme e de outros ritmos. Alex diz que acha

[...] o charmeiro um pouco mais comportado do que o *funkeiro*. São mais sociais. As pessoas sentam numa mesinha, comem uma porçãozinha, tomam uma cerveja. O *funkeiro* já não tem esse tipo de coisa. Só vai para o baile, dança o tempo todo ali. Apesar de que o baile de comunidade já é um pouco mais diferente do que o baile de clube porque o baile de comunidade é o traficante o tempo todo ali perto, entendeu, as pessoas viciadas ou o tempo todo ali se viciando. Pagode também eu acho legal, eu também curto alguns pagodes, já é também meio parecido com a *Black Music*.

Ele consegue distinguir com certa clareza e desenvoltura as características que considera marcantes nos vários públicos que frequentam o Charme, o *Funk*, o Pagode e o *Hip Hop*. Observa-se que as diferenças por ele estabelecidas são recorrentes e confirmam algumas características marcantes no público de Charme, que o reafirmam historicamente como lugar de respeito, cordialidade. Tão difícil quanto para o charmeiro é para o pesquisador encontrar a resposta para uma pergunta que, constantemente, é formulada: por que não há brigas ou ações violentas nos bailes de Charme? Na tentativa de encontrar uma resposta que dê conta de nos auxiliar na compreensão desta enorme distinção que marca o movimento, Alex, assim como a maioria dos charmeiros, responde através de comparações:

Do *Funk* para o Charme tem muita diferença, do pagode têm pessoas que ficam sambando, tomando cerveja, comendo aquela porção. Pra mim é tranquilo, tranquilo. Eu nunca vi briga no Charme. Eu nunca vi violência no Charme, discussões. Dentro do Charme é bem diferente, porque pela maneira de se vestir também.

Se as distinções realizadas são significativas para marcar identidades e territórios que não se comunicam, principalmente pela questão da música, como é o caso do *Funk* e do *Charme*, as tensões começam a ser evidenciadas quando estes se aproximam e as suas fronteiras tendem a desaparecer. No caso da proximidade com o *Hip Hop*, isso parece ocorrer pelo fato de estas serem fluidas e produzirem um novo território que revela o radicalismo e a intolerância de alguns frequentadores. De um lado, há um público charmeiro que não está aberto à transformação ou à inovação musical como um movimento comum produzido pelo processo de transformação decorrente das formas híbridas de novas produções musicais e estéticas observadas nessa aproximação. Do outro lado, estão aqueles mais jovens oriundos de uma estética juvenil mundializada e que, apesar de mais antenados com as mais recentes transformações por que passa a *Black Music*, não conseguem tolerar certas aproximações entre os distintos gêneros que a compõem. Parecem não se dar conta de que há uma origem, há uma matriz musical e identitária que é a procedência de tudo, ainda que essas vertentes estejam marcadas por diferentes estéticas.

Para além da análise e busca de possíveis situações geradoras de conflito, a cordialidade, a forma educada de estar e se portar nos bailes, é apontada não só pelos adultos, como também pela maioria dos jovens, como uma das marcas mais fortes que estão presentes nos bailes. Cassiane afirma que ser jovem charmeiro é saber se apresentar, é fazer distinção entre o legal e o ilícito, entre o legal e o imoral, o vulgar.

Quem é o jovem charmeiro? Nós somos um pouquinho mais da paz. Por quê? A gente não vê aquela coisa tipo, não tô falando que no baile de *Charme* não há isso. Mas, assim, que tudo, tudo tem seus altos e baixos, mas assim, no baile *Charme*, eu posso assegurar, eu não vou ver gente armada, eu não vou ver gente fumando porque se eu *ver* eu vou falar com o segurança porque eu paguei aquilo ali, por mais barato que seja, eu paguei aquilo ali e eu quero estar num lugar seguro e onde há legalidade. Se eu *ver* eu falo, não quero nem saber, eu falo. Coisa que já aconteceu.

Ela faz questão de distinguir até mesmo as formas de aproximação presentes nos dois espaços ao dizer que, se no *Charme* a dança tem um forte componente sedutor, este, ao ser observado nas coreografias de *Funk*, é confundido com a vulgaridade, pois as meninas estão descontroladas.

Eu fiquei assim, pasma, ouvindo uma música, a menina rebolando no cara. É isso que estou falando: não que no Charme não tenha a menina rebolando no cara. Tem a menina rebolando mas é de um modo diferente. Agora, a garota rebolando no cara no *Funk*, cara, é uma coisa assim...dá até vergonha! Dá até vergonha. É por isso que eu tô falando, tem essa diferença.

É esse aspecto muito difundido pelos meios de comunicação e que vende a imagem do *Funk* como movimento relacionado ao tráfico de drogas e à prostituição que marca fortemente o inconsciente coletivo. Falar de *Funk* remete, necessariamente, às gangues e galeras organizadas em partidos que vão aos bailes e estádios resolverem suas diferenças, que não passam de divisões geográficas estabelecidas pelo tráfico que domina a cidade e que revelam a luta por domínio de espaços cada vez mais amplos de atuação. Essa imagem parece estigmatizar os grupos juvenis *funkeiros* e se reproduz na luta pelo domínio do espaço no baile, o que reforça a questão do poder e da demarcação de territórios.

No caso das jovens *funkeiras*, há uma série de preconceitos arraigados e, por isso, difíceis de serem superados – e que parecem reforçar a condição da mulher na sociedade –, mas que são apropriados por muitas como uma brecha para a valorização através do corpo, haja vista a proliferação das ‘mulheres frutas’ no interior desse cenário musical. Isso pode explicar o fato de a mãe de Cassiane sentir-se segura em saber que sua filha é charmeira.

Eu sinto que minha mãe se sente muito feliz em eu estar no mundo do Charme porque ela vê minha conduta, ela sabe como eu ajo, ela sabe os lugares em que eu frequento. Então ela tem um pouquinho mais a segurança. Porque eu sempre jogo na cara dela: “imagina se eu fosse uma menina *funkeira*, se eu fizesse várias besteiras no *Funk*, se eu ficasse usando aquelas roupinhas curtas?” Aí, ela fica olhando pra minha cara[...] “imagina se eu ficasse usando aquelas roupinhas curtas, topizinho?” “Tá certo, você não vai me envergonhar!” Ela adora falar isso: “não vai jogar meu nome na lama”. Aí, eu, “ah, sua boba”. Ela sabe que as roupas são um pouco mais diferentes então ela fica mais tranquila.

As distinções não param por aí. Ao valorizar a juventude charmeira e os bailes como espaços de encontros nos quais os conflitos não estão presentes – ao menos de forma explícita –, a possibilidade de reproduzir um universo juvenil voltado para a violência e sempre ressaltado pelas autoridades constituídas ao se reportarem aos jovens, principalmente aqueles

moradores de comunidades carentes, faz com que Cassiane adjective esses mesmos jovens negativamente, colocando-os em uma espécie de vala comum. Não se trata de sair em defesa do estilo musical e de seus frequentadores, mas de chamar a atenção para a necessidade de um olhar mais cuidadoso ao realizarmos a análise da relação entre juventude e *Funk* e de não perdermos de vista a preocupação e o risco decorrentes da generalização. Ser *funkeiro* não é, na sua totalidade, ser um jovem violento ou uma jovem vulgar, "pronta para o abate" como se diz nesses bailes. Do mesmo modo, apesar de o respeito, a cordialidade e a educação serem valores constantemente exaltados pelos charmeiros como fortemente presentes no interior dos bailes, isso não significa que todos os jovens os incorporem na mesma intensidade, com a mesma qualidade. Apesar disso, é o *Funk* que serve como uma das justificativas para que Cassiane não circule pelo seu bairro, não tenha amigos na vizinhança, pois considera que são linguagens e estéticas que não se comunicam. Seus espaços de socialização não estão restritos ao Charme, mas este serve de referência para as suas relações sociais mais importantes.

Ainda que, esporadicamente, possa ir a um baile *Funk*, Douglas deixa claro que não gosta do ritmo, da estética e do ambiente. Sendo assim, as comparações são imediatamente estabelecidas. Há, entre os jovens charmeiros, forte tendência a desqualificar o *Funk* como movimento no qual a violência, as drogas e a vulgaridade estão presentes. Para Douglas:

[...] o baile de Charme é totalmente organizado, não tem, assim, aquele pessoal dançando lá, é, esse negócio de bebida que tem no baile *Funk*, assim. O baile de Charme é totalmente mais calmo [...]. Ah, o ambiente do baile *Funk* é, assim, é tudo gíria, entendeu, é bebedeira, o pessoal ficando bêbado, caindo. No baile de Charme é totalmente diferente. O pessoal bebe socialmente, assim, tem hora pra parar. É, o baile *Funk* tem baile pra todas as comunidades, assim, né. O pessoal já vai na intenção de arrumar confusão, assim.

Há, segundo ele, uma relação social pautada no respeito e na cordialidade e estas são algumas das marcas presentes nos bailes de Charme e que, volta e meia, são ressaltadas por seus frequentadores. Além disso, são aspectos como esses que ajudam a explicar as suas escolhas, suas preferências. Para ele, “o pessoal que já conhece o baile de Charme, assim, é, não consegue, é, frequentar o baile *Funk*. Ah, o baile de Charme, pra mim, é melhor, músicas antigas, o ritmo é bom”.

Jeanne observa que, com a adesão de jovens *funkeiros* e pagodeiros, por exemplo, há uma tendência à transformação das atitudes, posturas e valores observados na cultura charmeira, na medida em que estes não estão percebendo como as relações sociais são estabelecidas nos espaços de Charme. Assim, aponta certa hibridização decorrente da chegada de alguns desses outros jovens e, com eles, o atropelamento desses mesmos códigos. Estaria faltando a estes, então, saber chegar e observar mais atentamente como essas relações são construídas. Para Jeanne, é com a vinda desses jovens que o movimento charmeiro tende à descaracterização e à transformação, o que é também assinalado por outros jovens entrevistados. Vale ressaltar que, muito mais do que a transformação, o que parece estar em jogo é a perda de marcadores identitários que distinguem os jovens charmeiros dos outros movimentos musicais e culturais onde os jovens se fazem presentes. Essa distinção é observada através do vestuário, da postura e até mesmo da leitura corporal que é realizada por Jeanne, o que permite que distinga três grupos geracionais em uma mesma geração (MANNHEIM, 1993). Nesse contexto, haveria, segundo ela, uma identidade *funkeira*, representada com bastante fidelidade pelo seu atual namorado.

[...] o meu atual não é charmeiro, ele gosta. Eu falo pra ele assim: “você é todo errado, você é *funkeiro*, usa bermuda *tac tell* (que eu detesto), adora usar boné” – eu também não gosto. Ele tem um jeito completamente diferente [...].

Essa identidade está marcada por um estilo no vestir-se que é produto da apropriação da cultura *funkeira* pela mídia, que ressignifica esse movimento devolvendo ao mercado os produtos que estão intimamente ligados ao *Funk*. Para Jeanne, é fácil distinguir a estética *funkeira* quando um jovem

Vem com uma blusa pólo listrada, boné da Adidas de aba reta e tem aquelas três listrinhas. Já reparou? Geralmente são presas, chinelo *Kenner* e bermuda quadriculada ou então bermuda *tac tell*. Ah, me mata. Mas você pode reparar, é incrível! Quando não vem com aquele tênis da *Nike* de não sei quantas molas... O problema não é nem isso, eu não me incomodo com esse negócio de vestir sabe, mas têm umas coisas que não combinam, eu olho assim e não fica legal. Pode ser *funkeiro* do jeito que for, mas não me vem com uma blusa listrada, uma bermuda quadriculada, não vai rolar, chinelo *Kenner*. E ainda mais aquele chinelo *Kenner* que a pessoa não calça direito,

fica o calcanhar do lado de fora, e aquele negócio arrastando, batendo, ah não.

Em contraposição, haveria, segundo ela, um estilo charmeiro também marcado por uma estética, ainda que reatualizada, que distingue os jovens no Charme. Nesse sentido, para além das transformações por que passaram a juventude, a moda e a própria sociedade nesses trinta anos de existência do Charme, permanece o estilo como marca diferenciadora observável no jeito de se vestir e de se portar, o que está, de novo, relacionado ao fortalecimento da questão da aproximação entre juventude negra e auto-estima.

Você repara na blusa. Geralmente se não é uma camiseta – agora tem muitos meninos que estão usando uma camiseta apertadinha – que está na moda, a calça geralmente ela é um pouco mais apertada, não é aquela calça caindo, sapato é diferente, o tênis é diferente, geralmente o charmeiro vem com um sapato social, uma calça de linho.

Assim como a preocupação com o vestir-se bem atravessou todo o período de existência do movimento, a expressão ‘estar alinhado’ também permanece hoje, mesmo que ressignificada. O que permanece é o vestir-se com charme, com estilo e, com isso, a valorização da auto-estima. Isso não significa que os *funkeiros* possuam baixa auto-estima. Significa dizer que, para este grupo, há uma maior preocupação em trajar-se de acordo com a moda ditada pelo mercado cujas grifes e etiquetas estão mais relacionadas à posse de produtos que agregam valor e poder, como é o caso dos tênis. Em relação aos charmeiros, há uma ligação explícita entre vestir-se bem, apresentar-se bem e a preocupação com a auto-estima, preocupação esta que foi um dos principais motores que levaram à construção desse movimento cultural e que atravessa o tempo, constituindo-se, desse modo, em um de seus elementos valorativos mais fundamentais.

Os sapatos de couro bicolores e as sandálias de salto alto usadas nos anos de 1980 foram substituídos por calçados mais confortáveis e práticos. Entretanto, permanecem como complementos distintivos importantes, tal como observa Jeanne:

Você vai muito pelo sapato. Sabe *sapatênis*? Geralmente você vai pelo sapato. Às vezes, a camisa de botão geralmente dobradinha, de manga comprida, mas dobradinha. As mulheres – entre o pessoal que curte Charme e *Hip Hop* não tem tanta diferença –, mas normalmente elas não estão de calça jeans apertada, estão de vestido. Charmeiro mesmo anda de vestido, vestido que não é muito apertado, sandália que não é tão alta, ou sandália plataforma, não é aquela sandália de passista, com salto de acrílico.

O movimento *Hip Hop* passou por um rápido processo de mundialização e foi apropriado de acordo com as culturas locais que emprestaram a este algumas características particulares sem que, com isso, fosse descaracterizado. Entretanto, no caso do Brasil, tornou-se hábito falarmos de *Hip Hop* quando queremos nos referir a uma musicalidade específica, à estética *Hip Hop*. É nessa estética que Jeanne se apóia para apontar o terceiro grupo geracional presente na juventude, pois, para ela, “são vários grupos num grupo só, num conjunto só”. Desse modo, ela caracteriza o terceiro grupo de identidade como *hiphopenos*, composto de jovens “saídos de um *videoclipe*”

Engraçado que as pessoas que frequentam o baile de *Hip Hop* e de Charme, normalmente de *Hip Hop*, pensam que é igual a *clipe*. Igual a pessoal de *clipe*. É. Já cansei de ir pro baile e ver aquele vestido muito apertado, os meninos com aqueles bonés assim, cara de mau, aquele cordão da Uruguaiana de R\$ 1,00. Quer tirar onda. Já achei um monte. Uma vez eu passei no Saara, olha esse cordão aqui todo mundo usa, R\$ 1,99. Tira uma marra, não sei que, tal e não tem nada a ver. Acha que é o cara do *clipe*, aí quando toca aquela música não sei que. Acho horrível aquilo. Parece que perde a sua personalidade, a sua identidade.

A cultura *Hip Hop* é marcada, dentre outros aspectos, por uma identidade caracterizada pelo estilo definido como sendo específico da juventude negra americana que, surgido dos guetos negros, ganha os espaços urbanos como campo de possibilidades e de expressão das desigualdades às quais estão, freqüentemente, submetidos os jovens, especialmente os negros. Há uma estética própria oriunda de rearranjos no vestuário que incorporam o figurino de basquetebol e das calças largas e caídas com as cuecas à mostra. Nesse sentido, sair do *videoclipe* é o que Jeanne identifica como resultado da estética observada e copiada dos vários modos de os cantores e dançarinos dos vídeos se apresentarem e que servem para divulgar as músicas de *Hip Hop* pelo mundo. Assim, o local é internacionalizado através da transformação em expressão da cultura popular urbana juvenil

mundializada. Posteriormente, sofre um processo de reapropriação pelo local de forma particular onde ocorre a hibridização ressaltada por elementos da cultura popular de cada grupo, de cada cidade ou região. Assim, é possível para Jeanne caracterizar esses jovens como

[...] aquele pessoal que gosta de *Hip Hop*, que gosta de um estilo mais agressivo. Têm uns que vêm com a calça caindo que eu acho horrível, vêm com a calça caindo só pra mostrar a cueca. Vêm com uma blusa larga, são coisas que você identifica rápido.

O vestuário é uma forte marca identitária de um segmento juvenil negro e/ou pobre decorrente do processo de homogeneização e da referência do *videoclipe* como veículo que, de algum modo, dita a moda e o estilo. Ainda assim, observamos que a marca é reapropriada como definidora de posição dentro do mesmo grupo social. Os produtos originais fabricados pelas grandes empresas como a *Nike*, por exemplo, são substituídos por cópias fiéis de peças contrabandeadas ou falsificadas e colocadas à disposição nos mercados populares, os *shoppings ruas*. Ter o cordão do cantor *X* ou o boné da marca *Y* pode ser compreendido como diferenciador nas relações de poder e de aceitação dentro do grupo. O mesmo ocorre com as diversas marcas de tênis, como é observado no caso do *Funk*. O respeito e o reconhecimento são conquistados pela posse de determinados elementos identitários, ainda que possam ser falsificados.

Alguns jovens entrevistados têm observado com certa preocupação o processo de transformação que o Charme está passando na atualidade. Segundo eles, isso ocorre em função da presença de jovens que não guardam qualquer relação familiar ou de outra ordem com esse movimento cultural e, ao se incorporarem lentamente ao Charme, trazem consigo determinados valores e características que vão de encontro àquelas presentes na cultura charmeira. Se, por um lado, observa-se a migração de outros jovens para os bailes de Charme, o que marcaria algumas distinções de comportamento entre os grupos, por outro lado, há qualidades importantes que, embora pareçam próprias dos charmeiros, estariam desaparecendo.

Mais importante do que as possíveis mudanças são as trocas decorrentes das mútuas aprendizagens e interações dos que estão com aqueles que chegam ao Charme. Saber chegar é tão importante quanto ser bem recebido. Há valores a serem re-conhecidos por ambos os

grupos. Há normas a serem descobertas e assimiladas. Acima de tudo, há os aspectos educativos pautados no respeito e na tolerância às diferenças entre gerações e intrageracionais, que sejam capazes de superar os velhos conflitos entre distintos grupos juvenis, assim como entre jovens e casados na direção de, para além do conflito da cultura marcado por diversos jovens entrevistados, um permanente esforço para a manutenção dessa manifestação cultural, mesmo que transformada.

CAPÍTULO 4

Família e Intergeracionalidade: espaços de (des)encontros entre jovens e adultos

*Às vezes, a tensão entre o velho e o novo
adota as formas do conflito geracional.*
Carles Feixa.

Ao longo do tempo, as relações intergeracionais sofreram importantes alterações decorrentes de mudanças observadas nas estruturas sociais e nas formas de reorganização dos distintos grupos geracionais. Essa transformação pode ser explicada levando-se em conta não só a situação cultural na qual as gerações estão imersas, mas também pelo viés aproximativo que a cultura expressa. Nesse contexto, a família comportava relações voltadas para os valores e códigos instituídos na sua estrutura, que era valorizada enquanto grupo organizado na esfera da vida privada cujos limites ficam debilitados pela progressiva regulação do Estado nos âmbitos jurídico e político, o que a desloca a família para o domínio da esfera pública (GUTIÉRREZ e OSÓRIO, 2008). Junto a isso, destaca-se a redefinição dos papéis sociais ocupados por homens e mulheres, principalmente na busca da autonomia do sujeito, e que vai alterar a centralidade dessas relações que passam a ser construídas a partir do indivíduo. Ao analisar a evolução dessas mudanças, Cicchelli (2001, pág. 252) observa que caminhamos dos estudos que ressaltavam o conflito como dimensão estruturante dessas relações – e que têm destaque na primeira metade do século XX – para a “era da pacificação” na qual as relações intergeracionais são pautadas no bom entendimento entre os distintos grupos geracionais. Entretanto, o autor adverte que

[...] os anos 80 parecem [...] marcados por uma nova paz entre as gerações. Mas não se deve pensar que essa reviravolta de tendência é objeto de consenso. Por trás dessa constatação, as interpretações são bastante divergentes” (pág.253).

Sendo assim, os laços familiares que unem as gerações hoje são de outra ordem que não aquela centrada apenas na família enquanto instituição de socialização primária, o que radicalizaria o seu processo de desinstitucionalização, bem como em uma formação cujas relações estejam necessariamente pautadas no binômio conflito/conciliação. Ainda que este

esteja presente em muitas relações familiares, como quer nos lembrar o texto em epígrafe, é possível pensarmos na dimensão da negociação como norteadora das relações intergeracionais estabelecidas no interior ou fora do ambiente familiar. Vale lembrar que elas comportam pontos de interseção e de afastamento entre as distintas formas de acionamento da memória por parte dos adultos e dos jovens, marcados, principalmente, por experiências compartilhadas “em momentos similares da vida pessoal” específicos e característicos de cada geração (JELIN, SEMPOL, 2006, pág. 9). Mais do que o anunciado conflito de gerações, o que, por vezes, se instala nesses encontros é a disputa por espaços de autonomia e independência proporcionada por concepções e valores que podem entrar em choque, o que não significa ruptura nessa mesma relação.

4.1 – Outras dimensões do conflito e estratégias de negociação

Para além do conflito, a presença dos jovens nos bailes pode resultar em espaços ilustrados de trocas de experiências através do intercâmbio musical que marca o Charme como um movimento cultural em constante atualização. Se os adultos possuem conhecimentos relacionados às músicas mais antigas, são os jovens, como Julio *DJ*, por exemplo, que, nesse caso, podem trazer a diversidade incorporada pelas novas linguagens musicais e códigos linguísticos construídos culturalmente na relação com os espaços orientados pela comunicação globalizada. Esse mesmo pressuposto conflito também parece não estar colocado para Julio ao se referir à pista onde a dança funciona como marca identitária do Charme e como elemento aglutinador de negros e brancos, de distintas gerações e das relações de gênero. As coreografias são incorporadas pelos diferentes sujeitos presentes em bailes nos quais, segundo ele, é possível

Ver os jovens dançando, fazendo os passos que o pessoal antigo faz e eu acho que a questão da dança, o próprio ambiente por ser... Eu acho que por ser legal de se conviver, isso faz com que esses jovens acabem entrando nesses espaços.

Da mesma forma que os jovens observados por Julio, a sua entrada nos espaços do Charme se deu através dos adultos. Além da mãe, cuja presença é marcante em todos os momentos de sua vida – ela participa na escolha de suas roupas, de suas apresentações e até mesmo na escolha de suas namoradas –, do seu padrasto, o *DJ De Paula* – com quem aprende constantemente a melhorar seu desempenho nos ‘pratos’⁸⁴ assim como a manter atualizada a sua *case*⁸⁵ com os lançamentos musicais por ele fornecidos –, Julio não se esquece da importância de sua avó e de seus tios na definição e construção de seus gostos e preferências, nas suas experiências. Embora a avó não seja charmeira, foi em sua casa que ele teve contato com a musicalidade negra através de seus tios, que não só ouviam os grandes ídolos dos anos de 1980 bem como frequentavam os bailes de Charme. Essas lembranças também são constitutivas da memória emprestada, uma vez que, mesmo não tendo vivenciado aquele período, pois nem mesmo era nascido, são elas que servem de referência para suas escolhas musicais, seus gostos. As relações intergeracionais são estabelecidas nos diversos espaços pelos quais o jovem circula. Estão situadas na coexistência do conflito e da negociação entre os atores sociais como dimensões que não desaparecem por completo, mas são integrantes dessas relações nas quais se alternam em maior ou menor grau, como um jogo de tensões no qual as identidades estão confrontadas e que configura essas mesmas relações.

Para muitos jovens, assim como para Julio, elas são consolidadas no contexto da família estendida. Entretanto, é marcante a importância que ele atribui à sua relação, ao seu convívio com sua mãe. Há um diálogo baseado no respeito, no afeto, na cordialidade. Apesar de considerar que, em alguns aspectos, a sua mãe poderia ser mais flexível, pois há momentos que ela parece privá-lo de espaços de autonomia, da liberdade de escolha, Julio assegura que é uma convivência bastante tranquila. Perguntado a respeito da existência de momentos de conflito ou discordância, ele destaca que isso ocorre no campo das escolhas relacionadas ao futuro profissional. Mais do que a realização pessoal, a sua mãe evidencia a preocupação com um futuro estável e que se repete em muitas famílias nas quais os pais querem que os filhos sejam mais do que eles e essa superação passa por melhores oportunidades de escolarização e de trabalho. Para ela, a carreira militar aparece como a opção mais apropriada para a garantia

⁸⁴ *Mexer nos Pratos* – Expressão comumente usada entre os *DJs* que significa manusear a aparelhagem em que estes trabalham tocando os discos e realizando as mixagens. O mesmo que mexer nas carrapetas.

⁸⁵ *Case* – Estojo em que são guardados os *CDs*. Pastas nas quais os *DJs* transportam os *CDs* e discos de vinil, ou *LPs*, que serão utilizados para montar a sequência musical que eles apresentarão durante suas performances nos bailes. Malas onde estão acondicionados os aparelhos para reprodução e mixagens dos *CDs*.

dessa tão sonhada estabilidade. Entretanto, se, em dado momento, Julio concordava com as expectativas de sua mãe e chegou mesmo a incorporá-las, foi no convívio com outros adultos que começou a repensar algumas questões importantes para a organização de sua trajetória pessoal de forma mais autônoma. A experiência adquirida durante o estágio realizado na Justiça Federal assim como a convivência bem sucedida com os funcionários desse setor provocaram alterações consideráveis nos seus planos profissionais e demandaram a reorganização de suas ações no presente.

Julio enfatiza que, ainda que a experiência de ser *DJ* não seja determinante para as suas escolhas profissionais, foi através dela e na convivência com outros adultos, destacadamente sua mãe e seu padrasto, que pôde assimilar valores fundamentais para a sua vida e que, certamente, nortearão sua trajetória. Destaca a responsabilidade adquirida no cumprimento da agenda de trabalho em festas e eventos como a grande transformação em sua vida, uma vez que se considerava “muito irresponsável, mesmo! [...] não estava nem aí para a vida”. O compromisso assumido com a atividade de *DJ* produziu a maturidade necessária para organizar sua vida pessoal de forma mais autônoma. Essa ocupação permitiu maior contato com outros adultos, cuja relação considera fundamental “para criar responsabilidade, mais voltada para isso, aconselhamentos quanto a besteiras. Acho que foi exclusivamente para isso”. Ele considera que essa experiência foi decisiva para enxergar “muitas coisas ligadas a essa questão, maturidade, responsabilidade. Acho que isso influenciou bastante em mim, no que sou agora”.

Tão importante quanto a aprendizagem e a participação de seus ‘pais’ na sua promissora carreira de *DJ*, Julio destaca a importância que eles têm na sua educação através de valores que considera fundamentais para a sua vida e que foram passados por eles através do ambiente dos bailes. Do mesmo modo, na contramão do que foi apontado anteriormente, ele considera que a família constitui-se, hoje, em uma instituição importante no processo educativo dos jovens. Independente das aproximações possíveis através dos gostos musicais ou culturais, é através da família, como lugar de difusão de capital social e simbólico, que valores como a responsabilidade e o respeito são transmitidos por meio das relações intergeracionais, sem que isso possa, necessariamente, representar conflito. Julio destaca:

O papel da família é essencial pra sua base de formação, tanto profissional quanto pela experiência de vida que eles têm e passam pra você. Acho fundamental. [...] A questão da família é essa, por um lado é bom e ruim ao mesmo tempo...

Essa relação entre distintas gerações constitui-se em um processo de intercâmbio cujas ações de cada geração originam e contribuem para a mudança social ou para a evolução intelectual da sociedade (MANNHEIM, 1993). Essa interação pode ser percebida como o encontro entre duas gerações que prescindem do encaixamento, ainda que este não corra de forma precisa, e no qual os adultos firmam os diversos espaços da vida social para que sejam progressivamente ocupados pela geração seguinte. Desse modo, podemos fazer uma analogia com a mixagem, expressão usada para explicar a transição entre músicas. Como vários outros jovens *DJs* antenados no seu tempo e na preferência musical de outros jovens, Julio afirma:

[...] eu gosto de tocar *Hip Hop*, *Charme*, *Funk*, mas o que eu gosto mais é o *Charme* porque é mais fácil de tocar, tem os ritmos parecidos, tem algumas variações, mas são poucas. As batidas delas são mais fáceis de tocar, encaixar uma música na outra, vamos dizer assim [...].

É esse encaixe entre músicas, conhecido no meio musical como mixagem, que torna-se fundamental ser bem realizado para o sucesso da apresentação do *DJ*. Para que ocorra, é importante ter muita atenção, boa percepção auditiva, além de razoável conhecimento musical. A passagem de uma música para outra é realizada no exato momento em que as BPM⁸⁶ tornam-se equivalentes, ou seja, estão em mesma sintonia e quantidade. Nesse sentido, a intergeracionalidade pode ser analogamente compreendida através da categoria mixagem que, tanto quanto um encontro sináptico entre uma música que termina e outra que começa, pode simbolizar constantes interações compartilhadas no encontro, uma espécie de zona de

⁸⁶ Abreviação para “batidas por minuto”. Com o auxílio do osciloscópio, é possível identificar que cada música é marcada por determinado número de batidas ou pulsações. No caso da mixagem, que é a sobreposição precisa do final de uma música com o início da seguinte, sem que haja quebra da melodia ou do ritmo, sem que haja interrupção, para que essa passagem seja realizada suavemente, é necessário que o *DJ* tenha conhecimento do número de batidas de cada música de forma a realizar esse processo quase imperceptivelmente. Caso contrário, há o que comumente se chama de *trepada* ou *atropelamento*. É preciso que uma música desapareça para dar lugar à próxima sem perda de volume. Para o público mais atento esse descuido é bastante perceptível e, quando ocorre, é respondido com gritos e apupos de reprovação, o que, certamente, interfere no desempenho do *DJ*, assim como pode abalar a credibilidade do seu trabalho.

contato em que se reúnem os anteriores e os novos portadores de cultura⁸⁷. É uma zona sensível em que os diferentes tempos e ritmos podem produzir relações de conflito entre as gerações.

No caso de Julio, foi a convivência intergeracional que tornou possíveis as trocas constantes e as aprendizagens necessárias para que essa atividade fosse desempenhada buscando sempre a melhoria da qualidade de suas apresentações. Do mesmo modo, é a reciprocidade do encontro entre gerações que pode proporcionar trocas e aprendizagens mútuas, ainda que os corações pulsem em diferentes sintonias.

Os valores presentes na família podem não ser os mesmos experimentados pelos jovens em outros espaços de socialização e que permitem vivenciar experiências em diferentes intensidades, tempos e espaços comuns ou diferenciados. Entretanto, outros valores – que podem ser de ordem moral, social ou cultural, assim como os saberes e as histórias impregnadas de conhecimentos –, são exemplos de transmissões intergeracionais não materiais que orientam as relações familiares ou mesmo aquelas estabelecidas entre jovens e adultos na convivência mais próxima proporcionada pelos espaços em comum. Os processos de transmissão e de aprendizagem política e cultural não são desempenhados somente pelos pais, mas pelo meio social em que os jovens se inserem. No entanto, não podemos negligenciar a importância da família como mobilizadora das ações que envolvem esses mesmos processos.

Jeanne ressalta que, tão importante quanto o seu interesse por buscar informação de qualidade e que pudesse contribuir para a sua formação pessoal, foi a convivência com os adultos para que esse processo pudesse ser ampliado. São os espaços de trocas possíveis partilhados nas relações intergeracionais aqueles que ela considera essenciais para o exercício de aprendizagem de valores que orientam a sua postura e conduta pessoais. Além disso, foi em decorrência desse convívio, principalmente no ambiente da casa da sua avó, com quem passava muitas tardes, que os seus gostos musicais também foram se definindo:

⁸⁷ Os valores, as normas de convivência e a relação com o outro fazem parte de um processo de transmissão cultural fortemente presente e em constante movimento no universo do Charme. Se são percebidos pelos jovens e destacados como fundamentais na sua educação, na sua formação como sujeitos, essa consciência ocorre em determinado momento da vida social “quando começa a vida auto-experimentada” (MANNHEIM, 1993, pág. 218). Ainda que em um contexto histórico relacionado à Europa dos anos de 1940, o autor aponte os dezessete anos como marco inicial dessa consciência reflexiva da existência desses valores, é preciso seguir acreditando que esse é um processo particular, que se inicia de forma individual, não tendo, desse modo, uma idade precisa.

Então foram coisas que eu fui aprendendo ao longo da vida. E falava de relacionamentos amorosos e de outras coisas também, (...) eu sempre fui muito curiosa. Na minha base familiar eu sempre escutei muita MPB, então coisas que as pessoas falam: “ah, coisa de velho”, eu não acho. Eu adoro Chico Buarque, eu adoro Vinícius, Jobim, e eu interpretava as letras, e, às vezes, eu escrevo uma frase, tipo uma frase assim: “quem escreveu? Foi fulano. Ah, isso é tão velho”. As pessoas sempre me recriminaram por conta disso.

Ser velha, nesse caso, é não ter gostos e interesses comuns ao seu grupo de idade e isso passa não só pelas questões ligadas à cultura musical, como também pelos espaços voltados ao lazer. Se o bairro e a rua não servem de boas referências para a construção de suas lembranças, pois ir brincar na rua “era raridade”, o mesmo não podemos dizer em relação à casa e à família. Ir para a rua não representava um problema, mas ela confessa: “nunca fui fã, não. A única coisa que eu jogava na rua era queimado”. Para além da rua e do que ela pudesse representar, Jeanne elegeu a casa como espaço privilegiado no qual pudesse desenvolver as suas atividades *lazerosas* e ocupar o seu tempo livre. O fato de “ficar vendo televisão, brincando em casa” ou então na casa da avó ouvindo música foi quase que decisivo para o seu amadurecimento. Segundo ela, “eu sempre fui assim, muito além da minha idade”.

Para Jeanne, a questão de sentir-se amadurecida parece não ter a ver com deixar de ser jovem ou estar desconectada de seu tempo. Refere-se às inúmeras experiências que vivenciou em sua trajetória e que estão marcadas na memória. Ao fazer uma retrospectiva de sua vida até aqui, ela pode observar que elas foram imprescindíveis para que olhasse o mundo com uma visão diferente de muitos jovens de sua geração. Acredita que o conhecimento acumulado responde por essa percepção que a distingue através de características marcantes de sua personalidade, como, por exemplo, “expectativa de vida e futuro, objetivo, determinação”. São essas marcas que a movem em busca de melhores condições para a conquista de sua completa autonomia. A sua postura determinada frente à vida é um traço marcante que, segundo ela, aprendeu no espaço familiar. Não só a sua mãe, mas outros membros de sua família estendida, tornaram-se importantes referências para a definição de seus valores. Assim, podemos destacar a determinação, a objetividade e a perseverança para lutar e superar possíveis adversidades como valores presentes em sua família e que, se não estavam postos como legado geracional, foram assimilados de forma a tornarem positivas as suas ações, a sua vida pessoal.

Hoje eu posso dizer da minha mãe que ela é assistente social, ela é professora, ela é determinada, ela faz. Amanhã ela quer se aposentar, mas ela conquistou muita coisa na vida dela. O meu tio, hoje ele é tenente da Marinha, uma coisa que ele custou mas conseguiu. Todas as pessoas da minha família são assim. Mas eu sei que são pontos importantes. Eu tenho um outro tio que ele é dançarino, ele é professor de dança, ele mora na zona sul, ele tem a vida dele, ele tem o filho dele, então eu vejo isso.

Não é possível afirmar que a família seja o aspecto determinante para as escolhas pessoais, mas é necessário considerarmos a importância dela como estruturante para as relações sociais que possam proporcionar um ambiente favorável para que determinados valores e normas possam ser assimilados ou até mesmo questionados pelos mais jovens. Não se trata de um discurso moralista e conservador que tende a relacionar às boas experiências juvenis o fato de fazer parte de uma ‘boa família’ – aquela cercada de atributos positivados pela sociedade – assim como culpabilizá-la nos casos dos chamados desvios e delinquência, por exemplo. Nesse caso, é importante lembrar que as trajetórias juvenis se constroem em relações sociais bastante intensas e complexas cujas trocas ocorrem em múltiplos ambientes e contextos nos quais a família também está inserida e se reestruturando invariavelmente. Afinal, ela é composta de atores sociais que também estão em constante transformação e que lhe conferem um movimento permanente. Trata-se de destacar que a família pode constituir um espaço bastante propício para que as escolhas sejam decorrentes do diálogo, da presença e da troca de experiências, no qual haja o respeito à diferença. Esse é um aspecto importante nas relações intergeracionais estabelecidas entre sujeitos que compartilham os mesmos lugares, mas nem sempre os mesmos “mundos”.

Vivendo apenas com a sua mãe desde os quatro anos de idade, é a ela que Jeanne recorre cada vez que se encontra em dificuldades de toda ordem. Constitui-se na sua principal referência para a sua formação, para a definição de seu caráter e personalidade. Estabelece com ela uma convivência tranquila e sem maiores conflitos, a não ser aqueles decorrentes de diferença de opiniões ou daquilo que para uma representa preocupação e para a outra uma demonstração de excesso de zelo. Apesar de não gostar do controle exercido por sua mãe em quase todos os setores de sua vida, Jeanne considera que a imposição de limites é necessária para a sua educação, o que não a impede de, vez ou outra, testar a elasticidade de alguns deles quando, por exemplo, quer sair sem dar satisfação de onde vai: “quando ela está muito estressada aí eu tenho que pedir, mas quando ela não está eu até vou e “vai aonde?”, vou ali, não sei que e desconverso”. Esse controle do ir e vir aponta que, apesar de Jeanne trabalhar e

estudar, ainda falta muito para a conquista de sua completa autonomia e essa condição de dependência por vezes precisa ser lembrada através das palavras de sua mãe e recuperadas por ela:

Jeanne, você não é dona do seu nariz totalmente. Pra algumas coisas você depende de mim, você mora na casa que eu mantenho, então enquanto você estiver morando comigo pra algumas coisas você tem que me pedir permissão.

No caso de Jeanne, não é possível avaliar em que momento o processo de transição para a vida adulta estará completo⁸⁸, mas podemos apontar que ela caminha a passos largos para a efetivação desse processo. No seu caso, ela autonomiza sua trajetória ao mesmo tempo em que ressignifica uma das clássicas e mais importantes etapas de passagem⁸⁹ dentre as apontadas por Margullis (1996) – que se refere a deixar a casa dos pais –, na medida em que é a sua mãe que deixará a casa para viver um novo relacionamento decorrente de uma nova união.

[...] no ano que vem eu vou morar sozinha, ela vai morar sozinha. Porque ela vai morar em Arraial do Cabo. [...] daqui a uns dois anos ela se aposenta. Ela até me chamou pra ir, mas eu não quero. Primeiro porque ela vai morar lá com um cara, na verdade ela vai casar. Ela vai casar agora, está toda boba, toda feliz. Na verdade ela queria que eu fosse, mas eu não vejo necessidade porque até mesmo é a vida dela, e se ela viveu quarenta e nove anos da vida dela cuidando de filho, se preocupando com tantas coisas, ter que se preocupar comigo eu não quero. [...] eu prefiro ficar aqui e ela vai pra lá, e eu fico aqui, continuo estudando.

⁸⁸ Para Machado Pais (2001), esse processo de transição para a vida adulta não pode mais ser demarcado pelas clássicas referências e etapas que se sucedem de forma linear. Ao contrário, os jovens estão envolvidos em trajetórias *yô-yô*, uma vez que “Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas e modeladas em função dos indivíduos e seus desejos, os jovens sentem a vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de *vaivém*: saem de casa dos pais, para um qualquer dia voltarem; abandonam os estudos, para os retornarem tempos passados; encontram um emprego, e em qualquer momento se veem sem ele; as suas paixões são como “voos de borboleta”, sem pouso certo; se casam, não é certo que seja para toda a vida... São esses movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do *yô-yô* ajuda a expressar” (pág. 69).

⁸⁹ “As etapas transicionais passam, assim, de eminentemente unívocas e sequenciais a poder ser pluriunívocas, porque potencialmente reversíveis, parcelares e/ou concomitantes. Trata-se, dessa forma, de um entendimento das trajetórias juvenis, do tornar-se adulto, que recusa a linearidade como perspectiva de análise” (PAPPÁMIKAIL, 2004, pág. 92).

A oportunidade de sua mãe recompor outra família coincide com a efetiva conquista de seu espaço – e, com isso, de sua autonomia. É um processo repleto de apreensão, de emoção, ansiedade e incertezas, um desafio que pretende encarar com determinação, apesar de todos os riscos e temores que isso possa representar, afinal “era isso que eu queria mesmo [...] *tô* com medo, mas *tô* doida pra viver esse medo”.

Os diferentes tempos geracionais podem produzir distintas visões de mundo, o que, geralmente, afeta as relações entre gerações nos vários setores da vida social. Esse modo particular de olhar e interpretar o mundo, na maioria das vezes, faz supor que as relações intergeracionais estabelecidas em espaços de convivência, principalmente a casa, sejam pautadas pelo conflito de gerações, que se transformou quase que em um jargão nas análises empíricas e teóricas a respeito do convívio entre pais e filhos, por exemplo. Nesse caso, parece não haver espaço para o diálogo, que é substituído pelo conflito ou pelo consenso. Entretanto, observa-se que os jovens entrevistados não correspondem a essa análise, a essa expectativa generalista. Os conflitos não desaparecem, mas são de outra ordem que não aquela relacionada à agressão, à violência ou ao desrespeito. Para Jeanne, é “claro que tem aquelas discussões de mãe e filha”, algo que considera “normal”. Mais do que as diferenças geracionais, o que está, geralmente, evidenciado é a diferença de gosto e a disputa por fazer prevalecer a opinião de cada uma dessas mulheres que são muito parecidas em quase todas as suas características pessoais. O embate das semelhantes não deixa espaço para formas de negociação que envolvam o diálogo, mas o silêncio que dura o tempo necessário para que ambas percebam a insustentabilidade daquela situação provocada pelo afastamento necessário ao tempo de reflexão:

Eu falo com muita grosseria e ela também. Por exemplo, ela, um dia, ela falou um não sei que pra mim e eu não gostei, e eu fiquei o dia inteiro sem falar e depois ela veio fingindo como se nada tivesse acontecido. Então eu não consigo, vou respondendo “tá”, “é”, “acho, não acho”, não por aquele dia que eu sei que se eu falar alguma coisa eu vou bater de frente.

O silêncio funciona como tática de convívio e constrói fronteiras provisórias importantes para que os espaços e tempos sejam respeitados. Vale ressaltar a capacidade crítica que a faz reconhecer seu erro, ainda que não o verbalize, e sem deixar de assumir parte do ônus da situação criada e que não dura mais do que um dia, tempo necessário para a

reflexão e para a criação de estratégias pessoais no sentido de retomarem a convivência sem que haja a necessidade de voltar a tocar no assunto ou aprofundar o problema. Entretanto, há momentos em que a discussão funciona como catarse:

Quando bate [de frente] a gente fala muito. A minha mãe me ensinou que eu nunca tenho que ficar discutindo com ela. (...) Agora não levanta mais a mão, mas antigamente já apanhei muito, várias maneiras, mas hoje a mãe que eu tenho já me satisfaz o suficiente. [...] Voltar a se falar é muito difícil, só se for questão financeira que eu emprestei dinheiro a ela e eu tenho que pedir ou se ela me emprestou e tem que pedir. Agora se não é isso a gente dorme sem se falar e só no dia seguinte que a gente vai se falar.

Mais do que a possibilidade de sustentar uma relação orientada por pontos de conflito ou de discordância, o que Jeanne mais valoriza na afinidade com sua mãe é a amizade e o convívio, que são capazes de produzir aprendizagens e trocas intersubjetivas que contribuem para que ela assimile valores que julga importantes para a sua educação.

4.2 – Tempos e recomposições familiares diferenciadas

Feixa (1998) destaca que há diferentes tempos intergeracionais observados no mesmo tempo cronológico e estes podem ser compreendidos e analisados a partir de algumas divisões que nos auxiliam a estabelecer relação entre jovens e adultos. Fazendo uma apropriação dessas classificações, dizemos que há um *tempo histórico*, em que cada geração anuncia os acontecimentos, fatos e eventos do seu tempo através de símbolos que expressam sua condição juvenil em relação ao contexto histórico. Existe um *tempo geracional*, que expressa o papel de cada indivíduo no interior da comunidade de afeto. Síntese de diferentes etapas históricas, jovens ou adultos em distintos tempos, as gerações se encontram no mesmo espaço, encontro este proporcionado não só pela relação de parentesco, como, também, e principalmente, pela aproximação decorrente de gostos musicais, relatos, interações sociais e culturais. Assim, esses encontros acontecem em um *tempo cotidiano* impregnado de memória, cujas trocas de experiências podem transformar-se em importante referencial de orientação para as escolhas dos jovens nas suas trajetórias de vida. Podem recriar/reconstruir

experiências coletivas no mesmo tempo e espaço, tendo como referenciais a memória e a família. Esta constitui-se em espaço de consolidação das relações afetivas, pois representa um dos mais importantes lugares de socialização no qual o diálogo entre seus membros é uma referência importante para a elaboração das identidades pessoais. Da mesma forma que a identidade, a memória também depende desse diálogo, pois não há homem sem memória e esta é construída, primordialmente, nos diversos contextos familiares. Os laços de parentesco são importantes não só para a continuidade e transmissão de normas e valores entre as gerações cujas relações ganham sentido ao longo do tempo, como também para fortalecer a construção da memória juvenil. Dentro dessa perspectiva, a família constitui-se em um dos ambientes mais importantes para o processo de 'educação da memória', através de sua relação com a cultura em comum que orienta as relações parentais, assim como serve de elemento para compreendermos como se estabelecem as conexões intergeracionais.

Para essa compreensão, não se trata de fazer escolhas entre abordagens teóricas ou conceituais, mas de empreender esforços no sentido de analisar a família não mais através de seu caráter apenas institucional, mas com um espaço relacional que pode ser compreendido através do estudo do comportamento dos indivíduos que a compõem. Evidencia-se a transição de um modelo familiar quase universalizado, no qual o grupo é o seu elemento central constitutivo, para um modelo onde o que conta são os membros da família e os papéis desempenhados individualmente. Assim, passamos de um modelo familiar idealizado como padrão para um outro que comporta formas particulares de organização, uma espécie de família individualizada na qual os componentes se sobrepõem valorativamente ao grupo formado pelas relações de pertencimento consanguíneo e de afeto. Contudo, entre os jovens entrevistados, há modelos reconfigurados, pois a maioria é membro de família monoparental ou daquela em que a mãe encontra-se na segunda relação estável.

Para Juliana, os seus amigos se confundem com a sua família. Em alguns momentos, considera que esta é restrita à sua filha, sua mãe e o namorado. Em outros, longe das categorias que identificam os diversos arranjos familiares, reconstrói a sua de forma mais ampliada em que valoriza, primordialmente, as disponibilidades pessoais:

Porque eu considero família aquelas pessoas que estão sempre presentes na sua vida. "Ah, fulano, e aí tá tudo bem? Ai, eu estou com uma dificuldade, não sei o que, sei que lá. Ah, não, não fica assim não porque tudo vai se

resolver”. Eu considero família isso. Apesar de não ter pai, pra mim, eu não vejo pai. Eu vejo que família são aquelas pessoas que convivem com você no seu ambiente, no seu dia a dia, que te dão força e, sabe, são essas pessoas. Mas eu sou muito de ficar em casa mesmo. Não sou muito de ir para casa dos outros [...]. E, assim, para mim, a minha família é essa: a minha mãe, a minha filha, o Alexandre. [...] Ele gosta de Charme também. A gente tem uma afinidade muito grande. E aí é ele, a Neuza, Daniele, o namorado dela, a Cassiane e a Viviane. Eu posso dizer que essas pessoas são a minha família, são pessoas que eu convivo diariamente. Não no dia usual, mas se tiver alguma coisa é ...já tá dentro de você se preocupar com aquela pessoa e saber se tá tudo bem. São essas pessoas que eu posso dizer que hoje são a minha família, que eu considero realmente como família. Apesar de não ter aquela coisa de sempre lá, de sempre em casa todos os dias, de frequentar, mas são as pessoas que eu considero a família, são essas as pessoas que eu mais convivo.

Sua “família” é caracterizada por uma nova formação que não tem como princípio norteador os laços de sangue e de parentesco; tem no afeto e na confiança a sua força constitutiva. Esta se resume, então, além de sua mãe e de sua filha, ao namorado e a mais cinco amigos e amigas que têm o Charme como principal ponto em comum. Para Juliana, é essa afinidade em torno da musicalidade charmeira que organiza essa nova configuração familiar, a família afetiva. Ainda que acredite na possibilidade de poder contar com esse agrupamento familiar que está fora das nomações mais comuns, no fim das contas, é com a sua mãe que divide mais intimamente os momentos de alegria e as dificuldades cotidianas que estão presentes na coexistência, na manutenção da casa, da própria vida que segue. Esse convívio está preenchido por recordações significativas e que dão a dimensão da importância de sua mãe em sua estória de vida e que não se resume apenas aos momentos de prazer, às aprendizagens e definição de gostos e de hábitos através da música. São também os importantes valores e normas que orientam a sua personalidade – algumas delas apreendidas no convívio com o ambiente do Charme e outras praticadas cotidianamente com a sua mãe – que Juliana faz questão de destacar como fundamentais para constituir a sua identidade e subjetividade. Nesse contexto, apesar de todos os *apertos* financeiros, que são comuns à maioria das famílias monoparentais em que a mulher é a responsável pela manutenção da casa e da educação dos filhos, a mãe de Juliana nunca poupou esforços para que a filha pudesse estudar. Ainda que não fosse atuante no controle e acompanhamento das tarefas escolares por absoluta falta de tempo, ocupado pelas quarenta horas de trabalho semanal, ela sempre a incentivou a estudar – mesmo que sem a cobrança por resultados –, pois acreditava que esse seria um caminho provável para melhorar de vida.

Ela sempre me incentivou. Tudo o que eu pedia pra ela, ela fazia de tudo pra me dar. Eu vejo a minha mãe como responsável pelo que eu sou hoje. Eu engravidei com vinte e anos e nem falei pra minha mãe que eu tava grávida. Pras minhas amigas eu falava: “ai, o que eu vou fazer agora? Ai, meu Deus”. Aí, minha mãe falou, quando minha mãe descobriu ela falou: “você não vai fazer nenhuma besteira! (que era tirar). Você fez, você vai assumir. Eu criei você sozinha”. É essa a sensação que fica. Eu vejo muito isso. [...] E eu sei que uma coisa que determinou eu ficar sozinha com a minha filha, eu criar a minha filha sozinha foi o fato que a minha mãe sempre falou pra mim: “você tem que estudar, trabalhar pra você ter segurança na vida”.

Para Juliana, ser mãe solteira aos vinte e um anos, inicialmente, pareceu que sua vida se tornaria um inferno. No entanto, as experiências em comum possibilitaram maior aproximação entre mãe e filha, além de fortalecer os laços de amizade. Apesar de sua mãe não ter sido mãe solteira, a maternidade se confirmou quando ainda era muito jovem, o que contribuiu para reconfigurar a sua juventude e para ampliar o espaço de autonomia frente à família. As dificuldades enfrentadas pela mãe, que a criou praticamente sozinha e não encontrou apoio, uma vez que era órfã desde pequena, parecem ter contribuído para compreender e ajudar Juliana a atravessar esse momento bastante complicado na vida de muitas jovens brasileiras. Certamente que não é uma decisão tranquila, mas a presença da família pode contribuir sobremaneira para a superação das incertezas, riscos, medos e insegurança daí decorrentes:

Ela sempre tava falando pra mim: “você tem que ter segurança, você não vá botar os pés pelas mãos, você não vá trocar o certo pelo duvidoso e você tem que pensar nas coisas que você vai fazer”. E é uma coisa que eu sempre faço muito até hoje, eu sempre penso muito. Às vezes estou revoltada, eu quero comprar, eu vou gastar! Aí, eu falo: “eu não posso gastar! Se eu gastar depois eu vou ficar sem dinheiro, vou querer alguma coisa e não vou ter”. E acho que eu sou muito assim, analista na minha vida, por causa dela, porque eu vejo que ela sempre foi assim. Eu acho que eu aprendi a ser assim com ela também.

Não há dúvidas quanto à importância do papel desempenhado por sua mãe em sua jornada, do apoio recebido em vários momentos importantes dessa travessia. Se há gostos em comum, valores apreendidos e assimilados, há também os momentos de conflito, pois, segundo Juliana, “quando a gente discorda de alguma coisa vira um cabo de guerra”. Ainda

assim, ambas têm clareza de que são conflitos comuns às várias famílias na atualidade, mas que, nesse caso, podem ser potencializados por se tratar de duas mulheres com pensamentos parecidos, fortes e determinadas, o que constantemente dificulta qualquer negociação. Nesses embates, distintas estratégias são empregadas para não ceder imediatamente, mas aos poucos, pois intimamente sabem que, cedo ou tarde, uma precisará da ajuda da outra. De um lado da corda, a mãe de Juliana sabe que esta é importante para ajudar na manutenção da casa, desde os afazeres domésticos às questões financeiras. Do outro lado, Juliana sabe que, quando precisar sair nos finais de semana, somente poderá contar com a sua mãe para cuidar da filha, pois, caso queira se divertir, não terá com quem deixá-la. Assim, a reaproximação após curtos períodos de desentendimentos decorrentes, principalmente, de divergências de opiniões – e que são comuns em distintas gerações interagindo em um mesmo espaço – ocorre a partir da tática do amaciamento. Quando as mútuas necessidades apontam para a sobrecarga de atividades, a corda desse cabo de guerra, aos poucos, é afrouxada sem que perca a tensão completamente. De um lado, pela necessidade de dividir a responsabilidade com as tarefas domésticas. Por outro lado, sempre quando surge algum bom evento de Charme e que representa uma das poucas oportunidades do direito ao lazer.

Para além de reconfigurações particulares pautadas nas relações de proximidade e afeto, há importantes transformações observadas na organização familiar na qual os papéis previamente destinados ao homem como provedor e à mulher como mantenedora do lar são alterados por novas configurações orientadas pela busca da autonomia e individualidade. Isso se deve, principalmente, pelas conquistas de maior independência experimentada pelas mulheres e que estão relacionadas, por exemplo, ao aumento da escolarização e de sua definitiva inserção no mundo do trabalho – ainda que permaneçam as desigualdades profissionais. Esses e outros fatores contribuíram, decisivamente, para os rearranjos familiares e reconfiguração desses mesmos papéis. Para Singly (2000):

Hoje, muitas mulheres reivindicam um sucesso pessoal, sem mediador. O amor, conjugal ou maternal, não justifica mais (ou, para ser mais exato, justifica menos) o retraimento da mulher da cena social e pública. Ele não deve mais transformar o laço de dependência afetiva em um elo de dependência social e econômica. A mulher quer poder conciliar, ao mesmo tempo, a atenção aos outros, ao companheiro e aos filhos, e o cuidado de si, sua vida conjugal, parental e pessoal (pág. 16).

Muitas vezes, os papéis se alternam ou são redefinidos de acordo com condições e necessidades impostas a cada grupo familiar no qual a ausência dos pais é compensada, por exemplo, pela atuação das filhas, especialmente as mais novas, como responsáveis pela casa e pela educação dos outros irmãos. Por sua vez, no que diz respeito à questão de gênero, esses papéis, em alguns contextos familiares, continuam, paradoxalmente, sendo reproduzidos e reproduzem os lugares historicamente marcados segundo os quais a mulher tem relação com o privado – a casa e os afazeres domésticos – e o homem, para confirmar a sua condição masculina, deve estar relacionado ao público – às atividades análogas à rua.

O fato de os pais de Cassiane trabalharem intensamente para manter os filhos fez com que ela tivesse mais contato com as irmãs mais velhas, que foram responsáveis por sua educação. As referências aos irmãos apenas aparecem nos momentos relacionados ao lazer, aos bailes, uma vez que raramente os via, pois estavam trabalhando ou brincando na rua. Apesar da ausência necessária, a figura paterna é um dos fortes marcos de memória quando se refere aos seus gostos musicais, ao início do seu contato com a *Black Music*. Sua estória de vida está marcada pela lembrança de seu pai “com aquele cabelo *Black Power* dele”. Ela conta que

Ah, eu era muito pequeninha mesmo, eu devia ter uns sete anos. Eu lembro, desde os meus sete anos que eu lembro o meu pai num carro e as músicas. Músicas de *Flash Back*, sabe, ele curtindo Corello. Na época dele era Corello. Então, assim...e na época ele foi carregando os meus irmãos também, então os meus irmãos era tudo aquela coisa *Black Power*, aquele ritmo de Charme.

Evangélica de berço, filha de pais evangélicos, a sua família hoje restringe-se apenas à sua mãe, com quem mora sozinha, uma vez que os irmãos e irmãs estão casados. Ela destaca que a religião marca a sua estória, sua trajetória, ainda que não represente restrições concretas, mas alguns impedimentos que parecem ser frequentemente reforçados por sua mãe e que acabam por gerar alguns conflitos.

Eu não tinha opinião nenhuma quanto a música porque também eu era uma criança nascida dentro da igreja. Então, assim, igreja você não tem tanto contato com outras, assim, músicas *Funk*, músicas Charme, músicas Pagode, você não tem isso. É mais aquele ritmo assim, mesmo igreja [...] quando eu

nasci eu já fui criada dentro da igreja, então, assim...então...não tinha aquela coisa denominada Charme, sabe.

É preciso abrir parênteses para dizer que, ainda que o Charme seja uma construção de diversos estilos musicais e alguns deles tenham surgido nas igrejas evangélicas e batistas dos Estados Unidos, não há essa mesma relação no Brasil. Segundo Cassiane, parece que, nesse momento, “a igreja evangélica agora que tá traduzindo as músicas americanas que vão mais ritmadas mesmo ao Charme”. Entretanto, é preciso indagar, por exemplo, se essa abertura pode ter um caráter modernizador ou pode servir de estratégia para aproximar a juventude dos cultos. A resposta a essa questão pode variar de acordo com o lugar ocupado por cada observador. Cassiane relata uma experiência interessante que nos ajuda a refletir sobre essa suposta modernização:

Teve uma festividade na igreja em que eles cantam várias músicas, têm atividades de jovens também. E dentro do hino, o hino super calminho, de repente, do nada, aparecia o meu sobrinho Hã, hã, hã! E cantando o *Rap!* Cara, eu chorei. Eu fiquei assim: eu não estou acreditando! Porque, tipo assim, o pastor, a igreja. Porque eles frequentam é aquela igreja mais conservadora. Então, eu vi o pastor aplaudindo, eu vi as pessoas lá na frente aplaudindo, eu vi aquelas irmãs que antigamente quando – porque eles são da mesma igreja em que eu fui criada. Eu vi aquelas irmãs que antigamente puxavam no meu pé por eu ser um pouco mais diferente do que eles por gostar de *Hip Hop*, por eu gostar tanto de outras coisas, pegarem no meu pé, eu vi elas aplaudindo o meu sobrinho. Eu, pô, eu fiquei super feliz, assim. Por saber que hoje em dia as coisas, ser evangélico está sendo mais fácil do que na minha época. Tem *Funk* evangélico. Tem Pagode evangélico.

Apesar dessas pequenas mudanças observadas, ainda que marcadas por algumas contradições, ela destaca que a sua mãe é mais radical na questão religiosa, pois conserva os rituais tradicionais e não está muito aberta a possíveis mudanças, ao contrário de seu pai que, mesmo sendo evangélico, não deixava de ser charmeiro. Aos sete anos, ainda não estava evidenciado que seria uma charmeira, pois “não tinha opinião nenhuma quanto à música porque também eu era uma criança nascida dentro da igreja”. Ressalta que a maioria das igrejas evangélicas não se constitui em espaços abertos aos diversos estilos musicais. Ao contrário das igrejas estadunidenses, que são historicamente o berço de várias vertentes da *Black Music*, na igreja em que ela nasceu, ou melhor, foi batizada e criada segundo seus

dogmas e princípios, eram apresentados os hinos e louvores que não se assemelhavam com qualquer daqueles ritmos, mas era “aquele ritmo assim, mesmo igreja!”.

A igreja não só acompanhou como também atravessa a sua trajetória, algumas vezes de forma mais sutil e outras mais de maneira mais contundente. Essa convivência não permitiu que Cassiane apontasse quais valores e normas foram apreendidas desse atravessamento. Como a maioria das crianças e jovens, a escolha fica quase sempre por conta dos pais e ser da igreja evangélica não se constitui em uma escolha, mas em condição única de religiosidade. Ao fazer referência à igreja, Cassiane aponta que, se, em dado momento, esta foi importante como espaço de socialização infantil, com o passar do tempo, deixou de ser, na medida em que outros interesses, outras possibilidades de escolha começaram a surgir em sua vida:

Eu sou evangélica, me considero uma pessoa evangélica. Só que eu não frequento tanto quanto eu frequentava antes. Então, assim, a minha mãe sempre colocou a coisa do jeitinho dela. E o jeitinho dela é aquela menina que vai pra igreja, vai pra igreja e vai pra igreja. Eu não! Vai pra igreja mas também quero conhecer outras coisas. Eu quero ir para igreja mas eu quero conhecer outros lugares, entendeu?

O direito à busca por vivenciar experiências juvenis em outros espaços que não aqueles delimitados pela crença religiosa faz com que esse seja um dos pontos fortes de conflito na relação com a sua mãe. Observa que, de uma família nuclear constituída por dez pessoas, ou seja, oito filhos e seus pais, hoje a sua família está reduzida à sua mãe, pois, com a morte de seu pai e com a constituição de novas famílias por parte de seus irmãos e irmãs, na casa hoje restam apenas elas duas:

Dentro da minha casa é eu e minha mãe. Eu e a minha mãe a gente briga toda hora, mas toda hora a gente faz as pazes. Eu acho que as nossas brigas se constituem mais nisso, tipo ela ser evangélica e eu já não ser mais muito.

Apesar de ter sido casada por muitos anos com um homem charmeiro e evangélico, a mãe de Cassiane não “tem nada a ver com o Charme”. Entretanto, ela consegue fazer algumas concessões por saber que os bailes são tranquilos. Por outro lado, vale lembrar que, se hoje há alguma aceitação que sugere ser decorrência de muita perseverança, essa situação já foi mais tensa, uma vez que os espaços de negociação pareciam inexistentes.

Nossa! No começo era horrível! Era horrível! Eu lembro que, ou eu me arrumava na casa da Juliana ou eu me arrumava na garagem. Era um saco, um saco [...] se ela me pegasse era castigo na certa. “Você não tem que ir para esses lugares!” Porque também ela não conhecia. “Você não tem que ir para esses lugares”. Eu acho que o lugar nem era incômodo pra ela. Incômodo pra ela era ver uma filha de, tipo, dezesseis, dezessete anos passando a noite fora. Eu acho que até eu mesmo com meu filho eu ia ficar desesperada.

Além do conflito decorrente de suas escapadas para os bailes, há, também, distintos planos voltados para a vida adulta e que estão centrados no casamento. Seguindo uma linha mais tradicional e orientada por questões dogmáticas, a sua mãe sempre organizou a vida da filha de acordo com um percurso que é peculiar à maioria das famílias, ou seja, relacionado com a ideia de que as filhas devem ser criadas e educadas visando o matrimônio como um dos mais importantes aspectos da transição para a vida adulta, o que reproduz o lugar social determinado historicamente para a mulher.

[...] era aquela coisa assim, meus ensinamentos, você vai crescer, você vai namorar na intenção de noivar, você vai noivar na intenção de casar e você vai casar! E você vai ter filhos dentro do casamento. Acho que isso, não que eu não queira pra mim, lógico. Se tiver que acontecer vai acontecer. Algum dia vai acontecer. Mas, assim... Você não precisa ser feliz porque você vai casar. Você não precisa ser feliz porque você tem um homem na sua vida. Você não precisa ser feliz porque você tem um homem, você tem um filho dentro do casamento, entendeu? Eu acho que isso é bem conflituo.

Se a sua mãe, aos poucos, foi se tornando mais maleável com relação aos namorados e menos em relação aos ‘ficantes’, essa maleabilidade desaparece quando Cassiane afirma que “eu cresci pensando em ser mãe solteira”. Observa-se que, além de ser quase inimaginável a

aceitação dessa situação por parte de sua mãe e da própria igreja, há certo amadurecimento na forma de Cassiane compreender os desdobramentos dessa complexa condição enfrentada por muitas mulheres, especialmente as mais jovens.

Hoje em dia eu penso um pouco diferente mas não veria problema algum em ser mãe solteira. Não que eu não queira casar, mas eu tinha aquela coisa tipo, ah, eu quero ser mãe solteira, não quero casar! Não quero casar! Quero eu e meu filho. Eu achava encantador. Agora que as coisas vão mudando um pouco porque você convive com pessoas que são mães solteiras e você vê que não é muito legal porque é meio pesado. Não que eu...eu acho lindo uma mulher que tem um filho sozinha, mas é bom também ter uma pessoa com quem você vai compartilhar um pouquinho, assim, os problemas com um filho. E até porque hoje em dia eu também penso: Ah, Cassiane, a sua mãe te deu um pai, por que você não daria um pai pro seu filho, entendeu? Enfim, isso e igreja também. Eu achava...eu tinha um conflito muito grande com os meus pais do tipo, se você não é da igreja você não é uma pessoa legal.

Para além de todas as dificuldades e preconceitos decorrentes de ser mãe solteira, está a possibilidade de atenuação das pressões exercidas pelos ensinamentos evangélicos e que, se, em dado momento, eram repassados por sua mãe, hoje estão colocados fora da realidade vivenciada por Cassiane. A condição e possibilidade de ter filho fora do casamento é encarada de forma natural por ela, mas está fora de cogitação quando o assunto é tratado por sua mãe que, educada segundo os princípios evangélicos conservadores, os reproduzia de maneira incisiva quando se tratava de educação dos filhos. Segundo ela, a sua mãe sempre repetia:

Você tem que ser da igreja. Você tem que ir pra igreja, você tem que ir pra igreja, você tem que ir pra igreja porque as coisas não vão avançar [...] As coisas estão totalmente mudadas agora, mas antigamente era assim. Ou você era da igreja ou você não era. Se você não fosse da igreja você não era normal.

Entretanto, as condições de vida impostas à sua mãe após a morte de seu pai, e que a obrigaram a assumir sozinha a criação e educação dos filhos, podem ter contribuído para repensar os seus valores a partir dessa nova realidade que ela foi obrigada a enfrentar. Passar, de uma hora para outra, da condição de mãe de uma família tradicionalmente estruturada e

constituída, para a situação de chefe de família monoparental, o que determinou assumir obrigações de gerir a casa e todos os problemas daí decorrentes, além de ter que encarar uma tripla jornada diária, parece ter contribuído sobremaneira para importantes mudanças na relação entre mãe e filha. Isso facilitou, ainda, certa aproximação na maneira de encarar a vida, o casamento. Em dado momento, Cassiane afirma:

Eu tenho minha religiosidade, eu sigo a bíblia, mas acho sim, que você tem que experimentar outras coisas porque como é que você vai saber o que é bom ou o que é ruim se você não experimentar? Então, é o que de mais conflito, religião e isso, o casamento.

Ao mesmo tempo em que aponta para a religião como um entrave para o seu direito a viver novas experiências e como geradora de conflito na relação intergeracional, é capaz de, prontamente, compreender a sua mãe e considerar que as mudanças são importantes para alterar não só o olhar de sua mãe, mas, ainda, para atenuar os conflitos entre as duas:

Hoje em dia é diferente. Hoje em dia a minha mãe, ela não tem muito aquela coisa de casar e...até porque ela hoje, como uma mãe viúva, ela sabe que não, não...parece que a tradição, quando você experimenta ser mãe, só mãe, mãe e pai, eu acho que a tradição meio que desaba. Ela sabe que ela tá dando conta então acho que ela confiaria em mim a ponto de saber que também eu poderia dar conta, entendeu?

Vale ressaltar que a atenuação não significa fim do conflito, mas a amenização das tensões provocadas pelas divergências de pensamento, e por distintas posições que a religião hoje ocupa na escala de valores de cada uma dessas mulheres, posições estas situadas em uma relação quase que diametralmente oposta e tensionadas por distintas maneiras de olhar o mundo. Entretanto, a realidade e as condições de vida compartilhada contribuem para a compreensão dos limites de suas individualidades, assim como a abertura de um canal de negociação

4.3 – Família: do grupo aos indivíduos

Apesar das mudanças observadas na organização familiar, especialmente no final do século passado, influenciada, dentre outros aspectos, pela inversão da socialização (MEAD, 2008) na qual a transmissão cultural acontece dos jovens para os adultos – desencadeando o processo de juvenilização da sociedade –, aquela ainda se constitui em importante base no interior da qual as identidades são elaboradas. Se em dado período as relações familiares eram pautadas tendo o grupo como referência e organização, há uma tendência à individualização como expressão da busca da autonomia por parte de cada um dos seus membros. Essa disposição resulta de um processo que se desenvolve na sociedade em geral e que se reflete na família em particular. Entretanto, Peixoto e Cicchelli (2000) destacam:

As famílias continuam a contribuir para a reprodução biológica e social da sociedade [...]. A mobilidade social entre as gerações pouco aumentou, sinal que o estatuto social da família se transmite de pai e mãe para filho e filha hoje como ontem. De uma geração para outra, a continuidade prevalece sobre a descontinuidade (pág.8).

Sendo assim, as falas dos jovens entrevistados podem contribuir para observarmos não só os níveis de mobilidade, bem como e em que medida os processos de reprodução social estão configurando as relações intergeracionais. Podem, também, através da compreensão de seus comportamentos, “entender as novas estruturas familiares e suas manifestações nas sociedades marcadas pela valorização da autonomia individual” (PEIXOTO, 2007, pág. 16). Essa autonomia, que não se confunde com os aspectos negativos modernamente atribuídos à noção de individualismo, remete às escolhas individuais que vão definir o indivíduo, principalmente, pelos vínculos que ele estabeleça com seus pares nos diferentes níveis de parentesco ou de proximidade por interesses em comum. Há um conjunto de normas sociais que definem e orientam as relações pessoais estabelecidas no universo do Charme e que é, constantemente, reelaborado no imaginário juvenil durante a sua imersão e circulação nesse mundo. Para além dos conflitos e negociações, Juliana destaca os aspectos educativos que são importantes para a sua vida e que foram apreendidos na convivência nem sempre tranquila com a sua mãe. Além disso, ainda que de forma indireta, esta possibilitou o contato com outros valores e normas que foram assimilados por Juliana nos espaços de socialização dos

bailes. A jovem destaca o baile como um lugar pleno de possibilidades para a reafirmação de sua identidade negra e como isso foi importante para “gostar de mim como pessoa, como negra. Porque dentro do baile de Charme sempre tem isso, você se afirmar como negra. E me reafirmar como pessoa”. Além disso, aponta o respeito ao próximo como sendo um dos valores centrais presentes nesses espaços. Nesse sentido, memória e intergeracionalidade se encontram no território do baile, marcam as identidades e são fortemente valorizados como aspectos de grupo:

O povo que vai *no* baile, que frequenta o baile de Charme tem muito isso de respeito. Respeito ao próximo, respeito à idade. É muito engraçado isso porque hoje você vê muitos jovens, você vai *no* baile e você vê aquelas pessoas de trinta, quarenta, tem gente de cinquenta anos.

Em nome desse respeito, que é por ela enfatizado como um dos valores mais importantes presentes no Charme e que deriva da elaboração de normas de boa convivência pautadas na educação e no tratamento dispensado a todos os presentes nos bailes, é que Juliana demonstra a sua preocupação com as recentes transformações decorrentes da entrada do *Hip Hop* durante alguns bailes. Se, por um lado, os jovens que são atraídos pela mistura decorrente dos estilos musicais não estão familiarizados com as normas, com os valores presentes nos bailes, por outro, estes se constituem em espaços educativos. Essas normas são, de certo modo, ocultas, mas estão postas e são compartilhadas pelos adultos, por familiares e amigos. Aos poucos, são assimiladas pelos jovens, não de uma forma passiva, mas através de sua participação reflexiva e ativa nesse contexto da cultura charmeira que se insere em seus percursos, que envolvem relações nas quais é possível aprender a estar com os outros no presente sabendo-se sujeito das próprias ações. Essa reflexividade passa também pela interação dos jovens em contextos familiares que contribuam para orientar suas escolhas e trajetórias. Nesse contexto, o sujeito passa a ter maior destaque em relação ao grupo na constituição da família contemporânea, sem que esta perca a sua importância na socialização.

Para os jovens em geral, o processo de individualização está sempre em curso, na medida em que este possui duas dimensões que são trabalhadas nos contextos de socialização, especialmente nos espaços familiares. Para que ele se complete, é necessário que o jovem conquiste tanto a sua independência financeira – o que faz com que o trabalho ou o primeiro

emprego ganhe uma importante dimensão na estruturação de sua vida – assim como a sua completa autonomia – que passa pelo reconhecimento de sua subjetividade na construção de suas regras, assim como na conquista de seu espaço nas instâncias de negociação para a elaboração das regras em comum nos âmbitos familiares e grupais. Vale ressaltar que esse processo não se completa de maneira uniforme nem tampouco coincide com o fim da transição para a vida adulta. São as condições sociais e materiais que podem determinar a sua duração de acordo com cada família e com os interesses e possibilidades de cada jovem. Nesse sentido, são as oportunidades de vivenciar as distintas moratórias que dimensionarão esses processos e que passam, dentre outros fatores, pelo retardamento da entrada no mundo do trabalho, o que, para alguns jovens, ocorre devido à enorme dificuldade de obtenção do primeiro emprego e, para outros, se dá pela oportunidade de prolongar os estudos. São também os distintos acessos aos respectivos capitais simbólicos, culturais e econômicos que marcarão essas formas desiguais de escolher. Assim, a autonomia relativa precisa ser considerada frente à dependência financeira e essa relação produz importantes resultados na socialização familiar, na medida em que a individualização torna-se um processo inacabado, que não se constitui de escolhas pessoais, mas de (im)possibilidades de alternativas.

4.3.1 – Combinações familiares por conveniência

Há casos em que, mesmo que o processo de individualização pareça ter sido completado, as relações de dependência são mantidas por interesses de ordem pessoal e facilitam a organização do cotidiano. Entretanto, ainda que a independência financeira e a autonomia estejam completadas, muitos jovens permanecem morando com os pais, como é o caso de Marcela. Para jovens como ela, as moratórias incompletas marcam suas trajetórias e nem sempre podem servir de instrumento de análise para compreendermos sua relação como um dos mais importantes marcadores da juventude. Há alguns aspectos que podem caracterizar os indivíduos como posicionados em uma etapa intermediária ou inacabada da sua transição para a vida adulta. Nesse sentido, fica muito difícil marcarmos quando essa mudança estaria completada em sua plenitude, uma vez que há jovens que cumprem diferentes etapas em diversos tempos dentre as cinco propostas por Margullis (1996) nesse mesmo processo, e que foi problematizado anteriormente. No caso de Marcela, por exemplo, ela é mãe, trabalha e possui independência financeira, mas continua morando com seus pais

pela conveniência de não ter gastos extras com a constituição de um lar, bem como de ter a sua mãe como parceira na educação de sua filha enquanto ela se ausenta para o trabalho. Nesse contexto de transição inacabada, Marcela vai levando a vida do jeito que a vida permite ser levada. Observa que se encontra em uma fase mais introspectiva, mais caseira e de “encontro consigo mesma”, ou seja, sente a necessidade de refletir e avaliar os prós e contras de sua trajetória.

Aos vinte e nove anos e mãe de uma menina de nove anos, Marcela mora com a família, que é constituída por seus pais, sua irmã, seu cunhado e um sobrinho. Apesar de não ser caracterizada com uma herdeira da memória do Charme, uma vez que seus pais não são charmeiros, ela destaca a importância que a sua mãe teve na definição de seus gostos musicais através do hábito de diariamente ouvir *Black Music* na programação da rádio:

O que era a minha influência musical: a minha mãe, eu sempre ouvi muito a Antena 1, que até já acabou. Você sabe o que tocava na Antena 1, anos sessenta, setenta, *Barry White*, *George Benson*, então eu sempre gostei de tudo isso. Porque ela ficava em casa, aqui mesmo fazendo comidinha, janta pra poder ir trabalhar e a gente ouvindo aquela melodia. Não é nada, não é nada, você está ali brincando, porque ela deixava a gente ali brincando e a gente via muita televisão quando ela não estava em casa. Então ficava escutando aquela música que ela ouvia. Então eu acho que daí é o meu gosto musical.

Desse modo, para Marcela, foi no ambiente familiar que os gostos foram sendo delineados através dos hábitos e costumes compartilhados. Assim como os vários aspectos que fundamentam e conferem materialidade à educação como processo contínuo que ocorre também no espaço da casa e nas relações intergeracionais estabelecidas nos diversos contextos, dentre eles o familiar, igualmente a música pode ser um importante elemento de educação dos gostos, das sensibilidades. Essa relação entre os gostos musicais e as gerações está presente, também, na fala de Marcela quando se refere à sua filha:

Vai fazer dez anos. Não suporta Charme (risos) aquela cachorra, roqueira. (risos). [...] Então ela cresceu com a minha mãe, com a minha irmã. Meu cunhado viaja muito, geralmente trabalha uma semana e fica uma em casa. Meu cunhado é roqueiro, roqueiro mesmo: *Metálica*, *Pearl Jeam*, *Sepultura*.

Então, o dia que ele queria curtir ele botava essa casa abaixo e as duas crianças junto, que é o filho da minha irmã e a minha filha. Minha filha pequenininha: “Eu sou roqueira” (risos). Filha, vamos *no* baile de Charme? “Eu não gosto disso não”. Vamos escutar uma música com a mamãe? “Eu não gosto.” Escuta. Alguma coisa ela conhece. Eu tenho duas sequências de Charme na *case* que eu botei. Botei [...] outro dia escutei aqui baixinho e eu escutei ela lá na cozinha cantar baixinho, cantar. É, criança assimila fácil.

Observa-se que o gosto musical de sua filha em muito se difere do gosto de Marcela e ela atribui isso ao fato de sua maior convivência com o tio, que é roqueiro. Embora não seja uma regra quantificável, o que Marcela aponta em relação à ligação de sua filha com o *Rock*, decorrente do convívio mais próximo e frequente com o tio, em muito se aproxima daquilo que viemos indicando em vários momentos e que pode ser observado nas entrevistas com os jovens, ou seja, a forte relação entre a definição e escolhas musicais e a convivência intergeracional em espaços privilegiados de trocas e aprendizagens mútuas, dentre eles a casa. As escolhas não são motivadas exclusivamente por essa relação, mas sofrem forte influência da mesma. Nesse sentido, não há um determinismo que diga, por exemplo, que todos os roqueiros terão filhos roqueiros, mas que os jovens, ao definirem suas escolhas musicais, o fazem a partir das referências compartilhadas em ambientes comuns de convívio com os adultos. Afinal, como bem disse Marcela: “criança assimila fácil”.

4.4 – Resignificar o grupo sem perder o indivíduo

Espaço de relações e de trocas de experiências, onde se re-unem diferentes identidades, a família – seja ela nuclear ou estendida –, ainda que caracterizada pela sua potencialidade inclusiva, aglutinadora, está repleta de “interações sociais associadas a experiências, combinações e identidades particulares, individualizadas” (VELHO, 2003, pág.21). Ainda que a experiência juvenil possa ser vivida e/ou construída no interior dos grupos de afeto, esta se dá de forma pessoal, em função das diferentes interações experimentadas pelos jovens em diversos contextos sociais que contribuem para a particularidade de suas experiências. São contextos marcados pelo jogo de intercâmbio das diferenças, não só de idade como também de visão de mundo, nos quais é possível estabelecerem-se trocas de experiências. O que está em jogo é a reciprocidade com que essas

relações podem ser estabelecidas e as diferentes alternativas interacionais daí decorrentes, principalmente no interior da família e seus diversos rearranjos observados atualmente na sociedade.

Cabe ressaltar, também, que a fragmentação da sociedade moderna possibilita a multiplicidade de referências que colocam em questão a família como unidade, como conjunto. Se ela está relacionada a formas tradicionais de vínculo e à condição de instituição preexistente, há alteração no seu caráter e significado, na medida em que o indivíduo se destaca e é cada vez mais sujeito. Além da família, caracterizada como sede da socialização primária, outros espaços de socialização são ressignificados e, com eles, outras configurações de valores. Se a família perde a sua predominância absoluta, isso não quer dizer que essas relações desapareçam. Apenas passam a ser mais uma dentre outras tantas socializadoras que vão surgindo em decorrência de novos paradigmas. Entretanto, entre os jovens pesquisados, permanecem os elos que mantêm sua forte ligação com seus grupos familiares e isso é possível observar através de seus depoimentos que, constantemente, revalorizam o papel de suas famílias em suas trajetórias⁹⁰.

Nesse sentido, as relações intergeracionais, independente dos espaços em que se estabeleçam, podem ser constituídas através do jogo de destino no qual as expectativas do adulto em relação ao futuro do jovem levem em consideração interesses pessoais. Esse jogo relacional da busca pela “igualdade na dignidade” (CICCHELLI, 2001) contempla a possibilidade de superação da dicotomia conflito/consenso em direção à constante renegociação onde exista a capacidade de reconhecer o lugar do outro nessas instâncias de trocas. Para que a dimensão do conflito seja minimizada, as regras podem ser discutidas e construídas no diálogo aproximativo de distintos interesses e visões de mundo. Em um contexto de negociação, “não só o conflito, mas a troca, a aliança e a interação em geral, constituem a própria vida social através da experiência, da produção e do reconhecimento explícito ou implícito de interesses e valores diferentes” (VELHO, 2003, pág. 22). São diferentes tempos históricos que se comunicam no mesmo tempo cotidiano através de relações dinâmicas que, além de envolverem jovens e adultos, são estabelecidas no interior da

⁹⁰ “É certo que a individualização esbarra na prevalência de assimetrias e hierarquias sociais ao nível de diferentes graus de acesso a capitais escolares, culturais, sociais e económicos pelos indivíduos. E no acesso aos recursos, não subestimando as capacidades individuais de construção e obtenção de capitais por outras vias, intervém a família que, através dos projectos e estratégias educativas e apoios disponibilizados, acaba por se constituir como um dos factores modeladores do campo de possibilidades que os jovens, subjectiva e objectivamente, têm de gerir e a partir do qual fazem, mais ou menos reflexivamente, as suas escolhas” (PAPPÁMIKAIL, 2004, pág. 91).

família como grupo social específico e que podem fundar determinados acordos e/ou ajustamentos, ainda que possa haver dificuldade de consenso em função de distintos fluxos comunicacionais. Esses fluxos estão marcados, principalmente, pela dimensão de conflito expressa em atitudes de oposição e recusa e que pode ser própria do compartilhamento de gerações. Sendo assim, diferentes linguagens e códigos podem encontrar – ainda que de maneiras nem sempre harmoniosas – uma linguagem básica comum que permita a troca de experiências entre jovens e adultos. A coexistência dessas diferenças parece ser uma das características dinâmicas da sociedade complexa. Desse relacionamento, ainda que muitas vezes contraditório e conflituoso, dependem a continuidade e as transformações da vida social.

Para cada esfera social, para cada “mundo” no qual transitam de forma mais dinâmica, os jovens deparam com códigos específicos preexistentes dos quais alguns se apropriam, sem que isso signifique que sejam conservadores. Para outros, são códigos a serem interpretados, vivenciados e que servem de orientação para a sua atuação como ator social. Além disso, nesse processo interpretativo da realidade, há jovens dispostos a criar outros códigos próprios da sua geração e que também devem ser compreendidos pelas gerações que os antecedem. São as diferentes interpretações, os acionamentos desses mesmos códigos de maneira distinta, que constituirão a individualidade⁹¹. Entretanto, as múltiplas trajetórias, marcadamente as juvenis, podem ser confundidas com individualismo e não compreendidas como particulares expressões identitárias fruto dessas apropriações e interpretações. Essas trajetórias possibilitam diversas relações com outros segmentos juvenis e nestes reside a possibilidade de experimentar/vivenciar outras/novas identidades, ainda que fluidas ou resultantes da fragmentação decorrente da multiplicidade de referências que são próprias das sociedades complexas. Do mesmo modo, permitem experimentar, seja pela negação ou pela inadequação aos referenciais identitários que marcam esses segmentos, outros espaços de elaboração de suas identidades que possam ser orientados por valores presentes, por exemplo, em contextos familiares nos quais há espaço para as trocas intergeracionais e para a consolidação de distintas subjetividades.

⁹¹ Em determinados grupos sociais, os processos de individualização ocorrem dentro de normas e padrões estabelecidos no interior de seus universos culturais, ou seja, uma individualização relativamente coletivizada cujos limites são dados pelas fronteiras simbólicas presentes nesses universos (VELHO, 2004).

Para além das alterações observadas no processo de reconstituição da família, é importante destacar que, mesmo

[...] o individualismo moderno, metropolitano, não exclui [...] a vivência e o englobamento por unidades abrangentes e experiências comunitárias. Permite e sustenta maiores possibilidades de trânsito e circulação, não só em termos sociológicos mas entre dimensões e esferas simbólicas (VELHO, 2003, pág.27).

Gilberto Velho chama a atenção para o fato de que, mesmo a intensa participação, a vivência de experiências de caráter coletivo – ou o que ele chama de desindividualizante –, “não elimina o nível de escolha, de opção de um indivíduo/sujeito, lidando com um repertório finito, mas com extenso elenco de combinações”⁹² (2003, pág. 28). O autor considera que essas combinações podem estar relacionadas aos arranjos pessoais próprios das gerações que “nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares” (idem, pág.39).

Nas sociedades tradicionais, o papel da memória coletiva é fundamental para a elaboração das identidades marcadas pelo pertencimento ao grupo – seja ele organizado de acordo com os diversos rearranjos familiares ou mesmo com a comunidade de afeto. Nesse caso, o grupo, compreendido como unidade englobante, possui maior significado do que o próprio indivíduo. Isso não quer dizer que os processos de individuação desapareçam ou simplesmente não existam. Apenas que as biografias individuais têm pouca ênfase e o que ganha força é o sentido de pertencimento e que permanece a possibilidade de trânsito e de pertencimento a outros grupos, mesmo que a família, por exemplo, seja a ligação mais importante.

Por outro lado, o individualismo, as biografias e trajetórias individuais ganham destaque nas sociedades complexas, no interior das quais a fragmentação surge como um dos indicativos da chamada modernidade. Apesar da configuração de contextos sociais nos quais esses elementos sejam supervalorizados – e, com eles, a memória individual ganhe importância e destaque, seja socialmente mais relevante, continuamente descoletivizada –, é

⁹² São essas combinações ou diferentes lógicas de ação que, segundo Dubet (1994), caracterizam as experiências individuais.

possível encontrar indivíduos que estejam passando sucessivamente “por uma forte individualização dos destinos [...] a partir de sua própria trajetória biográfica, seu destino social” (MARTUCCELLI, 2004, pág. 65-66). Isso não se confunde com individualismo, mas aponta para a busca da individualidade como expressão de sua subjetividade. Apesar disso, estão fortemente vinculados ao grupo, à memória, o que não quer dizer que estejam presos ao passado. É um dos aspectos que discutiremos a seguir.

CAPÍTULO 5

Juventude e Memória

A reconstrução do passado anda junto com a trajetória provável da vida no futuro.

Giddens.

As escolhas pessoais dos jovens, não só naquilo que diz respeito às expressões culturais, como também à elaboração de suas trajetórias, são originadas no campo da memória, pois é em suas instâncias que o passado e o futuro se encontram. Estas podem estar orientadas segundo valores, normas e experiências apreendidas ou vivenciadas em contextos familiares e sociais nos quais há a presença do grupo como referência. Sendo assim, a memória não pode ficar restrita apenas à sua possibilidade de armazenamento, apesar de esta ser a sua dimensão mais valorizada. Importa saber o que se faz com aquilo que se lembra. Ao participar da memória, o jovem entra em contato consigo mesmo, pois se re-conhece e se encontra com o seu espaço social de referência, na sua individualidade. Com o auxílio da memória, ele recupera a trajetória que orienta a elaboração da identidade como expressão de sua unidade, que é a complexa soma de tudo aquilo que o constitui como homem. A memória envolve também relações de socialização que podem ser estabelecidas nas afinidades intergeracionais que se configuram em diversos espaços de convívio. Através dela, podem emergir os elementos fundamentais para a elaboração de identidades juvenis, constituindo-se em uma socialização rica de elementos significativos guardados na memória dos adultos e capazes de habitar o cotidiano das relações sociais. E, desse modo, transformar-se em elementos constitutivos da memória juvenil, estabelecendo, com isso, importantes relações intermemônicas que venham influenciar a ação, a identidade e a intergeracionalidade.

5.1 – Memória é identidade

A pertinência de aproximação entre identidade e memória situa-se na tentativa de mostrar que a identidade – que representa a unidade do diverso que se expressa no homem –

somente é possível pelo caminho da memória como expressão dessa individualidade. Para Gatto (2009):

À medida que o homem está à disposição da memória, tudo pode ser na perspectiva do memorável enquanto habita a memória. Ela conduz à unidade, leva à unidade, pois tudo o que é e se dá somente adquire a possibilidade de ser o que é sendo, na perspectiva em que se dá na unidade do um que a tudo reúne. [...] Tudo o que percebemos e podemos perceber, inclusive nós mesmos e a diversidade que somos para nós, somente assume a possibilidade de ser o que é na medida em que estamos na disposição da memória. Apenas pela memória as coisas que são assumem sua própria identidade (pág. 200).

Nesse sentido, reafirma-se a relação intrínseca da identidade – como expressão da individualidade que se concretiza no campo da memória – com a unidade. Essa afinidade envolve a memória como síntese que expressa a relação entre o passado, o presente e o futuro, que se encontram para além de uma temporalidade comprometida com a noção de linearidade. As idas e vindas pelas dimensões do tempo nos sugerem um movimento espiral pouco ordenado que se consolida pela memória e sua faculdade de relacionar essas dimensões. Carlos Brandão considera que a memória é o exercício através do qual o indivíduo recupera sua identidade, de reconstrução do sujeito cujas reminiscências possibilitariam a restauração de momentos biográficos sem uma linearidade temporal. Essas lembranças desordenadas⁹³ no tempo teriam a função de auxiliar a explicação de “uma sociedade, uma experiência coletiva, de uma cultura, da identidade de um nós” (s.d., pág. 5). Significa dizer que as reflexões apontadas até aqui nos permitem destacar o caráter individual da memória.

Diversos autores têm se debruçado em análises sociológicas que nos permitem estabelecer essa relação de interdependência entre a identidade e a memória. Afinal, um homem sem memória é um homem sem identidade, sem passado, sem história e sem razão de ser no mundo. Para Michael Pollak (1992), existe uma “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (pág. 204). Essa identidade é elaborada em referência ao outro e não em função do outro. Refere-se aos critérios de aceitabilidade,

⁹³ “Múltipla e errante, tanto quanto o desejo e a saudade que nutrem dela e a alimentam de símbolos, a memória não é uma *faculdade*, mas um *processo* que liga funções e dimensões de ordens diferentes” (BRANDÃO, s.d., pág. 9).

admissibilidade, credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros. Sendo assim, podemos pensar em outra dimensão da memória como valor de disputa – é o adulto que detém a memória – e que, ao ser confrontada com a memória coletiva, pode gerar conflitos intergeracionais⁹⁴. Nesse caso, a memória juvenil é importante para a identidade que não é elaborada apenas conforme os valores da geração antecedente. Portanto, essas identidades podem apontar para transformação do espaço social. Isso nos remete aos múltiplos rearranjos das lógicas de ação que podem resultar na possibilidade de encontrarmos os jovens que, apesar de reconhecer esses valores e normas, estão dispostos a elaborar outros valores, outras normas que podem e devem ser reconhecidas como suas e que são capazes de apontar para relações conflituosas. Entretanto, há muitos outros que seguem os valores e normas que estão presentes na convivência com os adultos, sem que isso resulte na perda de sua individualidade, de sua identidade.

Para Giddens, “a identidade é a criação de constância através do tempo, a verdadeira união do passado com um futuro antecipado” (2001, pág. 56). Como construção subjetiva processual, possui relação com memória e trajetória. Constitui-se, de acordo com Melucci (2004), em um processo interrelacional de re-conhecimento intra-subjetivo e relacional intersubjetivo. Para esse autor, a identidade

Define, portanto, nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos. Contudo, a auto-identificação deve gozar de um reconhecimento intersubjetivo para poder alicerçar nossa identidade. A possibilidade de distinguir-nos dos outros deve ser reconhecida por esses “outros”. Logo, nossa unidade pessoal, que é produzida e mantida pela auto-identificação, encontra apoio no grupo ao qual pertencemos, na possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros. Cada um deve acreditar que sua distinção será, em toda oportunidade, reconhecida pelos outros e que existirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo (2004, pág. 45).

⁹⁴ Para Bonaldi (2006), esses conflitos podem ser compreendidos a partir da entrada, no campo habitado por adultos, de jovens comprometidos com diferentes pautas reivindicatórias, o que resulta na clássica luta “entre ortodoxos e hereges que caracterizam as relações entre os mais velhos e os recém chegados em um campo” (pág. 157).

O sentido de pertencimento ao grupo através da identificação com o coletivo é o que garante a manutenção da identidade singular e, desse jeito, da memória individual que serve de subsídio para a elaboração dessa mesma identidade.

Dentre as várias classificações apresentadas por Halbwachs (2004) para os estudos da memória, destacam-se a memória individual, que, segundo ele, “são lembranças organizadas e agrupadas em torno de uma pessoa definida, sob seu próprio ponto de vista”, e a memória coletiva, entendida como “lembranças distribuídas no interior de uma sociedade grande ou pequena de que elas são tantas outras imagens parciais” (pág.50). Esse exercício de reconstrução das lembranças indica uma contribuição importante para a definição dos gostos dos jovens participantes da comunidade afetiva⁹⁵. A memória juvenil está relacionada com as sociabilidades costumeiras (MARTINS, 2000), que ocorrem na convivência com as gerações que antecedem aos jovens e que são estabelecidas, principalmente, no ambiente familiar. Nesse contexto, destacam-se a experiência e a transmissão como dois aspectos fundamentais que vêm ao encontro da necessidade de maior aproximação entre juventude e memória.

5.1.1 – Memórias de experiências que construíram identidades

São as experiências inscritas na subjetividade que marcam as lembranças da memória de experiência feita (BONDÍA, 2002), que nos instigam a considerar não só a dimensão individual da construção da memória, como também o seu aspecto coletivo e apropriado de forma particular pelos jovens. Com relação à transmissão, refere-se ao campo da cultura e sua marca identitária de um grupo social que é estendida dos adultos para os jovens através de um processo que não os considere sujeitos passivos, mas capazes de reproduzir ou de transformar essa mesma cultura. Esse movimento de reconstrução tem a memória como fonte primária do elo intergeracional que marca a continuidade do grupo social, a expressão de uma identidade coletiva e, no seu aspecto individual, refere-se ao processo contínuo de elaboração de uma imagem de si. Foi através de algumas de suas lembranças que os jovens entrevistados

⁹⁵ De acordo com Halbwachs (2004), para que a memória seja compartilhada, é necessário que a lembrança seja reconhecida e reconstruída “a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade” (pág. 39).

puderam nos trazer algumas de suas experiências mais marcantes. É o que veremos em seguida.

5.1.1.1 – Experiências de professora e lembranças de preconceito

Jeanne concluiu o ensino médio antes de completar dezoito anos. Professora das séries iniciais do ensino fundamental, formada aos dezessete anos, viu-se desempregada em uma ocupação cuja oferta de trabalho, para quem está em fase inicial de carreira, está voltada para as pequenas escolas de bairro. A falta de supervisão e controle por parte dos setores responsáveis pela autorização de funcionamento constitui-se em um problema que contribui para questionarmos a qualidade do ensino e aprendizagem em diversas instituições escolares privadas. Se essas questões podem afetar a vida escolar dos alunos em um período essencial de sua formação, afetam, também, a vida profissional de jovens professoras em início de carreira. Os dois anos que separam Jeanne da conclusão do curso de formação parecem ter sido importantes e suficientes para algumas certezas. Ela afirma que desistiu do magistério, ainda que provisoriamente:

[...] porque, primeiro, acho que só trabalharia como professora na rede pública porque na rede particular eu não me vejo escrava. Eu fiz um estágio em escola particular e eu não gostei do procedimento, não gostei até mesmo do método de ensino. Então eu preferi não passar pra essa área.

Mesmo que deixe transparecer certo desencantamento através de sua fala e que é decorrente de experiências que expressam a realidade do magistério em muitos locais, marcada por baixos salários e condições precárias de trabalho – o que não é específico desse setor profissional, mas uma realidade comum a vários outros –, a jovem acredita que somente com a sua aprovação em um concurso público para o magistério será possível exercer a docência com alguma dignidade e respeito. A sua experiência como professora do ensino fundamental em uma escola privada foi importante para repensar alguns preconceitos com a escola pública e que foram construídos, dentre outros fatores, pelos discursos presentes na família e reforçados pela preocupação de seu pai em oferecer-lhe condições que ele julgava

necessárias a uma boa escolarização. Se, para ele, o ensino privado simbolizava um ensino de boa qualidade, para Jeanne, revelou a dificuldade em lidar com a diversidade de classe e, principalmente, a racial.

Meu pai sempre quis que eu estudasse em escola particular. Então de três a quatro anos que foi o maternal – a gente não usa mais esse termo, Pré, pra quem é professor não usa. Depois eu fui estudar numa outra escola onde só eu era negra. E eu sofri muito com o preconceito porque nas festividades eu não dançava com ninguém, eu dançava com a professora.

A entrevista, em dados momentos, mais do que um importante instrumento metodológico à disposição do pesquisador, permite aos jovens o contato com a memória, pois, em decorrência da necessidade de olharem para trás e observar suas trajetórias, já que são também reminiscências, contribui para que redescobertas sejam feitas. Nesses casos, é preciso àquele que investiga, mais do que nunca, exercitar a escuta atenta e compreender a entrevista como ação memorialística que está impregnada de emoção e sentimentos guardados em algum lugar e cujas lembranças emergem graças a esse trabalho cuidadoso e atento da conversa. Quando falou de sua primeira experiência com a escola, Jeanne disse que “nem lembrava do fato mas eu sempre fui julgada com muito preconceito”. A importância de lidar com a memória refere-se à oportunidade de entender o presente, uma vez que as lembranças daquilo que ela experimentou ajudam a compreender o que ela é agora. Por outro lado, mais do que não lembrar, o que pode estar em jogo é a necessidade do esquecimento como estratégia de minimizar experiências traumáticas de exclusão. A sua escola constituiu-se em um universo que não possibilitava muitos espaços para a compreensão e aceitação da diversidade racial como um dos mais importantes marcadores das relações sociais no Brasil e que, naquele grupo, parecia não existir. Nesse contexto histórico, Gomes (2003) destaca:

Por mais que a escravidão e a diáspora negra tenham obtido algum sucesso na despersonalização do negro, por mais que a mistura racial tenha mesclado corpos, costumes e tradições, e por mais que o contato com o branco colonizador tenha disseminado um processo de discriminação intra-racial entre os negros e introduzido uma hierarquização racial que elege o tipo de cabelo e a cor da pele como símbolos de beleza ou de feiúra, todo esse processo não conseguiu apagar as marcas simbólicas e objetivas que nos

remetem à ascendência africana. Os corpos e a manipulação do cabelo são depósitos da memória (pág. 82).

Se a estratégia de invisibilidade usada pela escola foi no sentido de esconder aquilo que poderia representar um problema para as relações no seu interior, para Jeanne foi importante para lidar, ainda que de forma precoce e covarde, com a questão do preconceito. Foi importante para construir uma visão de mundo em que pode perceber que a escola, além de espaço de difusão cultural cuja representação social do negro não está posta de forma positiva, desempenha o papel de reproduzir as marcas simbólicas que sustentam a discriminação. Ela lembra que “Quando tinha as festividades da escola eu nunca dançava com algum aluno, dançava sempre com as professoras porque na maioria das vezes os pais não deixavam, tinham preconceito”. A questão do preconceito – e que envolve o racismo presente ainda de forma velada nos diversos setores da vida e que perde a visibilidade na insistência da potencialização do discurso da igualdade racial como característica da sociedade brasileira – continua a ser encarada de forma muito tímida nesses mesmos setores e, principalmente, no espaço escolar. Este, que poderia caracterizar-se como ambiente privilegiado de enfrentamento desse tema, por vezes, reproduz todas as desigualdades e impedimentos daí decorrentes. A violência simbólica a que são submetidas cotidianamente crianças e jovens produz marcas, por vezes, insuperáveis e que os acompanham pelo resto de suas vidas. Alguns, ao usarem a tática do silenciamento, buscam, com isso, ignorar as consequências desses problemas e optam, por exemplo, pela suavização dos marcadores raciais que poderiam identificar a diferença. Outros fazem dessas experiências a possibilidade ímpar de assumir sua negritude e ressaltam, cada vez mais, os marcadores identitários de matriz africana.

[...] minha mãe até conta que quando eu era pequena eu falei com ela assim: “Mãe, quero que você me pinte toda de branco”. E ela: “Por quê?” “Porque eu sou a pessoa mais escura da minha escola e ninguém quer sentar do meu lado”. E foram coisas que só me serviram pra me fortalecer [...] não me abalei com isso. Claro que têm momentos que você fica meio chateada, poxa, mas nunca fui uma pessoa de me revoltar, até mesmo porque não via necessidade.

Assumir-se negra resultou de um processo iniciado de forma violenta, se levarmos em consideração o que representa para um criança sentir-se excluída, principalmente, das

atividades lúdicas na escola, um espaço pouco lúdico por natureza. Ainda que não tenha a capacidade de dimensionar os danos causados por essas experiências escolares, Jeanne lembra que elas foram fundamentais para a sua conscientização como processo que não deu lugar ao rancor, mas a algumas descobertas.

Logo depois que sai dessa escola fui para uma outra também, mas tinham uns três alunos comigo que eram negros, era mais tranquilo, em toda escola tem um processo diferente [...] eu fiquei da primeira até a sexta série, foi tranquilo, não tive problemas na escola. A escola era boa. Depois dali eu fui pra uma escola pública.

Foi no espaço da escola pública que ela pôde ter contato com o respeito à diferença – pelo menos por parte dos alunos – presente na diversidade e com a igualdade que pode esconder as desigualdades, mas que, apesar disso, constitui-se em um espaço mais democrático. Isso não significa dizer que a questão do preconceito desaparece por completo, pois a escola também constitui-se em lugar de relações sociais em que essa e outras questões podem ser varridas para debaixo do tapete do silêncio. O que vale a pena ressaltar é a retomada de consciência de pertencimento a um grupo social para o qual, historicamente, a maior parte das desigualdades parece estar reservada. Nesse sentido, é importante observar que há um movimento, marcado por diversas ações, que pressiona a sociedade para que reconheça o negro como sujeito de direitos e que tem a juventude como motor fundamental.

Assim como Jeanne, ao dizer da sua condição e de suas experiências, Juliana reafirma não só a sua identidade, como também a importância de saber a sua origem. Para ambas, as memórias mais significativas estão mesmo ligadas às experiências de preconceito e discriminação vivenciadas em diferentes espaços. E, assim, ela reelabora a sua memória, que a leva ao encontro com sua identidade:

Negra é raça, né. É uma raça. Vejo que é muito comum as pessoas, principalmente onde eu estou trabalhando, “ah, não, aquela pretinha, aquela morena”. A pessoa neeggrraaa, preeetttaaa e aí tá falando aquela morena. E até atualmente no elevador um rapaz falou para mim assim: “oh, morena, vai subir agora?” Aí eu falei: “sim, mas eu não sou morena, sou negra”. Eu chamo de branco, a minha vizinha eu chamo de amarela, “Ô, amarelinha!”. Porque ela realmente é amarelinha e as pessoas, hoje em dia, eu vejo que

têm muito disso, de preta. Eu não sou preta! Eu sou negra. É a minha raça e eu tenho orgulho de falar que eu sou negra. Eu gosto da palavra negra! É uma estória sofrida e eu faço questão, assim, sempre de dizer que sou negra.

Se há uma questão relacionada ao sofrimento de origem, esta, por sua vez, parece não marcar o presente. Ao contrário, serve como suporte de memória para a constante luta pela superação de qualquer aspecto que relacione o negro com a condição de inferioridade que, historicamente, lhe foi imputada. Essa luta passa necessariamente pelo reconhecimento de sua condição e pela compreensão de que a sua situação não está previamente dada ou estabelecida, mas que é fruto de construção sócio-histórica que perpetua a ausência de espaços na sociedade nos quais o povo negro esteja presente em condições iguais. Passa, também, pela necessidade de reafirmar a sua identidade negra, sua condição de jovem e mulher. Essa reafirmação ganha potência na busca por melhores condições de trabalho – ainda que Juliana não consiga enxergar que determinadas ocupações profissionais estejam relacionada a situações preconceituosas –, mas fica evidenciada pela marca que registra a sua condição expressa através do cabelo, da variedade de penteados.

Eu me lembro uma vez que eu fui numa entrevista numa multinacional. Eu tinha, assim, meus vinte anos. Aí, a menina que me indicou falou assim: “olha, você vai toda social, bonitinha, prende o cabelo pro alto porque tem um pouco assim de, ah, eles são todo mundo meio metidinho, que não sei o que, não sei o que lá”. Aí ela falou assim para mim: “penteia bem esse cabelo! Prende, não fala gíria”. [...] Hoje eu tô com o cabelo assim, que eu soltei para fazer, mas na semana que vem eu vou fazer minhas tranças de novo, minhas nagô para ficar dentro do meu estilo [...] pra *mim* voltar dentro do meu estilo. Eu fiquei sete meses com o cabelo assim, mas não tem nada a ver comigo. É que eu me olho no espelho e eu me acho bonita só com as minhas tranças porque combina comigo, combina com a minha cor, com a minha cara.

É a construção da identidade etnicorracial, composta de marcadores que mudam no tempo e no espaço, que se destaca como aspecto mais relevante na sua luta quase que silenciosa e solitária por melhores condições de vida e por ocupar seu devido lugar na sociedade. Esses marcadores são acionados de acordo com cada situação, no sentido de permitir ao sujeito o reconhecimento e a aceitação de acordo com as circunstâncias. Abrir mão dessa identidade não essencializadora pode representar uma tática ocasional de estar no

mundo, de acordo com os distintos contextos sociais (SANSONE, 2003). Ainda que reconheça a possibilidade de existência do preconceito nos diversos setores da vida social e, principalmente, na hora de buscar trabalho, Juliana não transforma isso em bandeira de luta, nem tampouco deixa se abater por conta das muitas experiências que tenha vivenciado ou que porventura venha a vivenciar. Mais importante do que o preconceito, ou melhor, a forma que encontrou para derrubar o preconceito é demonstrando a sua competência, provando as suas capacidades laborais. Insiste em dizer que “eu não acredito nesse negócio de preconceito. Eu sei que existe, mas talvez por uma parte, assim, minha”. Ou seja, algo semelhante ao dito popular “eu não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem”. Apesar de saber que o preconceito está enraizado na sociedade brasileira, Juliana não acredita que ele seja determinante ou que exerça alguma influência na hora de decidir quem ocupará determinado posto de trabalho. Para ela, não há preconceito que resista à competência profissional, à capacidade. Por isso está sempre disposta a ‘dar a cara a tapa’.

Eu sempre penso assim: eu sei a minha função, eu sei fazer o meu trabalho, independente de eu ser negra ou não. Eu sei fazer o meu trabalho. Eu vou lá, ela vai me entrevistar e eu sei que vou responder as coisas, eu vou responder de acordo com o meu conhecimento dentro da área. Se tiver que ser será, se não tiver que ser não vai ser independente de eu ser negra, de eu ser branca ou não. Eu sei que existe muito isso hoje em dia, mas eu não dou a mínima importância. Eu vou e dou a cara pra bater, se tiver que ser será. E eu acho que o negro tem muito disso, não tem esse negócio assim.

É importante ressaltar que, embora afirme não acreditar “nesse negócio de preconceito”, Juliana não está desconectada da realidade, nem tampouco está se distanciando do debate em torno das questões polêmicas que decorrem desse assunto. Ela apenas encontrou sua forma particular de superar a questão e que não passa, necessariamente, pelo enfrentamento. Essa escolha parece ser decorrente de suas experiências escolares guardadas na memória e que, ao serem lembradas, revelam que ela não desconhece alguns importantes espaços de preservação do preconceito em particular, mas de muitas desigualdades em geral.

O preconceito começa dentro da escola desde que você é pequenininha, né. Ô neguinha pra lá, neguinha pra cá [...]. Nessa época em que eu era criança eu até nem me importava. Não gostava que me chamasse de neguinha, eu era

uma criança. E também eu nunca cheguei em casa pra falar, pra conversar com a minha mãe, com o meu pai, pra falar: “ai, mãe, me chamaram de neguinha, aí – eu chamava meu padrasto de pai, né – pai, me chamaram de neguinha!”. Não tinha essa coisa. Eu guardava tudo pra mim [...] Não reagia! Eu ficava quieta. Às vezes eu discutia e falava: “ah, eu sou negra sim, sou neguinha mesmo”, mas no fundo sempre ficava com aquela mágoa de criança. Hoje não.

Foi a partir desse período que, decidida a dar um fim “nessa estória de neguinha”, Juliana pareceu ter passado por uma espécie de reforma íntima. Dar um basta não se expressou em tomar uma atitude todas as vezes que percebia formas preconceituosas de as pessoas se referirem ou se dirigirem a ela, mas dizer para si mesma: chega!

Eu acho que foi a partir de uns treze ou doze anos.[...] E eu me lembro que eu assistia muito a TVE. É uma rede maravilhosa [...]. Mas eu não tenho mais tempo de ver, mas é uma rede maravilhosa. E lá tinha muito programa sobre negro, sobre discriminação racial e eu acho que foi a partir disso que eu fui...ah, eu sou negra mesmo e tenho que ter orgulho disso. Mas eu já não me comportava mais como na escola. Meu comportamento era diferente. Eu já tava fazendo o ginásio e, aí, você começa a se comportar diferente. Eu sou negra, sim. E começa a querer usar cordão com coisas da raça, que representa sua raça. Foi a partir dessa idade.

Os marcadores identitários estão expressos de múltiplas formas através das quais Juliana evidencia o orgulho por se perceber negra. Para além dos cordões ou dos penteados trançados, há a certeza da tomada de consciência e de transformação no seu modo de se aceitar quando revela que “[...] Eu me sinto! Adoro que olhem pra mim, adoro que admirem a minha cor. Se tá olhando é porque admiram a minha cor!”.

Como éramos depende do que somos no presente. A memória busca ser lembrada dentro de uma coerência com aquilo que o indivíduo é no presente. Em ambos os casos, a relação com o preconceito sofrido como experiência dolorosa tende a ser amenizada na medida em que o presente reorganiza o passado. Configura-se, segundo Schacter (2003), em um dos pecados da memória que está inscrito na necessidade de distorção de coerência e de mudança. Para o autor, “nossas lembranças do passado são muitas vezes reescritas para se acomodar às nossas opiniões e necessidades do presente” (pág. 172). No caso dessas jovens, tão importante quanto certas adaptações às necessidades, foi a tomada de consciência de sua

condição e da capacidade de assumir uma identidade negra marcada pela experiência e orientada pela memória.

5.2 – Memórias de experiências que marcaram trajetórias

Thompson (1981) faz uma análise aprofundada e cuidadosa sobre o conceito de experiência que permite romper com os limites impostos pela prática teórica que arroga para si o poder explicativo totalizante da realidade. Para o autor, esses “sistemas teóricos auto-suficientes” – e, aqui, ele faz referência aos modelos marxistas, ou melhor, aos *marxismos* – não contribuem “para uma exploração aberta do mundo e de nós mesmos” (pág. 185). Isso somente é possível, segundo ele, se levarmos em consideração a experiência humana, que deve ser analisada dentro de um mesmo “rigor teórico” a fim de proporcionar ao pesquisador o constante “diálogo entre a conceptualização e a confrontação empírica” (idem, idem). Propõe que essa conversa possa ter como referenciais alguns conceitos centrais da tradição marxista e que rompa com a finitude, com a ideia de acabamento, e conduza na direção da exploração aberta e contínua da realidade através da permanente indagação dessa mesma realidade. Esta somente poderá ser compreendida enquanto processo dialético que prescinde da análise empírica se tiver como foco central a experiência de

[...] pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (as outras duas expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (pág.182).

A experiência é um movimento, um processo contínuo de subjetivação comum a indivíduos de uma mesma classe que se opera em determinado período histórico. É esse processo que permite a descoberta da similaridade de situação, que parece ser importante para a elaboração da identidade de classe forjada na materialidade dessas experimentações. É nele que se apóia, também, a compreensão da juventude como geração.

A noção de experiência, a partir da conceituação proposta por Thompson, mostra que é possível identificar como se tecem as relações entre sujeitos de um mesmo grupo social – nesse caso, a família ou suas diversas recomposições – e como suas ideias se processam no tempo presente. Nesse contexto relacional, fica bastante manifesto que a questão da classe não desaparece, mas o que se procura evidenciar é o campo das relações familiares – relações essas estabelecidas entre sujeitos de uma mesma classe – como lugar de construção da experiência e, principalmente, das relações de trocas daí advindas e que permitem a construção da experiência juvenil que se inscreve na memória. É muito significativa a ampliação do conceito de classe⁹⁶ sugerido pelo autor, bem como sua “flexibilidade e indeterminação” (1981, pág. 188), uma vez que nos permite compreender a experiência como um conjunto de relações e ideias⁹⁷ em que estão expressos “todos esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão” (idem, pág. 188/189). São sistemas que dão historicidade às relações familiares e sociais cujos indivíduos se fazem sujeitos do processo histórico. Dentre eles, destacamos o “parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis de regulação social” (ibidem, pág. 189) como sistemas que organizam as relações intergeracionais observadas, também, no ambiente da cultura charmeira e que fazem parte de um conjunto que se reúne na experiência humana comum.

Dentre as experiências vividas por Alex, ele destaca a sua decisão de tornar-se *DJ* por volta dos vinte anos, quando se viu desempregado. Ao invés de lamentar por isso, transformou a situação em motivação para “colocar a cara para bater”. Das festas familiares ou das brincadeiras de quintal para os bailes de Charme, foi um caminho percorrido rapidamente e com alguma tranquilidade, pois a emoção e o nervosismo das apresentações faziam parte dessa nova experiência. Entretanto, vale ressaltar que, antes de começar “a trabalhar direto mesmo com isso”, ele já tinha vivenciado suas primeiras experiências como *DJ*: “Cara, eu tinha nessa faixa de quinze anos. A primeira festa que eu fiz foi lá no prédio de um amigo meu”. Se a família contribuiu para as suas escolhas, foram os amigos que despertaram o seu interesse pela atividade de *DJ*. Das brincadeiras descomprometidas

⁹⁶ “Não vejo a classe como ‘estrutura’ nem mesmo como uma ‘categoria’, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas” (THOMPSON, 1997, pág. 9).

⁹⁷ “[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos [...]. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas” (THOMPSON, 1981, pág. 189).

realizadas no quintal de sua casa até a sua primeira apresentação, foi um tempo muito rápido, do qual ele se lembra com alegria.

Cara, eu tinha tempo pra ficar na brincadeira e tempo pra ficar em casa, ouvindo música. Até hoje eu quase não assisto televisão, só música, fico direto. [...] Um amigo meu, o Diogo, meu camarada, gosto muito dele [...]. E o cara é gente fina, muito gente fina. Ele, o pai dele gostava também, e eu fiz amizade com ele, e o que eu sabia eu passei a ensinar a ele também e algumas coisas ele aprendeu comigo também. Aí, ele fez um curso pra *DJ* na antiga *Mistermix* que não existe mais e, assim, ele tinha um equipamento profissional que o pai dele comprou e quando pintava festa lá no prédio dele, ele sempre me chamava. Aí, era direto, todo final de semana tinha festa pra fazer no prédio e na rua também.

Das experiências informais e do prazer em cada vez mais conhecer e se aprimorar nas técnicas da atividade de *DJ*, ele passou a se apresentar nas festas para as quais era convidado. Certamente que, para um jovem de quinze anos, o fato de estar em evidência, ser uma das atrações da festa, era importante para construir uma carreira, mas era extremamente significativa para elevar a sua auto-estima. Com isso, foi possível ampliar o seu círculo de amizades e de socialização. A sua trajetória começou a ser trilhada de forma descomprometida, pois, mais do que a probabilidade de vir a ser *DJ* profissional, o que valia – e vale até hoje – era o enorme prazer em se apresentar para o público.

Do mesmo modo que os amigos contribuíram para suas primeiras experiências na atividade de *DJ*, foram eles que o levaram a conhecer o universo dos bailes *Black* ao vivo. Ele sabia da existência destes apenas através de relatos dos adultos e dos programas de rádio que eram apresentados por *DJs* renomados e importantes e que, por conta da ampliação e aumento da visibilidade dos bailes, conseguiram transpor as barreiras das rádios e manter, ainda que por curtos períodos, programas específicos de *Black Music*. Nesse sentido, ir ao primeiro baile representou uma experiência ímpar que consistia na probabilidade de ver ao vivo e aprender com esses que se tornaram referências no comando das carrapetas. Mais do que ouvir, havia a chance de observar e conhecer as técnicas por eles empregadas no comando dos pratos. Para Alex, sair das festas de bairro para os bailes de Charme e conhecer os grandes nomes da arte de tocar foi um processo rápido e concomitante, pois as oportunidades surgiram ao mesmo tempo.

O primeiro baile que eu frequentei, cara, foi...o primeiro baile que eu frequentei, cara, foi o “Disco Voador”, na época. Cara, isso tem tempo. Cara, eu era novo, era na época que...foi quando eu tinha quinze, dezesseis. A primeira vez que eu fui no Disco Voador foi um amigo meu de infância que me levou. Ele gostava também e eu fui com ele. Na época, o baile começava cedo. É, começava quatro horas. Lembro, lembro, cara, na época, a primeira vez que eu fui foi até o Orlando, o Orlando que era o *DJ* e eu gostei, a primeira impressão que...porque eu me influenciei mais com o Fernandinho, como eu passei a gostar da coisa eu passei a frequentar direto, aí eu passei a frequentar o “Feijão” que não existe mais...

Nomes como Fernandinho e Orlando são até hoje sinônimo de qualidade e servem de referência para a maioria dos jovens que se arrisca na atividade de *DJ*. São importantes para a história do Charme no Rio de Janeiro, pois integram um grupo de *DJs* que, se não são precursores do movimento, são imprescindíveis na sua estória, assim como na estória de vida de muitos adultos e jovens. Desse período, ele é capaz de lembrar-se de espaços, nomes e estilos. Faz referências a algumas transformações pelas quais o Charme vem passando, o que nos ajuda a pensar na possibilidade e na importância de reconstruir a história do Charme levando em consideração os relatos memorialísticos de seus frequentadores. Mesmo compreendendo que a memória não é a história, esta pode ser recuperada por diversos elementos e fatos presentes nas lembranças dos indivíduos. Nesse caso especificamente, vale destacar que a história do Charme pode ser recuperada, também, através da memória dos jovens e de seus relatos repletos de fatos e acontecimentos importantes. Alex lembra, por exemplo, das várias mudanças por que passou o baile do Viaduto de Madureira, a importância que tiveram os bailes do Feijão&cia no cenário da *Black Music*, principalmente por este ser um espaço marcadamente juvenil, situado também no bairro de Madureira, que hoje não existe mais⁹⁸. Lembra de *DJs* importantes e sua relação identitária com determinado estilo musical. Alguns deles incorporaram o estilo musical no nome artístico, como, por exemplo, Marquinhos *New Charm* e Beto *Flash Back*.

Outra situação marcante no campo da experiência sensível refere-se à paternidade. Aos dezessete anos, Alex viveu a experiência de ser pai e constituir família, pois decidiu morar com a mãe de seu primeiro filho. Durante o período em que ficou longe de sua mãe, pôde experimentar uma realidade muito próxima daquela vivenciada por vários jovens de classes populares e que, dentre outros fatores, constitui-se em ser pai, trabalhar, compor família e um lar e, com isso, sair da casa materna. As várias dificuldades enfrentadas pelo

⁹⁸ Sobre a geografia dos bailes de Charme na cidade do Rio de Janeiro, ver Martins (2004).

casal durante essa experiência conjugal fizeram com que o relacionamento fosse interrompido e Alex viu-se obrigado a retornar à casa de sua mãe. Para além de fazer parte da geração marcada por trajetórias Yô-Yô (PAIS, 2001), há uma questão relevante e que corresponde à maturidade necessária para assumir as responsabilidades de chefe de família aos dezessete anos. Esse é um aspecto importante e que ele considerou decisivo para que o relacionamento terminasse depois de três anos de convívio. Após essa experiência, ele teve uma filha, que foi fruto de outro relacionamento bastante conturbado e sobre o qual preferiu não falar. Destaca, com certa ansiedade, que o pouco contato que tem com a filha de três anos é motivo de consternação, pois raramente tem a oportunidade de vê-la, mesmo tendo assumido a paternidade.

Vivenciar a experiência das e nas relações sociais e familiares é viver na perspectiva da construção e aprendizagem de valores vinculados a essas relações e que dão materialidade à própria vida e à continuidade do grupo. São esses valores, “normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e “apreendidas” no sentimento) no “habitus” de viver” que, segundo Thompson (1981, pág. 189), mantêm a vida social. Entretanto, torna-se importante verificar como essas relações se (des)estruturam, bem como a própria vida social em contextos nos quais esses valores e normas são questionados ou não reconhecidos pelos jovens como sendo seus. Para Dubet, a experiência é a possibilidade de superação dos limites presentes na sociologia clássica, que entendia o indivíduo como um sujeito integrado e suas ações também integradas a um modelo social que estaria dado segundo um sistema estabelecido de acordo com normas e valores comuns a todos. As condutas individuais e coletivas não são mais constituídas segundo papéis previamente determinados, respeitando modelos de ação previamente determinados. São, ao contrário, resultado de diferentes práticas orientadas segundo uma “heterogeneidade de princípios culturais e sociais que organizam essas mesmas condutas” (1994, pág. 14). De acordo com esse mesmo autor,

Os papéis, as posições sociais e a cultura não bastam para definir os elementos estáveis da ação porque os indivíduos não cumprem um programa, mas têm em vista construir uma unidade a partir dos elementos vários de sua vida social e da multiplicidade das orientações que consigo trazem (Idem, pág. 16).

Outro aspecto importante que François Dubet destaca na construção da noção de experiência – e que contribui para a sua aproximação da relação entre juventude e memória – diz respeito ao fato de que esta é construída segundo diferentes lógicas de ação⁹⁹. Essa heterogeneidade garante ao jovem uma autonomia relativa como sujeito de sua própria experiência construída em um mundo presente. Embora tenha autoria para essa construção, a mesma é relativa, uma vez que “os elementos sobre os quais se assenta essa construção não pertencem aos indivíduos”, mas ao meio social (ibidem, pág. 17).

Como não há mais um papel a desempenhar segundo uma lógica de ação prévia, é a possibilidade de organizar essas mesmas lógicas segundo diferentes interesses e práticas que torna o jovem sujeito autônomo de suas ações. Os múltiplos arranjos combinados de forma pessoal e autêntica são, muitas vezes, observados com estranhamento pelos adultos e pelas instituições sociais; parecem sinais de inadaptação social e, conseqüentemente, não correspondem ao “tipo ideal” de jovem que a sociedade sonha. Posto isso, importa destacar que o caráter individual da experiência não deve conter uma dimensão essencializadora do sujeito. Ele está centrado em “uma combinação única de fatores psicológicos, sociais, históricos, impossível de ser repetida *ipsis litteris*” (VELHO, 2004, pág. 28).

5.2.1 – Pequenas divergências

A possibilidade de não aceitação e/ou ruptura com determinadas normas e regras deve ser levada em consideração ao tratarmos de jovens cujas experiências vividas em contextos familiares desagregadores, por exemplo, não correspondem a determinadas vinculações, o que não significa, necessariamente, o dismantelamento da vida social, nem tampouco da sociedade. Por outro lado, os jovens envolvidos na pesquisa não se apresentam como desvinculados ou como envolvidos em contextos desagregados. Ao contrário, estabelecem relações bastante significativas com o contexto familiar, o que não elimina o questionamento

⁹⁹ Para Dubet, a experiência social é resultado da articulação de lógicas de ação elementares, das quais destaca três: a lógica da integração, a lógica estratégica e a lógica da subjetivação (1994, pág. 19). Estas são combinadas de maneiras diversas, não hierarquizadas, autônomas, individuais e subjetivas. “Assim, na lógica de integração, o actor define-se pelas suas pertenças, visa mantê-las ou fortalecê-las no seio de uma sociedade considerada então como um sistema de integração. Na lógica da estratégia, o actor tenta realizar a concepção que tem dos seus interesses numa sociedade concebida então ‘como’ um mercado. No registro da subjetividade social, o actor apresenta-se como um sujeito crítico confrontado com uma sociedade definida como um sistema de produção e de dominação” (Idem, pág. 113).

de alguns valores e normas. As tensões são de outra ordem e estão mais voltadas para questões pontuais comuns às diferenças de interesses entre gerações. Embora essa questão esteja contemplada no capítulo quatro, para efeito de ilustração, apontamos dois exemplos de como os conflitos estão postos nessas relações.

Tão logo conclua o estágio na Justiça Federal, Julio se verá envolvido com a realidade que o pressiona a prosseguir os estudos em direção à universidade. Apesar do apoio de sua mãe, ainda que possuam opiniões divergentes quanto à escolha da carreira, ele sofre a pressão do seu pai biológico:

Ele já falou: “faculdade particular eu não vou pagar pra você, trata de passar pra uma...”. Ele falou que de jeito nenhum quer ver o filho dele parar em particular. Que ele faz de tudo agora pra ver o filho passar pra pública, ai já que ele falou isso... Mesmo porque eu nem posso pensar em não passar, tem que pensar em passar.

Apesar de compreender a posição de seu pai, ele sabe que o acesso à universidade pública é para poucos e, mesmo estudando em uma escola de ensino médio de qualidade, ele reconhece a necessidade de investir todo o seu tempo livre na preparação para o ingresso ao ensino superior, o que, segundo ele, não vem fazendo como deveria.

O adiamento de seu sonho de seguir a carreira militar, opção essa que vinha ao encontro dos planos de sua mãe, ocorreu por questões de ordem prática vivenciadas no ambiente de trabalho. Foi a partir do convívio com os adultos que Julio vislumbrou a possibilidade de seguir uma carreira mais rentável, mesmo que, para isso, o seu plano tivesse que ser definitivamente abortado. Essa não está sendo uma decisão fácil, pois é um dos pontos de maior tensão na relação com a sua mãe. O sonho de ver o filho tornar-se militar passa pela segurança financeira e pela estabilidade profissional que a carreira oferece. Entretanto, Julio acredita que pode seguir outros caminhos para atingir esses mesmos objetivos.

Queria ser militar, gosto da carreira militar, mas aconteceu de eu ir para esse estágio na Justiça Federal e eu acabei vendo o trabalho deles e lá me influenciaram a um dia entrar para...Os próprios servidores da minha seção acabaram por me influenciar a seguir, um dia, a carreira de servidor público

federal [...]. Até com o próprio curso de Direito, lá eu posso fazer pra oficial de justiça avaliador, que já é bem maior, um dez mil, por aí. Me chamou bastante atenção. Por isso já está decidido, pela própria questão da remuneração, da estabilidade e do próprio trabalho deles que eu acabei fazendo e acabei gostando.

Essa mudança de planos, a despeito de acirramento de possíveis divergências, não é decorrente de atitude impensada. Ao contrário, resulta da convivência diária com a realidade do trabalho e com os adultos através dos quais ele pode pesar os prós e contras e, com isso, avaliar os aspectos negativos e positivos decorrentes de sua decisão. Qualquer que seja ela, sabe que há a necessidade de transpor o funil do vestibular e essa não é uma tarefa fácil. Mesmo contando com o apoio de sua mãe, que considera amiga de todas as horas, Julio sabe que isso não é suficiente e que deverá enfrentar sozinho esse desafio.

No caso de Douglas, a sua rotina semanal consiste em acordar pela manhã, ficar na internet até a hora do almoço e ir à escola, de onde sai por volta de dezesseis horas e trinta minutos, quando retorna à casa. A exceção é feita em dois dias, quando se dirige ao curso de informática. Após chegar à casa e tomar banho, assiste à televisão e retorna para a frente do computador, pelo qual conversa com alguns amigos virtuais, ouve músicas ou assiste a *videoclipes*. É o longo período dispensado ao computador que gera um dos poucos conflitos existentes na relação com a sua mãe, uma vez que ela regula esse tempo que considera excessivo, o que Douglas não concorda de imediato. Entretanto, acaba por compreender que, se assim não fosse, ele ficaria conectado até a madrugada. Esse controle faz-se necessário, reconhece, uma vez que diversas outras atividades estariam relegadas ao segundo plano, dentre elas as tarefas escolares. Há certa flexibilização nos finais de semana, quando o tempo de permanência no mundo virtual é estendido a algumas horas a mais.

[...] eu não sou muito amante de estudar, assim, aí, ela fala assim: “estuda, não sei o que”. Aí, eu, ela fica martelando, assim. E isso me deixa um pouco chateado, mas aos poucos eu vou refletindo, refletindo, aí eu vejo que é pro bem.

Sendo assim, é preciso saber negociar para que não haja acirramento de um pequeno conflito. Mesmo reconhecendo que a sua mãe está correta ao exercer esse controle, Douglas

percebe que há espaço para o diálogo e a negociação e afirma: “ah, eu falo: “ah, mãe, deixa eu ficar mais um pouquinho aí, não sei o que, uma meia horinha assim”. Aí ela deixa.” Além dessa questão, surge outro ponto de tensão, mas que também é perfeitamente negociável. Ele lembra, ainda:

Tem mais um conflito também. É em termos de horário na rua, assim. Às vezes, final de semana, eu quero ficar na rua até determinado horário. Aí ela diz para subir em determinado horário, a rua é perigosa, não sei o que. Às vezes, gera conflito, às vezes, não [...]. Eu fico aqui no *trailer* aqui com os colegas. Às vezes, tem umas amizades assim que prestam e eu fico batendo um papo ali e depois eu subo [...]. Às vezes, me chateia, às vezes, não, porque eu vejo que ela está certa. Às vezes, as ruas ficam desertas e eu vejo que fica perigoso aí eu acabo vindo pra casa mesmo e fico na internet.

Entre ficar na rua até tarde e passar longos períodos conectado à internet, principalmente nos finais de semana, a sua mãe acaba cedendo e permitindo que ele fique ligado, pois, desse modo, estará mais seguro dentro de casa. Entretanto, isso, se, por um lado, reforça o discurso que confere à rua atributos que a transformam em um lugar cada vez mais impróprio para o lazer, por outro lado, restringe a possibilidade de ampliação de seus espaços de trocas, de vivenciar experiências em diversos grupos de socialização. O mundo da internet é construído por relações sociais virtuais que, para Douglas, não se materializam, não se transformam em possibilidade de efetivar novas amizades concretas. Afinal, ele afirma que quase nunca sai sozinho.

A própria existência da sociedade, hoje, está circunscrita à informação e por ela é influenciada. Essa influência, pontuada, principalmente, segundo Alberto Melucci, pela informação visual, abala “as estruturas constitutivas da experiência” e transforma a experiência em “uma construção artificial, um produto gerado mais por relações e representações do que por circunstâncias, leis naturais ou causalidades” (2004, pág. 14). É nesse contexto que os jovens, mesmo aqueles que não possuem experiências múltiplas, como é o caso de Douglas, constroem suas experiências de forma mais intensa, com outra qualidade, uma vez que estão mais expostos aos apelos da imagem carregada de múltiplas e incessantes mensagens que vão influenciar material e simbolicamente essa construção.

Embora ao dizer que “a multiplicidade de papéis” – que nos obriga a elaborar múltiplas identidades –, “o excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossa experiência cognitiva e afetiva, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade”, Melucci esteja se referindo à sociedade como um todo, visivelmente os jovens são mais suscetíveis, mais abertos à construção dessa outra experiência, uma vez que são eles os sujeitos para os quais a maior parte das mensagens e informações – principalmente as visuais e virtuais – está mais direcionada. Estas introduzem uma multiplicidade de tempos em diferentes ritmos e velocidades (2004, pág. 14). Nesses diferentes tempos/espacos estão as várias formas de ser jovem em um contexto social e cultural que parece negar a ele o direito à experiência juvenil.

5.3 – Memórias de tempos recentes

Todo grupo social possui uma história que é contada pelos elementos presentes na memória de cada um de seus indivíduos. Esse contar, segundo Bolle (2000), é importante para cada integrante, pois, “num tempo de destruição, o sujeito consegue, pelo trabalho da memória, encontrar nas camadas mais profundas: uma imagem da sua identidade. Indestrutível. Isso não é pouco em termos de perspectiva de futuro” (pág. 351). Os relatos, as lembranças, são potencializados e ganham vida através da troca possível na arte de contar. A história de um grupo, de uma comunidade afetiva, passa pela tradição da oralidade e ainda é estendida de uma geração à outra; está repleta de vida, do social que conforma esse grupo, pois “a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior da vida pessoal” (THOMPSON, 1992, pág. 20). Algumas formas particulares de os jovens promoverem a articulação entre memória, identidade e experiências vivenciadas em seus distintos espaços familiares são apresentadas a seguir. Observam-se formas peculiares de os jovens lidarem com essas articulações e que buscam responder às seguintes questões: como os jovens lembram? Do que lembram? Mais do que relatar fatos e acontecimentos, existe a intenção de proporcionar alguns subsídios que nos permitam observar as aproximações e similaridades nos usos da memória por sujeitos jovens que fazem parte de contextos sociais semelhantes e, apesar disso, o fazem de maneiras bem distintas.

Jeanne se considera uma charmeira de certo modo eclética, pois, diferente da maioria, também gosta de ouvir outros gêneros musicais que vão do samba à MPB. Dona de um gosto musical bastante eclético, ela ressalta que não tem preconceitos com relação a ritmos e estilos e que não está aprisionada àquilo que a mídia tende a impor como sendo a música ou o estilo da vez, aquele que deve ser consumido e, por isso, somos frequentemente bombardeados por todas as estações de rádio disponíveis no *dial*. Destaca que esse ecletismo é resultado, principalmente, da convivência com a sua mãe, mas, também, com outros membros da família – “tinha um tio meu que tomava conta de mim que escutava Babalu¹⁰⁰”. Ao mesmo tempo em que fala, ela mobiliza a sua memória e isso é uma função importante da entrevista, ou seja, trazer ao presente as lembranças que marcam essa mesma memória juvenil – “lembrei da minha época agora!”. A frase parece se referir a um tempo muito remoto, aquele tempo dos velhos, dos idosos e que estava muito distante. Entretanto, ela, aos dezenove anos, se reencontra com o seu tempo de memória cuja distância tem a intensidade daquele que lembra. A memória, para aquele que lembra, é quase sempre relacionada a um tempo longínquo. Independente de quem lembra, ele parece estar sempre muito distante, não guarda relação com a cronologia. Essa relação somente aparece quando as datas, as idades, são necessárias para dar suporte à memória e contextualizá-la em um tempo histórico que se confunde com o tempo de memória que, nesse caso, é episódica e de longo prazo (SCHACTER, 2003).

Do período que morou no bairro onde nasceu não traz boas recordações, exceto a memória relacionada aos momentos felizes vivenciados no contexto familiar. Foram as reuniões familiares e as festas que lhe permitiram o contato com a música negra desde quando era criança. Ela lembra que foram os relatos e as conversas entre os seus tios e a sua mãe que despertaram o gosto e a sua curiosidade em saber mais sobre aquele movimento cultural do qual eles sempre falavam quando se reuniam. As conversas animadas ao som dos vários cantores e cantoras produziam um clima bastante amistoso e feliz, repleto de emoção. A sua estória com o Charme “vem da questão familiar mesmo. Festas, família”. As festas eram, além de espaços de socialização, momentos de rememoração intensificados pela tentativa de reproduzirem em casa o ambiente mágico dos bailes que persistem por conta de que “as emoções estão estreitamente relacionadas à percepção e ao registro de informações que, por sua vez, influenciam a recriação de novas lembranças” (SCHACTER, *idem*, pág. 22). Assim,

¹⁰⁰ Composição de autoria de Margarita Lecuona que fez enorme sucesso na voz de Ângela Maria na década de 1950. Posteriormente foi regravaada por Edson Cordeiro na década de 1990. (ver www.mpbnet.com.br/musicos/angela.maria).

o cenário de música e de luzes permitia, a cada encontro, a volta ao passado e a sua reconstrução através de narrativas cujas imagens eram construídas por Jeanne e, posteriormente, reconstruídas cada vez que voltavam a lembrar dos bailes.

Era muito de festa de aniversário com os amigos da minha mãe, dos meus tios também, e minha mãe ia muito [...] e é bem antiga essa história com o Charme. A minha mãe sempre foi a eventos soltos, esses bailes que tinham *Soul* que era em Irajá. Ela chegou a pegar a época da luz negra que tinha em Irajá quando lançou. Então quando tinha festa tocava música *Soul* e eles ficavam dançando, os quatro, cinco irmãos.

O passeio pelo passado revela o encontro com a memória emprestada de tempos não vividos e que se referem à lembrança das lembranças dos outros. Ainda que esses tempos não voltem mais, eles são constantemente revisitados pelos familiares. Cada regresso é realizado por Jeanne na companhia de seus tios e ocorre sempre por caminhos distintos que cada sujeito traça retrospectivamente na direção de mundos diversos que compõem o universo do Charme, pois a lembrança que reconstrói cada um desses mundos está relacionada ao olhar do narrador que lembra, do membro da família que conta o fato e daquilo que é capaz de lembrar. Rememorar pode ser um modo particular de comemorar a própria vida.

O mais legal é que quando eles se reúnem eles adoram falar nas festas que eles fizeram. Tocava música e tal, apagava a luz e ficava piscando, luz colorida, tinha essas coisas. Então, desde pequena eu tive a curiosidade, eu sempre curti.

Da mesma forma que a criança é capaz de criar um mundo imaginário a partir do que ouve na contação de estórias – hábito esse que, aos poucos, vai perdendo o seu espaço em uma sociedade na qual a oralidade e a imaginação vão sendo substituídas pela velocidade das imagens midiáticas, que não dão muito tempo/espaço para a viagem por lugares inventados nem pelo exercício de ouvir e idealizar –, Jeanne, a cada reunião familiar, podia, a partir das lembranças de seus parentes, criar um mundo particular onde todos estavam presentes e ela como expectadora. Era capaz de imaginar tantos bailes quantas fossem as estórias guardadas nas lembranças de seus tios. A casa tornou-se o lugar da re-memória. A família é composta de

sujeitos ricos de memória e as reuniões ainda funcionam como momentos de revisitação e reconstrução da memória coletiva. Entretanto, a memória de tempos não vividos ou vividos por tabela se junta à memória de sua infância e se superpõe ou se sobrepõe, se funde para dar sustentação às suas lembranças pessoais, formas individuais de acionar a memória. Memória de jovem.

Eu lembro que quando era pequena, eu não me lembro de quem era a música, mas era uma fita que tinha gravada lá em casa. E todo dia eu ficava escutando, todo dia, todo dia. Tinha também uma outra de *tape* que eu ficava ouvindo todo dia. Eu até chorava. Não me pergunta por que, mas eu chorava que eu não sei, mas até chorava. [...] no começo ela é meio lenta depois ficava rápida. Eu sei que eu ficava escutando aquilo dia e noite, noite e dia. Esses *DVDs* de *good times*¹⁰¹, eu já sei cantar todo, as músicas de cor de tanto que escutava em casa. Até mesmo a questão do disco, dançando, tem umas coisas atuais também. Minha avó tem do Toni Tornado. Minha avó não era charmeira, mas ela escutava. E meu avô gostava muito de *Ray Charles*, vai pegando a época do *Jazz*, depois vai para o Charme que é uma coisa mais eletrônica e até hoje é assim: tem uma festa lá em casa e se não tocar Charme...

Memória capaz de acionar até mesmo a emoção que não tem necessidade de ser explicada pela razão, que simplesmente é mobilizada pela música, afinal “o efeito da emoção começa no momento em que a memória é criada” (SCHACTER, 2003, pág. 200). Memória que permite fazer um passeio rápido pela *Black Music* revistando os anos de 1970, época áurea do *Soul* na qual a estética sintetizada na figura de Tony Tornado ganha importância para a sua avó, até ir de volta ao começo, conduzida pelo seu avô, na matriz musical negra do *Jazz*. Ainda que *Ray Charles* não seja o seu precursor, é um dos nomes mais importantes no processo de mundialização do *Jazz*, pois foi ele que circulou pelo mundo com suas inovações e canções inesquecíveis. Esse movimento de ida e volta produzido pelas lembranças de seus antepassados e de sua relação cada vez mais íntima com a *Black Music* e seus gêneros musicais indicam a capacidade de Jeanne transitar por esse universo para compreender de onde vem ou que elementos são importantes para a consolidação de seu gosto pelo Charme. Ir ao *Jazz* e voltar ao presente com a música eletrônica aponta, dentre outras questões, o

¹⁰¹ Expressão que deu nome a um programa noturno veiculado diariamente na rádio 98 FM no qual eram apresentadas apenas músicas antigas, os *Flash Back*. Deste, foram produzidos e comercializados vários *DVDs* com *clipes* de cantores famosos dos anos de 1970 até 1990, além de uma série de *CDs*.

processo de transformação por que vem passando a música, em especial a música negra, nesse momento.

Conforme já dissemos, foi no ambiente familiar que a sua cultura musical foi sendo definida. Foi, também, nesse lugar de memória que os primeiros passos de Charme foram aprendidos a partir das coreografias do jeito *Soul* de dançar, bem no estilo *James Brown*

[...] esses passinhos que a gente faz no baile. Aí minha mãe fala: “isso aí é do tempo do não sei que. A gente fazia quando era pequena pra aprender”. [...] Minha mãe e minha tia. Faz assim...Aí, hoje minha mãe vai pro baile: “vocês hoje dançam tão engraçado”. Um dia meu tio foi para o Viaduto de Madureira, empolgado, aí, ele com um passo assim da perna, aí, minha mãe: “esse passo é muito velho, ninguém faz mais isso” (risos). Aí, joga os cabelos, balança o ombrinho, era muito gostoso, agora não tem tanto. Antes era muito forte [...].

Sua memória está carregada de lembranças das reuniões em casa nas quais todos, a cada música tocada, exercitavam suas memórias, reconstruíam suas lembranças em um delicioso jogo de disputa por quem se recordava com mais detalhes, quem era capaz de reproduzir com fidelidade cada momento recuperado. Esse hábito, muito comum entre os charmeiros, ainda permanece e se constitui em revistar as histórias pessoais, as trajetórias individuais construídas no mundo da *Black Music*. Foi esse mundo construído de relatos dos adultos e de lembranças guardadas em suas memórias que Jeanne resolveu conhecer em companhia de seus tios ou de sua mãe.

O canal de expressão da memória é prioritariamente a oralidade, através da qual o sujeito estabelece relações entre si, a sua cultura e o espaço social no qual valores sociais, posicionamentos são frequentemente revisitados. Os jovens, ao se relacionarem com o universo dos adultos, em algumas situações narram os acontecimentos vividos por tabela, uma vez que, nas suas lembranças, aparecem elementos ou eventos que, certamente, foram relatados e/ou vivenciados pelos adultos participantes de seu espaço de socialização cultural. Entretanto, em função da relevância desses eventos, os jovens fazem referência aos mesmos sem necessariamente terem deles participado. As suas reminiscências podem ser informadas pela memória inventada dos bailes e das festas. O passado reelaborado tem como base a

realidade e os fatos do presente e, por diversas vezes, apóia-se naquilo que o jovem ouviu dizer ou que teve a oportunidade de experimentar.

A relação de Alex com a *Black Music* foi estabelecida através de seu tio – por intermédio de quem pôde, ainda, ter contato com o *Suingue* – e, também, por intermédio de seu pai, cujos relatos ainda estão presentes em suas lembranças. As estórias contadas por ele supostamente o caracterizariam como um jovem que viveu intensamente o período da *Disco Music* e que coincide com a segunda metade dos anos de 1970 e foi importante para o surgimento do Charme.

Cara, na época não era baile Charme que chamava. Na época era Discoteca. [...] Na época do *Flash Back*, da ‘calça boca-de-sino’, essas coisas assim, ele (*seu pai*) falava que era muito bom. Era uma época muito boa e não tinha, não saía de casa com essa preocupação de hoje, a preocupação se vai voltar tranquilo.

O tempo da Discoteca, ou *Disco Music*, certamente produz grande fascínio nos jovens, pois é lembrado pelos adultos como uma época de muitas alegrias e de felicidade na qual parecia não haver espaço para a preocupação. As estórias contadas assinalam apenas os aspectos positivos da era *Disco*, sem levar em consideração os problemas e as dificuldades enfrentadas por aquela geração juvenil em um período importante da história musical recente. Nesse sentido, a onda da Discoteca se espalhou pelo mundo afora e, no Brasil, parece ter cumprido uma de suas funções primordiais, que era usar a música importada, que, para muitos, era vista como elemento alienante e silenciador de um período obscuro da história política do país. Para além da expressão de uma geração, o que estava em jogo era a intencionalidade em criar um ambiente de alegria incontida e de felicidade no qual não era possível sabermos a real situação enfrentada pela sociedade diante de um regime ditatorial que privilegiava o silêncio e o mascaramento das condições materiais e a inexistência de um governo democrático. Assim, para vários ativistas do Movimento Negro Unificado, por exemplo, a era *Disco* cumpriu a função de desmobilização da juventude ou o esvaziamento das ações organizativas de luta por garantia dos direitos civis plenos. Por outro lado, os diversos movimentos negros, ainda que não menos invisíveis, buscaram, através de várias ações, despertar a consciência de uma parcela jovem da população para as formas desiguais com que, historicamente, os negros vinham e vêm sendo tratados. Nesse sentido, para além do

lazer, os bailes *Black* cumpriam uma significativa função política. A partir dos anos de 1970, com a recriação do moderno movimento negro brasileiro, Guimarães (2002) considera que este foi importante no cenário político e cultural brasileiro, pois

[...] reivindicou a dignidade e o orgulho raciais, como modo de se opor à opressão. Como consequência de sua atuação, a política de identidade racial rendeu, também, frutos visíveis: em vários pontos do país floresceram grupos culturais de afirmação da identidade negra e afro-brasileira, tais como os bailes *black*, os blocos afro, os grupos *rap*, os bailes *funk* etc (pág. 61).

Era através dos bailes, que reuniam milhares de jovens, que essas questões eram apresentadas e problematizadas, ainda que de forma sutil, e isso passou a se configurar em uma ameaça aos interesses do regime autoritário que estava instalado. As retaliações e as prisões não tardaram a acontecer. Era comum os negros serem detidos pelo simples fato de aderir a uma identidade marcadamente *Black*. A repressão aos negros ligados à *Soul Music* pode ser uma importante referência para compreendermos como esses bailes passaram a representar uma ameaça. Há relatos de prisões realizadas em decorrência de flagrantes forjados, sob a acusação de os jovens negros esconderem maconha nos seus cabelos penteados à moda *Black Power*.

Ao mesmo tempo em que Alex deixa a sua lembrança fluir, ele faz um passeio por sua trajetória, que foi aos poucos sendo delineada e norteadada pelo seu enorme interesse por *Black Music*. Se não havia uma definição clara com relação a gostos e estilos, isso favoreceu o seu trânsito por diversos gêneros musicais e contribuiu para que estabelecesse contato com as mais importantes variantes da música negra. Ir do *Swing* ao Charme, passando pelo *Funk Melody* e pela *Dance Music*, proporcionou-lhe um amplo conhecimento, bastante eclético, o que para um *DJ*, é fundamental na hora de elaborar o seu repertório e o torna capaz de atender a todos os gostos dos diversos públicos presentes nos bailes e festas para os quais venha a ser convidado. Do mesmo modo que os *DJs* mais antigos, até mesmo aqueles que atuavam desde o início do movimento do Charme, Alex ressalta as etapas pelas quais todos passaram, ou seja, como estas se relacionam ao contato inicial com a *Black Music*. No seu caso, isso se deu através de um tio, das reuniões organizadas em casa, juntamente com os familiares e amigos, onde as experiências, as trocas sociais e o prazer em ouvir Charme eram os ingredientes

necessários ao encontro, ao lazer, até o momento em que passou a encarar a sua atividade de forma mais séria. Essa seriedade não diz respeito à perspectiva de transformar essa atividade em profissão única, mas à preocupação, ao comprometimento com a qualidade de um trabalho que, para ser respeitado e reconhecido, demanda bastante investimento e pesquisa constante, no sentido de manter o repertório atualizado.

A entrevista serviu de mobilizadora da memória de Alex em diversos momentos. Falar do presente, de suas trajetórias, exigiu a sua volta ao passado para compreender de onde partiu o seu interesse por música negra e, principalmente, por tornar-se um *DJ* que, conforme ele gosta de dizer, “está na estrada há quase dez anos”. Para ele, é através da memória que consegue compreender a sua realidade. A necessidade de se situar no presente passa, também, pela necessidade de olhar para trás e trazer ao presente as lembranças dos importantes momentos, de pessoas que habitam a sua memória e que contribuíram direta ou indiretamente para a construção de sua trajetória como *DJ*.

Esse início de caminhada não aconteceu subitamente, nem tampouco de forma atabalhoada. No Charme, tanto para os iniciantes quanto para os candidatos a *DJ*, é preciso saber chegar e observar o ambiente, as regras, as normas. De maneira geral, conforme já foi dito anteriormente, essa chegada ocorre através de parentes ou de amigos. Não se trata de uma irmandade nem de um clube fechado, mas estar em companhia de alguém que já conhece o ambiente funciona como um cartão de apresentação, pois pode favorecer a imediata inserção naquele espaço de socialização. Há jovens que chegam em companhia dos pais ou tios. Há outros que chegam por intermédio de primos e amigos. O que os move, na maioria das vezes, é a oportunidade de estar em contato com o universo charmeiro, que eles julgam ser rico em aspectos valorizados positivamente e que dizem relação ao respeito, à camaradagem. É, ainda, a chance de conhecer aqueles *DJs* que habitam as lembranças dos mais velhos e que são constantemente citados como ícones do movimento, pois, especialmente nos anos de 1980 e 90, arrastavam multidões para os vários bailes da cidade. No caso de Marcela, a ida ao seu primeiro baile aconteceu por intermédio de uma amiga da vizinhança. Embora conhecesse um pouco sobre a *Black Music* – seus primeiros contatos com a musicalidade negra foram em decorrência dos programas de rádio que a sua mãe ouvia quando ela ainda era criança –, ela não tinha a noção do que poderia encontrar. Julgava que estivesse indo a um baile como tantos outros organizados em um clube de subúrbio e dos quais apenas ouvira falar. O encantamento provocado pelo ambiente de cordialidade em que a elegância dos presentes

saltava aos olhos, além do fato de poder romper com as normas impostas pelos adultos no que diz respeito ao horário burlado, são lembranças e experiências marcantes que servem de apoio para a sua clara descrição do contexto, do ambiente. Marcela foi capaz não só de lembrar-se de sua ida ao primeiro baile, como também de descrevê-lo com riqueza de detalhes

Quando eu tinha uns doze, quatorze anos eu fui pela primeira vez num baile de Charme na Cassino aqui no Irajá. É. O primeiro baile que eu fui foi no clube. Eu lembro bem do Orlando [...] então foi o primeiro baile que eu fui, domingo, uma matinê: “Ah, vamos, vamos que você vai gostar”. Eu amei! Não era nem a música, era o ambiente, sabe, pessoas alegres, curtindo, eu não sei, sabe, aquilo me encantou de uma tal forma que eu comecei a frequentar. Ia todo domingo ali na matinê e tal. [...] Ah, salão nobre do Irajá Atlético Clube. Você deve conhecer aquela pista, taco, aquilo, não é? Piso corrido, sabe, muita gente jovem. Como era matinê tinha muita gente jovem. Mas assim, como eu vou te explicar o por quê desse meu encantamento. Apesar de que na época eu era novinha, hoje em dia eu não me sinto tão velha, mas a minha educação eu acho que foi um pouco diferente do que eu vejo. Na época eu tinha doze anos, mas eu tinha medo, se um homem olhasse pra mim pra paquerar, eu ia achar que, no mínimo, estava querendo me roubar. [...] Eu sempre fui muito fechada, muito na minha, depois que eu conheço que você vai ver que não era nada daquilo. Eu fui educada assim, as coisas, pra mim, eu tenho um ponto de vista diferente desse povo que chega, olha pra tua cara e está te agarrando. E comigo não é assim, nunca foi assim e eu achei interessante que o ambiente lá não era assim. Os rapazes, apesar de tudo, eram cavalheiros. Se olhasse pra você pra te paquerar e você não desse trela naquele momento eles não te perturbavam mais. Gentileza, educação e eu achei aquilo o máximo. E eu via grupos se divertindo, que fosse parado, com um copo de refrigerante ou cerveja na mão, curtindo, rindo, conversando. E grupos dançando e todo mundo interagindo entre si e os *DJs* no palco, e música, música, música. Aquilo, pra mim, foi assim...

A questão do respeito na forma de os rapazes abordarem as jovens durante os bailes é uma característica marcante no Charme e que permanece até hoje, além de ser frequentemente ressaltada por todas as entrevistadas. Marcela observa características importantes que conferem ao Charme uma identidade marcada pela gentileza e pelo cuidado com o estilo e que deram densidade ao movimento a partir dessa preocupação de seus frequentadores com o vestir. Deparou com uma imagem construída como possibilidade de recuperação da autoestima da população negra como parte do processo de conscientização política através da

cultura¹⁰² e que, aos poucos, foi assumida por esse mesmo segmento social como um aspecto definidor de uma identidade coletiva.

E eu lembro que antes de eu fazer quinze anos, eu tenho uma prima que ela sempre foi charmeira, mas, apesar de morar aqui não tinha muito contato e um dia ela falou: “Vamos que eu vou levar vocês no Vera”. De noite, de madrugada, aquela coisa, imagina, você com quatorze anos ir pra rua de madrugada, passar a noite e chegar em casa seis horas da manhã? [...] Aí, eu também fiquei encantada, aquele povo todo numa beca impecável, aqueles homens lindos, cavalheiros, as mulheres super delicadas, sabe, uma coisa assim, que eu só achava que tinha na ficção, que não podia existir. Aí, eu fui gostando, fui curtindo, frequentando, frequentando, fazendo amizade com um e com outro...

Pollak (1992) sugere a possibilidade de ocorrer um fenômeno de identificação com o passado que é projetado no presente através dos processos de socialização política e histórica. O presente possui uma origem que se funda e se reatualiza na lembrança. Para sabermos o que somos e/ou onde estamos, torna-se necessário, segundo Brandão (1998), compreender de onde viemos, trazer à tona nossas trajetórias que nos permitiram estar aqui e através das quais nos constituímos sujeitos. É a memória que articula o presente e o passado. É a memória geracional que vai buscar no passado os elementos que possam contribuir para explicar o presente, para dar sustentabilidade ao futuro. É no passado que o presente se explica em um processo da realidade social e subjetiva. O passado pode se apresentar como continuidade, como herança geracional, mas pode, também, ser ressignificado pelas novas gerações no presente através, dentre outras coisas, de constantes reinterpretações da memória. Nesse sentido, a memória reinterpreta o passado e é por ele reinterpretada no presente. O seu papel é “fornecer uma ligação entre o presente e o passado. Entretanto, na nossa vida cotidiana, a memória diz respeito tanto ao futuro quanto ao passado” (SCHACTER, 2003, pág. 70). É o elo que conecta a identidade e a trajetória construída por experiências vivenciadas ou aquelas a serem vividas, o que nos permite afirmar que, não só, mas, principalmente, o jovem é a soma de suas memórias que organizam a sua vida.

Os primeiros contatos de Diogo com a *Black Music* ocorreram de duas formas distintas, ou seja, dentro e fora de casa. Ele lembra que, em sua casa,

¹⁰² Sobre esse assunto, ver capítulo 1.

Sempre teve disco de *Marvin Gaye*, por exemplo. Sempre teve um disco do *Marvin*, sempre teve um *Blues*. Lá em casa sempre ouvi alguma coisa desse tipo. Meu pai ouvia, minha mãe ouvia, meu tio, irmão da minha mãe, ouvia. Então, assim, lá em casa sempre teve algum disco de *Black Music*.

Havia, em sua casa e na família, um ambiente propício para a sua inserção no universo da musicalidade negra. O seu gosto musical foi despertado por uma cultura também musical característica de seus familiares e que incluíam os vários estilos que marcam a construção daquilo que, no Rio de Janeiro, ficou conhecido como Charme, movimento cultural até então desconhecido por Diogo. Diferentemente de alguns jovens de sua geração, o seu interesse pela música negra foi aumentando com o passar do tempo e na relação com outros adultos. Ouvir música diariamente tornou-se um hábito que cultivava até o presente momento, assim como manter sua discoteca renovada com a constante aquisição de *CDs*. Esse hábito perpetua a presença dos vários estilos musicais em sua casa e em sua coleção. É desse modo que ele dá suporte ao gosto musical na família, que a educa musicalmente e a mantém também atualizada.

[...] lá em casa tem discos de *Mid*, *New Jack*, tem essas coisas. Música negra lá dos anos setenta tem bastante. Tinha muita coisa, né, discos que não têm mais, sumiram, agora com o *CD*. Mas eu cresci ouvindo um pouco disso seja em qualquer lugar que fosse, ambiente de família, meus tios e tal, nas festas, final de semana, ficavam em rádios que eventualmente tocavam, Antena Um, eu lembro. Eventualmente tocava um *Black*, e tava sempre lá.

Ao mesmo tempo em que a sua casa tornou-se um espaço privilegiado para a *Black Music*, mesmo não sendo herdeiro de Charme, ele teve contato com um morador da vizinhança com quem pôde aprimorar e expandir os seus conhecimentos musicais.

Eu sempre fui muito de comprar *CDs* e ouvir, e tinha um cara que morava no meu prédio, que morava num andar muito baixo, que quando eu tava, que quando ficava no pátio, ele escutava Charme o dia inteiro, principalmente final de semana quando ele não tava trabalhando.

A sua aproximação aconteceu casualmente, em um dos momentos de lazer coletivo com os seus poucos amigos do prédio em que morava. Não só houve maior contato, como também foi nesse período em que, pela primeira vez, ouviu falar sobre Charme. Diogo lembra:

[...] não conhecia o cara que morava no prédio. Eu não tinha contato nenhum com ele. Enfim, no prédio tinha mesa de ping-pong, tinha mesa de totó, às vezes, a gente ficava parado ali jogando futebol e às vezes ele jogava ping-pong porque todo mundo jogava, adulto, criança, todo mundo jogava. Assim, era assim lá no prédio em que eu morava. E soube-se que eu tinha *video-game* e era o mesmo *video-game* que ele tinha dado de presente pro filho dele, que tinha alguns jogos que ele não sabia jogar e queria trocar a fita e tal. Aí, a gente começou a trocar fita de *video-game* e um belo dia ele me encontrou em um jogo lá: “eu não consigo aprender a jogar e eu queria, eu queria jogar e também queria ensinar meu filho. Você sabe e tal? Vem cá, me ensina”. E eu passei uma tarde na casa dele ensinando ele a jogar. Aí, comecei a criar abertura. Eu cheguei na casa do cara, a estante era maior que isso aqui, só de *CD* importado [...]. Tudo de Charme. Só de *CD* importado. Era *CD* importado mesmo, assim, coisas que tocavam numa rádio e ele, ele não queria saber. Não tinha um *CD* na gravadora no Brasil ele ia no camelódromo ali da Uruguaiana e combinava com o cara pra trazer pra ele. O salário do cara era só de *CD*, praticamente. O cara tinha uma prateleira gigantesca e eu quase matei o cara porque ele enjoou e vendeu tudo. Eu falei: “te dou uma surra”. (Risos). Porque eu o ensinei a jogar e tinha música que eu gostava muito, que ele ouvia, eu falei assim: “poxa, você sempre escutou uma música que eu gosto e tal”. Ele me deu de presente, meu, um *CD* de Charme, quer dizer, não tinha a música que eu queria porque ele não conseguia lembrar que ele tinha uma prateleira gigantesca de *CDs*, aí me deu o *CD* de Charme de presente. Tem bastante tempo assim, né. Depois que eu parei de procurar, não que eu tivesse procurado, né, me deu, tipo, é o meu primeiro *CD* de Charme [...]. Depois eu descobri qual era o *CD* que tinha a música que eu gostava, que eu não lembro mais qual era a música, né, e ele comprou pra mim.

Observa-se que o seu percurso musical se assemelha, em certos aspectos, a algumas etapas que parecem se repetir para vários outros jovens charmeiros. Ouvir falar de *Black Music*, seja através de parentes e amigos ou através dos programas de rádio, corresponderia a uma etapa inicial, introdutória nesse universo. Embora, nos anos de 1990 e início dos anos 2000, ainda fosse possível encontrarmos vários programas de rádio voltados para o público da música negra, hoje, isso não ocorre mais. Estes, em sua maioria, estão restritos às rádios

comunitárias ou denominadas ‘piratas’¹⁰³ e que possuem alcance bastante restrito por conta das limitações de suas aparelhagens de transmissão. Outra etapa refere-se à compra de *CDs* e *DVDs* e isso, para a maioria dos jovens, somente é possível através da aquisição em locais característicos de venda de produtos ‘piratas’, como é o caso do camelódromo da Rua Uruguaiana e de outros mercados populares paralelos e informais espalhados pela cidade. Vendidos nesses locais, os *CDs* custam, em média, setenta por cento menos do que o custo dos originais.

5.4 – Memória é herança

O fenômeno intrínseco de projeção e de identificação com o passado pode ocorrer, também, por meio da socialização cultural. Desse modo, ‘a memória quase herdada’ pelos jovens se expressa como resultado das relações estabelecidas com os adultos nos espaços de elaboração de suas identidades. A identidade juvenil é organizada, em parte, pela memória herdada – esta compreendida como um fenômeno construído social e individualmente. A herança é transmitida pelas lembranças que são compartilhadas nas relações sociais, na sociabilidade manifestada em espaços como a casa, a rua e a festa. Mas é, também, no apagamento da memória (como construção social) como o pré-construído que o sujeito se funda como indivíduo, sabendo-se senhor da própria história.

Fazer parte de um grupo permite potencializar a lembrança através de experiências em comum ou de traços de acontecimentos que, mesmo não vivenciados da mesma maneira por todos os membros, podem caracterizar pontos de identificação por pensamentos em comum. A existência de uma comunidade afetiva possibilita a reconstituição de lembranças compartilhadas, mas que não são produzidas, necessariamente, de forma igual. A continuidade de pertencimento ao grupo permite lembranças individuais e coletivas que são ativadas pelos aspectos comuns a este e vividos de diferentes maneiras e intensidades. Permite, ainda, que os sentimentos em comum constantemente experimentados no grupo e pelo grupo fortaleçam a existência da memória coletiva. É ela – a memória coletiva – que serve de apoio para a memória individual manifestada nas lembranças particulares, pessoais.

¹⁰³ A expressão *pirata* assume aqui um duplo sentido. No caso das rádios, refere-se àquelas que funcionam de forma precária e sem a autorização do Ministério das Comunicações. Em relação aos *CDs*, são aqueles reproduzidos de forma não industrial através de programas de computador.

Porém, essas lembranças são quase sempre evocadas a partir do ponto de vista do grupo, visto que o homem é, por natureza, um ser social (HALBWACHS, 2004, pág. 50).

Há importante relação entre Charme e memória que está, constantemente, assinalada na trajetória de Julio e que é possível observar através das narrativas de um herdeiro pleno, uma vez que sua mãe e seu padrasto são charmeiros atuantes. Na maioria das vezes que se reporta a qualquer acontecimento ou fato marcante em sua vida, o Charme está presente como uma espécie de apoio para as suas lembranças. Assim, ele recorda que o seu gosto e a sua identificação com a *Black Music* vêm desde os tempos de criança, quando era comum estar em companhia de sua mãe, auxiliando-a nos fazeres domésticos. Ao mesmo tempo em que ouviam música, o trabalho era feito com trilha sonora ao fundo. Isso recupera, em certo sentido, a histórica relação entre o trabalho e as canções, como no caso das *Holly Fields* entoadas pelos trabalhadores negros das lavouras norte americanas, canções essas que servem de marcos constitutivos do *Jazz*, bem como de todos os outros ritmos dele derivados. No Brasil, o mesmo costume pode ser observado nas lavouras de café e de cana de açúcar, nas quais os escravos entoavam os pontos de jongo. Estes serviam não só como canto de lamento ou de trabalho, mas, principalmente, como elemento de comunicação entre esses mesmos escravos e não eram compreendidos pelos senhores e capatazes, pois a maioria de suas letras era cifrada e rica em metáforas.

Esse costume apontado por vários jovens entrevistados influenciou a educação de seus gostos e sentidos, o que, para Julio, simboliza uma importante herança que sua mãe deixa. Desse modo, o espaço da casa apresenta-se como lugar privilegiado de educação e de relações intergeracionais pautadas na aprendizagem de valores contidos na divisão e na participação nas tarefas domésticas, assim como no contato com a história de uma geração que contribuiu para a construção do movimento cultural do Charme. Julio lembra que o seu gosto pela *Black Music*

Foi influência da minha mãe que, desde pequeno, ela colocava pra mim música de Charme. Enquanto estava arrumando a casa e tal, ajudava a ela, e ela colocava essas músicas. E foi o que me levou a gostar de Charme. Também o fato dela me levar nos bailes pra ver como era, e acabei gostando de baile de Charme.

A sua mãe é produtora e promotora de bailes de Charme, além de frequentadora desde a sua juventude. Ele recorda que o seu contato com o movimento aconteceu desde cedo, por conta de ela ter o hábito, assim como a maioria dos charmeiros que foram entrevistados, de arrumar a casa ao som de *Flash Back*. Isso foi importante para que Julio fosse, aos poucos, conhecendo as variações da música negra, assim como um pouco de sua história. Esta, em certa medida, mistura-se às estórias contadas por sua mãe e referiam-se aos seus tempos de juventude e dos bailes que frequentava. Cada música simbolizava uma viagem no tempo, uma volta ao passado e que Julio compartilhava mesmo sem ter vivenciado, mas que lhe permitia construir imagens particulares. Além da proximidade com a memória, as músicas permitiam o contato e o conhecimento necessários para formar a sua base cultural que, posteriormente, veio a influenciar na sua caminhada como um jovem *DJ*.

A sua trajetória no universo do Charme está relacionada aos gostos familiares, cujos fatos marcantes são lembrados para ajudá-lo a entender de onde vem a sua relação, a sua ligação e a definição pelo gostar de *Black Music*. São os seus tios, sua mãe e o padrasto os responsáveis por esse interesse.

Eu acho que está no sangue, porque praticamente quase a minha família inteira está no Charme. Os tios, meus avôs, eles frequentavam muito baile Charme na época deles. Até hoje frequentam também e eu acho que isso acarretou também para eu estar aí nesse mundo do Charme.

A sua memória está tecida de lembranças de infância e que remetem, na maioria das vezes, às narrativas construídas por seus parentes mais próximos. Ainda que não tenha vivenciado um período importante da musicalidade negra, é através dos relatos dos adultos que ele pôde construir os quadros de memória emprestada em um processo de memória da memória dos outros, ou seja, metamemória. Ao falar, por exemplo, que “eu acho também a própria questão, das roupas, da vestimenta, existem muitos desses antigos que prezam mais o linho [...]”, ele lembra a importância que o traje possui para os adultos na elevação de sua auto-estima através do estar alinhado e essa é uma questão muito cara aos circuitos do Charme.

A memória juvenil pode ser construída por lembranças emprestadas. Pode ser apoiada nas relações vivenciadas coletivamente, mas são lembranças ressignificadas de forma particular. Estas são o resultado de imagens formadas a partir das narrativas dos adultos participantes de sua comunidade afetiva. Seres sociais, os jovens nos apontam que as suas experiências e vivências no interior do grupo são importantes para a elaboração de suas identidades, a partir das lembranças manifestadas no universo da memória coletiva.

Juliana não tem lembranças do seu pai, uma vez que ele separou-se de sua mãe quando ela ainda tinha dois anos de idade. Apesar de o seu padrasto ter vivido com a sua mãe durante um longo período – ela lembra que ele foi embora quando ela estava com dezoito anos –, não há muitas recordações que o relacionem ao Charme. Foram poucos os relatos e estes estavam mais restritos aos cantores e momentos de lazer quando ficavam em casa durante os finais de semana ouvindo músicas, cantando e dançando e conversando. Ainda que se recorde de momentos nos quais ele estivesse presente e de como estes influenciaram em seus gostos musicais, é a presença constante de sua mãe que atravessa e povoa a sua memória e marca diversos acontecimentos que estão relacionados a vários episódios, não só aqueles voltados ou ligados ao Charme. Entretanto, na maior parte dos seus relatos, o Charme aparece como música de fundo, como trilha sonora de sua trajetória, e nos permite observar que passado e presente se fundem através da música

Eu tenho muita lembrança de ficar escutando Charme em casa. E quando você escuta Charme você fica muito pensando na vida, sua mãe conversa com você. Sempre tem essa coisa de ficar conversando, ouvindo música. Aí, vai contando um pouco da vida dela, do meu pai, ai, tipo “quando eu era pequena passei aquela dificuldade”. Então, essas coisas, essas conversas te dão uma força, uma consciência.

Observa-se que, praticamente, todos os fatos e acontecimentos lembrados por Juliana estão intimamente ligados ao Charme. Considera que a sua história de vida começou aos sete anos, quando ficava em casa em companhia de sua mãe e lembra que

[...] eu acho que eu tinha uns sete, oito anos. Eu lembro dos *Flash Back* lá em casa. Da furacão 2000. Naquela época a furacão 2000 era *Funk Melody*.

Na época não chamava de Charme. E eu lembro do *CD...CD* não, disco! Lá em casa não tinha *CD* era disco, vitrola. *Whitney Houston*, que eu tenho o disco até hoje, lembro da *Dianna Ross*, lembro do... até hoje a gente escuta e fica dançando dentro de casa. Eu nunca esqueci isso! [...]. A gente ficava dançando na sala. Ela colocava o disco e a gente ficava dançando [...]. Eu não me lembro de, ah, se a minha mãe fazia passinho. Eu lembro que a gente ficava dançando. E ela botava disco, cantava pra mim. E botava o *CD* do *George Benson*. *CD* não, disco. Eu confundo. Era o disco. Eu me lembro até hoje que esse disco era o que “meu pai” mais gostava. Era um verde. E ele era bigodudo, eu não me esqueço dele. Era negro com o cabelo batidinho, bigodudozinho aqui e que minha mãe colocava esse disco. Até ele dançava o *George Benson*. A gente ficava ali dançando, dançando. E era aquela farra, né! Mamãe dançando, meu padrasto, aí, eles dois dançavam juntos e eu ficava olhando, eu também dançava. E foi assim que começou.

A casa constitui-se no espaço privilegiado para a convivência familiar. É transformada em um agradável ambiente de lazer onde música e dança, socialização e aprendizagem marcaram esses momentos registrados na memória de Juliana. Sem fazer muita distinção entre os vários estilos musicais que compõem o movimento cultural, ela constantemente se refere a eles chamando-os de Charme, assim como faz a maioria dos frequentadores dos bailes. Assim sendo, ouvir Charme significa dizer que está ouvindo diversos gêneros musicais que compõem o conjunto de músicas que fazem parte do universo da *Black Music*. As exceções parecem estar por conta do *Funk Melody* e do *Hip Hop*. Nesse caso, quando se refere, por exemplo, à Furacão 2000 – uma importante equipe de som que, nos anos de 1980, tinha como repertório musical o *Funk Melody* e que, aos poucos, foi se encaminhando para sequenciais desdobramentos que resultaram naquilo que, atualmente, ficou conhecido como *Funk Favela* ou *Funk Carioca* –, Juliana quer fazer referência a um estilo musical mais cadenciado e romântico que surgiu no interior do Charme ou foi incorporado por ele naquele mesmo período inicial. Do mesmo modo, isso ocorre atualmente com o *Hip Hop* sob aspectos que se assemelham ou se aproximam do Charme. É comum à maioria de seus adeptos e frequentadores jovens não fazer distinção em relação aos elementos do *Hip Hop* como movimento cultural juvenil mais amplo e que é composto por quatro vertentes ligadas à música, dança, arte e poesia, de tal modo que as músicas, assim como os bailes, ficam conhecidas apenas como *Hip Hop*. Por outro lado, também é comum ouvirmos dizer que, quando alguém vai a um baile de Charme, não significa que neste baile não serão apresentadas músicas de *Hip Hop*, o que reafirma o Charme como movimento que engloba vários gêneros musicais.

Se o *Funk Melody* não está tão em evidência¹⁰⁴, para Juliana, o hábito de ouvir música e conversar permanece até hoje. Apesar da mudança de trilha sonora, isso ainda ocorre na companhia diversos cantores não tão jovens, como é o caso daqueles citados por ela anteriormente.

[...] Eu posso te dizer que o Charme hoje, na minha vida, representa muito...eu sinto falta de ir a um baile. Parece que é uma parte de mim! É uma coisa que me faz ficar tranquila. É uma coisa que me faz sentir bem. [...] quando eu tô em casa, aí eu coloco Charme e, aí, vou conversar com a mãe, com meu namorado, ficar brincando com a minha filha, dançando, todo mundo dançando Charme. O Charme é a minha vida! É uma maravilha, é um pedaço de mim. Se eu não tiver, se eu não for a um baile de Charme, se eu ficar muito tempo sem ir a um baile de Charme eu vou me tornando uma pessoa estranha.

Embora seja apaixonada por músicas mais antigas e que eram sucessos no período da juventude de sua mãe – período esse que coincide com o auge do Charme como movimento cultural que movimentava milhares de jovens pelos bailes da cidade –, Juliana faz questão de frisar que não está desconectada de seu tempo. Além dos cantores citados, há outros que são representantes do *New Jack*, por exemplo, que são bastante interessantes e dispõem de repertório que agrada a todos.

Eu também gosto de *New Jack*, tá? Mas não sou oh! Tocou uma música de *New Jack* no baile e eu, oh! O que me faz vibrar é um *Donell Jones* da vida, é um *Cris Davis*, que são músicas, são Charmes, é uma coisa totalmente diferente.

Apesar de marcar que é jovem no seu tempo, ela gosta de brincar com a expressão “eu sou velha mesmo”, pois, com isso, deixa clara a distinção que faz entre dois estilos ou temporalidades musicais e a intensidade com que cada um deles aciona as suas lembranças e, particularmente, os seus sentidos, sua emoção. Se ela vibra com esses e outros jovens cantores, ao mesmo tempo, reforça que isso não se compara aos clássicos ao dizer que

¹⁰⁴ Entretanto, no mês de dezembro de 2009, *Steve B* e *Trinére*, cantores importantes e tidos como referências deste gênero musical *Black*, fizeram uma turnê pelo Rio de Janeiro em que reuniram milhares de pessoas em diversos clubes espalhados pela região metropolitana da cidade.

Eu sei que eu cresci ouvindo isso. Às vezes, eu estou no baile, aí tá tocando uma música que eu escutava lá com não sei quantos anos atrás, que eu me lembro que eu escutava com a minha mãe. Isso é maravilhoso pra mim! E eu acho que foi isso, foi o hábito de crescer escutando e que eu me identifiquei, é lógico. Eu penso que a pessoa tem que se identificar e eu me identifiquei com aquilo. Ficou dentro de mim e eu vim mantendo o hábito. Foi mais isso.

São as lembranças de sua infância, dos momentos de lazer e tempo livre nos quais a família estava reunida para períodos de socialização ao som da música negra, além de sua infância e juventude, cujos hábitos e encontros permanecem, que habitam a memória de Juliana e quase sempre são vivenciados em companhia de sua mãe. Fazer parte de ou cultivar uma tradição estabelece fortes laços entre o eu e o grupo. Ameaçar “a integridade das tradições é colocar em risco a própria integridade do eu e, por conseguinte as identidades coletivas e individuais conectadas pelas tradições” (GIDDENS, 2001, pág. 56). As sociedades modernas, embora destradicionalizadas, não perderam vínculos com a tradição. Mesmo que esta não possua mais um papel preponderante na modernidade, muitos de seus elementos estão preservados, ainda que transformados, o que parece conferir importância à memória como possibilidade de presentificar o passado. É através dela que a tradição pode ser trazida e reinterpretada constantemente como construção coletiva que organiza e dá significado ao presente e essa complexa tarefa é desempenhada, principalmente, pelos jovens. O culto ao passado produzido por lembranças ritualizadas pode aprisionar o sujeito em uma história que não permite a transformação do presente devido à impossibilidade de criação de novos sujeitos e novos significados para esse mesmo presente. Tal aprisionamento, certamente, não contribui para iluminar e orientar as trajetórias juvenis, senão para uma espécie de culto à memória desprovida de sentidos e que não contribui para as transformações simbólicas necessárias às identidades forjadas no presente. O sentido da memória está na sua capacidade motora de recriação e reinvenção do passado como orientadora do futuro e da própria identidade. Portanto, vale reiterar a pertinência de desvelar o papel da juventude na preservação do Charme como expressão de uma moderna tradição cultural que constitui a identidade coletiva de um segmento social do qual ela é parte importante. Afinal, como já foi dito, se não houver juventude em diálogo com a tradição, esta tende ao desaparecimento.

Embora modernizadas, as tradições mantêm algumas de suas matrizes constitutivas: meio de identidade individual e coletiva e relacionada ao ritual. Há rituais reinventados por grupos juvenis e que podem significar a presença de modernas tradições, uma vez que “o

advento da modernidade certamente não significa o desaparecimento do ritual coletivo” (idem, pág. 89). Podem estar presentes em diversas manifestações da vida cotidiana, mas, principalmente, nas manifestações culturais marcadamente juvenis. Estas se constituem em espaços de re-invenção de linguagens próprias e através das quais é possível informar-se e formar-se culturalmente. Os estereótipos que marcam simbolicamente a juventude – para o bem ou para o mal – vão desde a idealização de liberdade até a violência como característica específica desse segmento social. Entretanto, para além da mercantilização e da globalização das culturas juvenis, é preciso pensar a juventude e suas formas desiguais e diversas de estar presente nos diferentes contextos sociais. Nesses contextos, poderemos encontrar grupos juvenis como geradores de cultura e organizados em redes culturais que passam por sociabilidades no interior de universos simbólicos específicos. São parte de uma mesma geração que parece organizar uma “sociedade relativamente independente da influência dos maiores”, sociedade essa que comporta a diversidade expressa nos próprios grupos de identidade e, principalmente, nas relações de classe que estão estampadas no acesso desigual aos recursos materiais e simbólicos disponíveis (FEIXA, 1998, pág. 50). Entretanto, não estão descolados da realidade e do contexto cultural em que estão inseridos. Pelo contrário, é através da produção cultural que muitos reivindicam pautas específicas para o segmento juvenil e pressionam os vários setores para a construção e ocupação de espaços de inserção política e social. Questões como essas podem nos ajudar a compreender a multiplicidade de expressões culturais marcadas pelas distintas experiências, muitas delas resultado de estar no mundo em condições sociais adversas.

A experiência está relacionada ao grupo, às relações sociais e familiares, assim como aos espaços culturais e midiáticos. Pode ser compreendida, também, dentro das lógicas de ação, de caráter intrinsecamente subjetivo. Ambas as possibilidades são importantes para a diversidade de tipos juvenis presentes nos espaços de Charme e que contribuem para a análise da multiplicidade de relações entre as gerações que constituem a cultura charmeira e que podem indicar similaridades com o encontro intergeracional na própria sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude é um importante período no curso da vida, pois é nesse tempo em que são construídas as identidades e vivenciadas diferentes experiências cujas lembranças irão povoar as memórias dos adultos e dos idosos. É uma experiência geracional vivenciada por estes e que se realiza em diferentes contextos sociais, culturais e históricos e vão marcar diversas maneiras de ser jovem, assim como distintas juventudes no tempo sócio-histórico. Analisá-la no seu recorte geracional é importante para as gerações que a antecedem, cujos sujeitos habitam os mesmos lugares e o mesmo tempo cotidiano, elaborem formas de participação para o desenvolvimento da autonomia juvenil. Esta, por sua vez, é parte do processo de individuação que se efetiva mediante a superação de provas e constrangimentos que ocorrem em distintos campos de possibilidades. Nestes, as suas trajetórias de vida são orientadas e reconstruídas por valores que nem sempre serão os mesmos, mas outros, próprios de uma nova temporalidade, de outra contemporaneidade marcada pela pluralidade de ser jovem ou adulto e pela juventude como bem de consumo, o que pode embaçar as fronteiras geracionais e tornar os limites ainda mais difusos pela juvenilização da sociedade.

Se os circuitos urbanos podem ser diferenciados pelo recorte geracional, alguns “pedaços” transformam-se em ponto de encontro, em espaços de trocas de experiências marcados pelo respeito às diferenças. Os sujeitos jovens que frequentam os bailes e eventos de Charme compartilham da mesma geração e encontram-se em posições sociais similares. Eles não explicam a juventude em sua totalidade, mas nos ajudam a compreender que ela é uma diversidade constituída pelas distintas formas de inserção social e de apropriação da cultura, de construções identitárias e de elaboração de suas trajetórias marcadas por desiguais acessos aos capitais simbólicos à sua disposição. Embora o Charme não seja caracterizado como expressão de uma cultura exclusivamente juvenil, o estudo da presença dos jovens em seu interior é importante para a problematização dos diferentes modos de ser jovem pelo viés da cultura não juvenil. Do mesmo modo, esses modos de ser e estar no mundo expressam as suas condições e possibilidades de inclusão em uma sociedade como a nossa, em que encontram dificuldades para a conquista da mobilidade social. Os jovens charmeiros com os quais conversamos, mesmo atribuindo diferentes graus de importância, indicaram que a escola e o trabalho apresentam-se como importantes referências para a conquista dos seus espaços. Nesse sentido, os processos de escolarização e do acesso ao mercado de trabalho são apontados pelos jovens charmeiros como marcos importantes das suas trajetórias pessoais e

serviram para dar densidade a esses indivíduos. Por outro lado, indicam que é no campo da cultura que elaboram e expressam suas identidades e reafirmam suas subjetividades em ambientes cujas relações intergeracionais contribuem para ampliar e fortalecer sua capacidade de ação e de participação em diversos segmentos da vida social.

Observamos que, no interior das relações de parentesco, da socialização primária experimentada pelos jovens charmeiros, existe a memória coletiva ressignificada constantemente, dentre outros marcadores identitários, pela forte presença da *Black Music* nos espaços da casa, das festas e dos bailes. Em diversos aspectos de sua formação e de suas marcas identitárias, alguns jovens poderiam ser caracterizados em uma tipologia de enquadramento cujas ações estão organizadas em contextos de continuidade das relações intergeracionais. São jovens que assimilam, com certa tranquilidade, os valores e normas decorrentes dessa relação. Entretanto, no que diz respeito à cultura musical, por conta do acesso às novas tecnologias disponíveis e das trocas intergeracionais que produzem experiências próprias de sua geração, são jovens híbridos. Sempre abertos à negociação, usam esses e outros referentes simbólicos de maneira bastante particular.

Permeado por traços e elementos da tradição moderna, o Charme não se caracteriza por um legado de experiências acabadas, mas por um movimento cultural em constante transformação. Ainda que haja elementos constitutivos que permaneçam, há outros que são transformados pela presença de jovens que incorporam, de forma distinta, novos elementos culturais presentes e marcadores da geração juvenil. Há vários jovens com forte adesão à cultura charmeira como resultado da apropriação de traços marcantes dos seus contextos familiares. Entretanto, apresentam características e interesses distintos de seus pais e parentes e que sinalizam não só algumas das marcas de suas identidades, bem como a possibilidade de transformação dessa mesma cultura. As distintas experiências trazidas para o campo da cultura podem contribuir para a continuidade dessa mesma cultura como processo em constante transformação, como construção dialógica – e lugar de encontro – entre distintas gerações e marcada pelo respeito à diferença de contextos espaciais-temporais.

A questão das relações intergeracionais passa, também, pelo desafio, pela negociação/tensão e pela legitimidade dos legados transmitidos pela geração anterior e recebidos, de maneira distinta, pela mais jovem. Essa transmissão busca responder a processos sociais que não só incorporam novas práticas, como também renovam aquelas já existentes. A análise da construção dessas relações contribui para compreendermos como as

distintas gerações se relacionam em um contexto que pode ser marcado pela aproximação – ainda que esta se dê em contextos conflituos – resultante do diálogo. As formas de renovação e atualização dessas práticas sociais, marcadamente transformadas e ressignificadas pela presença dos jovens, apontam diferentes diálogos e negociações entre gerações presentes em uma mesma temporalidade, com diferentes atuações nos espaços sociais compartilhados, bem como com diversas formas de interiorização dos esquemas culturais vigentes. Para o adulto, é um passado de aprendizagem e um presente de memória. Para o jovem, é um presente de aprendizagem e um futuro de expectativas que logo se transformará em um presente de suas memórias. Nesse tempo/espaço presente, os pares relacionais memória e experiência, experiência e expectativa comportam aprendizagens, aproximações e interações de gerações que buscam traços de identificação que podem aproximá-las, permitindo, assim, trocas intersubjetivas que fortalecem os laços de pertencimento e identidade. Experiência e expectativa se encontram.

As diferentes posições das gerações no mesmo espaço e tempo apontam para espaços e tempos com distintas orientações. Os jovens necessitam de marcos referenciais específicos e que os identifique com as gerações antecedentes. O horizonte de experiência juvenil estabelece referência com a geração anterior através da existência de símbolos em que se vincula a continuidade de memória. O desafio está em encontrar possibilidades de espaços/tempos interacionais nos quais as relações se efetivem. A cultura, em suas dimensões educacionais, coletivas e subjetivas, ainda que em constante transformação, torna-se um importante campo de interações no qual as relações entre as gerações se consolidam, mesmo que em diferentes tempos, mas que têm no presente um encontro marcado. Para os jovens charmeiros, as relações estabelecidas no contexto da família nuclear estabelecem afinidades intergeracionais, principalmente no campo da cultura. As suas memórias estão plenas de situações e acontecimentos que foram, e são, importantes para as suas escolhas, no que diz respeito às expressões culturais – uma vez que a *Black Music* parece ser um dos fios condutores e que tecem as redes de socialização intermnemônicas e geracionais.

No campo das experiências pessoais voltadas para a escolarização e para o trabalho, é no convívio com os adultos que os jovens podem perceber novas possibilidades de organizar o futuro. As escolhas se dão pela experimentação e pelo contato com os adultos, mas não apenas pela memória coletiva socializada no contexto familiar. Sendo assim, a questão que está posta refere-se à efetividade da memória como definidora das alternativas escolares e

profissionais juvenis ou às experiências que orientarão essas mesmas escolhas. Ou, ainda, em que medida essa relação entre experiência e memória constitui-se em um fator importante para a construção desses percursos. Observamos que, de um modo geral, é a combinação desses dois fatores em distintos graus que influenciam a tomada de decisão. Do mesmo modo que há jovens para os quais as suas experiências fora do contexto familiar – ainda que na convivência com os adultos nos diversos ambientes pelos quais eles circulam – influenciaram de forma marcante algumas de suas escolhas decisivas, há jovens que encontram no ambiente familiar os capitais necessários às suas escolhas. Estas se relacionam à ampliação do campo de possibilidades, de experiências pessoais e diferentes modos de elaborar as relações intergeracionais. No que diz respeito às escolhas profissionais, observaram-se divergências entre gerações, que reproduzem a discussão da relação entre estabilidade e segurança – cuja preocupação é própria da maioria dos adultos, ao pensarem o futuro para os jovens sem a devida negociação e diálogo – e o risco como potencialidade latente e constitutiva da escolha, do futuro que não está dado e que se constitui em um presente de poucas escolhas e garantias para os jovens.

A juventude é uma experiência de geração vivenciada de diversas maneiras por indivíduos pertencentes a um mesmo período etário com fronteiras instáveis. Caracteriza-se pela heterogeneidade marcada por formas desiguais de apropriação da cultura em distintos contextos sócio-históricos, assim como pelos modos particulares de viver essa experiência, processo esse que, na maioria das vezes, se completa em diferentes tempos e espaços, o que rompe com os marcadores geracionais que, supostamente, a separa da idade adulta. É, também, caracterizada pelos processos de construção das identidades e de suas relações intergeracionais, na medida em que os indivíduos buscam marcar posição no seu grupo e na distinção com a geração anterior. A análise da juventude no seu recorte geracional ajuda a compreender, também, a sociedade em mudança, uma vez que essa é uma categoria sócio-cultural em constante recomposição, que produz e reproduz material e simbolicamente a cultura em todas as suas dimensões e, principalmente, o meio social em que se insere no seu tempo histórico. Assim como são os jovens que dão seguimento à sociedade, são elas, as dimensões da cultura, que anunciam a sua mudança ou até mesmo revelam a face daquilo que se irá conservar.

As relações intergeracionais produzem um exercício de aprendizagem que, se, para os adultos, significa, ao mesmo tempo, memória e lembrança, para os jovens pode representar

aprendizagem dialógica que se encontra no ato de recordar: para aqueles, recordar de si; para estes, recordar para si, aprender com eles. Nesse sentido, os jovens são a garantia de vida e futuro para a sociedade, para o grupo – ainda que estes, transformadores e, aqueles, transformados – e essa continuidade tem a sua força, seu núcleo gerador, na memória coletiva. A memória tem maior capacidade de influenciar as relações de socialização, a elaboração de identidades, bem como é capaz de fortalecer ou mesmo romper importantes laços intergeracionais. Essas possibilidades vão contribuir para a continuidade ou para a transformação da cultura e da vida social, uma vez que experiências particulares vivenciadas fora de contextos familiares, em distintas interações sociais, podem ressignificar esses mesmos contextos através de outros valores, normas e elementos apreendidos dessas vivências neles introduzidos através da presença juvenil.

A memória coletiva é apropriada de forma particular pelos indivíduos de acordo com diversos fatores, dentre os quais se destacam as diferentes experiências vivenciadas em outros espaços e relações, assim como os distintos capitais culturais e simbólicos. Para além dos laços afetivos decorrentes do processo de socialização primária, são os espaços relacionados à cultura charmeira, dentre outros, que possibilitam aos jovens participantes da pesquisa vivenciar experiências compartilhadas com outros jovens, mas, principalmente, com outros adultos. Apesar da recorrente afirmação sobre a relação que aproxima os jovens dos espaços performáticos, bem como do imediatismo que lhes é imputado como característica geracional, observa-se que há vários que estão direcionados para outras propostas que não os desqualificam como jovens no seu tempo. Apenas rompem com algumas adjetivações homogeneizadoras da juventude. No contexto de sua espetacularização e transformação em produto de consumo, a juventude produzida pelos meios midiáticos e pela indústria cultural não comporta uma totalidade geracional, uma unidade de geração, ao contrário do que esses meios nos fazem crer. Há jovens que, apesar das incertezas frente ao futuro, continuam cotidianamente (re)construindo suas identidades e trajetórias, ainda que esse processo ocorra em contextos marcados pela insegurança, pela incerteza, pela solidão e pelo risco iminente do fracasso. Há um futuro que está sendo construído no presente, orientado pelas relações intergeracionais e constantemente reorientado não só por essas mesmas relações, como também, e principalmente, pelas distintas experiências vivenciadas em sua trajetória. Viver novas experiências é transformar o presente e torná-lo pleno de possibilidades. É transformar o passado a cada vez que ele é visitado pela memória de experiências feitas. É, por fim,

produzir novos sentidos e significados que reconfiguram a dinamicidade e a continuidade da vida repleta de riscos e incertezas.

Os distintos processos de construção da memória juvenil em espaços de práticas culturais tendo o cenário da *Black Music*, mais precisamente do movimento cultural do Charme, foram algumas das inquietações que nos mobilizaram para a elaboração desta tese. Dentre outros aspectos, observamos a aproximação do papel da memória de experiências feita na construção de suas identidades e trajetórias. Para além da provável linearidade que o conceito de juventude possa expressar, é exatamente a memória como construção e reconstrução do passado, que é trazido ao presente de forma particular e não unidimensional, que nos permite apontar a diversidade. Através dela, pudemos observar os elementos importantes que compõem e assinalam as vidas desses jovens entrevistados, tais como a escolaridade, o trabalho e a família. Juntamente com a geração, são dimensões da vida social que marcam esses sujeitos e que organizam suas biografias. Suas lembranças nos foram apresentadas em uma dinâmica particular que mais se aproximaram de mosaicos pessoais desenhados pelas idas e vindas do passado e que contribuíram para que esses jovens percebam a importância e a densidade que cada uma delas possui no processo de elaboração de suas identidades e, primordialmente, de suas subjetividades. O que nos cabe é, através de suas falas, reafirmar o significado da memória na vida e na trajetória de cada um deles, procurando, com isso, estabelecer um jogo de aproximações e afastamentos que contribua para compreender a juventude e sua diversidade composta de indivíduos agentes de memória.

As relações intergeracionais estão constantemente assinaladas pelo par conflito/conciliação, utilizados como extremos para marcar a complexidade da disputa por territórios de autonomia que orienta o encontro de indivíduos em um mesmo tempo e espaço. Esses indivíduos pertencentes a distintas gerações são conformados em processos culturais que, muitas vezes, restringem a capacidade de negociação e a tolerância. Especialmente para as gerações mais jovens, a luta pela conquista de seus espaços de autonomia e independência é marcada pela possibilidade de colocar em xeque certos valores e normas que orientam a vida social, na medida em que não os reconhece com sendo seus ou se apresentam como barreiras que impedem ou dificultam a sua circulação por esses mesmos espaços. São tensões marcadas por relações de poder estabelecidas de forma desigual e que tendem a ser amenizadas, ou mesmo extintas, quando a capacidade de argumentação e de negociação torna-se importante ferramenta para o diálogo entre as distintas gerações que se encontram. A

presença dos jovens nos ambientes dos bailes de Charme indica a continuidade desse movimento cultural em processo de permanente transformação, mesmo que esta ocorra em um ritmo mais lento. Aponta, também, o intercâmbio de experiências e a transformação destes em espaços de trocas e de aprendizagem marcados pela tolerância e pelo respeito à diferença. Há jovens que são oriundos de famílias cujos indivíduos convivem na cultura charmeira desde os seus tempos de juventude e isso contribui para que os códigos de conduta que orientam os bailes sejam muito próximos daqueles que estão presentes nas relações familiares. Ambos são espaços educativos. Há jovens que não tiveram o contato original com o movimento cultural do Charme no ambiente familiar, mas que, apesar de certo estranhamento decorrente do encontro com outra geração nos eventos, assimilaram, sem dificuldades, essas mesmas normas e procedimentos ocultos que norteiam as condutas nesses recintos. Em ambos os grupos, observamos que a questão do conflito está presente, porém é limitada pela diferença de opiniões em determinados assuntos que envolvem a elaboração de suas identidades e a construção de suas trajetórias. Mais do que um conflito, houve divergências de sonhos e de ideais por conta de distintas escolhas profissionais. Foram apontadas, ainda, as tensões cotidianas resultantes da preocupação dos pais em limitar a movimentação dos filhos pela cidade, por conta, principalmente, da falta de segurança e da pressão dos filhos, tensionando os limites a eles impostos. Para os pais, a rua pode representar o perigo. Para os jovens, a necessidade de circular para além dos limites do bairro demonstra a disposição e a capacidade que estes possuem em enfrentar os perigos. Entretanto, observou-se que isso foi minimizado através do diálogo e da negociação ou, no caso de algumas jovens, em estratégias particulares, como mudar de roupa na casa das amigas e sair às escondidas.

São distintas gerações, com diferentes concepções de mundo, que se encontram nos espaços da casa e do baile e estes são territórios importantes para o compartilhamento de experiências, para o acionamento das lembranças que marcam suas memórias. Tal ativação, por vezes, ocorre em momentos preenchidos pela música, que é capaz de mobilizar a lembrança que apresenta constantemente o passado ao presente. Afinal, como foi dito, música é memória. Nessa esfera musical, observam-se extremos que identificam as gerações. Há forte ligação dos adultos com os *Flash Back* e dos jovens com o *Hip Hop*. Entretanto, observar a diversidade de sujeitos presentes nos espaços e eventos de Charme permitiu romper com a lógica de que, supostamente, não haveria uma juventude charmeira e que ela estaria relacionada ao *Hip Hop* como síntese que expressa a adesão preferencial dos jovens negros a uma cultura juvenil hegemônica nas periferias da cidade. Há uma parcela significativa da

juventude que, mesmo não tendo vivenciado o período da *Black Music* dos anos de 1980, estabelece laços importantes com essa fase musical. São jovens que, certamente, acompanham as transformações por que passa o movimento cultural do Charme, mas que construíram as suas memórias em um tempo cotidiano e com referências emprestadas das lembranças que preenchem a casa, o baile, a festa.

As coreografias mudaram em decorrência de novas relações dos indivíduos com a corporeidade e com a introdução de novos elementos corporais. As músicas se transformam pelo processo de hibridização de sons e ritmos, pela fusão de estilos ou gêneros que ampliam as possibilidades de criação de novas versões ou composições através do advento de novas tecnologias. Entretanto, muitos jovens mantêm relação com o passado, com as músicas antigas, sem que isso represente desconexão com a musicalidade atual, ainda que façam restrições a algumas delas. Observam que as transformações são inerentes aos processos culturais em movimento, mas sustentam suas referências memorialísticas orientadas pelo compartilhamento de experiências que marcam as suas relações intergeracionais. Essas trocas são realizadas sem que haja perda de continuidade da vida social, tal qual a mixagem, na qual a substituição da música ocorre sem que o volume e a melodia sejam alterados.

Em uma ação retrospectiva, a memória do jovem é acionada todas as vezes que ele volta ao passado para buscar os referenciais que possam reorientar ou reafirmar a sua trajetória. Há uma memória juvenil construída, principalmente, no campo da cultura que está demarcado pelas trocas entre as gerações. É nesse campo que, por intermédio da memória, o jovem encontra os elementos importantes para se constituir como indivíduo dotado não só de memória, como também de uma identidade que o constitui enquanto sujeito de suas ações. A memória juvenil constitui-se na referência necessária para que ele se reconheça na sua individualidade – que não pode ser confundida com individualismo – e assuma sua auto identidade. É síntese de uma temporalidade não linear marcada por lembranças desordenadas que recuperam a biografia e a subjetividade encarnada na própria identidade. Memória é identidade. Um indivíduo sem memória é um indivíduo sem identidade, sem a possibilidade de organizar o futuro na sua aproximação com o passado. A identidade está relacionada ao outro, assim como a memória coletiva. Entretanto, do mesmo modo que a memória individual, a auto identidade é de caráter intersubjetivo. Ambas precisam do apoio do grupo, mas são constituídas na singularidade do sujeito em interação com o próprio grupo.

As experiências vividas nos diversos espaços sociais ajudam aos jovens a reafirmar suas identidades, assim como reelaborarem as suas estratégias de construção de trajetórias. Algumas lembranças de situações desagradáveis vividas no espaço escolar e no ambiente de trabalho, por exemplo, foram importantes para a afirmação da identidade desses jovens e potencializaram-nos a assumir uma identidade negra, que é um importante marcador da juventude charmeira. Esta é composta, em sua maioria, de jovens negros que, na relação com os adultos e com outros jovens, estão presentes nos diversos ambientes e são responsáveis pela continuidade do movimento cultural do Charme. É importante o aprofundamento da discussão a respeito de cor e raça entre esses jovens, pois é através da cultura que podem assumir politicamente não só uma identidade negra, como também prosseguir na luta pela redução dos danos causados pelas desigualdades resultantes das diferenças como marcadores produzidos socialmente pela cor da pele e que resultaram em classificações que deram origem e suporte ao racismo. Para além do discurso da democracia racial, da mestiçagem como abrandamento e invisibilidade dessas desigualdades e diferenças, a cultura surge como potencialidade para a experiência de vivenciarmos relações multiculturais nas quais essas diferenças representem apenas algumas características inerentes a determinados segmentos juvenis. O Charme é, desse modo, uma expressão cultural de maiorias negras que aponta para a consolidação de espaços educativos nos quais a questão da raça possa ser debatida e não mais confundida apenas como uma questão de pigmentação. A grande concentração de jovens negros nos bailes, hoje, pode ser explicada a partir da identificação com esse movimento cultural, cujos referenciais simbólicos estão relacionados à estética, ao gosto musical, à dança, assim como às suas origens que estão marcadas por vários movimentos que lutaram pelos direitos dos negros, como, por exemplo, o *Black Soul Rio*. Desse modo, podemos dizer que o Charme constituiu-se em importante espaço de pesquisa sobre a memória das identidades negras, tendo o jovem como importante sujeito da ação de interlocução nesse processo através das trocas intergeracionais.

A presença dos jovens nos eventos ou o contato inicial com esse movimento cultural ocorre, em geral e na maioria das vezes, na companhia dos adultos ou parentes mais velhos através do intercâmbio musical e pela possibilidade de acesso aos bailes e festas nos quais esse movimento se apóia. Sendo assim, possui importante caráter educativo, na medida em que é por meio das relações sociais estabelecidas neste movimento cultural que os valores, as normas, regras de convivência que se fazem presentes na geração antecedente são transmitidos à geração juvenil, ainda que esta os assimile de formas particulares. Nesse

sentido, o processo de socialização que aí se estabelece pode ser compreendido pela construção de uma identidade social a partir e na interação e comunicação com os outros.

A afirmação de que há uma perda progressiva do papel da família como instituição de socialização primária vai de encontro às falas dos jovens entrevistados. Para estes, ela é preponderante não só naquele processo, como também no que diz respeito às relações intergeracionais estabelecidas em seus espaços familiares. Se as atribuições e funções outrora destinadas à família são, aos poucos, desempenhadas ou aprofundadas por outras instituições – dentre elas a escola –, é na centralidade dessas relações com perspectivas educativas e de aprendizagens de gostos, normas e valores, tais como os cognitivos, sociais, morais, éticos e afetivos, que a família perpetua a sua importância para esses jovens. Nesse sentido, propomos uma discussão sobre o papel da família no processo de individuação dos jovens, pois o grupo pesquisado está na contramão daquilo que, constantemente, vem sendo a eles imputado como desvinculados das relações familiares. Por sua vez, a família vem sendo apontada como ausente do processo educativo daqueles jovens, o que explicaria, em tese, a juventude como um problema de difícil solução. Na relação com os adultos, o jovem desenvolve suas capacidades produtivas e reprodutivas, além de elaborar formas independentes de agir que vão ao encontro de suas expectativas. No entanto, se essa relação se estabelece em regime de tutela, como foi o caso de um dos entrevistados, a ação é praticamente neutralizada. Por outro lado, se ela não se estabelece ou até mesmo ocorre de forma conflituosa, ele, provavelmente, buscará outros espaços para o desenvolvimento dessas mesmas capacidades.

Queremos reafirmar a importância que as relações intergeracionais alcançam no processo de uma dinâmica social marcada pela cultura e suas distintas expressões, cuja transmissão ocorre, principalmente, na interação entre jovens e adultos. Ainda que a transmissão represente perdas de bens culturais acumulados em decorrência das escolhas que se fazem necessárias, ela se mostra imprescindível para a mudança social marcada pela capacidade de permanente intercâmbio das gerações que se educam mutuamente. São as trocas realizadas entre os antigos e os novos portadores da memória que marcam a continuidade da cultura em ação, em permanente mudança. O movimento cultural do Charme se estrutura dentro de uma mesma dinâmica que aponta para a existência de uma coesão relativa que está sustentada pela comunidade de afeto ou no seio da família e seus distintos rearranjos. Não só a família, mas os grupos de adultos e de jovens presentes nos bailes constituem-se em importantes referenciais de socialização, o que nos permite afirmar a

existência de uma identidade juvenil charmeira¹⁰⁵ construída na relação inter e intrageracional proporcionada pela cultura do Charme. Por mais que possam existir diferenças entre as gerações, elas estabelecem importantes relações que se expressam nas aproximações observadas nos intercâmbios culturais. Há elementos de contato que podem ser evidenciados, por exemplo, nos gostos musicais, nos valores perpetuados de uma geração para a outra, tal qual a metáfora da mixagem, apontada nesta tese. Tais relações podem ser estabelecidas segundo valores não necessariamente antagônicos, mas na interação de visões de mundo particulares, assim como na maneira como jovens e adultos lidam com essa realidade, de acordo com recortes e interpretações pessoais. Ambos compõem um conjunto de relações sociais que vivencia experiências coletivas, produz uma memória coletiva, constrói tradição. Entretanto, a geração juvenil pode constituir-se como agente de mudanças, introduzindo nessas relações as suas questões subjetivas, demandas próprias e práticas específicas cujos sentidos estão relacionados ao seu tempo.

É o caso dos *Happy Hour* realizados nos botequins de rua que são reconfigurados como pedaços intergeracionais onde duas gerações, como expressão de experiências distintas, se encontram. Nestes eventos, são apresentados diversos estilos e gêneros musicais *Black*, que contribuem para essa interação. Entretanto, esse encontro pode estar marcado por diferentes territórios geracionais delimitados por fronteiras invisíveis. Estas, muitas vezes, são rompidas na pista onde as gerações se encontram para dançar. Para alguns adultos, a democratização da pista decorre do esforço pessoal e nem sempre bem sucedido em assimilar as complexas coreografias juvenis, ricas de elementos corporais próprios da cultura *Hip Hop*. Para os jovens, isso ocorre pela adaptação das marcações coreográficas mais tradicionais próprias dos adultos a um estilo juvenil de dançar, preenchendo e estilizando alguns passos com elementos coreográficos característicos do *Hip Hop*.

Há uma espetacularização estilística como forma de marcar uma identidade negra juvenil potencializada pelos referenciais simbólicos da moderna indústria cultural, que tem como importantes códigos aqueles pertencentes à cultura *Hip Hop*. Para além da rejeição e do conflito intergeracional, os bailes nos quais isso ocorre com mais evidência, como é o caso do Viaduto de Madureira, por exemplo, são locais públicos e de lazer nos quais a negritude torna-se mais espetacular e ganha visibilidade e prestígio. Torna-se referência para uma multiplicidade de identidades juvenis que, superando o estigma da cor, é também apropriada

¹⁰⁵ É importante ressaltar que a construção da identidade é um processo que se associa às condições individuais, familiares, sociais, culturais e históricas, geralmente relacionado ao período juvenil.

pelos não negros como suas marcas identitárias, ainda que expressas apenas naqueles espaços. Pode representar uma forma de participação social limitada ao circuito dos bailes, através da conquista de um capital simbólico específico de um segmento juvenil que não se reconhece como detentor desse mesmo capital em outros setores da sociedade. Conforme pudemos observar durante a pesquisa, do mesmo modo que muitos adultos reagem de maneira intolerante, há jovens charmeiros que não compartilham do espetáculo. Ainda que não deixem de frequentar esses eventos, fazem questão de recusar qualquer afinidade com esses grupos, marcando uma identidade própria que nega outras expressas pelos jovens saídos do *videoclipe*, expressão usada por eles para assinalar a exacerbação do estilo.

Recuperar a memória do Charme como movimento cultural hibridizado é preservar parte da cultura no seu contexto social. Dissemos que a memória é coletiva e contribui, também, para a disseminação da cultura. Por outro lado, argumentamos que a memória juvenil é responsável por essa continuação da sociedade através de um processo que envolve a seletividade necessária ao jogo do esquecimento e da irrupção do novo. Esse jogo é permanentemente reconstruído a partir da geração jovem que é composta pelos indivíduos responsáveis pela perpetuação ou transformação da cultura. Esse processo de transmissão envolve relações intergeracionais orientadas pelo encontro com a memória. Ela é coletiva quando diz respeito aos conteúdos, à preservação, aos usos coletivos dos bens culturais acumulados, às identidades coletivas. É juvenil quando há o processo de apropriação e interpretação da cultura de acordo com os anseios, necessidades e usos que a próxima geração faz dessa mesma cultura. Há uma forma peculiar de revisitar e reelaborar a memória e que é própria de determinados grupos juvenis.

O acúmulo cultural se constitui em um processo de produção e de reprodução de vivências e experiências passadas que somente possuem relevância na medida em que estejam disponíveis no momento presente. Desse modo, tão importante quanto o legado cultural deixado ou transmitido pela geração anterior, são as possibilidades de vivenciar o passado através das experiências que se reatualizam de formas particulares às novas gerações. É por meio da memória, presente nas lembranças trazidas ao presente, que essas experiências estão disponibilizadas aos usos e experimentação dos jovens no presente. No plano cultural, as experiências acumuladas simbolizam a história da vida social assim como os saberes estão fixados na memória em decorrência das situações reais vividas de forma individual. Nesse

sentido, ainda que se afirme que a memória é uma construção coletiva, as formas particulares de vivenciar as experiências é que proporcionarão a elaboração da memória individual.

A memória juvenil se constitui de lembranças e experiências ligadas à coexistência junto a seu grupo afetivo. Está relacionada à sua própria identidade, elaborada a partir da memória dos adultos trazida ao presente por intermédio das lembranças, na medida em que, ao lembrar-se da própria vida, fortalecem o sentimento de identidade e se apresentam como âncoras no processo de identificação. A lembrança nos credencia a ser testemunhas do passado. Entretanto, alguns depoimentos dos jovens envolvidos na pesquisa devem ser relativizados, pois tratam-se de visões particulares e de narrativas carregadas de subjetividades construídas em diferentes tempos e contextos sociais. Para os jovens, lembrar o passado não significa ter vivenciado esse mesmo passado. Pode ser resultado de construções discursivas elaboradas a partir de depoimentos dos outros, o que não invalida em absoluto as suas falas. Em alguns momentos, observou-se, entre os entrevistados, um entrelaçamento de histórias de vida que reconstrói uma memória que, necessariamente, não é deles, mas que ganha legitimidade através de suas falas que recuperaram a memória dos pais. Discorrer sobre o passado não é, obrigatoriamente, relatar o vivido, mas também a interpretação pessoal das experiências vivenciadas e contadas pelo outro, a memória “por tabela”. Para o sujeito jovem, o presente se constitui na possibilidade de compreender o que ele é hoje e que resulta na revisitação do passado autorizada pela sua memória e orienta aquilo que ele busca ser. Assim, o “ser no mundo” apresenta-se como um somatório de experiências que o tem constituído na sua trajetória e que, ao serem revisitadas pela memória, constituem-se em referencial que pode reorientar a continuação dessa mesma trajetória em direção ao futuro. Nesse sentido, dizemos que a memória é muito mais favorável ao futuro do que para o presente, pois ela nos informa o que fomos e tudo o que poderemos vir a ser.

A memória coletiva é composta de memórias individuais e estas servem de apoio para a continuidade daquelas. No sentido oposto, observamos que a memória individual é também construída nas relações sociais vividas nos grupos de afeto, na relação com a memória coletiva. Sendo assim, isso pode indicar que o jovem – dono de uma memória individual em constante reconstrução – necessita dos adultos que pertencem ao grupo – onde a memória coletiva se faz presente – para essa reconstrução. O caráter individual da memória é marcado pelas experiências singulares que são trazidas ao presente pelas lembranças particulares do passado revisitado. Entretanto, esse movimento apenas ganha sentido através da relação com

o grupo e os acontecimentos vivenciados nele. Com isso, podemos distinguir a importância das relações intergeracionais na permanente reelaboração da memória do jovem. Em uma sociedade que fragmenta as identidades, a cultura da memória surge como possibilidade de proporcionar maior visibilidade e importância à memória, cujo papel preponderante é reforçar o sentido de pertencimento ao grupo, assim como o de reatar ou reafirmar os laços identitários e a própria auto-estima juvenil. O que está em jogo, nesse caso, é a origem do indivíduo e que tem o grupo e a família como suas referências pessoais. Na relação com o grupo, são, principalmente, os afetos e sentimentos que permitem a ativação da experiência passada como fruto de memória plena de significados no presente. De outro modo, são eles que dão significado às narrativas – construídas no presente – de um passado de experiências feitas.

O fortalecimento do seu lugar na sociedade e a possibilidade de desempenhar os seus papéis sociais – e isso marca o processo de individuação –, daquilo que o constitui como sujeito e o vincula ao grupo, contribuem para a elaboração da identidade juvenil nesse mesmo grupo. A identidade é elaborada na relação com outras identidades, segundo outros pontos de vista. É, também, construída em um processo reflexivo, um olhar para dentro e que expressa a auto-identidade. Essa interação do eu e dos outros é que lhe confere validade e multiplicidade. É constituída por aspectos individuais, relacionais e sociais que orientam o processo de progressiva individuação que amplia a capacidade de interpretar e resolver autonomamente as necessidades colocadas pelo universo simbólico da cultura, que vai, aos poucos, sendo interiorizado.

Há uma relação importante entre reafirmação e construção identitárias cujas trocas são realizadas no grupo por intermédio da memória. A identidade e a continuidade do indivíduo no tempo são definidas pelas singularidades das lembranças, de suas formas e conteúdos particulares que fazem com que o passado seja trazido ao presente de maneira pessoal e intransferível. As identidades são elaboradas, dentre outros fatores, pela adesão a um modo de vida característico de determinado grupo ou mesmo pela visão de mundo que se aproxima daquilo que se constrói, principalmente, em decorrência do acesso a expressões de cultura. Os jovens charmeiros possuem sistemas de classificações e modos de interpretação de si por vezes pautados pela negação da identidade atribuída aos jovens presentes em outros movimentos culturais. De maneira geral, ao falarem de si, o fazem se comparando aos *funkeiros*, *pagodeiros* e *hiphopeiros*. São capazes de, na tentativa de autovalorização de seus atributos pessoais e de se distinguirem positivamente, apontar aspectos comportamentais e

marcadores identitários presentes nesses grupos como contraponto negativizado de outra juventude da qual julgam não fazer parte. Do mesmo modo, as trajetórias podem ser orientadas segundo os significados não só das experiências vivenciadas e daquilo que elas constituíram para a elaboração da identidade individual, assim como através da memória dessas experiências trazidas ao presente. A possibilidade de saber-se sujeito, indivíduo dotado de uma identidade e de sua valorização dentro do grupo, marca a biografia individual. Esta ganha maior consistência quando é valorizada e construída com base na memória retrospectiva que serve de referência para organizar e dar sentido à trajetória e à própria biografia.

As experiências vivenciadas no passado e incorporadas ao presente fornecem relevância ao processo cultural como movimento de produção e de reprodução sócio-histórico. Nesse processo, a transição de uma para outra geração é contínua e ocorre pelo surgimento de novos atores sociais, em substituição decorrente do desaparecimento de outros pertencentes às gerações anteriores. Há pontos de contato nos quais as experiências são vivenciadas em conjunto e que correspondem, também, ao processo de transmissão da herança cultural que se renova. Entretanto, a experiência compartilhada não é somente estimulada pela descoberta e vivência de experiências em comum. Pode ser a expressão de pontos de interseção de diversos interesses particulares que se descobrem em contato. Estes, por sua vez, se relacionam a um contexto social que está ligado a um sistema cultural onde se encontram jovens e adultos. Essa mesma experiência contribuirá para a convivência e experimentação de novas experiências coletivas capazes de produzir outros significados importantes constitutivos e ampliadores da experiência juvenil. Não é possível transpor ou evitar experiência. Em função de sua capacidade de formação e de mudança, precisamos fazê-la para que, submetidos a ela, sejamos transformados, ainda que no transcurso da vida, do tempo. Se o indivíduo é, na sociedade contemporânea, a interseção de vários mundos, por analogia, podemos afirmar que é também sujeito de uma experiência síntese da interseção de várias outras experiências. Viver é uma experiência singular, é apoderar-se da própria vida por meio do saber da experiência. E a juventude, por si, já é uma experiência particular de viver uma geração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD, Miguel. *Juventude e ação política*. Revista Onda Jovem. São Paulo: Ed.Ipsis/ Instituto Votorantim, 2006.
- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P.P.M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, 263-290.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, julho de 2006.
- AÇÃO EDUCATIVA. *Pesquisa de opinião sobre Controle Social*. São Paulo: ONG Ação Educativa/IBOPE, 2003, disponível em: www.acaoeducativa.org.br
- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar A. (Orgs.). *Histórias do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.
- ALVES, Natália. *Juventudes e inserção profissional*. Lisboa: Guide artes gráficas ltda., 2008.
- BARBOSA, Marcio; RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.). *Bailes soul, samba-rock, hip-hop e identidade em São Paulo*. São Paulo: Quilombhoje, 2007.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- BONALDI, Pablo D.. Hijos de desaparecidos. Entre la construcción de la política y la construcción de la memória. In: JELIN, Elizabeth y SEMPOL, Diego (comps). *El Pasado en el futuro: los movimientos juveniles*. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana S.A., 2006.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, nº 19. Campinas: Ed. Autores Associados, 2002. pág. 20-28.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 10ª ed., 2004.
- BOURDIEU, P.. A Ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; FIGUEIREDO, Jananina P. A.. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 8ª edição, 2006, pág. 183-191.
- BRANDÃO, Carlos R.. *Memória sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: editorial Cone Sul/ Ed. UNIUBE, 1998.
- _____. (Org.). *As faces da memória*. Campinas: Gráfica ASE – UNICAMP. Coleção seminários 2, s.d.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos mundiais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 4ª Ed., 2001.

CANEVACCI, M.. *Antropologia da juventude*. Entrevista por correio eletrônico. São Leopoldo: UNISINOS, IHU on-line, 18 de agosto de 2003.

CARRANO, P. C. R.; BRENNER, Ana K., *Juventude: a arte do poder*. Rio de Janeiro: Revista Proposta – FASE, 2008, pág. 66-71.

CARRANO, Paulo C. Rodrigues; DAYRELL, Juarez. *Jóvenes de Brasil. Dificultades de finales del siglo y promesas de un mundo diferente*. México, DF: Instituto Mexicano de la Juventud. In: JOVENes, nº 17, 2002, p. 160-203.

CARRANO, Paulo. C. Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. *Os Jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. *Se der tempo a gente brinca: o lúdico e o lazer da criança que trabalha e estuda*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói, RJ, 1992.

CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pág. 17-33.

CICCHELI, Vincenzo. *Repensar os laços entre pais e jovens adultos fora da aporia conflito/entendimento*. Tradução de Ângela Xavier de Brito. Rio de Janeiro: EDUERJ, revista Interseções, ano 3, nº 2, 2001, pág. 247-265.

CORTI, Ana Paula. *No labirinto do ensino médio*. Revista Ciência e Vida. Sociologia Especial, ano I, nº 2. São Paulo: Editora Escala, pág.16-23, 2007.

COSTA, Sergio. *As cores de Ercília*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2003, pág. 39-80.

DI PIERRO. Maria Clara. *Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil*. In: Revista Educação & Sociedade n. 92, out. 2005.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBET, François. *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas e tribus: antropologia de la juventud*. Barcelona: Ariel, 1998.

FERNANDES, Renata Sieiro. *Educação não-formal: memória de jovens e história oral*. Campinas: UNICAMP/CMV publicações; Arte Escrita, 2007.

FOLHA ON LINE. *Beyoncé diz que usava ferro de passar roupas para modelar cabelo*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u684691.shtml>. Acesso em janeiro de 2010.

FORACCHI, Marialice M. (Org). *Karl Mannheim: sociologia*. Rio de Janeiro: Ática, 1982.

FREITAS, M^a Virginia de, (Coord.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FRIAS, Lena. *Black Rio – o orgulho (importado) de ser negro no Brasil*. Jornal do Brasil, 17 de julho de 1976.

GATTO, Eduardo A. G.. *Caminhos do ser: Música e Abismo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2009, pág. 199-202.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. *Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e réplicas*. São Paulo: UNESP, 2001, pág. 21-96.

GOMES, Nilma. *Cultura negra e educação*. Revista Brasileira de Educação, nº 23. Campinas: Ed. Autores Associados, 2003, pág. 75-85.

_____. *Trajatórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?* Revista Brasileira de Educação nº 21. Campinas: Autores Associados, 2002.

GUTIÉRREZ, Eugenio; OSORIO, Paulina. *Modernización y transformaciones de las familias como procesos del condicionamento social de dos generaciones*. Valparaíso: CIDPA, 2008, pág. 103-135.

HADDAD, Sergio; DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização de jovens e adultos*. Revista Brasileira de Educação, n. 14, São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, mai./ago., 2000, p. 108-130.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HANCHARD, Michael G.. *Orfeu e o poder: movimento negro no Rio e São Paulo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Vale; LIMA, Márcia. *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria, 1999.

HOBBSBAWN, E.. *História social do jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IBASE/POLIS. *Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Ibase/Pólis, Relatório Final de pesquisa, 2005, 103 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS – IBASE. *Juventude e Integração Sul-Americana: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis*. Rio de Janeiro: IBASE/POLIS, 2008.

_____. *Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: IBASE/POLIS, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Nacional de 2000*. Disponível em www.ibge.gov.br. Acessado em 19/01/2009.

JARDIM, Antonio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005, pág. 123-57.

JELIN, Elizabeth y SEMPOL, Diego (comps). *El Pasado en el futuro: los movimientos juveniles*. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana S.A., 2006, pág. 9-19.

KEMP, Kênia. *Grupos de estilo jovens: O 'Rock Underground' e as Práticas (Contra) Culturais dos Estilos 'Punk' e 'Trash' em São Paulo*. Campinas: Unicamp. Dissertação de Mestrado, 1993.

MAGNANI, G. C.; SOUZA, Bruna M. (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografia de circuitos de lazer, encontro e sociabilidades*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MANNHEIM, Karl. *El Problema de las generaciones*. In: Revista española de investigaciones sociológicas. Trad. Ignacio Sánchez de la Yncera. Madrid: Centro de Investigaciones sociológicas, nº 62, 1993, pág. 194-242.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, Sulamita de, (Org). *Sociologia da Juventude, I - Da Europa de Marx à América Latina de Hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MARGULIS, Mario. *La Juventud es más que una palabra*. Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996, pág. 13-30.

MARSHALL, T.. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, Carlos H. S.. *Os Bailes de Charme: territórios de elaboração de identidades juvenis*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense – Niterói: Rio de Janeiro, 2004.

MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTUCCELLI, Danilo. *Lo Intercultural ante la prueba de La dinámica entre exclusión e integración social*. Revista Cidob D' Afers Internacionals 66-67. Barcelona: CIDOB, outubro de 2004. Disponível em www.cidob.org. Acesso em outubro de 2009.

MEAD, Margaret. *Cultura y compromiso: estudio sobre La ruptura generacional*. Madrid: Gedisa editorial, 2008.

MELUCCI, Alberto. *O Jogo do eu*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – INEP. *Censo escolar 2008*. Disponível em <http://www.inep.gov.br/censo/escolar>. Acessado em 03/04/2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *ProUni: programa universidade para todos*. Disponível em <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni>. Acesso em 15 de dezembro de 2009.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org). Cadernos PENESB nº 5. Niterói: EDUFF, pág. 15-34, 2004.

NOVAES, Regina R.; MELLO, Cecília C.. *Jovens do Rio: circuitos, crença e acessos*. Rio de Janeiro: ISER, nº 57, ano 21, 2002.

PAIS, José Machado. *Cotidiano e reflexividade*. Revista Educação e Sociedade Campinas, vol. 28, n. 98, p. 23-46, jan./abr. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em fevereiro de 2010.

_____. *O Poder das máscaras: ocultações e revelações*. Comunicação apresentada na sessão especial “Pesquisa acadêmica, vida cotidiana e juventude: desafios sociológicos”. 30ª Reunião da ANPEd, Caxambu, MG, 2007.

_____. *Culturas juvenis*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003.

_____. *Ganchos, tachos e biscoitos: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar, 2001.

PAIVA, Jane. *Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos*. Petrópolis: DP ET Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

PAPPÁMIKAIL, Lia. *Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal*. Revista Sociologia, Problemas e Práticas. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Celta Editora, nº 46, 2004, pág. 91-116.

PEIXOTO, Clarice E.; SINGLY, François de.; CICCHELLI, Vincenzo (Orgs). *Família e Individualização*. Tradução de Angela Xavier de Brito. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2000.

PEIXOTO, Clarice E., *As transformações familiares e o olhar do sociólogo*. In: SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: editora FGV, 2007.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, pág.200-212.

PUJOL, Sergio. *Rebeldes y modernos: Una cultura de los jóvenes*. In: JAMES, Daniel. *Nueva Historia Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003. Tomo IX.

REGUILLO, Rossana. *Emergencia de culturas juveniles: estrategias del desencanto*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2000.

RODRIGUES, Solange S.. *Nova trindade: busca, fé e questionamento*. Revista Ciência e Vida. Sociologia Especial, ano I, nº 2. São Paulo: Editora Escala, pág. 64-73, 2007.

SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade*. Salvador: EDUFBA; Pallas, 2003.

- SANTOS JUNIOR, Orlando Alves. *Capital social e gestão das grandes cidades: associativismo e participação sociopolítica nas Regiões Metropolitanas do Brasil*. Rio de Janeiro: FASE, 2004
- SARMENTO, Manuel J., *Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. Campinas: Revista Educação e Sociedade, vol. 26, nº 91, pág. 361-378. Disponível em www.cedes.unicamp.br Acesso em setembro de 2009.
- SCHACTER, Daniel L.. *Os Sete pecados da memória: como a memória esquece e lembra*. Tradução de Sueli Anciães Gunn. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- SEYFERTH, Giralda. *O Conceito de raça e as ciências sociais*. Departamento de Antropologia do Museu Nacional. Mimeo, sem data.
- SINGLY, François de. O Nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, Clarice E.; SINGLY, François de,; CICCHELI, Vincenzo (Orgs). *Família e Individualização*. Tradução de Angela Xavier de Brito. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2000.
- SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: editora FGV, 2007.
- SOARES, Luis Eduardo,; Athayde, Celso,; MV Bill. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, pág. 163-188.
- SOARES, Sergei. *A Demografia da cor: a composição da população brasileira de 1890 a 2007*. In: THEODORO, Mario (Org.). *As Políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil – 120 anos após a abolição*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, pág. 97-117, 2008.
- _____. *A Trajetória da desigualdade: a evolução da renda relativa dos negros no Brasil*. In: THEODORO, Mario (Org.). *As Políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil – 120 anos após a abolição*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, pág. 119-129, 2008.
- SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- SPOSITO, Marília. *Balancos e perspectivas*. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de, (Orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, pág. 123-27.
- _____. *Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação*. Rio de Janeiro: Autores Associados. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº13, 2000.
- STARR, L. & Waterman, C.. *American popular music*. Oxford: Oxford University press, Inc, 2008. Disponível em <http://www.america.gov/media/pdf/books/american-popular-music.pdf#popup>. Acesso em janeiro de 2010.

TELLES, Vera. *Os dilemas da pobreza: entre a cidadania e a filantropia*. Cadernos da Escola do legislativo. Belo Horizonte, v.6, nº 11, pág.51-86, Julho/dezembro de 2000.

THOMPSON, E. P.. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, Vol. I.

_____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. *A Voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOMMASI, L.. *Trabalho. Necessidade, privilégio ou direito*. Revista Ciência e Vida. Sociologia Especial, ano I, nº 2. São Paulo: Editora Escala, pág. 24-35, 2007.

UNESCO. *Juventudes Brasileiras*. Resultados de pesquisa publicados em Juventude, Juventudes: o que une e o que separa. ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary (coord). Brasília: UNESCO, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. *Apresentação de trabalhos monográficos de conclusão de curso*. 9ª edição. Niterói: EdUFF, 2007.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

_____. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.

VENTURA, Tereza. *Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo*. In: Revista Análise Social. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, vol. XLIV (192), 2009, pág. 605-34.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

WELLER, Wivian. *A Atualidade do conceito de gerações em Karl Mannheim: perspectivas para a análise entre educação e trabalho*. Trabalho apresentado no XXIX Encontro anual da ANPOCS, Caxambu, 2005.

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário (modelo)

QUESTIONÁRIO

Este questionário é parte da pesquisa sobre a presença de jovens nos bailes de Charme e que está sendo desenvolvida por Carlos Henrique dos Santos Martins para o doutorado em educação da Universidade Federal Fluminense. Peço a sua colaboração para responder a algumas questões.

1. Nome: _____ Idade: _____
2. Sexo: ()F ()M
3. Cor/Raça: _____
4. Religião: _____ () não informado
5. Bairro onde mora: _____ () não informado
6. Com quem mora? ()Pai ()Mãe ()Parentes ()Namorado(a) / Esposo(a) ()Sozinho(a) () não informado
7. Estuda atualmente: ()Sim ()Não
8. Parou em que série/ Cursando: _____
9. Profissão: _____
10. Você trabalha? ()sim ()Não – Você já trabalhou? ()Sim ()Não
11. Que tipo de trabalho realiza? _____ Qual é a sua jornada semanal (em horas)? _____
12. Como você se sustenta?
()Pai ()Mãe ()Parentes ()Por conta própria ()Conta própria com ajuda () não informado
13. Qual é a renda de sua família?
()até mil reais ()até 2 mil reais ()até 4 mil reais () mais de 4 mil reais () não informado
14. Qual é a sua renda mensal?
()até mil reais ()até 2 mil reais ()até 4 mil reais () mais de 4 mil reais () não informado

Sobre os Pais/Família:

15. Profissão do pai: _____
- 15.1 - ()Assalariado com carteira assinada ()Assalariado sem carteira assinada ()Funcionário público
()Trabalhador autônomo/conta própria ()Ambulante ()Militar ()Aposentado/pensionista
()Desempregado ()Produtor rural ()Outro? Qual: _____ ()Não informado
16. Profissão da mãe: _____
- 16.1 - ()Assalariada com carteira assinada ()Assalariada sem carteira assinada ()Funcionária pública
()Trabalhadora autônoma/conta própria ()Ambulante ()Militar ()Aposentada/pensionista
()Desempregada ()Produtora rural ()Outro? Qual: _____ ()Não informado

17. Escolaridade do pai:

- ()Analfabeta ()Ensino fundamental incompleto ()Ensino fundamental completo
 ()Ensino médio incompleto ()Ensino médio completo ()Ensino superior incompleto ()Ensino superior completo ()Pós-graduação ()Não informado

18. Escolaridade da mãe:

- ()Analfabeta ()Ensino fundamental incompleto ()Ensino fundamental completo
 ()Ensino médio incompleto ()Ensino médio completo ()Ensino superior incompleto ()Ensino superior completo ()Pós-graduação ()Não informado

Sobre o Charme:

19. Como foi o seu primeiro contato com as músicas de Charme?

- ()em casa ()casa de parentes ()casa de amigos ()em um baile ()ouvindo rádio sozinho
 ()outros Quais?_____

20. Quando você começou a frequentar os bailes de Charme? Qual baile?_____

21. Quem o(a) levou pela 1ª vez ao Charme?

- ()Pai ()Mãe ()Tio(a) ()Primo(a) ()Amigo/a ()Namorado/a ()Outros
 Quem?_____

22. Seu pai é/foi charmeiro: ()Sim ()Não

23. Sua mãe é/foi charmeira: ()sim ()Não

24. Qual é o baile ou *happy hour* que você mais frequenta atualmente?

25. Desejaria continuar/teria disponibilidade para participar da pesquisa através de encontros para entrevistas em outro momento? ()Sim ()Não

26. Telefone para contato:_____

27. Endereço eletrônico:_____

28. Endereço para correspondência:_____

Obs: Caso queira fazer contato comigo sinta-se à vontade: chlobo@oi.com.br ou 9809 6534

Anexo 2 – Roteiro de entrevista

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

As questões abaixo são de caráter geral e não foram necessariamente direcionadas a todos os jovens. Serviram de referência e foram aplicadas após a confirmação e aprofundamento das respostas dadas pelos entrevistados no questionário exploratório.

- Você estuda? Trabalha? Qual é a importância e o significado da escola e do trabalho na sua vida?
- Seus amigos de escola ou trabalho são charmeiros? Fale um pouco sobre eles.
- O que é Charme? Como você conta a sua história do Charme? Como você começou a conhecer o Charme? As músicas? Os bailes? Os cantores?
- O que você conhece do Charme dos anos oitenta? Quem contou?
- O que você sabe sobre a história do Charme, da black music? Conte um pouco dessa história.
- O que significa ser charmeiro para você hoje? O que acredita ter sido determinante para a sua escolha? O que faz com que goste de Charme?
- Quem são os jovens do Charme? O que significa ser jovem hoje? Há diferenças entre eles e outros que estão presentes em distintos movimentos culturais?
- Que imagens você tem de sua adolescência e que remetem ao Charme? Descreva algumas.
- Quando você pensa em Charme quem são as pessoas que logo vêm à memória? Por quê? Fale um pouco sobre elas e sua importância para você gostar de black music.
- Descreva um pouco a sua casa, sua família, seus amigos, a rua, o bairro onde morou/mora.
- Que tipos de experiências você considera ter vivenciado com os seus pais e que sejam importantes para a sua vida? O que efetivamente aprendeu com cada um deles? O que você faz com esse aprendizado?

- Que valores você considera que estejam presentes no Charme e que foram passados para você pelos seus pais? Quais são os que você aprendeu ou assimilou na convivência com os charmeiros?
- Quais são os valores e normas colocados pelos seus pais que você considera como ponto de conflito ou desacordo entre vocês? Como se dá a negociação nesse caso?
- Quais são as músicas e cantores que você gosta e que são comuns a seus pais? Quais são as músicas/ cantores que você gosta e que nada têm a ver com seus pais?
- Qual é o significado de cultura negra para você? Haveria uma cultura branca ou não negra? Há relação entre ser jovem, ser negro e ser charmeiro?
- Você tem um estilo de se vestir, de se portar, de ser que o diferencie de outros jovens? Como você pode se descrever? Qual é o estilo visual e musical que mais tem a ver com você?
- O que você considera como sendo tradição e que está presente em sua vida?
- Quais são os bailes que você frequenta? Por que esses e não outros? Como se sente quando está num baile? Por que vai ao baile? Para que?
- Quais são os bailes que você gostaria de ir? Por que não vai?
- Já enfrentou algum tipo de conflito dentro do baile? Observou algum conflito?
- Quais são os seus locais de lazer? Por onde circula? Quais são as dificuldades de ir e voltar?
- Quais são os lugares da cidade que você conhece? Quais são os lugares que você não conhece? Por que?
- Você tem algum grupo de amigos? Como é esse grupo? Como são seus amigos?
- Como você caracteriza a sua geração? Quais são as diferenças que observa entre ela e a geração de seus pais? Geração charmeira!
- Qual é a importância do DJ para você em um baile? Ele determina sua escolha?
- Como você vê a presença da mulher no Charme, nos bailes? Há poucas DJs no Charme. A que se deve isso?
- Com que frequência você escuta Charme? Onde escuta?

- Você curte outros ritmos, bailes, espaços de lazer e cultura? Quais?

Anexo 3 – Bailes

Esse quadro mostra, de forma sintetizada, a geografia atualizada dos bailes de Charme na cidade do Rio de Janeiro. Os dados são de fevereiro de 2010.

Bairro ↓	Dia da semana→	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Eventual
Centro		-Estudantina	-Black Lovers -Charme Classics -Tangará ¹⁰⁶			-Maratona Estudantina ¹⁰⁷
Bangu						-Feijoada Black
Madureira		-Esquina do Chope		-Viaduto da Conceição	-Casarão do Charme (Portelinha) -Bar da Conceição	
Oswaldo Cruz			-Varandão do Charme			-Mania de Bola ¹⁰⁸
Padre Miguel					-Point Chique Charme	
Pilares				-Núcleo do Charme		

Legenda:

- Laranja – semanalmente;
- Verde – mensalmente;
- Amarelo – sem dia fixo.

¹⁰⁶ Ocorre sempre na última sexta-feira de cada mês.

¹⁰⁷ Não tem data fixa e ocorre sempre na véspera dos feriados.

¹⁰⁸ Eventualmente acontece em dias de sábado.